

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LAURELL K.
HAMILTON



a novel

MISTRAL'S KISS



MISTRAL'S KISS

Meredith Gentry 05

LAURELL K. HAMILTON

Chegou a hora que Meredith Gentry abandone seu trabalho de detetive e cumpra com sua última obrigação para o mundo das Fadas, onde seus esforços por conceber um herdeiro para o trono da Corte Escura são cruciais para restituir a magia, e a vida, para o reino fantasioso. E embora sua busca pode ter abundantes prazeres, as sombras de intriga continuam impregnando a corte real... e a sabotagem pode espreitar em qualquer esquina.

Enquanto o Montículo Escuro volta a despertar nos jardins mortos, as poderosas maldições estão no trabalho. O tio do Merry, o Rei da Luz e da Ilusão, maquina acusar a seus sentinelas imortais de delitos atrozes. E a própria ordem da magia de Merry trocou que direção grosseiramente e perigosamente imprevisível.

À medida que as maquinações são tramadas, e as estratégias e subterfúgios levados a seu fim, o destino de um mundo inteiro gira ao redor da sorte de Merry Gentry: objeto de obsessão, intenção de traição e peão do incerto destino.

Créditos

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=25399156>]

Revisão: Pris Coutinho

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6527944174643517276>]

Revisão : Karina Angélica

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=12295852523678768516>]

CAPÍTULO 1

SONHEI COM CARNE MORNA E BISCOITOS. ENTENDI O SEXO, MAS os biscoitos... por que biscoitos? Por que não bolos, ou carne? Mas isso é o que meu subconsciente escolheu sonhar. Estávamos comendo na diminuta cozinha de meu apartamento em Los Angeles -- um apartamento no que já não vivia, além de em sonhos, claro—. Ali estávamos eu, a princesa Meredith — o único membro da família real do Mundo das Fadas que tinha nascido em solo americano— e meus guardas reais, mais de uma dúzia deles.

Moviam-se ao meu redor com suas peles da cor da noite mais escura, da cor da neve mais branca, da cor dos pálidos brotos recém-nascidos e da cor das marrons folhas outonais caídas no chão do bosque, um arco íris de homens movendo-se nus pela cozinha.

Na cozinha real do apartamento mal teríamos cabido três de nós, mas no sonho todo mundo andava pelo estreito espaço que havia entre a pia, a cozinha e os armários como se tivéssemos todo o lugar do mundo.

Estávamos comendo biscoitos porque acabávamos de ter sexo e parecia que com todo esse esforço tinha nos dado fome. Os homens andavam ao meu redor com graça e completamente nus. Vários deles eu nunca havia visto nus. Moviam-se com a pele da mesma cor que o brilho do sol no verão, o branco translúcido dos cristais, coloridos para os que não tinham nome porque essas cores não existiam fora do mundo das fadas. Deveria ter sido um bom sonho, mas não era. Sabia que algo não estava bem, tinha esse sentimento de ansiedade no que alguém entra quando percebe que as visões de felicidade são só simplesmente um disfarce, uma ilusão para encobrir a maldade que está por vir.

E o prato de biscoitos estava aí tão inocente, tão normal, mas ainda assim me incomodava. Tentei chamar a atenção dos homens, tocando-os, sujeitando-os, mas cada um deles sucessivamente pegava um biscoito e dava uma dentada como se eu não estivesse ali.

Galen com sua pálida pele de um verde claro e olhos muito mais verdes mordeu um biscoito e um jorro de algo saiu disparado de seu interior. Algo espesso e escuro. Um pouco desse líquido escuro se escorreu pela comissura de sua bela boca caindo sobre a bancada branca. Essa única gota salpicada se pulverizou, e era vermelha, muito vermelha e fresca. Os biscoitos estavam sangrando.

De um tapa arranquei o biscoito da mão do Galen. Recolhi a bandeja para evitar que os homens seguissem comendo. Estava cheia de sangue. Gotejava e transbordava pelas bordas, vertendo-se em minhas mãos. Deixei-a cair rompendo-se em pedaços, e os homens se agacharam como se fosse o mais normal do mundo comer no chão e entre cristais quebrados. Empurrei-lhes para trás, gritando...

— Não!

Doyle elevou a vista me olhando com seus negros olhos e disse:

—Mas é a única coisa que temos pra comer a muito tempo.

O sonho mudou, como fazem os sonhos. Eu estava de pé em um campo aberto rodeado por um círculo de árvores distantes. Além das árvores, as colinas se elevavam contra a palidez de uma noite de inverno iluminada pela lua. A neve se estendia como uma manta lisa sobre a terra. Eu estava de pé, afundada na neve até os tornozelos. Tinha posto um folgado vestido comprido tão branco como a neve. Meus braços estavam expostos à fria noite. Deveria estar congelando, mas não era assim. Era um sonho, simplesmente um sonho.

Logo, notei algo no centro da clareira. Era um animal, um pequeno animal branco, e pensei... É por isso que não o vi, pois era branco, mais branco que a neve. Mais branco que meu vestido, que minha pele, tão branco que parecia resplandecer.

O animal estirou o pescoço, cheirando o ar. Era um porquinho, mas com um focinho mais comprido, e com as patas também mais largas, não se parecia com nenhum dos porcos que eu tinha visto antes. Embora estivesse no centro do campo nevado, não havia nenhum rastro de pegadas na neve intacta, nenhum caminho pelo que o porquinho pudesse ter chegado até o centro do campo. Era como se o animal simplesmente tivesse aparecido ali.

Joguei uma olhada ao círculo de árvores só durante um momento, e quando olhei de novo ao porquinho, este tinha crescido. Pelo menos tinha aumentado algo

mais de quarenta quilos e chegava à altura dos meus joelhos. Não voltei a apartar o olhar, mas o porco voltou a crescer. Não podia ver como ocorria, era como tentar ver florescer uma flor e não consegui-lo, mas ainda assim a flor crescia. Agora já chegava à altura de minha cintura vendo-se grande e robusto, e peludo. Nunca tinha visto um porco com uma pele tão peluda antes, como se levasse um grosso casaco de inverno. Essa pele parecia realmente agradável. Levantou essa cabeça estranhamente bicuda para mim, e pude ver presas curvadas em sua boca, umas pequenas presas. E no momento em que as vi, resplandecendo como o marfim sob a luz da lua, uma pontada de ansiedade me atravessou.

Deveria deixar este lugar, pensei. Dei a volta para partir através do círculo de árvores. Um círculo de árvores que agora me parecia muito uniforme, muito deliberado, para ser accidental.

Uma mulher estava de pé detrás de mim, tão perto que quando o vento soprou através das ermas árvores sua capa se roçou com a prega de meu vestido. Movi os lábios para dizer... Quem? Mas nunca acabei a palavra. Ela alargou uma mão enrugada e manchada pela idade, mas era uma mão pequena, esbelta, ainda encantadora, e ainda dona de uma força serena. Não tinha a força de uma jovem, mas sim muita dessa forças que só chega com a idade. Uma força nascida do conhecimento acumulado, da sabedoria longamente meditada nas largas noites de inverno. Aqui havia alguém que acumulava o conhecimento de toda uma vida, não... de muitas vidas.

A velha bruxa tinha sido denegrada como feia e débil. Mas essa aparência de anciã não era o verdadeiro aspecto da Deusa, e não foi o que eu vi. Ela me sorriu, e esse sorriso continha toda a calidez que alguém pudesse necessitar. Era um sorriso que falava de mil bate-papos mantidos frente ao lar, de cem dúzias de perguntas feitas e respondidas. De vidas intermináveis repletas de sabedoria acumulada. Não havia nada que ela não soubesse, se só eu pudesse pensar nas perguntas que desejava lhe fazer.

Tomei sua mão, e sua pele era suave, suave como se fosse a de um bebê. Estava enrugada, mas nem sempre o macio e imaculado é o melhor e existe uma beleza na idade, que a juventude não sabe reconhecer.

Sujeitei a mão da anciã e me senti segura, completa e plenamente segura, como se nada pudesse perturbar este sentimento de paz silenciosa. Ela me sorriu, o resto de seu rosto oculto depois da sombra de seu capuz. Logo retirou sua mão da minha, e eu tentei sujeitá-la, mas ela negou com a cabeça e disse, embora seus lábios não se movessem:

—Tem trabalho a fazer.

—Não entendo — eu disse, e meu fôlego fumegou na fria noite, embora o dela não o fazia.

—Dê-lhes outro alimento para que possam comer.

Franzi o cenho.

—Não entendo.

—Dê a volta — me disse, e desta vez seus lábios se moveram, mas ainda assim seu fôlego não alterou a noite. Era como se ela falasse, mas não respirasse, ou como se seu fôlego estivesse tão frio como esta noite invernal. Tratei de recordar se sua mão tinha estado morna ou fria, mas não podia recordar. Tudo o que pude recordar foi a sensação de paz e equanimidade. — Dê a volta — me disse outra vez, e desta vez o fiz.

Um touro branco estava no centro da clareira — bom, ao menos isso é o que pareceu a primeira vista—. Seu chifre estava à altura de minha cabeça. Devia ter pelo menos dois metros e meio de comprimento. Seus ombros se estendiam como uma imensa massa de músculos por detrás de sua cabeça inclinada. Ao levantar a cabeça, revelou um focinho emoldurado com compridas e afiadas presas. Não era um touro, a não ser um enorme javali — esse que tinha começado sendo um porquinho. Suas presas como lâminas de marfim brilharam quando me olhou.

Olhei para trás, mas sabia que a anciã tinha ido embora. Estava sozinha sob a noite invernal. Bem, não tão só como tivesse querido estar. Voltei o olhar para trás e me encontrei ao monstruoso javali ainda aí de pé, ainda cravando os olhos em mim. Agora a neve estava fria sob meus pés nus. Meus pelos do braço se arrepiaram, e na verdade não estava segura de se tremia de frio, ou de medo.

Agora reconheci o espesso cabelo branco do javali. Ainda parecia suave. Mas sua cauda estava completamente pega a seu corpo e seu comprido focinho se

levantava para o céu. Seu fôlego encheu de bafo o ar enquanto respirava pelo nariz. Má coisa. Queria dizer que era real, ou ao menos o suficientemente real para poder me fazer mal de todas as formas.

Fiquei de pé o mais quieta que podia estar. Não acredito que me movesse absolutamente, mas de repente correu contra mim. A neve saía despedida sob suas grandes patas enquanto vinha pra mim.

Era como ver uma grande locomotiva descarrilando a toda velocidade. Muito grande para ser verdadeiro, e também muito enorme para ser possível. Eu não levava nenhuma arma. Assim que dei a volta e corri.

Ouvia o javali detrás de mim. Suas patas cortavam o chão congelado. Deixou escapar um som que foi quase um grito. Olhei para trás. Nada podia me ajudar. O vestido comprido me enredou nos pés, e caí. Rodei pela neve, lutando por me pôr de pé, mas o vestido se enredou ainda mais ao redor de minhas pernas. Não podia me liberar. Não podia me pôr de pé. Não podia correr.

O javali estava quase em cima de mim. Seu fôlego fumegou criando nuvens de vapor. A neve saía despedida ao redor de suas patas, junto a pedaços de negra terra congelada que ressaltavam sobre todo esse branco. Vi-me imersa em um desses momentos intermináveis onde parece ter todo o tempo do mundo para ver como a morte te vem em cima. O javali branco, a neve branca, as presas brancas, tudo resplandecia sob a luz da lua exceto os fragmentos de negra terra fértil que danificavam toda essa brancura com cicatrizes escuras. O javali soltou outra vez um chiado horrível.

Sua espessa pelagem invernal parecia tão suave. Pareceria suave enquanto me investia até morrer e me pisoteava na neve.

Estendi uma mão para trás, tratando de tocar o ramo de uma árvore, ou de algo que pudesse me ajudar a me levantar da neve. Algo roçou minha mão, e o agarrei. Os espinhos me cortaram a mão. As sarças de espinheiro cobriam as videiras que enchiam o espaço entre as árvores. Usei as sarças para me ajudar a me pôr de pé. Os espinhos morderam minhas mãos, meus braços, mas era tudo o que tinha para me agarrar. O javali estava mais perto, podia perceber seu aroma forte e acre no ar gelado. Ao menos não morreria jazendo na neve.

Os espinhos me feriram, salpicando meu vestido branco de sangue, a neve se cobriu de gotas carmesim. As videiras se moveram sob minhas mãos como se fossem algo mais vivo que uma planta. Senti o quente fôlego do javali a minhas costas, e as espinhosas videiras se abriram como se fossem uma porta. O mundo pareceu girar, e quando pude ver outra vez, pude me dar conta de onde estava: em um lugar seguro de novo, ao outro lado das sarças espinhosas. O javali branco arremeteu forte e rápido contra elas, como se pretendesse as atravessar. Durante um momento pensei que ia conseguir, mas os espinhos o frearam. Deixou de investir e começou a arrancar os espinhos com seu grande focinho e presas. Arrancando-os e pisoteando-os, mas sua branca pelagem começou a ver-se adornada por uma multidão de diminutos arranhões sangrentos. Ia acabar abrindo-se passo, mas os espinhos lhe faziam sangrar.

Nunca havia possuído nenhuma magia em um sonho ou visão, que não tivesse tido quando estava acordada. Mas essa magia a tinha agora. Esgrimi minha mão de sangue. Dirigi minha mão de sangue para o javali e pensei, Sangra. Fiz que todos esses pequenos arranhões vertessem sangue. Mesmo assim a besta seguiu brigando contra os espinhos. Mais espinhos caíram rasgados ao chão. Pensei, Mais. Minha mão se fechou em um punho, e quando a abri de par em par, suas feridas se abriram ainda mais. Centenas de bocas vermelhas abertas por toda a branca pelagem. O sangue se derramou por seus flancos, e agora seu chiado não foi um grito de cólera, ou de desafio. Foi um chiado de dor.

Os espinhos se esticaram a seu redor todos de uma vez. As patas do javali cederam, e os espinhos o imobilizaram sobre chão congelado. Já não era um javali branco, era vermelho. Vermelho de sangue.

Havia uma faca em minha mão. Era uma brilhante folha branca tão resplandecente como uma estrela. E soube o que tinha que fazer. Atravessei a neve salpicada de sangue. O javali pôs os olhos em branco, mas sabia que se pudesse, ainda agora me mataria.

Cravei-lhe a faca na garganta, e quando o retirei o sangue fluíu a jorros sobre a neve, sobre meu vestido, sobre minha pele. O sangue estava quente. Uma fonte carmesim de calor e vida.

O sangue derreteu a neve que agora se converteu em uma terra negra e fértil. E dessa terra nasceu um diminuto leitão que não era branco esta vez, era marrom e rajado em tons dourados. Sua coloração recordava a de um cervo. O leitãozinho chorou, mas sabia que não acharia outra resposta.

Recolhi-o, e se fez um novelo em meus braços como um cachorrinho. Estava muito quente, muito vivo. Envolvi-me com a capa que levava posta nos abrigando. Meu vestido agora era negro, não negro por estar empapado de sangue, a não ser simplesmente negro. O leitãozinho se acomodou na suave e quente malha. Eu levava postas umas botas recobertas de pele, suaves e quentes. Ainda sustentava a faca na mão, mas estava limpa, como se o sangue tivesse se evaporado.

Cheirei a rosas. Voltei-me e me encontrei com que o corpo do javali tinha desaparecido. Os brincos espinhosos estavam cobertos de flores e folhas verdes. As flores eram brancas e rosadas, de um pálido rubor até o salmão escuro. Algumas das rosas eram de um rosa tão profundo que pareciam quase purpúreas.

O doce e maravilhoso aroma das rosas selvagens enchia o ar. As árvores ermas que havia na clareira já não estavam mortas, pois pude ver que começavam a brotar de novo e a lhes sair as folhas. O degelo provocado pela morte do javali e seu sangue tinham mudado tudo isso.

O pequeno porquinho se fez mais pesado. Olhei para baixo e me dava conta de que tinha dobrado seu tamanho. Deixei-o sobre a neve que se derretia, e tal como tinha ocorrido com o javali, começou a crescer. Como na vez anterior não pude observar a mudança, igual a uma flor que floresce de forma imperceptível, seguiu trocando de igual forma.

Comecei a caminhar pela neve, e o porco rapidamente me seguiu como se fosse um cachorrinho obediente. Por onde passávamos a neve se derretia, e a vida retornava à terra. O porco perdeu suas listas de leitão, voltou-se negro e sua altura agora me chegava à cintura, e continuava crescendo. Toquei seu lombo, e a pelagem não era suave, mas sim espessa. Acariciei seu flanco, e se aproximou mais a mim. Caminhamos pela terra, e por onde passávamos o mundo se tornava verde outra vez.

Alcançamos o topo da pequena colina onde uma laje cinza e fria jazia sob a luz nascente. O amanhecer tinha chegado, apontando como uma ferida carmesim pelo céu do leste. O sol renasce com sangue, e morre com sangue.

O javali agora tinha presas pequenas e curvadas, mas eu não tinha medo. Acariciou minha mão com o nariz, e seu focinho era mais suave, e mais hábil —de fato era mais parecido a um grande dedo— que qualquer outro focinho que houvesse tocado antes. Emitiu um som simpático que me fez sorrir. Logo trocou de direção e baixou trotando pelo outro lado da colina, com sua cauda agitando-se como uma bandeira. Ali onde suas patas tocavam a terra, esta se tingia de verde.

Uma figura encapuzada estava a meu lado sobre a colina, mas não era a anciã Deusa invernal envolta em sua capa cinza. Era uma presença masculina muito mais alta que eu, largo de ombros, e coberto com um capuz tão negro como a pelagem do javali que se fazia mais diminuto na distância.

Estendeu-me as mãos, e nelas havia um chifre. A presa curvada de um grande javali. Era branco e parecia recém arrancado, com sangue ainda aderido como se o tivesse tirado do branco javali há só escassos momentos antes. Mas quando me virei para ele, o chifre se tornou limpo e polido, como se tivesse sido utilizado durante muitos anos, como se muitas mãos o houvessem tocado. O chifre já não era branco, mas sim de uma intensa cor âmbar que me falava de idade. Pouco antes de tocar suas mãos me precavi de que o chifre estava engastado sobre ouro, formando uma taça.

Rodeei suas mãos com as minhas e me precavi de que eram tão escuras como seu manto, mas sabia que este não era meu Doyle, minha Escuridão. Era o Consorte. Elevei a vista para olhar dentro de seu capuz e por um instante pude ver a cabeça do javali. Então vi uma boca humana que me sorria. Sua cara, como a cara da Deusa, estava oculta nas sombras. Estava claro que o rosto da divindade sempre seria um mistério.

Ele envolveu minhas mãos ao redor do suave chifre em forma de taça, podendo sentir o suave ouro esculpido sob meus dedos. Logo pressionou minhas mãos sobre a taça. E eu me perguntei, aonde foi parar a faca branca?

Uma voz profunda que não era a voz de nenhum homem e era a de todos, disse-me:

—Aonde pertence.

A faca apareceu na taça, com a ponta para baixo, e de novo resplandecia como se uma estrela tivesse caído na taça de chifre e ouro.

—Bebe e seja feliz.¹

Ele riu pelo trocadilho. Elevou a brilhante taça até meus lábios e o quente som de sua risada desapareceu.

Bebi do chifre e o encontrei cheio do aguamel mais doce que alguma vez tivesse bebido, espesso como o mel, e quente como se o calor do próprio verão se deslizasse por minha língua, acariciando minha garganta. Traguei e foi mais embriagadora que qualquer outra bebida.

O poder é a mais embriagadora de todas as bebidas.

¹“Drink and be merry” – O consorte faz um trocadilho em que merry significa feliz e o diminutivo do nome da Meredith.

CAPÍTULO 2

DESPERTEI RODEADA POR UM CÍRCULO DE ROSTOS, EM UMA CAMA que não era a minha. Rostos da cor da noite mais escura, mais brancos que a neve, do pálido verde das folhas novas, do dourado da luz do sol do verão, de um marrom como o das folhas caídas e esmagadas destinadas a formar parte da rica terra. Mas não havia nenhuma pele pálida que contivesse todas as cores de um cristal brilhante, como um diamante esculpido em carne. Pisquei para todos eles, e me perguntei recordando meu sonho:

—Onde estão os biscoitos?

A voz do Doyle, profunda e grave, como se chegasse de uma grande distância, disse:

—Princesa Meredith, está bem?

Sentei-me, nua sobre a cama com lençóis de seda negra, fria contra minha pele. A rainha nos tinha emprestado seu quarto para passar a noite. Verdadeira pele, suave e quase viva, pulsava contra meu quadril. O cobertor de pele se moveu, e a cara do Kitto piscou para mim. Seus enormes olhos azuis dominavam seu rosto pálido e não havia nada de branco em toda aquela cor. Esse tom de azul era o chamado Sidhe Luminoso, mas os olhos eram os de um trasgo. Ele tinha sido um menino durante a última grande guerra entre trasgos e sidhes. Seu pálido corpo perfeito media apenas 1,22 m, um homem delicado, o único de meus homens que era mais baixo que eu. Via-se infantil encolhido na cama, sua cara emoldurada pela pele como a de algum querubim em um cartão do Dia de São Valentim. Kitto já tinha mais de mil anos quando o cristianismo nem sequer era uma palavra. Era parte de meu trato com os trasgos. Eles eram meus aliados porque ele compartilhava minha cama.

Sua mão encontrou meu braço e acariciou de cima abaixo minha pele, procurando consolo como fazemos quando estamos nervosos. Não gostava que eu o contemplasse sem dizer nada. Ele tinha se enroscado perto de mim, e a energia da Deusa e do Consorte em meu sonho deve ter escorregado através de sua pele. Os

rostos dos quinze homens que estavam de pé em um círculo ao redor da cama mostravam claramente que eles também haviam sentido algo.

Doyle repetiu sua pergunta:

—Princesa Meredith, está bem?

Olhei a meu capitão da guarda, meu amante, seu rosto tão negro como a capa que eu tinha levado posta na visão, ou a pele do javali que tinha saído correndo na neve e havia devolvido a primavera à terra. Tive que fechar os olhos e respirar profundamente, tratando de me liberar dos últimos vestígios da visão. Tratando de me centrar no aqui e agora.

Liberei minhas mãos do enredo de lençóis. Em minha mão direita havia uma taça com forma de chifre, o antigo chifre dourado encravado em uma base de ouro cinzelada sobre a que se podiam ver símbolos que poucos sidhes poderiam ler agora. Em minha mão esquerda esperava encontrar a faca branca, mas não estava ali. Estava vazia. Contemplei-a durante um momento, logo levantei o cálice com ambas as mãos.

—Meu Deus — sussurrou Rhys, embora o sussurro soasse estranhamente forte.

—Sim — disse Doyle — é exatamente o que é isto.

—O que te disse Ele quando te deu a taça de chifre? — Foi Abe quem perguntou. Abe com seu cabelo rajado com sombras de um pálido cinza, cinza escuro, e negros e brancos, perfeitos matizes de cor. Seus olhos eram uns tons mais escuros do cinza que a maioria dos olhos humanos tinham, mas não pareciam de outro mundo, não realmente. Se o vestisse como um gótico moderno, seria um êxito na pista de baile de qualquer clube.

Seus olhos pareciam estranhamente solenes. Ele tinha sido o bêbado e o bufão da corte durante mais anos dos que eu podia recordar. Mas agora havia uma pessoa diferente olhando desde seu rosto, um brilho do que ele deve ter sido uma vez. Alguém que pensava antes de falar, alguém que tinha outras preocupações além de embebedar-se tão rápido e tão freqüentemente como pudesse.

Abe trouxe com força e perguntou outra vez:

—O que disse ele?

Desta vez lhe respondi.

—Bebe e seja feliz.

Abe sorriu, pensativo, embargado pela tristeza.

—Isso soa como ele.

—Como quem? —perguntei.

—A taça costumava ser minha. Meu símbolo.

Arrastei-me lentamente até o bordo da cama e me ajoelhei ali. Sustentei a taça com ambas as mãos e a aproximei.

—Bebe e seja feliz, Abeloec.

Ele negou com a cabeça.

—Não mereço o favor do Consorte, Princesa. Não mereço o favor de ninguém.

De repente soube, e não por meio de uma visão, simplesmente de repente tive o conhecimento.

—Não foi expulso da Corte Luminosa por seduzir à mulher equivocada como todos acreditam. Foi expulso porque perdeu seus poderes, e uma vez que já não pôde seguir fazendo que os cortesãos estivessem alegres com a bebida e a farra, Taranis te jogou com um chute da dourada Corte.

Uma lágrima tremia na extremidade de um olho. Abeloec estava aí de pé, erguido e orgulhoso de uma forma em que eu nunca o tinha visto. Nunca o havia visto sóbrio, como parecia estar agora. Claramente tinha bebido para esquecer, mas ainda era imortal e sidhe, o que significava que nenhuma droga, nenhuma bebida, poderia lhe ajudar realmente a encontrar o esquecimento. Poderia sentir-se aturdido, mas nunca realmente sucumbiria sob os efeitos de nenhuma droga.

Finalmente assentiu com a cabeça, e o movimento foi suficiente para que a lágrima escorregasse por sua bochecha. Apanhei a lágrima com o bordo da taça de chifre. Aquela gota diminuta pareceu correr pelo interior do cálice mais rápido do que a gravidade deveria havê-la atraído. Não sei se outros podiam ver o que acontecia, mas Abe e eu observamos como a lágrima se precipitava para o fundo daquela taça. A lágrima se deslizou dentro da curva escura do fundo, e de repente ali apareceu um líquido que se derramava, borbulhando como um manancial da escura curva interior do cálice.

Um líquido dourado encheu a taça até transbordar, e o aroma de mel e berries e o forte aroma do álcool encheram o quarto.

As mãos do Abe envolveram as minhas do mesmo modo em que eu havia sustentado a taça na visão com o Consorte. Levantei-a, e quando os lábios do Abeloe tocaram o bordo, eu disse:

—Bebe e seja feliz. Bebe e seja meu.

Vacilou antes de beber, e observei uma inteligência nesses olhos cinzas que nunca tinha vislumbrado antes. Falou com seus lábios roçando o bordo da taça. Ele queria beber. Eu podia sentir o tremor impaciente em suas mãos quando cobriram as minhas.

—Pertenci a um rei uma vez. Quando já não servia para ser o bufão de sua corte, expulsou-me — O tremor em suas mãos se acalmou, como se cada palavra o estabilizasse —. Pertenci a uma rainha uma vez. Ela me odiou, sempre, e se assegurou através de suas palavras e feitos de que eu soubesse exatamente quanto me odiava — Suas mãos estavam quentes e firmes contra as minhas. Seus olhos eram profundos, cinza escuro, cinzas como o carvão, com um indício de negro em algum ponto do centro—. Nunca pertenci a uma princesa, mas te temo. Temo o que me fará. O que me fará fazer a outros. Temo beber desta bebida e me unir a seu destino.

Neguei com a cabeça, mas nunca deixei de olhá-lo nos olhos.

—Não lhe uno a meu destino, Abeloe, nem me uno ao teu. Simplesmente te digo, esta é a bebida do poder que uma vez foi teu para usá-lo. Sei o que uma vez foi. Não é meu dom lhe oferecer isso. Esta taça pertence ao Deus, ao Consorte. Ele me deu isso e me ofereceu para que a compartilhasse contigo.

—Ele te falou de mim?

—Não, não de ti especificamente, mas me ofereceu isso para compartilhar com outros. A Deusa me disse que desse a todos algo mais para comer.

Franzi o cenho, insegura de como explicar tudo o que tinha visto, ou tinha feito. A visão sempre parece mais lógica dentro de sua cabeça que quando a contas.

Tratei de expressar com palavras o que sentia em meu coração.

—O primeiro sorvo é teu, mas não o último. Bebe, e veremos o que acontece.

—Tenho medo — sussurrou ele.

—Tenha medo, mas bebe, Abeloec.

—Você não pensa mal de mim por ter medo.

—Só aqueles que nunca conheceram o medo se permite pensar mal dos outros que temem. Francamente, acredito que alguém que nunca teve medo de algo em toda sua vida ou é um mentiroso ou carece de imaginação.

Isto lhe fez sorrir, e logo depois rir, e nessa risada ouvi o eco do Deus. Algum resto do antigo caráter divino do Abeloec tinha mantido essa taça segura durante séculos. Uma sombra de seu velho poder tinha esperado e observado. Observado a alguém que pudesse encontrar seu caminho através da visão até uma colina ao fio do inverno e da primavera; ao fio da escuridão e da alvorada; um lugar intermediário, onde o mortal e o imortal podiam tocar-se.

Sua risada me fez sorrir, e houve risos em resposta por toda a habitação. Era a classe de risada que podia ser contagiosa. Ele ria e você tinha que rir com ele.

—Simplesmente por sustentar a taça em sua mão — disse Rhys—, sua risada me faz sorrir. Não foste assim divertido em séculos — Ele girou sua infantilmente formosa cara para nós, com sua cicatriz onde seu outro olho de três tonalidades diferentes de azul tinha estado—. Bebe, e olhe o que ficou de quem pensava que foi, ou não beba, e volta a ser uma sombra e uma piada.

—Uma má piada — disse Abeloec.

Rhys assentiu com a cabeça e se aproximou de nós. Seus brancos cachos lhe caíam até a cintura, emoldurando um corpo que era o mais musculoso de todos meus guardas. Era também o menor de estatura, um sidhe puro-sangue que só media 1,70 m era algo quase inaudito.

—O que tem a perder?

—Teria que tentar outra vez. Teria que me preocupar outra vez — disse Abe. Ele olhou fixamente ao Rhys, tão fixamente como me olhava, como se o que dizíamos significasse tudo.

—Se tudo o que quer é te arrastar lentamente para outra garrafa ou outra dose de pó branco, então faça isso. Te afaste um passo da taça e deixa a alguém mais beber —disse Rhys.

Um olhar de dor cruzou a cara do Abeloec.

—É minha. É parte do que eu era.

—O Consorte não mencionou seu nome, Abe —disse Rhys—. Disse a Merry que compartilhasse, não com quem fazê-lo.

—Mas é minha.

—Só se beber — disse Rhys, e sua voz era baixa e clara, e de algum jeito suave, como se entendesse mais que eu o porquê Abe tinha medo.

—É minha — disse Abe outra vez.

—Então bebe — disse Rhys—, bebe e seja feliz.

—Bebe e te condene — disse Abeloec.

Rhys tocou seu braço.

—Não, Abe, diga-o, e faz todo o possível por acreditar nisso. Bebe e seja feliz. Vi a mais de nós voltar a recuperar nosso poder que você. A atitude é importante. A afeta, ou pode fazê-lo.

Abeloec começou a afastar-se da taça, mas desci da cama e me pus de pé diante dele.

—Trará tudo o que aprendeu de ti mesmo neste triste e comprido tempo, mas ainda será você. Será quem foi, só que mais velho e mais sábio. A sabedoria comprada a alto preço não é nada que tenha que lamentar.

Ele me observou com seus olhos de um escuro e perfeito cinza.

—Obriga-me a beber.

Neguei com a cabeça.

—Não. Deve ser sua escolha.

—Não me ordenará isso?

Neguei outra vez.

—A princesa tem uma visão muito americana sobre a liberdade — disse Rhys.

—Isso tomo como um elogio — eu disse.

—Mas... — disse Abe, brandamente.

—Sim — disse Rhys—, isso significa que tudo está em ti. É sua escolha. Seu destino. Tudo está em suas mãos. Como vulgarmente se diz, tem em suas mãos suficiente corda para se enforcar.

—Ou para te salvar — disse Doyle, e ele se aproximou ficando de pé ao outro lado, como uma escuridão mais alta contraposta ao branco do Rhys. Abeloec e eu estávamos de pé com o branco a um lado, e o escuro ao outro. Rhys tinha sido uma vez Cromm Cruach, o Deus da Morte e da Vida. Doyle era o chefe dos assassinos da rainha, mas antes tinha sido Nodons, o Deus da Cura. Estávamos de pé entre eles, e quando olhei ao Abeloec algo se refletiu em seus olhos, uma sombra dessa pessoa que eu tinha vislumbrado na colina dentro do capuz de uma capa.

Abeloec levantou a taça, tomando minhas mãos com ela. Levantamos a taça juntos e ele inclinou a cabeça. Seus lábios vacilaram durante o tempo de um suspiro no bordo daquele liso chifre, depois bebeu.

Elevou a taça até que teve que cair de joelhos para que minhas mãos se mantivessem na taça enquanto ele a levantava. Bebeu-a de um comprido trago.

Sobre seus joelhos, já deixada a taça, jogou a cabeça para trás, seus olhos fechados. Seu corpo caiu para trás, até que ficou recostado sobre uma piscina feita com seu próprio cabelo rajado, seus joelhos ainda permaneciam debaixo dele. Ficou muito quieto durante um momento, tão quieto, que temi por ele. Esperei que seu peito se elevasse e caísse. Esperava que respirasse, mas não o fazia.

Parecia estar dormindo, exceto pelo ângulo pouco natural de suas pernas, ninguém dormia assim. Seus rasgos se suavizaram, e compreendi que Abe era um dos poucos sidhe que tinha linhas de preocupação permanentes, rugas diminutas em olhos e boca. Estas se alisavam durante o sono, se é que isto era sono.

Caí de joelhos a seu lado, a taça ainda em minhas mãos. Inclinei-me sobre ele, rocei sua bochecha. Ele não se moveu. Pus minha palma em sua bochecha e sussurrei seu nome:

—Abeloec.

Seus olhos se abriram de par em par. Isso me assustou. Deixei escapar um grito afogado e suave de meus lábios. Ele agarrou meu pulso, e seu outro braço me rodeou a cintura. Sentou-se, ou se ajoelhou, em um movimento poderoso, comigo em seus braços. Ele riu, e não era um mero eco do que eu tinha ouvido em minha visão. A risada encheu o quarto, e os outros homens riram com ele. O quarto ressonou com a alegre risada masculina.

Ri com ele, com eles. Era impossível não rir com a alegria pura que refletia seu rosto tão perto do meu. Ele se inclinou, apagando os últimos centímetros entre nossas bocas. Eu sabia que ia me beijar, e o desejava. Queria sentir sua risada dentro de mim.

Sua boca pressionou a minha. Um grande grito alegre e rouco estalou entre os homens. Sua língua lambeu ligeiramente meu lábio inferior, e lhe abri a boca. Introduziu-se dentro de minha boca, e de repente tudo o que eu podia saborear era o mel, a fruta, e o hidromiel. Este não era só seu símbolo. Ele era o cálice, ou o que este continha. Sua língua empurrou dentro de mim até que eu tive que abrir a boca amplamente ou me afogar. E foi como tragar o espesso e dourado hidromiel. Ele era o cálice embriagador.

Eu estava no chão com ele em cima de mim, mas Abe era muito alto para me beijar profundamente e ao mesmo tempo pressionar algo mais contra meu corpo nu. Embaixo de nós dois havia uma pele cobrindo o chão de pedra. Ela me fazia cócegas por toda minha pele, fazendo que cada um de seus movimentos fosse algo mais, como se a pele lhe estivesse ajudando a me acariciar.

Nossa pele começou a brilhar como se nós tivéssemos tragado uma lua cheia, e sua luz brilhasse desde nosso interior. Os fios brancos em seu cabelo refletiam um luminoso e pálido azul. Seus olhos cinzas como o carvão se voltaram estranhamente escuros. Eu sabia que meus olhos brilhavam, cada círculo de diferente cor, verde erva, verde jade, e ouro fundido. Sabia que cada círculo de minha íris brilhava. Meu cabelo projetava uma luz avermelhada ao redor de meu campo de visão; enquanto brilhava, meu cabelo resplandecia com a mesma luz que as granadas quando giram sob a luz e refletem seu fogo interior.

Seus olhos se pareciam com alguma cova profunda e escura onde a luz não podia entrar.

Repentinamente, compreendi que durante muito tempo não tínhamos estado nos beijando. Simplesmente tínhamos ficado nos olhando fixamente à cara. Inclinei-me para ele, rodeando-o com minhas mãos. Tinha esquecido que ainda sustentava a taça em uma mão, e esta roçou suas costas nua. Ele se inclinou, e o líquido se verteu sobre sua pele; embora tinha esvaziado antes a taça, agora estava cheia outra vez. O

líquido espesso e fresco se derramou sobre nossos corpos nos empapando daquela corrente dourada.

Pálidas linhas azuis dançavam através de sua pele. Eu não podia dizer se estavam sob sua pele, dentro de seu corpo, ou na superfície de seu torso aceso. Beijou-me. Beijou-me profundamente e durante muito tempo, e desta vez ele não saboreava como o hidromiel. Tinha sabor de carne, a lábios, boca e língua, e ao roce de dentes ao longo de meu lábio inferior. E enquanto, o hidromiel corria por nossos corpos, derramando-se em uma piscina dourada. A pele colocada embaixo de nós se esmagou devido à maré que lhe caía em cima.

Ele deslizou sua boca e suas mãos para baixo por meu corpo, sobre meus peitos. Sustentou-os nas mãos, brandamente, acariciou meus mamilos com seus lábios e língua até que eu gritei e senti que meu corpo se umedecia, e não devido ao dourado atoleiro de hidromiel que se estendia embaixo de nós.

Observei as linhas azuis claras de seu braço transformando-se em formas, flores e videiras, e mover-se para baixo por sua mão e através de minha pele. Sentia-se como se alguém acariciasse minha pele com uma pluma.

Uma voz lançou um grito, e não era eu, e tampouco era Abeloec. Brii tinha caído sobre suas mãos e joelhos, seu comprido cabelo amarelo se estendia no crescente lago de hidromiel.

Abeloec chupou com mais força meu peito, fazendo que minha atenção voltasse para ele. Seus olhos ainda não brilhavam, mas havia uma intensidade neles que parecia uma espécie de magia, uma espécie de poder. O poder que todos os homens têm quando descendem por seu corpo com boca e mãos peritas.

Moveu sua boca sobre mim, bebendo onde o hidromiel se depositou no oco de meu estômago. Lambeu a pele sensível justo em cima do pêlo que se frisava entre minhas pernas. Sua língua pressionou com golpes seguros sobre essa pele inocente. Fez-me me perguntar o que seria quando ele seguisse baixando até lugares que não eram tão inocentes.

O grito estrangulado de um homem me fez apartar o olhar dos olhos escuros do Abeloec. Conhecia aquela voz. Galen tinha caído sobre seus joelhos. Sua pele era de um verde tão pálido que parecia branca, mas agora linhas verdes afloravam sob

sua pele, brilhando, retorcendo-se. Formando videiras e flores, imagens. Outros gritos atraíram minha atenção sobre o resto dos homens no quarto. A maior parte dos quinze guardas estavam de joelhos, ou ainda pior. Uns tinham caído ao chão para retorcer-se sobre seus estômagos, como se estivessem apanhados no líquido dourado, como se fosse âmbar líquido e eles fossem insetos apanhados para sempre. E lutavam contra seu destino.

Linhas azuis, verdes ou vermelhas surgiam por seus corpos. Pude ver animais, videiras, imagens desenhadas sobre sua pele, como tatuagens vivas e em movimento.

Doyle e Rhys permaneciam de pé frente à maré crescente e pareciam estátuas. Mas Doyle contemplava suas mãos e braços, as linhas que se riscavam nesses fortes braços pareciam carmesins contra toda aquela escuridão. O corpo do Rhys estava pintado com o mais pálido azul, mas ele não olhava as linhas; olhava-me e ao Abeloec. Frost, também, estava de pé sobre o atoleiro de líquido movediço, mas tanto ele, como Doyle, contemplavam o traçado de linhas que brilhavam sobre suas peles. Nicca estava de pé, erguido, com seu cabelo castanho e suas brilhantes asas batendo parecidas com as velas de um navio feérico, mas nenhuma linha cobria sua pele. Estava intacto.

Foi Barinthus, o mais alto de todos os sidhe, que se moveu até a porta. Parou junto a ela, escapando do vertido de hidromiel que parecia arrastar-se como uma coisa viva através do chão. Ele se agarrou ao trinco da porta como se esta não pudesse ser aberta. Como se estivéssemos apanhados aqui até que a magia fizesse seu trabalho conosco.

Um pequeno som me fez voltar a olhar fixamente para a cama, e Kitto ainda estava ali acima, a salvo do hidromiel que se pulverizava. Seus olhos estavam muito abertos, como se tivesse medo, apesar de tudo. Ele tinha medo a tantas coisas.

Abeloec esfregou sua bochecha através de minha coxa. Isto me fez voltar para ele. Voltar a contemplar esses olhos escuros, quase humanos. O brilho de sua pele e da minha se atenuou. Compreendi que ele tinha feito uma pausa para me deixar olhar ao redor do quarto.

Agora suas mãos se deslizaram para baixo por minhas coxas, e ele inclinou seu rosto, vacilando, como se fosse tentar um beijo casto. Mas o que ele fez com sua boca não foi casto. Afundou sua grossa e perita língua em mim. A sensação lançou minha cabeça para trás, arqueando minha coluna.

Do reverso, vi a porta aberta, vi o surpreendido olhar na cara do Barinthus enquanto Mistral, o novo capitão da guarda da rainha, entrou a pernadas. Seu cabelo era da cor cinza das nuvens de chuva. Uma vez ele tinha sido o Senhor das Tormentas, um deus do céu. Agora entrou a pernadas no quarto e escorregou com o hidromiel, começando a cair. Então foi como se o mundo piscasse. Um momento antes, ele caía perto da porta; ao seguinte estava sobre mim, caindo em cima de mim. Alargou as mãos para tentar agarrar-se, e eu levantei os braços para impedir que caísse em cima de mim.

Sua mão se apoiou no chão, mas minha mão tocou seu peito. Ele se estremeceu em cima de mim sustentando-se sobre seus joelhos e uma mão, como se eu tivesse feito cambalear seu coração. Toquei-o através da resistente suavidade de sua armadura de couro. Ele estava seguro detrás dela, mas o olhar em seu rosto era o de um homem golpeado, os olhos totalmente abertos.

Estava o bastante perto agora para que eu pudesse ver que seus olhos estavam da mesma cor verde que adquiria o céu antes que uma grande tormenta começasse, destruindo tudo a seu passo. Só uma grande ansiedade podia fazer que seus olhos se voltassem dessa cor, ou uma grande cólera. Fazia muito, o mesmo céu trocava segundo a cor dos olhos do Mistral.

Minha pele cantou à vida, brilhando como uma estrela incandescente. Abeloecc brilhou comigo. Pela primeira vez, pude ver as linhas em minha própria pele, e essas intrincadas linhas nos percorreram, agora de uma cor azul elétrica destacando sobre o brilho. Contemplei como uma videira espinhosa azul se movia lentamente para minha mão para desdobrar-se através da pálida pele do Mistral.

O corpo do Mistral convulsionou em cima de mim, e era como se as linhas de cor o atraíssem arrastando-o para mim; como se fossem cordas que o derrubassem. Seus olhos pareciam contrariados, seu corpo lutava com toda sua musculatura e poder. Só quando quase estive em cima de mim e Abeloecc, e só a força de seus

ombros sustentava sua cara em cima da minha, seus olhos trocaram. Observei como o aterrador e tormentoso verde desaparecia de seus olhos, trocando-se em um azul tão claro e puro como o de um céu do verão. Eu não sabia que seus olhos podiam ser desse azul.

As linhas azuis em sua pele desenharam um relâmpago através de sua bochecha; nesse momento seu rosto estava muito perto do meu para ver os detalhes. Sua boca estava sobre a minha, e beijei ao Mistral pela segunda vez.

Ele me beijou, como se tivesse que respirar o ar necessário para viver através de minha boca, como se não tocar minha boca com a sua significasse sua morte. Suas mãos se deslizaram para baixo por meu corpo e quando tocou meus peitos, em sua garganta ressonou um som profundo que era quase um som de dor.

Nesse momento Abeloec decidiu me recordar que havia mais de uma boca contra meu corpo. Alimentou-se entre minhas pernas com a língua e os lábios e, brandamente, com os dentes, conseguindo que eu deixasse escapar meus próprios sons impaciente na boca do Mistral. Isto provocou outro desses sons dele, que refletiam a mesma impaciência que dor, como se o desejasse tanto que lhe doía. Sua mão apertou convulsivamente meu peito. O bastante forte para que realmente doesse, mas dessa maneira em que a dor podia alimentar o prazer. Retorci-me embaixo de ambas as bocas, inundada nos lábios do Mistral, os quadris contra Abeloec. Foi nesse momento que o mundo naufragou.

No princípio pensei que tudo isso estava dentro da minha cabeça, sumida no prazer. Mas então compreendi que já não havia uma manta de pele empapada pelo hidromiel sob meu corpo. Em troca havia ramos secos que empurravam e cravavam contra minha pele nua.

A mudança de cenário foi suficiente para que apartássemos a atenção de nossas bocas e mãos. Estávamos em um lugar escuro, já que a única luz existente era o brilho de nossos corpos. Mas era um resplendor mais brilhante que qualquer do que nós três tínhamos. Fez-me observar além dos homens que me tocavam. Frost, Rhys, e Galen pareciam pálidos fantasmas de si mesmos. Doyle era quase invisível exceto pelas linhas de poder. Havia outros que brilhavam na escuridão, quase todos os que eram divindades da terra e Nicca, que estava de pé com suas

asas brilhando a seu redor. Tinham voltado a ser uma tatuagem em suas costas até esta noite. Não recordava que Nicca houvesse tocado o hidromiel. Procurei o Barinthus e ao Kitto, mas não estavam aqui. Era como se a magia tivesse designado e eleito entre meus homens. Graças ao brilho de nossos corpos pude ver plantas mortas. Coisas murchas.

Estávamos nos jardins mortos, essas mágicas terras subterrâneas onde a lenda contava que as fadas tinham seu próprio sol e lua, chuva e tempo. Mas eu não sabia nada disto. O poder dos sidhe se murchou muito antes que eu nascesse. Os jardins estavam simplesmente mortos agora, e acima no céu só havia rocha nua e vazia.

Ouvi que alguém dizia, — Como? —Então essas linhas de cor carmesim, azul elétrico, verde esmeralda resplandeceram chamejantes na escuridão. Isto provocou gritos na escuridão, e devolveu a boca do Abeloec entre minhas pernas. A boca do Mistral se pressionou contra a minha, suas mãos impaciente em meu corpo. Era uma doce armadilha, mas uma armadilha afinal, posta para que não nos preocupássemos com o que queríamos. A magia das fadas nos sustentava, e não seríamos livres até que essa magia estivesse satisfeita.

Tratei de ter medo, mas não pude. Só existia a sensação dos corpos do Abeloec e Mistral contra o meu, e o impulso da terra morta debaixo de mim.

CAPÍTULO 3

A LÍNGUA DO ABELOEC DEU COMPRIDOS, CERTEIROS GOLPES AO redor do bordo de meu sexo, depois uma carícia por cima quando ele se moveu para baixo outra vez. As mãos do Mistral jogavam com meus peitos da mesma forma em que os beijava, como se não tivesse suficiente com que encher suas mãos, como se essa sensação fosse algo ao que ele tinha direito. Fez rodar meus mamilos entre seus dedos, e finalmente separou sua boca da minha para levá-la junto a suas mãos sobre meus peitos. Tomou um peito em sua boca, abrangendo-o tanto como foi possível, como se verdadeiramente se alimentasse de minha carne. Chupou forte, e mais forte, até que seus dentes fizeram presa em mim.

Abeloec se moveu até esse doce lugar no alto de meu sexo e começou a fazer rodar sua língua a seu redor. Os dentes do Mistral pressionaram lentamente, como se estivesse esperando que lhe ordenasse parar, mas não o fiz. A combinação da boca do Abeloec, segura e suave entre minhas pernas, e a pressão inexorável da boca do Mistral em meu peito cada vez mais forte, era deliciosa.

Uma leve brisa dançou através de minha pele. Uma rajada de vento empurrou fios do cabelo do Mistral de um lado ao outro sobre meu corpo, liberando-os de seu rabo-de-cavalo. Seus dentes continuaram exercendo uma prensa implacável. Esmagava meu peito entre seus dentes, e se sentia tão bem. A língua do Abeloec açoitou com um golpe rápido e logo mais rápido sobre aquele ponto doce.

O vento soprou mais forte, enviando folhas mortas movendo-se rapidamente através de nossos corpos.

Os dentes do Mistral quase se uniram sobre meu peito, e agora sim me fez mal. Abri a boca para lhe dizer que parasse, mas naquele momento Abeloec me lambeu uma última vez e isso foi tudo o que necessitei. Gozei gritando, elevando as mãos, procurando algo onde me agarrar, enquanto Abeloec aprofundava meu orgasmo com a língua e a boca.

Minhas mãos encontraram o Mistral. Finquei as unhas em seus braços nus, e só quando uma de minhas mãos tratou de alcançar sua coxa, ele agarrou minha pulso. Para fazê-lo, teve que soltar meu peito da prisão de sua boca. Imobilizou minhas mãos na seca terra, enquanto eu gritava e lutava por lhe alcançar com unhas e dentes. Ele ficou sobre mim, pressionando meus pulsos no chão. Baixou o olhar cravando em mim uns olhos que cintilavam luzes resplandecentes. Minha última visão de seus olhos, antes que Abeloec conseguisse que lançasse minha cabeça de um lado a outro, lutando contra o prazer, foi de que estavam cheios de relâmpagos, cintilando, dançando, tão brilhantes que projetavam sombras na iridiscência de minha pele.

As mãos do Abeloec fincadas em minhas coxas me mantinham sujeita enquanto lutava por me liberar. Sentia-se tão bom, tão bem, que pensei que me voltaria louca se não se detinha. Tão bem que ao mesmo tempo queria tanto que parasse, como que nunca mais o fizesse.

O vento soprou mais forte. As secas, lenhosas videiras chiavam sob o vento crescente, e as árvores rangeram como protesto, como se seus ramos mortos não fossem resistir o vento.

As linhas de cor que projetava Abeloec, vermelhas, azuis e verdes, cresceram mais brilhantes sob o vento. As cores palpitaram brilhantes, cada vez mais brilhantes. Possivelmente esse intenso fulgor impedia que a escuridão retrocedesse, voltando-a incandescente, como se a interminável noite tivesse sido semeada de luzes de néon.

Abeloec soltou minhas coxas, e nesse mesmo momento as luzes perderam um pouco de sua intensidade. Ele se ajoelhou entre minhas pernas e começou a desatar suas calças. Suas roupas modernas tinham ficado arruinadas durante a tentativa de assassinato ocorrido a noite anterior. E tanto ele, como a maior parte dos homens que raramente deixavam o sithen, tinham poucas coisas com zíperes ou botões de metal.

Comecei a dizer que não, porque ele não tinha perguntado, e porque a magia se desvanecia. Eu podia pensar outra vez, como se o orgasmo tivesse esclarecido minha mente.

Supunha-se que devia ter tanto sexo como pudesse, já que se não conseguia ter um filho logo, não só nunca seria rainha, mas também provavelmente estaria

morta. Se meu primo Cel deixasse grávida a alguém antes que eu ficasse grávida, então ele seria rei, e me mataria, e também a todos aqueles que me eram leais. Todo o qual era um incentivo para foder como nenhum afrodisíaco poderia igualar.

Mas havia algo me cravando sob minhas costas, e notava toda uma série de pequenas dores em todo o comprimento de meu corpo. Ramos mortos e partes de planta que me cravavam fincando-se na pele. Não tinha percebido até que o orgasmo se desvaneceu e as endorfinas desapareceram a toda velocidade. Quase não houve nenhuma sensação de bem-estar, só um orgasmo que fez voar minha mente, e logo esta sensação de desvanecimento, de ser consciente de cada pequeno mal-estar. Se Abeloec tinha em mente a posição do missionário, íamos necessitar uma manta.

Não me parecia que tudo isso fosse para perder meu interesse tão rapidamente. Se Abeloec era tão talentoso com outras coisas como o era com sua boca, então era alguém com quem queria me deitar, simplesmente pelo puro prazer. Então por que me encontrei repentinamente com um não em meus lábios e desejando me levantar do chão?

Então uma voz surgiu da crescente escuridão e enquanto as linhas de cores se desvaneciam... essa voz congelou a todos onde estávamos e enviou meu palpitante coração até minha garganta.

—Vá, vá, vá... chamo a meu capitão da guarda, Mistral, e ele não está em nenhuma parte onde possa ser encontrado. Minha curadora me diz que todos vocês desapareceram do dormitório. Assim que lhes busquei na escuridão, e aqui estão — Andais, Rainha do Ar e da Escuridão, apareceu da parede longínqua. Sua pele pálida era uma brancura na escuridão crescente, mas havia luz a seu redor, como se o negro pudesse ser uma chama e iluminar.

—Se tivesse estado de pé sob a luz, não te teria encontrado, mas na escuridão, na profunda escuridão dos jardins mortos não pode te esconder de mim aqui, Mistral.

—Ninguém se escondia de ti, minha rainha — disse Doyle a primeira coisa que qualquer de nós tinha pronunciado desde que tínhamos sido trazidos aqui.

Lhe ordenou silêncio por gestos caminhando sobre a erva seca. O vento que tinha estado açoitando as folhas estava morrendo agora, enquanto as cores se desvaneciam.

As últimas rajadas de vento agitaram a prega de sua túnica negra.

—Vento? —Perguntou Andais. —Não houve vento aqui dentro há séculos.

Mistral tinha me deixado para cair de joelhos ante ela. Sua pele empalideceu enquanto se afastava do Abeloec e de mim. Perguntei-me se em seus olhos ainda cintilavam os relâmpagos, mas apostava a que não o faziam.

—Por que te separou de mim, Mistral? —Ela tocou seu queixo com umas largas e afiadas unhas, levantando sua cara de forma que ele se visse obrigado a olhá-la.

—Procurava conselho — disse ele com uma voz que soava baixa, mas ao mesmo tempo parecia suportar toda a crescente escuridão. Agora que Abeloec e eu tínhamos deixado de ter sexo, toda a luz se desvanecia, as linhas sobre a pele de todo nós desapareciam. De repente nos encontrávamos em uma escuridão tão absoluta que poderia chegar a tocar sua própria pupila sem ter o reflexo de piscar. Um gato seria cego aqui dentro; inclusive os olhos de um gato necessitam um pouco de luz.

—Conselho para quê, Mistral? —Ela fez de seu nome um gemido funesto que continha a ameaça da dor, como um aroma no vento pode prometer a chuva.

Ele tratou de inclinar a cabeça, mas Andais mantinha as pontas de seus dedos sob seu queixo.

—Procurou o guia de minha Escuridão?

Abeloec me ajudou a me levantar e me sustentou perto, não devido a um sentimento romântico, mas sim porque é o que os duendes fazem quando estão nervosos. Tocamo-nos uns aos outros, nos abraçamos na escuridão, como se o toque da mão do outro impedisse que a grande coisa má pudesse passar.

—Sim — disse Mistral.

—Mentiroso —disse a rainha, e o último que pude ver antes de que a escuridão tragasse o mundo foi o brilho de uma espada em sua outra mão. Relampejou desde sua túnica, onde ela a tinha escondido.

Falei antes de poder pensar:

—Não!

Sua voz vaiou na escuridão e pareceu deslizar-se arrastando-se sobre minha pele.

—Meredith, sobrinha, realmente está me proibindo de castigar a um de meus guardas? Não um de seus guardas, mas sim de meus, meu!

A escuridão se fez mais pesada, mais espessa, e custava mais esforço respirar. Sabia que ela podia fazer que o próprio ar fosse tão pesado que esmagasse a vida que havia em mim. Poderia fazer o ar tão espesso que meus pulmões mortais não o poderiam aspirar. Quase me matou ontem mesmo, quando ousei interferir em um de seus “entretenimentos”.

—Havia vento nos jardins mortos. —A profunda voz do Doyle chegou tão grave, tão profunda, que pareceu vibrar ao longo de minha coluna vertebral. —Você sentiu o vento. Fez uma observação sobre o vento.

—Sim, fiz, mas agora se foi. Agora os jardins estão mortos, mortos como sempre o estarão.

Uma pálida luz verde brotou da escuridão. Era Doyle sustentando entre suas mãos cavadas umas doentias chamas esverdeadas. Era uma de suas mãos de poder. Tinha visto o toque desse fogo arrastar-se lentamente sobre outro sidhe e lhe fazer desejar a morte. Mas como tantas coisas no mundo das fadas, também tinha outros usos. Era uma luz bem-vinda na escuridão.

A luz mostrou que já não eram seus dedos os que mantinham o queixo do Mistral elevada, a não ser o fio de uma espada. Sua espada, Terror Mortal. Um dos poucos objetos que ficavam que poderia matar realmente a um sidhe imortal.

—E se os jardins pudessem viver outra vez? —perguntou Doyle. —Como vivem de novo as rosas no exterior do salão do trono.

Ela sorriu de uma forma extremamente desagradável.

—Propõe-te derramar mais do precioso sangue de Meredith? Esse foi o preço para que as rosas renascessem.

—Há outras formas para dar vida que não requerem sangue —disse Doyle.

—Pensa que pode foder até que os jardins renasçam à vida? —perguntou Andais enquanto usava o bordo da espada para forçar ao Mistral a que se levantasse de sua posição ajoelhada.

—Sim —disse Doyle.

—Isso, eu gostaria de ver —disse ela.

—Não acredito que funcionasse se estiver aqui —disse Rhys. Uma pálida luz branca apareceu sobre sua cabeça. Pequena, esférica, uma suave brancura que iluminava por onde ele caminhava. Era a luz que a maioria dos sidhe, e muitos dos duendes menores podiam fazer a vontade; Uma pequena magia que a maioria possuía. Mas se eu queria ter luz na escuridão, tinha que encontrar uma lanterna ou um fósforo.

Rhys avançou para a rainha, envolto em um suave círculo de luz.

Ela falou:

—Parece que foder umas quantas vezes depois de suportar uns poucos séculos de celibato lhe encorajam, Um Olho.

—A foda me faz feliz —disse ele—. Me faz ser atrevido —continuou levantando seu braço direito, lhe mostrando a parte oculta. Nem a luz era o bastante forte, nem o ângulo era o correto para que eu pudesse ver o que era tão interessante.

Ela franziu o cenho; logo, quando ele se aproximou, seus olhos se alargaram.

—O que é isso? —Mas sua mão tinha baixado o suficiente como para que Mistral já não tivesse que incorporar-se de sua posição ajoelhada para evitar ser talhado.

—É exatamente o que você pensa que é, minha rainha —disse Doyle. Ele começou a aproximar-se dela, também.

—Não mais perto, os dois. —Ela enfatizou suas palavras obrigando outra vez ao Mistral a quase incorporar-se de novo.

—Não lhe queremos danificar, minha rainha —disse Doyle.

—Possivelmente me proponho danificar eu a ti, Escuridão.

—Esse é seu privilégio —disse ele.

Abri a boca para lhe corrigir, porque ele agora era meu capitão da guarda. Ela já não tinha permissão para lhe machucar simplesmente por puro gosto, nunca mais.

Abeloec me conteve me agarrando do braço, e disse murmurando contra meu cabelo:

—Ainda não, Princesa. A Escuridão não necessita sua ajuda ainda.

Quis discutir, embora parecia que seu raciocínio era lógico. Abri a boca para rebatê-lo, mas quando elevei a vista para lhe olhar à cara, meu argumento pareceu desvanecer-se. Sua sugestão simplesmente parecia ser o razoável.

Algo golpeou meu quadril, e me precavi de que ele ainda sustentava a taça de chifre. Ele era o cálice, e o cálice era ele, de alguma mística maneira, mas quando ele o tocou, pareceu mais... mais razoável. Melhor dizendo, suas sugestões pareciam mais razoáveis.

Não estava segura de que eu gostasse que ele pudesse me fazer isso, mas deixei estar. Já tínhamos suficientes problemas para necessitar outras distrações.

—O que há no braço do Rhys? —sussurrei-lhe.

Mas Abeloec e eu estávamos de pé na escuridão, e a Rainha do Ar e da Escuridão podia ouvir algo que fosse pronunciada na escuridão. E me respondeu:

—Mostre a ela, Rhys. Lhe mostre o que te encorajou.

Rhys não lhe deu as costas, mas se moveu algo lateralmente para nós. A suave, pequena fonte de luz branca se moveu com ele, perfilando a parte superior de seu corpo. Em uma batalha teria sido um desastre; lhe teria convertido em um branco. Mas os imortais não suam por coisas como essa... se não pode morrer, suponho que pode te converter em um branco perfeito sem que te importe o mais mínimo.

A luz nos roçou primeiro, como essa primeira respiração branca do amanhecer que se desliza através do céu, tão branco, tão puro, quando o amanhecer não é nada mais que o desvanecimento da escuridão. Quando Rhys se aproximou mais a nós, a luz branca pareceu expandir-se, deslizando-se sobre seu corpo, mostrando que ainda estava nu.

Ele estendeu seu braço para mim. Mostrava a silhueta azul claro de um peixe que se alargava começando justo desde seu pulso até quase chegar a seu cotovelo. O peixe estava de cabeça abaixo em direção a sua mão e parecia estranhamente curvado, como um semicírculo em espera de sua outra metade.

Abeloec o tocou da mesma forma que a rainha tinha feito, levemente, com apenas as gemas de seus dedos.

—Não vi isso em seu braço desde que deixei de ser um porteiro de discoteca.

—Conheço o corpo do Rhys —disse. —Isso nunca esteve aí antes.

—Não em toda sua vida —disse Abeloec.

Joguei-lhe uma olhada para logo olhar ao Rhys e logo depois de novo a ele, e lhe disse:

—É um peixe, o que...

—Um salmão, para ser exatos —disse ele.

Fechei a boca para não dizer algo estúpido. Tratei de fazer o que meu pai sempre me tinha ensinado a fazer, pensar. Pensei em voz alta.

—O salmão significa conhecimento. Uma de nossas lendas diz que já que o salmão é a criatura vivente mais antiga, possui todo o conhecimento desde que o mundo é mundo. Segundo essa mesma lenda significa longevidade.

—Lenda, verdade? —disse Rhys com um sorriso.

—Tenho uma licenciatura em biologia, Rhys; nada do que diga me convencerá de que um salmão antecedeu aos trilobitas, ou até aos dinossauros. Um peixe moderno é justo isso, moderno dentro da escala geológica.

Abeloec me olhava com curiosidade.

—Tinha-me esquecido de que o Príncipe Essus insistiu em te criar entre os humanos —sorriu—. Quando raciocina as coisas, não é tão fácil de distrair. —Ele esticou sua outra mão, com o cálice ainda sujeito nela.

Franzi o cenho, e finalmente me afastei dele.

—Deixa-o estar.

—Bebeu de sua taça —disse Rhys—. Ele deveria poder te persuadir de quase qualquer coisa... —sorriu abertamente quando continuou— ...se fosses humano.

—Suponho que ela não é o bastante humana —disse Abeloec.

—Todos estão atuando como se essa tatuagem pálida fosse importante. Não entendo o por quê.

—Essus não te contou alguma vez nada sobre isso? —perguntou Rhys.

Franzi o cenho.

—Meu pai não mencionou nada a respeito de uma tatuagem em seu braço.

A rainha fez um ruído zombador.

—Essus não pensou que fosse o suficientemente importante para lhe dizer isso.

—Ele não o disse —disse Doyle—, pela mesma razão que Galen tampouco sabe.

Galen ainda jazia no jardim morto. Todos os outros homens que se desabaram sobre o chão estavam ainda de joelhos ou sentando-se na vegetação morta. Uma suave incandescência branca esverdeada começou a tomar forma sobre a cabeça do Galen. Não era um halo como o do Rhys, a não ser algo mais parecido a uma pequena bola de luz por cima de sua cabeça.

Galen encontrou sua voz, rouca, e teve que esclarecê-la bruscamente antes de poder dizer...

—Eu não sei nada tampouco sobre nenhuma tatuagem no Rhys.

—Nenhum de nós disse aos mais jovens, Rainha Andais —disse Doyle. —Todo mundo sabe que nossos seguidores se pintavam com símbolos e entravam em batalha com apenas esses símbolos para lhes proteger.

—Finalmente aprenderam a levar posta a armadura —disse Andais. Seu braço tinha baixado o bastante como para que Mistral estivesse cômodo sobre seus joelhos outra vez.

—Sim, e só as poucas e últimas tribos fanáticas seguiram tratando de procurar nosso favor e bênção. Eles morreram por aquela lealdade —disse Doyle.

—Do que está falando? —Perguntei.

—Houve um tempo, em que nós, os sidhe, seus deuses, estávamos pintados com símbolos que representavam a bênção da Deusa e do Consorte. Mas quando nosso poder se desvaneceu, assim também o fizeram as marcas em nossos corpos —explicou Doyle com sua voz espessa como o mel.

Rhys prosseguiu a história.

—Antigamente, se nossos seguidores pintavam seus corpos para nos imitar, obtinham algo do amparo e a magia que tínhamos. Era um sinal de devoção, sim, mas uma vez, muito, muito tempo atrás, literalmente nos podiam chamar para lhes

ajudar —disse, contemplando o tênue peixe azul em seu braço. —Não tive esta marca há quase quatro mil anos.

—Está impreciso e incompleto —disse a rainha da parede longínqua.

—Sim. —Rhys inclinou a cabeça e a olhou—. Mas é um começo.

A voz de Nicca chegou tênue, e eu quase lhe tinha esquecido, enquanto permanecia aí parado a um lado. Suas asas começaram a brilhar na escuridão, como se por suas veias tivesse começado a fluir a luz em lugar de sangue. Ele bateu essas enormes asas. Tinham sido só uma marca de nascimento no dorso de suas costas até uns quantos dias atrás, quando por fim tinham brotado realmente. Começaram a resplandecer como se cada uma de suas cores fosse de cristal colorido brilhando sob a luz de um sol que não podíamos ver.

Tendeu sua mão direita, e nos mostrou uma marca na cara externa do pulso, quase na mão. A luz era muito vacilante para que eu pudesse estar segura do que era, mas Doyle disse...

—Uma mariposa.

—Nunca tive uma marca do favor da Deusa —disse Nicca com sua voz tênue.

A rainha baixou sua espada completamente, de modo que voltou a ser invisível dentro da saia totalmente negra de sua túnica.

—E o resto de vocês?

—Poderão ser capazes de senti-lo, se lhes concentrarem nisso —disse Rhys a outros.

Frost convocou um globo de luz que era de um fraco cinza prateado. Sustentava-se sobre sua cabeça, igual à luz esverdeada que Galen tinha. Frost começou a desabotoar a camisa. Raramente ia nu se o podia evitar, assim soube antes que despisse a curva perfeita de seu ombro direito que ali haveria algo.

Ele girou seu braço de forma que pudesse vê-lo.

—Nos mostre —disse a rainha.

Frost deixou ela ver primeiro, logo se voltou para nós em um semicírculo lento. O desenho era tênue e azul como tinha sido o do Rhys, uma pequena árvore morta, sem folhas, nua, e a terra abaixo dele parecia esboçar um montículo de neve. Como o

salmão do Rhys, estava impreciso, e parecia não estar desenhado de tudo, como se alguém tivesse começado o trabalho e não tivesse acabado.

—Assassino Frost nunca tinha tido um símbolo de favor —disse a rainha e sua voz soou estranhamente infeliz.

—Não —disse Frost—, não o tive. Não era do todo sidhe quando o último sidhe sustentou tais favores. —encolheu-se de ombros para acomodar a camisa em seu lugar e começou a abotoá-la. Ele não estava simplesmente vestido, estava armado. A maior parte dos outros conservavam uma espada e uma adaga, mas só Doyle e Frost tinham pistolas. Rhys tinha deixado a suas com suas roupas no dormitório.

Notei um vulto aqui e lá sob a camisa do Frost, o que queria dizer que levava mais arma que poderiam ser vistas com facilidade. Gostava de estar armado, mas tantas armas significavam que algo lhe havia posto nervoso. Pode que fossem as tentativas de assassinato, ou talvez alguma outra coisa. Seu atrativo rosto estava fechado para mim, escondido depois da arrogância que ele usava como uma máscara. Possivelmente simplesmente escondia seus pensamentos e seus sentimentos da rainha, mas de todas as formas... Frost tendia a ser temperamental.

Rhys disse:

—Deixa que Abeloec e Merry acabem o que começaram. Deixa-os terminar.

A rainha Andais inspirou tão profundamente, que inclusive apesar da débil luz que iluminava a câmara, pude ver como subia e baixava a "V" de carne branca que se via em sua túnica.

—Muito bem, que acabem. Vem comigo então, temos muito do que discutir —disse ela, alargando sua mão para o Mistral. —Vem, meu capitão, deixemo-los a seus prazeres.

Mistral não o duvidou. Levantou-se e tomou sua mão pálida.

—Precisamos dele —disse Rhys.

—Não —disse Andais—, não, já dei a Meredith meus homens verdes. Ela não necessita o mundo inteiro.

—Cresce a erva sem vento e chuva? —perguntou Doyle.

—Não —disse ela, e sua voz voltou a ser pouco amistosa, como se lhe tivesse gostado de estar zangada e fora consciente de que agora não podia permitir-lhe.

Andais era fraca em seu temperamento, poucas vezes se controlava. Tanto autodomínio nela era estranho.

—Para fazer a primavera, você necessita muitas coisas, minha rainha — disse Doyle. —Sem calor e água, as mudas murcham e morrem. —ficaram olhando o um ao outro, a rainha e sua Escuridão. Foi a rainha quem apartou o primeiro olhar.

—Mistral pode ficar. —Andais soltou sua mão, logo me olhou do outro extremo da caverna. —Mas que isto fique claro entre nós, sobrinha. Ele não é teu. É meu. Ele é teu só por este espaço de tempo. Está isso claro para todos vocês?

Todos assentimos com a cabeça.

—E você, Mistral —disse a rainha—. Entende?

—Minha ordem de celibato é levantada por este espaço de tempo e só com a princesa.

—Perfeito, então —disse ela. Deu a volta como se fora a atravessar a parede andando, logo se girou olhando por cima de seu ombro. —Terminarei o que estava fazendo quando adverti sua ausência, Mistral.

Ele caiu de joelhos.

—Minha rainha, por favor não faça isto...

Ela se voltou com um sorriso que foi quase agradável... se não fosse porque o olhar em seus olhos, ainda daqui, foi aterradora.

—Está tentando me dizer que não te deixe com a princesa?

—Não, minha rainha, sabe que não é isso o que quero dizer.

—Faz? —disse ela, soando o perigo em sua voz. Deslizou-se sobre a natureza morta e colocou a ponta de Terror Mortal sob seu queixo. —Você não devia pedir o conselho de minha Escuridão. Devia obrigar à princesa a interceder pela Casa do Nerys.

Os ombros do Mistral se moveram como se tivesse tomado ar profundamente, ou tivesse tragado saliva.

—me responda, Mistral — vaiou ela, soando a fúria em sua voz afiada como uma folha de barbear.

—Nerys sacrificou sua vida por sua palavra de que não mataria a sua gente. Você... —ele deixou de falar abruptamente, como se ela tivesse aproximado a ponta tão perto que não pudesse falar sem cortar-se.

—Tia Andais —disse—, o que tem feito com a gente de Nerys?

—Trataram de nos matar a ti e a mim ontem à noite, ou esqueceste?

—Me recordo, mas também recordo que Nerys te pediu que tomasse sua vida, em troca de que tivesse piedade de sua casa. Deu sua palavra de que os deixaria viver se ela morria em seu lugar.

—Não danifiquei nem a um só —disse ela, e pareceu muito contente consigo mesma.

—O que significa isso? —Perguntei.

—Somente ofereci aos homens uma oportunidade para servir a sua rainha como membros de minha guarda real. Necessito a meus Corvos a pleno rendimento.

—Unir-se a sua guarda significa abandonar todas as lealdades familiares e voltar-se celibatário. Por que estariam de acordo com qualquer dessas coisas? —Perguntei.

Andais apartou a espada da garganta do Mistral.

—Estava muito impaciente por fofocar sobre mim. Diga-lhe a ela agora.

—Posso me levantar, minha rainha? —perguntou Mistral.

—Te levante, bufão, não me importa; simplesmente diga-lhe a ela.

Mistral se levantou cautelosamente, e quando ela não fez nenhum movimento para a ele, começou a mover-se com cuidado através do quarto para nós. Sua garganta se via escura sob as luzes parpadeantes. Lhe tinha cortado. Qualquer sidhe poderia cicatrizar um corte pequeno, mas como o dano tinha sido produzido por Terror Mortal, Mistral se curaria mortalmente devagar, a velocidade humana.

Os olhos do Mistral se viam abertos, assustados, mas ele se moveu facilmente atravessando o jardim morto, como se não lhe preocupasse que lhe fizesse algo enquanto se estava afastando dela. Sei que eu já estaria com as costas doendo com o medo do golpe. Só quando ele esteve fora do alcance de sua espada permitiu que um pouco do pânico deixasse seus olhos. Mesmo assim, eram da cor da verde sombra do tornado. Ansiedade.

—Suficiente —disse ela—. Meredith pode te ouvir daí.

Ele se deteve obedientemente, mas tragou saliva, como se não gostasse de nada que lhe tivesse detido antes de ter retornado conosco. Não o culpava. A magia da rainha poderia lhe destruir desde essa distância. Provavelmente, Andais lhe tinha ordenado deter-se simplesmente para que ele se preocupasse. Igual já não se propunha lhe fazer mais mal, mas queria que tivesse medo. Gostava que as pessoas lhe tivessem medo.

—Ela encadeou a todos os da Casa de Nerys com cadeias de ferro frio para que não possam fazer nenhuma magia —disse Mistral.

—Não posso discutir isso — eu disse. —Atacaram-nos na Corte, todos eles. Deveriam perder sua magia por um tempo.

—Ela deu aos homens a oportunidade de converter-se em seus Corvos. Às mulheres ofereceu serem Grous da guarda do príncipe.

—Cel está preso, encerrado. Ele não necessita guarda —disse.

—A maior parte das mulheres não estariam de acordo com isso, de todas formas —disse Mistral. —Mas a rainha tinha que ser vista lhes outorgando a todos eles uma escolha.

—Uma escolha entre converter-se em guardas e que mais? —Perguntei. Quase me dava medo a resposta. Ela levava a Terror Mortal. Rezei para que não os tivesse executado. A Corte inteira abjuraria dela. E eu necessitava a Andais no trono até que me confirmasse como sua herdeira.

—A rainha ordenou ao Ezekiel e a seus ajudantes murá-los vivos —disse Mistral.

Pisquei ante isso. Não podia assimilá-lo tudo. Meu primeiro pensamento foi protestar dizendo que a rainha era perjura; logo me precavi de que não o era.

—São imortais, assim não morrerão — eu disse, brandamente.

—Passarão uma fome e uma sede horríveis, e desejarão morrer —disse Mistral—, mas não, são imortais, e não morrerão.

Olhei além dele a minha tia.

—Muito ardiloso— eu disse. —Muito malditamente inteligente.

Ela inclinou levemente a cabeça.

—Estou encantada de que aprecie tão sutil raciocínio.

—OH, faço-o —e realmente o fazia. —Não tem quebrado nenhum juramento. De fato, tecnicamente, está fazendo exatamente aquilo pelo que Nerys sacrificou sua vida. Seu clã, sua casa, sua linhagem viverá.

—Isso não é vida —disse Mistral.

—Realmente pensou que a princesa poderia influir em mim o suficiente para salvar os de seu destino? —Perguntou Andais.

—Antigamente teria procurado o Essus, para lhe solicitar ajuda contigo —disse Mistral. —Assim procurei à princesa.

—Ela não é meu irmão —grunhiu Andais.

—Não, ela não é Essus —disse Mistral—, mas é sua filha. Ela é de seu sangue.

—E o que significa isso, Mistral? Que ela pode negociar pela gente do Nerys? Já foi negociado, pela própria Nerys.

—Você está se burlando do espírito desse pacto —disse Rhys.

—Mas não rompendo-o —disse ela.

—Não —disse ele, e pareceu muito triste. —Não, os sidhe nunca mentem, e sempre mantemos nossa palavra. Exceto nossa versão da verdade pode ser mais perigosa que qualquer mentira, e melhor faria em pensar cuidadosamente em cada uma das palavras que formam parte de qualquer juramento ao que demos nossa palavra, porque encontraremos a maneira de te fazer lamentar o te haver encontrado conosco. —Ele soava mais zangado que triste.

—Atreve-te a criticar a sua rainha? —perguntou ela.

Toquei o braço do Rhys, apertando-o. Ele olhou primeiro minha mão, logo minha cara. O que seja que ele viu ali lhe fez respirar profundamente e negar com a cabeça.

—Ninguém se atreveria a fazer isso, Rainha Andais. —Sua voz soava resignada outra vez.

—O que daria você por um sinal de que a vida está retornando aos jardins? —perguntou Doyle.

—O que quer dizer com um sinal? —perguntou ela, e sua voz continha toda a suspeita de alguém que nos conhecia muito bem.

—O que daria por algum indício de vida aqui nas hortas?

—Um pouco de vento não é um sinal —disse ela.

—Mas não valeriam nada para ti, os começos da vida aqui nos jardins, minha rainha?

—É obvio que valeria algo.

—Poderia significar que nosso poder está retornando —disse Doyle.

Ela assinalou com a espada, a prata brilhando fracamente sob a luz.

—Sei o que significaria, Escuridão.

—E uma volta de nosso poder, o que valeria isso para ti, Rainha?

—Sei aonde quer chegar, Escuridão. Não trate de jogar a estes jogos comigo. Eu os inventei.

—Então não jogarei. Expô-lo claramente. Se podemos trazer algum indício de vida a estes mundos subterrâneos, então você esperará para castigar, de qualquer forma, aos integrantes da Casa de Nerys. Ou a qualquer outro.

Um sorriso tão cruel e frio como uma manhã de inverno curvou seus lábios.

—Boa jogada, Escuridão, boa jogada.

Me fechou a garganta ao me dar conta de que se ele tivesse esquecido a última frase, algum outro teria pago sua cólera. Alguém que teria sido importante para o Doyle, ou para mim, ou para ambos, se ela os pudesse ter encontrado. Rhys estava certo: era um jogo perigoso, este trocadilho.

—E o que esperarei? —perguntou ela.

—A que nós tragamos a vida aos jardins mortos, é obvio —disse ele.

—E se não trazerem a vida aos jardins mortos, então o quê?

—Então quando estivermos todos convencidos de que a princesa e seus homens não podem trazer de volta a vida as hortas, estará em liberdade de fazer com a gente de Nerys aquilo que pretendia.

—E se devolverem a vida as hortas, que então? —perguntou ela.

—Se trouxermos de volta mesmo que só seja um indício de vida as hortas, deixará que a Princesa Meredith escolha o castigo daqueles que trataram de assassiná-la.

Ela negou com a cabeça.

—Inteligente, Escuridão, mas não o bastante inteligente. Se devolverem um indício de vida as hortas, então eu permitirei a Meredith castigar à Casa do Nerys.

Agora foi o turno do Doyle de negar com a cabeça.

—Se a Princesa Meredith e alguns de seus homens trazem de volta incluso um indício de vida a estes jardins, então só Meredith decide que castigo será atribuído às pessoas do Nerys.

Andais pareceu pensá-lo durante um ou dois momentos, logo assentiu com a cabeça.

—De acordo.

—Dá sua palavra, a palavra da rainha da Corte Escura? —Perguntou Doyle.

Ela assentiu com a cabeça.

—Faço-o.

—Testemunhado —disse Rhys.

Andais agitou a mão despectivamente.

—Bem, bem, você tem sua promessa. Mas recorda, tenho que estar de acordo com que ali haja pelo menos um indício de vida. E melhor que haja alguma prova o suficientemente impressionante que me impeça de burlar o juramento e escapar dele, Escuridão, porque você sabe que o farei, se puder.

—Sei —disse ele.

Ela me olhou, então. Não foi um olhar amistoso.

—Desfruta do Mistral, Meredith. Lhe desfrute e sabe que ele retornará para mim quando isto pareça.

—Obrigado por me emprestá-lo – disse isso, e mantive minha voz absolutamente vazia.

Ela me fez uma careta.

—Não me agradeça isso, Meredith... ainda não. Você só se deitou com ele uma vez. —Ela me assinalou com a espada. —Embora veja que tem descoberto o que ele considera prazer: lhe gosta de provocar dor.

—Então teria pensado que ele seria seu amante ideal, tia Andais.

—Eu gosto de causar dor, sobrinha Meredith, não ser a vítima.

Traguei com força, para evitar dizer o que pensava. Finalmente o consegui.

—Não sabia que era uma sádica pura, Tia Andais.

Ela me olhou com o cenho franzido.

—Sádica Pura... essa é uma frase estranha.

—Só quis dizer que não sabia que você não gostava de suportar nenhum tipo de dor absolutamente.

—OH, eu gosto de umas pequenas dentadas, uns leves arranhões, mas eu não gosto disso. —De novo, ela assinalou meu peito. Doía onde Mistral tinha me mordido, e tinha um rastro quase perfeito de seus dentes, embora ele não tinha quebrado a pele. Estava arroxado, mas nada mais.

Ela sacudiu a cabeça, como se afugentasse um pensamento, logo se voltou, e o movimento fez que sua túnica negra formasse redemoinhos a seu redor. Sujeitou o bordo da túnica para pô-la em seu lugar. Olhou para trás por cima de seu ombro uma última vez antes de entrar na escuridão e viajar de volta do mesmo modo que tinha vindo. Suas últimas palavras não foram um alívio.

—Depois de que Mistral tenha sua pequena experiência com ela, não venham me gritando que ele tem quebrado a sua pequena princesa. —E o pedaço de escuridão onde ela tinha estado ficou vazio.

Tantos de nós deixamos escapar um suspiro de alívio ao mesmo tempo que foi como o som do vento nas árvores. Alguém deixou escapar uma risada nervosa.

—Ela tem razão sobre uma coisa —disse Mistral, e seus olhos refletiam pena. —Eu gosto de causar um pouco de dor. Sinto se te fiz mal, mas passou tanto tempo desde que... —Ele estendeu suas mãos abertas. —Esqueci-me. Sinto muito.

Rhys riu, e Doyle se uniu a ele, e finalmente inclusive Galen e Frost tomaram parte nesse suave som masculino.

—Por que riem? —perguntou Mistral.

Rhys se voltou para mim, sua cara ainda radiante com a risada.

—Quer dizer-lhe você, ou o fazemos nós?

Realmente me ruborizei, o qual quase nunca faço. Mantive sujeita a mão do Abe na minha e atirei de nós dois andando pela erva seca, quebradiça, até nos deter diante do Mistral. Olhei o sangue que gotejava escuro por seu pescoço pálido e elevei a vista para lhe olhar aos olhos, tão ansioso. Tive que sorrir.

—Eu gosto do que fez com meu peito. Foi quase tão duro como eu gosto, apenas a um cabelo de tirar sangue com os dentes.

Ele me olhou com o cenho franzido.

—Você gosta que os arranhões sejam mais fortes que as dentadas —disse Rhys. —Não te importa sangrar um pouco pelos arranhões.

—Mas só se estiver junto com as preliminares —eu disse.

—Preliminares? —disse Mistral, parecendo perplexo.

—Estimulação —disse Abeloec.

O olhar desconcertado se desvaneceu, e alguma outra coisa encheu completamente seus olhos. Algo quente e seguro de si mesmo, algo que me fez tremer simplesmente porque estava me olhando.

—Posso fazer isso — disse.

—Então tire a armadura —lhe disse.

—O quê? —perguntou ele.

—Te dispa —pediu Rhys.

—Posso falar por mim mesma, obrigado — eu disse, jogando um olhar para trás.

Ele fez um pequeno movimento como dizendo, Te sirva. Voltei-me para o Mistral. Elevei meu rosto para lhe olhar e me encontrei com que seus olhos já começavam a trocar para um cinza suave, como as nuvens de chuva. Sorri-lhe, e ele me devolveu o sorriso, um pouco vacilante, como se não estivesse acostumado a sorrir muito.

—Se dispa —lhe disse.

Ele sorriu, um breve vislumbre de sorriso ao menos.

—E então?

—Deitaremos-nos.

—Eu primeiro —disse Abeloec, me abraçando desde atrás.

Inclinei a cabeça.

—De acordo.

A cara do Mistral se escureceu; quase podia ver nuvens em seus olhos. Não queria dizer que sua íris se voltou cinza, mas se viam nuvens flutuando em suas pupilas.

—Por que é ele o primeiro? —perguntou.

—Porque ele pode ser parte dos jogos sensuais prévios —eu disse.

—Ela quer dizer, que uma vez que eu a tenha fodido, logo você poderá ser mais rude —disse Abeloec.

Mistral sorriu outra vez, mas este sorriso foi diferente. Este foi um sorriso que me fez respirar mais profundamente.

—Realmente você gostou do que fiz a seu peito? —perguntou.

Traguei saliva, me apertando contra o corpo do Abeloec, quase como se tivesse medo ao homem mais alto parado diante de mim. Assenti com a cabeça.

—Sim —sussurrei.

—Bem —disse ele, e tratou de alcançar as ligaduras de couro que sustentavam sua armadura em seu lugar. —Muito bem —murmurou.

CAPÍTULO 4

NO MOMENTO EM QUE ABELOEC ME DEIXOU SOBRE UM LEITO de roupa, nossa pele começou a brilhar. Era uma magra capa formada pelas camisas e as túnicas de meus guardas, com a suficiente grossura para que não me cravasse com a seca vegetação que cobria o chão. Ali estava amontoadada toda a roupa que os homens levavam vestidos, que não era muita, deixando a todos nus. Ainda assim, podia sentir os ramos e as folhas secas enquanto se esmiuçavam sob meu peso.

A sensação que transmitia não era a de uma terra no inverno. Não importa quão frio seja o inverno, nem a profundidade da neve, a terra transmite uma sensação de espera dando a impressão de que simplesmente está adormecida, que o sol despertará e a primavera chegará. Mas aqui não. Era como diferenciar entre um corpo profundamente adormecido e outro que está morto. A simples vista, os olhos não podem captar nenhuma diferença, mas se o toca, sabe. O chão contra o que me pressionou o corpo do Abeloec, não tinha nada, nenhuma calidez, nem exalação, nem vida. Vazio, como os olhos dos mortos, que uns momentos antes continham personalidade, e depois pareciam espelhos escuros. Os jardins não esperavam voltar a despertar, simplesmente estavam mortos.

Mas nós não estávamos mortos.

Abeloec pressionou seu corpo nu contra o meu e me beijou. A diferença de alturas entre nós supôs que quão único podia fazer era me beijar, mas foi suficiente. O suficiente para invocar a luz do interior de nossos corpos.

Elevou-se sobre seus braços para poder me olhar à cara. Sua pele luzia tão brilhante, que de novo seus olhos se voltaram como escuras covas cinzas em seu rosto. Nunca tinha conhecido a um sidhe cujos olhos não brilhassem quando seu poder lhes alcançava. Seu comprido cabelo se derramou a nosso redor, enquanto seus fios brancos começavam a brilhar mostrando-se de um suave azul, da mesma forma que tinha acontecido antes. Elevou-se ainda mais alto sobre seus braços, quase

bruscamente, de maneira que seu corpo ficou suspenso sobre do meu, apoiado unicamente em suas mãos e os dedos dos pés.

Azuladas linhas ressaltavam sobre sua branca pele. Emitiam imagens de videiras, e flores, de árvores e animais. Nada permanecia, nada perdurava. Não havia muitas linhas, e além não se moviam muito rápido. Deveria ter podido perceber mais claramente o tipo de videira, fruta, ou animal, mas a parte de poder ver se eram grandes ou pequenos, parecia como se minha mente não pudesse reter essas imagens.

Risquei o azul com meus dedos, e ficou sobre minhas mãos, fazendo cócegas e persistindo sobre o pálido brilho de minha própria pele. E inclusive observando-o em minha própria mão, não pude discernir o que aparecia e florescia ali. Era como se não estivesse destinada a vê-lo, ou ao menos a entendê-lo. Ao menos ainda não, ou talvez nunca.

Desisti de tentar dar sentido a essas imagens, e olhei para ele, à larga longitude de seu corpo suspenso em cima do meu. sustentava-se sobre mim a modo de refúgio, como se tivesse podido permanecer ali para sempre, sem cansar-se. Alcancei seu corpo, me deslizando sob sua firme fortaleza, até poder cobrir com minha mão sua dura longitude.

Estremeceu-se sobre mim.

—Deveria te tocar —. Sua voz soou tensa e rouca pelo esforço, mas, no que se estava esforçando? Seus braços, ombros e pernas ainda permaneciam sobre mim, como se fossem de pedra em vez de carne. Não era seu esforço o que provocava a tensão em sua voz. Ao menos não o esforço físico. Possivelmente fora por sua própria determinação.

Pressionei brandamente seu membro, e estava duro, terrivelmente duro. O ritmo de sua respiração trocou; pude ver como se ondulava seu estômago ante o esforço que lhe supunha permanecer erguido sobre mim.

—Quanto tempo passou? — Perguntei-lhe.

—Não o recordo —me respondeu.

Acariciei a cabeça de seu membro com minha mão. Suas costas se arqueou e quase me caiu em cima, mas então seus braços e pernas voltaram para sua firme postura.

—Acreditei que os sidhe não mentiam.

—Não o recordo exatamente —disse. Agora sua voz soava entrecortada.

Deslizei a outra mão até chegar a seu testículo, para poder brincar brandamente com eles.

Tragou com tanta força que pude ouvi-lo, e disse...

—Se continuar com isso, correrei-me, e não é como o quero fazer a primeira vez.

Segui jogando com ele, brandamente. Estava muito duro, tremulamente duro. Só por lhe sustentar com minhas mãos. Sabia que a frase, dor de necessidade, não eram simples palavras. Brilhava e pude sentir como surgia o poder nele, embora não palpitava igual a outros. Este era um poder comedido.

—Como quer que seja a primeira vez? —Perguntei-lhe, e minha voz soou profunda, rouca, ante a sensação de lhe ter em minhas mãos.

—Quero estar dentro de ti, entre suas pernas. Quero ver como te corre antes de que eu o faça. Mas não sei se ainda tenho esse tipo de disciplina.

—Então não seja disciplinado. Esta vez, a primeira vez, não se preocupe disso.

Ele sacudiu a cabeça, e os fios azuis de seu cabelo pareceram brilhar com mais intensidade.

—Quero te dar tanto prazer que faça que me queira em sua cama cada noite. Tantos homens, Meredith, há tantos homens em sua cama. Não quero ter que esperar meu turno. Quero que venha a por mim uma e outra vez, porque ninguém te dê tanto prazer como eu.

Um som fez que ambos girássemos nossas cabeças, encontrando ao Mistral de joelhos a nosso lado.

—Acelere e termina com isto, Abeloec, ou não serei o segundo.

—Não te importa, como a mim, se lhe der prazer à princesa? — Perguntou Abeloec.

—A diferença de ti, eu não terei uma segunda oportunidade. A rainha decretou que este momento seja tudo o que poderei ter com a princesa. Portanto, não, não estou tão preocupado por meu rendimento.

Passou a mão sobre meu cabelo, afundando-a profundamente, rastelando com seus dedos meu couro cabeludo. Isso me fez colocar a cabeça sobre sua mão. Fechou seus dedos em um punho e de repente o sacudiu atirando de meu cabelo que estava sujeito em sua mão. Isto fez que o pulso se acelerasse em minha garganta, arrancando um som de minha boca, que não foi de dor. Minha pele reluziu cobrando vida.

—Não temos que ser suaves —disse Mistral. Aproximou sua cara à minha. — Verdade, Princesa?

—Não —sussurrei.

Atirou de meu cabelo ainda mais forte e lancei um grito. Senti, mais que vi, como outros homens se aproximavam de nós. Mistral atirou de meu cabelo de novo, me dobrando o pescoço para um lado e movendo um pouco meu corpo baixo o do Abeloec.

—Não te estou fazendo mal, verdade, Princesa?

—Não —foi quão único pude sussurrar.

—Não acredito que lhe tenham ouvido —disse. Repentinamente enroscou sua mão ainda mais forte sobre meu cabelo. Pôs os lábios contra minha bochecha e sussurrou, —Grita para mim —. As linhas azuis se deslizaram lentamente de minha pele à sua e voltei a ver o contorno de um resplendor em sua bochecha.

—O que fará se não gritar? —Sussurrei.

Beijou-me, muito brandamente, na bochecha.

—Farei-te mal.

Exalei o fôlego me estremecendo.

—Por favor —suspirei.

Mistral riu, uma maravilhosa e profunda risada, com sua cara roçando a minha e sua mão ainda em meu cabelo.

—Depressa, Abeloec, te apresse ou teremos que brigar para ver quem é o primeiro —. Me soltou o cabelo tão repentinamente, que esse movimento também

resultou um pouco doloroso e me provocou um gemido. Mistral me girou para o Abeloec, enquanto eu ainda tinha o olhar desfocado e minha respiração ou era muito rápida ou quase se detinha. Em realidade não sabia. Meu pulso parecia não saber decidir se eu tinha medo ou estava excitada. Mas foi como se agora que Mistral me tocado de novo, não pudesse deixar de fazê-lo. Manteve os dedos contra um lado de meu pescoço, como se queria ajudar a que meu pulso se decidisse.

—Eu não gosto de causar dor —disse Abeloec. Seu corpo não parecia tão contente como antes.

—A dor não é o único caminho ao prazer —lhe disse.

Seus escuros olhos se centraram em mim, ressaltando contra o brilho de sua cara.

—Não tem que sentir dor para obter prazer?

Neguei com a cabeça, notando a persistente dor no lugar onde a mão do Mistral me tinha sujeito.

—Não.

A profunda voz do Doyle se deixou ouvir na escuridão.

—A Meredith gosta da violência, mas também de suavidade. Depende de seu estado de ânimo e do teu.

Tanto Abe como Mistral lhe olharam.

—À rainha não importa absolutamente nossos estados de ânimo — disse Mistral.

—A ela, sim —respondeu Doyle.

Abeloec me olhou e começou a descender lentamente, a todo mundo tivesse parecido que estava fazendo uma flexão, salvo que meu corpo estava no meio. Sua boca encontrou a minha antes de que seu corpo me pressionasse. Beijou-me, e o brilhante azul resplandeceu, aparecendo linhas carmesim e esmeralda. As linhas multicoloridos brilharam para a mão do Mistral, e parecia como se aquelas linhas fossem de corda, indo de sua boca à minha e passando do corpo do Abeloec a meu corpo. Jazia meio ajoelhado e meio atravessado sobre a zona inferior de meu corpo. Estendeu minhas pernas de modo que seu corpo se acomodasse entre elas. Mas acredito que foi seu dedo o que encontrou o primeiro indício de umidade.

Sua voz soou afogada quando disse...

—Ainda está úmida.

Teria respondido, mas a boca do Mistral encontrou a minha, e dei a única resposta que pude. Levantei meus quadris para a inquisitiva mão do Abeloeec. Quão seguinte senti foram suas mãos movendo-se para meus quadris. A ponta de seu sexo roçando meu sexo.

Mistral separou sua boca da minha e disse, metade sussurrando, metade gemendo...

—Foda-a, foda-a, foda-a, por favor —e a última palavra saiu em um comprido suspiro que terminou em um pouco parecido a um grito.

Abeloec se empurrou para meu interior, e só então começou a palpitar com seu poder. Quase se parecia com um grande vibrador, exceto que este vibrador estava quente, vivo, e tinha uma mente e um corpo detrás.

Aquela mente moveu o corpo com ritmos que com nenhuma outra ajuda mecânica se podiam ter produzido. Observei o impulso do Abeloeec entrando e saindo de meu corpo como um brilhante cabo, embora indubitavelmente era carne o que entrava e saía de mim. Carne suave, firme e vibrante.

Mistral me agarrou de novo pelo cabelo, me girando a cabeça de modo que não pudesse ver como trabalhava a magia do Abeloeec sobre meu corpo. O olhar na cara do Mistral me poderia ter assustado se tivéssemos estado sozinhos. Beijou-me com força, com tanta força que machucava. Não tinha outra opção que lhe abrir minha boca ou me cortar os lábios com meus próprios dentes. Abri a boca.

Sua língua se inundou em meu interior, como se tratasse de lhe fazer a minha boca o que Abeloeec fazia entre minhas pernas. Foi só sua língua, mas continuou empurrando dentro, pressionando até que tive que abri-la tanto que começou a me doer a mandíbula. Empurrou sua língua até tão fundo em minha garganta que me arqueei e retrocedeu. Pensei que o fazia para me deixar tragar e tomar fôlego, mas retrocedeu para poder rir. Deixou escapar um som de puro prazer masculino que dançou sobre minha pele e provocou um eco semelhante ao ruído de uns trovões distantes.

Que se detivesse me deu a possibilidade de me centrar no Abeloe. Tinha encontrado um ritmo com o que se afundava até o mais profundo de mim, com uma fricção continuada e rítmica que finalmente me teria feito culminar. Mas é que além disso, seu corpo palpitava dentro do meu. Era como se sua magia palpitasse com o mesmo ritmo que seu corpo, de maneira que cada vez que se inundava profundamente em meu interior, a magia palpitava ainda mais duramente, e vibrava mais rápida.

Aproveitei a possibilidade que Mistral me tinha dado, para dizer...

—Abeloec, está criando magia enquanto tem relações sexuais?

Sua voz chegou tensa devido à concentração com a que atuava.

—Sim.

Comecei a dizer, OH Deusa, mas a boca do Mistral encontrou a minha, e só pude dizer...

—OH, Deus...

Mistral empurrou sua língua tão profunda e bruscamente em minha boca, que pareceu o sexo oral que se pratica às vezes, quando o homem é muito grande para que seja cômodo. Se lutar contra isso, dói, mas se te relaxa, às vezes, pode fazê-lo. Pode deixar que o homem se introduza em sua boca sem que te chegue a romper a mandíbula. Nunca tinha deixado que ninguém me beijasse como ele, e justo enquanto lutava por permitir-lhe pensei em todo o poder que ele podia exercer em outros assuntos, e esse pensamento me fez me abrir ainda mais, aos dois.

Os dois eram muito peritos, mas de modos tão diferentes, que me perguntei como seria ter sua plena atenção por separado. Mas não havia nenhuma possibilidade de lhe pedir ao Mistral que esperasse, que nos desse tempo, porque logo que podia respirar, nem muito menos falar com sua língua aprofundando em minha garganta. Queria falar; queria não ter que lutar contra ele para conseguir respirar. A mandíbula me doía o suficiente para me distrair do assombroso trabalho do Abeloe. Mistral tinha cruzado aquela linha que separava o “é estupendo” do “detenha de uma fodida vez”.

Não tínhamos acordado nenhum sinal que lhe avisasse de que tinha que parar. Quando não pode falar, normalmente tem alguma forma, já arranjada, de avisar.

Comecei a empurrar seus ombros, a empurrá-lo de verdade. Não sou tão forte como os sidhe puro-sangue, mas se por acaso serve de elucidação, uma vez atravessei com o punho a porta de um carro para afugentar a uns aspirantes a assaltantes. Ficou a mão coberta de sangue, mas não me rompeu. Assim empurrei, e ele empurrou mais como resposta.

Tinha a boca tão dentro da minha que não podia nem lhe morder. Afogava-me, e não lhe importava.

Pude sentir o início do orgasmo. Não queria que o bom trabalho que Abeloecc estava levando a cabo se danificasse porque Mistral me estivesse afogando.

As unhas podiam usar-se para o prazer, ou para outros propósitos. Coloquei as unhas sobre a firme carne do pescoço do Mistral e as enterrei. Esculpi sangrentos sulcos em sua pele. Saltou para trás, e vendo a raiva em seu rosto, voltei a me alegrar de que não estivéssemos sozinhos.

—Quando lhe disser que pare, pare —lhe disse. E compreendi que eu também estava zangada.

—Não disse que parasse.

—Assegurou-te de que não pudesse dizê-lo.

—Disse que você gostava da dor.

Tinha muitos problemas para controlar minha respiração, porque Abeloecc continuava vibrando e movendo-se em meu interior. Estava tão perto...

—Eu gosto da dor até certo ponto, mas não ter uma mandíbula rota. Teremos que pôr umas normas antes de que... você... tenha... seu turno... —e a última palavra me saiu em um grito quando joguei atrás a cabeça e meu corpo se paralisou. Mistral me sujeitou a cabeça ou me tivesse quebrado isso contra o duro chão.

O prazer do Abeloecc se estendeu em feitas ondas através de mim, sobre mim, dentro de mim. Quebras de onda de prazer, quebras de onda de energia, uma e outra vez, como se aqui, também, fora capaz de controlar o que estava ocorrendo. Como se pudesse controlar meu clímax da mesma maneira em que tinha controlado todo o resto. O orgasmo irradiou desde minha virilha a cada centímetro de meu corpo, e depois começou de novo, estendendo-se do centro de minhas pernas, por toda minha pele, com uma rapidez que me fez procurar com as mãos algo ao que ancorar meu

convulso corpo. A parte superior de meu corpo se elevou do chão e caiu repetidas vezes, enquanto Abeloec me mantinha os quadris e pernas apanhadas contra seu corpo.

Alguém a minhas costas sujeitou tratando de me dominar, mas o prazer era muito agudo. Quão único podia fazer era lutar e gritar, com um esmigalhado grito detrás de outro. Meus dedos encontraram carne, arranhando-a, e umas fortes mãos me imobilizaram a minha. Minha outra mão encontrou meu próprio corpo, rasgando-o. Outra mão me agarrou o pulso e o sujeitou contra o chão.

Escutei vozes por cima de meus gritos:

—Vamos, Abeloec, acaba já!

—Agora, Abeloec! —urgiu-lhe Mistral.

Fez-o, e de repente o mundo se converteu em uma luz branca, e foi como se pudesse sentir sua liberação entre minhas pernas, quente e grosso, e tão profundamente enterrado em mim como podia chegar. Fundi-me com aquela luz branca e me encontrei no centro de uma explosão estelar de cores vermelhas, verdes e azuis. Depois não houve nada, nada exceto uma branca, branca luz.

CAPÍTULO 5

NÃO ME DEPRIMI, NÃO DE TUDO, AO MENOS, NÃO REALMENTE, mas foi como se me tivesse ficado totalmente débil, indefesa, inundada nessa sensação de bem-estar ante o poder do Abeloec. Meus olhos piscaram até abrir-se quando o regaço no que descansava minha cabeça se moveu. Encontrei ao Mistral em cima de mim, suas mãos ainda sujeitavam meus pulsos, e ainda embalava brandamente minha cabeça.

—Quero te fazer dano, mas não te quebrar —me disse, como se tivesse visto algo em minha cara, que lhe tivesse obrigado a esclarecer este fato.

Levou-me três intentos lhe responder.

—Alegra-me ouvi-lo —disse finalmente.

Então ele riu, e começou a mover-se cuidadosamente sobre mim. Deixou minha cabeça brandamente sobre a terra morta. Pelo visto, eu tinha desfeito nossa improvisada manta, porque podia sentir os vultos da vegetação seca e áspera em qualquer parte contra minha pele.

Girei a cabeça e procurei os outros. Abeloec engatinhava algo instavelmente para minha cabeça, como se ele e Mistral fossem intercambiar suas posições. Custou-me um momento enfocar a proximidade do Abe, situado um pouco mais atrás na escuridão.

A escuridão estalou em brilhos de néon, azuis, verdes, e vermelhos. As cores estavam por toda parte, algumas linhas eram incandescentes fios individuais, outras se entrelaçavam como fibras formando parte de uma trama mais forte, unindo umas com outras para formar uma corda mais grossa. Doyle estava ajoelhado mais perto de nós como se tivesse tentado me fazer recuperar o conhecimento. Esgrimia sua espada como se houvesse algo entre nós que o metal pudesse matar. Toda sua escura pele estava coberta de linhas azuis e carmesins.

Rhys estava justo atrás dele, também coberto por linhas azuis e vermelhas, e havia outras figuras na escuridão cobertas por linhas verdes e azuis, e imagens de plantas floridas. Percebi o brilho de um comprido cabelo pálido. Ivi estava coberto por

trepadeiras mortas e verdes linhas de poder. Brie estava de pé perto de uma árvore, abraçando-a, ou atado a ela com linhas verdes e azuis. Parecia como se a árvore se inclinasse sobre ele, seus ramos magros e sem vida abraçando seu corpo nu como se fossem braços. Adair tinha subido a uma árvore e estava de pé sobre um dos ramos mais altos e grossos. Esticava-se para alcançar algo, como se visse alguma coisa que eu não podia perceber. Distingui outros corpos sobre o chão, todos cobertos pela vegetação morta.

Frost e Nicca estavam ajoelhados um pouco mais longe. Só linhas azuis serpenteavam por seus corpos. Estavam sustentando a alguém por braços e pernas. Custou-me um momento compreender que esse alguém era Galen. Estava tão coberto por um brilho verde que quase estava escondido da vista. Outros pareciam desfrutar do poder, ou ao menos pareciam não sofrer nenhuma dor, mas o corpo do Galen parecia convulsionar, quase como o meu quando Abeloec fez com que gozasse, porém mais violentamente.

A cara do Mistral apareceu em cima da minha, e compreendi que ele se sustentava em cima de meu corpo, como antes tinha feito Abeloec. Mas ele não me beijou, como o outro homem o fez. Só se assegurou de que quão único podia ver era sua cara.

—Minha vez —disse ele, e o que havia em seus olhos deveria ter bastado para me assustar. Não do Mistral, mas sim medo do que poderia passar. Algo poderoso - e o mais importante... qual seria seu preço? Uma coisa que eu tinha aprendido logo, era que tudo poder suporta um preço.

—Mistral... —disse, mas ele já descendia sobre meu corpo.

O vento retornou, um vento leve mas insistente, que roçava meu corpo como se fora dedos invisíveis. As folhas mortas rangeram, e as trepadeiras pareceram suspirar ante este vento crescente.

Incorporei-me o suficiente para percorrer com o olhar o corpo do Mistral. Pronunciei seu nome outra vez. Ele elevou a vista ante o som de seu nome, mas não havia nada em sua cara que me demonstrasse que realmente me tinha escutado. Esta seria sua única oportunidade em mil anos de poder ter a uma mulher. Quando deixássemos estes jardins, sua oportunidade se teria esfumado.

Se eu soubesse que os outros estavam seguros, então não teria tratado de discutir o que via em seus olhos. Mas não estava segura de que eles o estariam. Nem sequer estava segura de que qualquer um de nós estivesse. E eu não gostava nada de não saber o que ia passar.

Ele acariciou com suas mãos o interior de minhas coxas, brandamente, com uma carícia cortês, mas esse suave movimento se deteve quando ficou ajoelhado entre minhas coxas.

— O que ocorre, Mistral?

— Tem medo? —perguntou-me, mas ele não olhava minha cara quando o disse.

—Sim —disse, e minha voz soou suave sob o vento crescente.

—Bem —respondeu.

Abeloec me falou.

—Sou o cálice embriagador como foi Medb para os antigos reis. bebeste profundamente.

Girei-me para olhar para ele, para onde estava ajoelhado detrás meu.

Eu sabia que medb tinha sido uma palavra usada para designar o hidromel, e também a uma deusa soberana com quem nove reis da Irlanda tinham tido que acasalar para que ela lhes deixasse governar. Mas a maior parte disto eram só histórias; ninguém falava dela entre os sidhe, como se realmente fora uma deusa, uma pessoa real. Eu tinha perguntado sobre isso, e só me tinha respondido que ela era o cálice que embriaga. Que tinha sido outra forma de dizer que ela era o hidromel. Tinham-me deixado acreditar que ela nunca tinha sido real.

—Não o entendo —eu disse.

Abeloec passou sua mão ao longo de minha cara.

—Outorgo o poder de soberania à rainha, como Medb outorgou esse mesmo poder aos reis. Fui esquecido, porque o mundo se voltou nacionalista e não requereu mais rainhas. Eu fui Accasbel. Neguei meu destino. Alguma literatura humana diz que sou a antiga deidade do vinho e a cerveja. Fundei o primeiro pub na Irlanda, e fui um seguidor de Partholon. Tudo o que agora sou é história. —Ele se inclinou para estar

mais perto de meu rosto, e eu me recostei no chão, com suas mãos a ambos os lados de minha cara. —Até hoje. Agora tenho novos deveres.

Nesse momento, os dedos do Mistral encontraram meu sexo, e me tivesse dado a volta para olhá-lo, se as mãos do Abeloec não me tivessem apertado a cara, me obrigando a olhá-lo enquanto Mistral começava a me explorar com sua mão. Abeloec sussurrou, por cima de meu rosto.

—Houve um tempo quando sem mim, ou sem o Medb, ninguém governava na Irlanda, ou na terra das Fadas, ou em qualquer parte das Ilhas. O sithen nos trouxe aqui por uma razão. Trouxe-nos para cada um aqui por uma razão, inclusive ao Mistral.

As folhas secas se precipitaram sobre meu corpo como dedos frágeis que roçavam meu estômago e meus peitos.

—Nos deixe voltar a ter um propósito, Meredith —murmurou Abeloec.

Não era um dedo, entretanto, o que me estava tocando ali abaixo, embora Mistral não tivesse entrado em mim. Para alguém que gostava de causar dor, ele estava sendo paciente e muito suave.

—Propósito, que propósito? —sussurrei à cara do Abeloec.

—A razão de ser, Meredith. Um homem sem um dever é só meio homem.

Mistral se empurrou dentro de mim com um comprido e duro movimento. Arrastando meu corpo sobre o chão, arrancando um grito de minha boca. Abeloec me liberou, e finalmente pude olhar para baixo, a meu corpo e ao Mistral.

Mistral jogou atrás a cabeça, com os olhos fechados. Seu corpo estava fundo no meu tão profundamente como era possível. Não havia nenhuma linha de cor em seu corpo e compreendi que nenhum de nós três as tínhamos. Mas algo brilhava em sua pele. Levou-me um momento compreender que esse algo estava movendo-se sob sua pele. Parecia um reflexo de algo, mas não era um reflexo de algo que nos rodeasse.

Ele ficou ali, congelado em cima de mim, com a parte inferior de seu corpo tão comodamente apertado ao meu como podia chegar a estar, e seu torso se elevava apoiado em suas mãos e braços. Abriu os olhos e olhou para baixo, para mim, e vi nuvens deslizar-se dentro de seus olhos como se estes fossem janelas para um céu

longínquo. As nuvens se moviam como se fossem arrastadas por um grande vento, e compreendi o que era o que eu tinha visto dentro de sua pele. Nuvens, nuvens de tormenta que se agitavam dentro de sua pele.

O vento crescia, soprando meu cabelo em minha cara, fazendo voar as folhas mortas em pequenos torvelinhos. Uma tormenta se aproximava, e eu a via crescer no corpo do Mistral. Mistral tinha sido uma vez o Senhor do Vento, o Senhor do Céu, o Criador de Tormentas. O primeiro brilho de um relâmpago se refletiu em seus olhos.

O “era uma vez”, já não é o que estava acostumado a ser.

CAPÍTULO 6

MISTRAL SAIU DE MIM COM UM SUSPIRO ESTREMECIDO QUE percorreu seu corpo. Vê-lo afetado a tal extremo fez que meu fôlego se voltasse curto e rápido. Ao princípio pensei que ele tinha a chuva em seus olhos, para somar-se ao relâmpago; então piscou, e compreendi que eram lágrimas.

Se tivéssemos estado sozinhos lhe teria perguntado, teria falado disso, mas com tantos homens a nosso redor, não podia. Não podia fazer notar que ele estava chorando diante deles, tampouco podia lhe perguntar por que e esperar conseguir uma resposta sincera. Mas me dizia muito que Mistral, o Senhor das Tormentas, chorasse depois de provar meu corpo.

—Passou muito tempo —disse Abeloec brandamente.

Mistral o olhou, e simplesmente assentiu com a cabeça com o brilho dessas poucas e terríveis lágrimas deslizando-se por suas bochechas. Baixou a vista para me olhar, e havia suavidade em seu rosto, uma dor crua em seus olhos. Beijou-me, e esta vez foi suave.

—Esqueci minhas maneiras, Princesa, me perdoe.

—Pode me beijar com força, só não me afogue.

Ele esboçou um pequeno sorriso, e um assentimento ainda menor. Logo pôs seu corpo com cuidado com o passar do meu de modo que seus testículos pressionassem contra minha virilha, e sua dura longitude me tocasse da virilha até a parte superior de meu estômago. Deixou que seu peso repousasse em cima de mim com um suspiro, logo pôs seus braços a meu redor. Colocou seu rosto a um lado do meu, e era como se pouco a pouco deixasse que uma grande tensão desaparecesse. Era quase como se se voltasse mais ligeiro ao tempo que seu peso atual se voltava mais pesado. Pus um beijo suave contra a curva de seu ouvido, porque esse era o ponto que podia alcançar.

Ele se estremeceu contra mim outra vez, e devido a que se apertava com tanta força contra meu corpo, fez que me estremecesse também. O vento arrastou seu cabelo e o meu sobre meu rosto, mesclando os fios vermelhos e cinzas juntos, quase igual como as linhas resplandecentes de néon se entrelaçaram juntas. Mais forte juntas que separadas. As nuvens em seus olhos giraram tão rápido que era quase enjoativo olhá-los.

Ele apartou seus braços de mim e se levantou o suficiente para ver minha cara.

—Não quero beijar a frente de seu corpo para chegar abaixo. Quero morder meu caminho até lá.

Tive que tragar com força antes de poder responder, com voz entrecortada.

—Nada de sangue, nem sinais permanentes, e nada tão forte como o que fez a meu peito. Não tem feito bastante trabalho preparatório para isso.

—Trabalho preparatório? —disse Mistral em tom interrogatório.

—Carícias —disse Abeloec. Ele estava ajoelhado detrás de minha cabeça, tão quieto que eu tinha esquecido que estava ali.

Ambos o olhamos.

—Nos dê um pouco mais de espaço —lhe pediu Mistral—. Sou o único dentro deste círculo contigo, e devo permanecer.

Círculo, pensei, então compreendi que ele tinha razão. Linhas azuis, verdes e vermelhas rodeavam nós três. Todos os outros estavam cobertos com elas, mas formavam uma barreira a nosso redor. Era uma barreira que o vento podia cruzar a vontade, mas haveria outras coisas que não podiam cruzá-la. Não estava segura de quais eram essas outras coisas, mas eu sabia o suficiente de círculos mágicos para saber que serviam para manter algumas coisas dentro, e algumas coisas fora. Era sua natureza, e esta noite tudo tinha a ver com a natureza das coisas.

Percorri com minhas mãos as costas do Mistral, remontando a linha de sua coluna, brincando com os músculos que o mantinham justo em cima de mim. Ele fechou os olhos e tragou antes de baixar a vista e me olhar.

—Desejas algo?—lhe disse.

Isto ganhou um sorriso. Um verdadeiro sorriso, não de sexo, ou dor, ou pena, só um sorriso. Valorizei esse sorriso da maneira que valorizava os sorrisos do Frost e Doyle. Eles tinham vindo a mim sem um verdadeiro sorriso, como se tivessem esquecido como fazê-lo. De acordo com os padrões que os outros dois homens tinham deixado estabelecidos, Mistral era um aprendiz rápido.

Movi uma mão para poder rascar seu lábio inferior com meu dedo.

—Faz o que desejas fazer. Só recorda as regras.

Seu sorriso continha uma ponta de algo que não parecia feliz agora, e eu não estava segura de se os parâmetros que tinha imposto eram o que o provocava, ou se eu lhe tinha recordado algo triste.

—Nada de sangue, sem sinais permanentes, e nada tão forte como o que fiz a seu peito, porque não te acariciei suficiente para isso ainda.

Era quase palavra por palavra o que eu lhe havia dito.

—Boa memória.

—A memória é tudo o que tenho —Enquanto o dizia, essa dor crua voltou para seus olhos. Agora acreditei entendê-lo. Ele se divertia, estava decidido a divertir-se, pois quando tivesse terminado, não haveria mais. A rainha o devolveria à solitária prisão de suas regras, seu ciúmes, seu sadismo. Seria pior ter tido este momento e logo o ter negado novamente? Causaria-lhe dor me olhar com meus homens, e não ser parte deles? Não era que eu fosse tão especial para ele, ou para eles. Era simplesmente que eu era a única mulher com a que os guardas podiam romper seu comprido celibato.

Separei-me um pouco do chão e o beijei.

—Sou tua.

Ele me beijou, brandamente ao princípio, logo mais forte. Sua língua empurrou entre meus lábios. Abri a boca e lhe permiti explorá-la. Ele empurrou profundamente dentro, logo se tornou um pouco para trás, o suficiente para que só fora um bom beijo profundo. A sensação de sua boca atraindo a minha mais perto fazia que meu corpo se elevasse para pressionar-se mais forte contra o dele, lhe rodeando com meus braços, pressionando meus seios com força contra seu peito.

Ele fez um pequeno som com sua garganta, e o vento de repente se sentiu fresco contra minha pele. Apartou sua boca da minha, e a expressão em seus olhos era selvagem. As nuvens se revolviam em seus olhos, mas tinham reduzido a velocidade, de modo que já não enjoavam. Se eu não soubesse o que estava olhando, poderia ter pensado simplesmente que seus olhos eram da cor cinza das nuvens de chuva.

Ele pôs sua cara na curva de meu pescoço. Não me beijou mas sim apoiou seus lábios contra minha pele. Seu fôlego saiu em um suspiro pesado que estendeu o calor através de minha pele. Fez-me tremer, e assim foi. Pôs seus dentes no flanco de meu pescoço, e me mordeu. Fez-me gritar e esticar meus dedos ao longo de suas costas, deixando um sulco em sua pele com o bordo de minhas unhas.

Mordeu meu ombro, rápido e forte. Gritei, e ele se moveu outra vez. Não acredito que ele confiasse em si mesmo para manter minha carne em sua boca durante muito tempo. Eu sabia que ele queria morder profundo e com mais força, e eu podia sentir o esforço que lhe custava lutar contra esse impulso em seus lábios, em suas mãos, em seu corpo inteiro. Ele se divertia, mas lutava para manter seus impulsos sob controle.

Pôs sua boca no flanco do peito que não tinha marcado e logo que havia meio doido com seus dentes. Sujeitei sua bochecha, sem força, mas isso o deteve. Levantou seu olhar até a minha, sua boca a meias aberta, e vi sua expressão decair. Acredito que ele esperava que eu lhe detivesse. Inclusive se tivesse sido isso o que pensava fazer, não teria tido coração para dizê-lo. Entretanto, não era isso o que ia fazer.

—Mais forte —lhe disse em troca.

Ele me ofereceu um sorriso lupino, e outra vez pude vislumbrar algo nele que me teria feito vacilar em estar a sós com ele. Mas não estava segura de se era essa realmente a natureza do Mistral, ou se os séculos de proibição haviam o tornado louco de necessidade.

Pôs seus dentes em meu flanco e mordeu com força, com a força suficiente para que me retorcesse baixo ele. Moveu-se só um pouco mais abaixo por meu

flanco, até minha cintura, e esta vez quando notei que começava a deixar-se ir, disse-lhe...

—Mais forte. —Mordeu-me com mais profundidade esta vez, afundando seus dentes até que quase os senti introduzir-se em minha pele. Lancei um grito e disse... —Basta, basta.

Ele levantou a cara como se fora a deter de tudo. Ri-me dele.

—Não disse que parasse, só quis dizer que já era bastante forte.

Mistral se moveu ao outro lado de meu corpo e me mordeu outra vez, sem urgência, mas o bastante forte para lhe dizer, quase imediatamente, que não fora mais longe. Ele elevou a vista para mim, e o que viu em minha cara lhe satisfez, porque mordeu ao lado de meu umbigo, afundando seus dentes com tanta força e rapidez que tive que lhe dizer que parasse.

Ele tinha deixado uma linha de sinais vermelhos de dentes sobre meu estômago. Havia sinais vermelhos aqui e lá em meu corpo, mas nada tão perfeito como isto. Um jogo perfeito de seus dentes marcando a carne branca de meu corpo. as olhar me fez tremer.

—Você gosta disto —sussurrou ele.

—Sim —lhe disse.

O vento continha uma borda de umidade quando se arrastou através de minha pele. Ele lambeu meu estômago, e o vento pareceu soprar através daquela linha molhada, quase como se o vento tivesse uma boca também, e pudesse soprar onde desejasse.

Mistral pressionou sua boca onde tinha lambido, e me mordeu. Forte e brusco, o bastante para me assustar, e levantar a parte superior de meu corpo do chão.

—Basta—lhe disse, e minha voz foi quase um grito.

O vento começou a aumentar, fazendo voar mais folhas mortas através de meu corpo. Estendeu meu cabelo através de meu rosto, de modo que durante um momento não pude ver o que Mistral fazia. O vento era úmido, como se trouxesse um indício de chuva. Mas nunca chovia nos jardins mortos.

Senti sua boca posta no montículo entre minhas pernas, descansando sobre o apertado e encaracolado pêlo. Não podia ver, mas eu sabia o que estava fazendo. Mordeu-me, e gritei...

—Basta.

Usei uma mão para afastar meu cabelo do caminho, e assim poder olhar para baixo por meu corpo e olhá-lo. Mistral fez um movimento rápido com sua língua entre minhas pernas. Aquele pequeno roçar apressou meu pulso e abriu minha boca em uma “Ou” silenciosa.

—Sabe o que quero fazer —disse. Falou com suas mãos ao redor de minhas coxas, seus dedos enterrando-se só um pouco, seu rosto justo em cima de minha virilha, tão perto que seu fôlego me roçava ali.

Assenti com a cabeça, porque não confiava em minha voz. Por uma parte, não queria que ele me fizesse mal; por outra, realmente queria que ele chegasse a esse ponto de realmente me fazer dano. Eu gostava desse limite. Eu gostava muito.

Finalmente encontrei minha voz, e quase não parecia a minha, tão entrecortada, tão impaciente.

—Vê devagar, e quando disser basta, pare.

Ele me sorriu outra vez, com esse sorriso que encheu seus nublados olhos de uma luz feroz, e compreendi que não eram minhas imaginações. O relâmpago jogava com as nuvens cinzas de seus olhos. Tinha ido, mas agora estava de volta, e os enchia de uma cintilante e branca, muito branca luz, de modo que seus olhos pareceram cegos durante um segundo. O vento diminuiu, e o ar se sentiu pesado, espesso, e notei um toque de eletricidade no ar.

Ele me estirou me abrindo, usando seus dedos, tão fortes, tão grossos. Lambeu-me ao longo, daqui para lá até que me retorci sob sua boca e suas mãos. Só então pressionou sua boca sobre mim. Só então me deixou sentir a borda de seus dentes ao redor da mais íntima das partes de meu corpo.

Mordeu-me devagar, tão devagar, com tanto cuidado.

Exalei...

—Mais forte.

Ele obedeceu.

Tomou tanto de minha carne ali como sua boca podia conter, e me mordeu. Mordeu-me com tanta força que me fez quase separar meu corpo completamente do chão, e gritei para ele. Mas não gritei pare, ou basta. Só gritei, com toda a garganta, minha coluna arqueada, olhando-o com os olhos bem abertos e a boca igual. Corri-me para ele, só sentindo seus dentes em minha carne mais íntima. Corri-me para ele, embora esse prazer fez que trocasse meu grito a...

—Para, para, OH, Deus, para! —Inclusive inundada no mais entristecedor dos prazeres eu podia sentir seus dentes a ponto de chegar muito longe. Quando algo dói no meio do orgasmo é necessário parar. Já que de outro modo está acostumado a doer quando a sensação de bem-estar começa a desvanecer-se.

Outra vez gritei...

—Para —e ele se deteve.

Caí sobre o chão, incapaz de focar o olhar, lutando por respirar, incapaz de me mover. Mas inclusive enquanto meu corpo estava indefeso sob a sensação de bem-estar, comecei a sentir dor. Doía onde seus dentes me tinham mordido, e eu sabia que logo me ia doer mais. Tinha deixado que meu desejo, e o do Mistral, levasse-nos muito longe sobre esse fino bordo.

Sua voz se ouviu...

—Não te fiz sangrar, e não te mordi com tanta força como o fiz em seu peito.

Assenti com a cabeça, porque não podia falar ainda. O ar era tão denso devido à tormenta próxima que fazia mais difícil respirar, quase da mesma forma em que a rainha podia fazer o ar muito espesso para respirá-lo.

—Está ferida? —perguntou.

Encontrei minha voz.

—Um pouco —a dor se fazia mais aguda. Só tinha um tempo limitado antes que realmente me comesse a doer. Queria que ele terminasse antes que o prazer realmente se convertesse em dor.

Mistral avançou lentamente a gatas sobre meu corpo, de modo que realmente não me tocava, mas podia ver minha cara.

—Está bem, Princesa?

Assenti com a cabeça.

—Me ajude a me girar.

—Por quê?

—Porque se terminarmos isto contigo em cima, vai doer muito.

—Fui muito rude —disse, e pareceu muito triste. O relâmpago apareceu primeiro em um olho logo no outro, como se viajasse de um lado de seu cérebro ao outro. A luz azul de um relâmpago se refletiu bruscamente sobre sua bochecha fazendo empalidecer o resplendor em seus olhos.

Começou a separar-se lentamente de mim como se fora a deter-se. Agarrei-lhe por braço.

—Não te detenha, pela Deusa, não te detenha. Só me ajude a dar a volta. Se tomar por trás, não roçará a parte de mim que machucou.

—Se te tiver feito mal, devemos nos deter.

Meus dedos se afundaram em seu braço.

—Se eu queria me deter, diria-lhe isso. Todos outros tiveram também medo de me machucar, e embora chegasse a ir muito longe, realmente eu gosto assim. Mistral, eu gosto de muito.

Ele me dirigiu um sorriso quase tímido.

—Notei-o.

Sorri a minha vez.

—Então nos deixe terminar o que começamos.

—Se estiver segura —No momento que o disse, e tal como o disse, soube que estaria segura a sós com ele. Se ele tinha vontade para renunciar às primeiras relações sexuais que lhe tinham devotado em séculos por medo de me machucar, então também tinha a disciplina necessária para controlar-se em privado. O Consorte nos proteja, mas tinha mais disciplina da que eu teria tido. Quantos homens teriam rechaçado chegar ao final, depois de um princípio assim? Não muitos, não muitos absolutamente.

—Estou segura —lhe disse.

Ele sorriu outra vez, e algo se moveu em cima de nós. Algo cinza se movia perto do alto teto abobadado. Nuvens. Havia um diminuto amontoado de nuvens perto do teto. Examinei a cara do Mistral e lhe disse...

—Foda-me, Mistral.

—É uma ordem, minha princesa? —Ele sorriu quando o disse, mas havia um rastro de algo que não era felicidade em sua voz.

—Só se quiser que o seja.

Ele me olhou, e logo disse...

—Preferiria ser eu quem dá as ordens.

—Então o faça – respondi.

—Dê a volta —disse. Sua voz não tinha a tranqüila firmeza que tinha tido antes, como se não estivesse seguro de que eu lhe obedecesse.

Eu me tinha recuperado bastante para me girar, embora lentamente. Ele se moveu para trás até que ficou ajoelhado a meus pés.

—Quero-te sobre suas mãos e joelhos.

Fiz o que ele pediu, ou ordenou. Fez-me ficar olhando ao Abeloec, que ainda se ajoelhava, imóvel, à cabeceira de nossa manta. Esperava ver luxúria em sua expressão, ou algo que me dissesse que desfrutava do espetáculo, mas não era isso o que havia em seu rosto. Seu sorriso era suave, pacífico. Não combinava com o que fazíamos, ao menos não para mim.

As mãos do Mistral acariciaram meu traseiro, e o senti roçar contra meu sexo. Pela frente estava dolorida, mas o resto de mim estava impaciente.

—Está úmida —disse Mistral.

—Sei —eu disse.

—Realmente desfrutou disso.

—Sim.

—Realmente você gosta que seja rude.

—Às vezes —lhe disse. A ponta de seu pênis se esfregou sobre meu sexo, muito perto, mas sem me penetrar.

—Agora? —perguntou ele.

Baixei o torso, de modo que meu traseiro se levantasse para ele, empurrando contra a sensação. Só seu leve movimento para trás me impediu de tomá-lo em meu corpo. Fiz um pequeno som de protesto. O vento continha aroma de chuva, a

acumulação de trovões silenciosos. A tormenta vinha, e o queria dentro de mim quando chegasse.

Ele riu, esse maravilhoso som masculino.

—Isso tomo como um sim?

—Sim —disse. Pressionei minha bochecha contra as frágeis folhas, meu rosto e minhas mãos tocando a terra seca. Tive que fechar os olhos contra a pressão das folhas mortas e plantas. Levantei meu traseiro para ele, e pedi, sem palavras, que tomasse. Não me dava conta de que o dizia em voz alta, mas devi fazê-lo. Porque então ouvi minha própria voz cantarolando...

—Por favor, por favor, por favor —repetidas vezes em um suave fôlego, meus lábios mais perto da terra morta que do homem a quem pedia.

Ele empurrou só a ponta de seu sexo dentro de mim, e o vento trocou instantaneamente. sentia-se quase quente. Ainda podia cheirar a chuva, mas havia também um aroma metálico. O aroma do ozônio, do relâmpago. O ar estava quente e espesso, e soube nesse momento que não se travava de que quisesse ao Mistral dentro de mim quando a tormenta se desatasse, mas sim a tormenta não chegaria até que ele estivesse dentro de mim. Ele era a tormenta, tal como Abeloec tinha sido a taça. Mistral era a pesada pressão do ar, e a agitada promessa de relâmpago.

Elevei-me e empurrei meu corpo para ele, mas ele me deteve com suas mãos em meus quadris.

—Não —disse—, não, eu direi quando.

Voltei a apertar a parte superior de meu corpo contra o seco chão.

—Mistral, por favor, não o sente? Não o sente? —disse-lhe.

—A tormenta —respondeu, e sua voz parecia mais baixa que antes, quase um grunhido, como se sua voz contivesse um eco de trovões.

Elevei-me, mas não para tratar de controlá-lo. Queria vê-lo. Queria ver se havia outras mudanças além do grunhido de trovões na sua voz. Ele ainda brilhava com o poder, mas era como se as escuras nuvens cinzas se moveram sobre esse brilho, de modo que eu só pudesse ver o brilho de seu poder através do véu de nuvens.

Ele me olhou, e seus olhos cintilaram brilhantes, tão brilhantes que durante um momento seu rosto se viu escurecido por aquela luz branca, tão branca. O brilho se apagou, deixando sombras de imagens em minha visão. Mas sem o relâmpago, seus olhos não eram do cinza das nuvens de chuva; eram negros. Essa escuridão que atravessa o céu a meio-dia, e envia a todos correndo a nos cobrir, porque só olhando o céu, sabe-se que algo perigoso está a ponto de chegar. Algo que te afogará, queimar, comoverá com o poder que está a ponto de cair do céu.

Tremi, olhando fixamente abaixo por meu corpo para ele, estremeci-me, me perguntando... Era eu muito mortal para sobreviver a isto? Podia seu poder queimar minha carne ou me danificar de alguma forma que eu não quisesse?

Era como se Abeloec ouvisse meu pensamento. Falou, com uma voz tão baixa e suave que me fez olhá-lo. Ainda estava ajoelhado diante de nós, mas era como se sua pele pálida desaparecesse na crescente escuridão, como se ele se desvanecesse do círculo de poder. Seu cabelo estava disparado com linhas azuis, vermelhas, e verdes, e essas linhas transpassaram o círculo que nos continha, indo para a escuridão e aos homens mais à frente do círculo. Seus olhos continham faíscas de todas essas cores, e dava a sensação de que seu poder crescia. Ele começou a ser esse poder, e não já Abeloec. Quase poderia dizer que se não fosse cuidadoso poderia chegar a converter-se nessas linhas de poder que se projetavam fora do círculo para a escuridão.

—A terra e o céu levam a cabo uma dança muito antiga, Meredith —disse—. Não lhe tenha medo ao poder. Esperou-te muito tempo para permitir que agora resulte ferida.

Encontrei minha voz em um sussurro rouco.

—Olha-o.

—Sim —disse Abeloec—, ele é a tormenta de volta à vida.

—Eu sou mortal.

Pareceu-me que ele sorria, mas não podia estar segura. Não podia ver seu rosto claramente, embora sabia que estava a só uns metros diante de mim.

—Neste tempo e lugar, você é a Deusa, a terra que sai a encontrar a carícia do céu. Isso sonha a alguém que é simplesmente mortal?

Mistral decidiu esse momento me recordar que estava ali. inclinou-se sobre meu corpo, e me mordeu as costas, enquanto seu corpo empurrava dentro de mim. A combinação dos dois movimentos me fez empurrar mais forte contra ele. Mordeu-me mais forte, e me retorci contra ele, apanhada entre seu corpo e sua boca.

Sua boca se apartou, e me rodeou com seus braços. Seu peso jazia a minhas costas como um cálido e sólido envoltório. Estava suportando a maior parte de seu peso porque suas mãos jogavam ligeiramente com meus peitos e estômago. Estava dentro de mim, mas tal como fez a primeira vez, uma vez dentro, tinha deixado de mover-se.

—Passou muito tempo. Não durarei se te move assim —disse, com seu rosto ao lado do meu.

Girei a cabeça, e ele estava tão perto que a luz que cintilava em seus olhos me cegou durante um segundo. Fechei os olhos e vi explosões brancas e negras estalando atrás de minhas pálpebras.

—Não posso deixar de me mover —disse, com os olhos ainda fechados.

Mistral suspirou, e mais que continuar empurrando-se mais fundo em meu interior, retorceu-se dentro de mim, o que provocou que eu por minha vez arqueasse, deixando ele escapar um som que era de uma vez metade agradar, metade protesto.

Os trovões ressonaram através da caverna, ecoando contra as paredes de rocha nuas, como um gigantesco rufo de tambor que pareceu vibrar através de minha pele.

—Calma, Meredith, tranqüila. Se te mover, não durarei.

—Como posso deixar de me mover contigo dentro de mim?

Ele me abraçou então, dizendo...

—Faz tanto tempo que alguém reagiu a meu corpo —Se separou de minhas costas, de modo que ficou outra vez ajoelhado, ainda com seu corpo embainhado dentro do meu. Empurrou seus quadris contra meu corpo e me dava conta de que quando estive inclinado sobre meu corpo não tinha estado completamente fundo em meu interior, porque agora a ponta de seu pênis topou com minha matriz, e adverti que ele poderia ser muito grande para esta posição. E entrando por trás, se o homem fosse muito grande, poderia chegar a fazer mal. Não me doía ainda, mas intuía a

certeza disso, quando ele empurrou brandamente contra o mais profundo de meu corpo. Pensar no que podia me fazer era excitante, e de uma vez um pouco aterrador. Eu queria senti-lo golpeando em meu interior e ao mesmo tempo não. O pensamento era emocionante, mas era um desses intentos que funcionam melhor na fantasia que na vida real.

Ele empurrou seu sexo dentro de mim, brandamente ao princípio, logo com mais força, como se tratasse de encontrar um caminho mais profundo. Empurrou lento e firme, e forte, até que eu deixei escapar um som de protesto.

Os trovões retumbaram outra vez, e o vento se converteu em um vendaval. Podia cheirar a chuva e o ozônio, como se o relâmpago tivesse golpeado em algum sítio perto, embora o único relâmpago tinha estado nos olhos do Mistral.

—Quanto você gosta da dor? —perguntou ele, e em sua voz se ouviam os trovões, do mesmo modo que na do Doyle podia escutar o grunhido de um cão.

Acreditei que sabia o que estava me perguntando e vacilei. Quanto eu gostava da dor? Decidi que ser honesta era o mais seguro. Olhei para trás por cima de minhas costas até que pude olhá-lo, e fossem quais fossem as palavras que estive a ponto de pronunciar, morreram em minha garganta. Ele era algo elementar. Seu corpo ainda mantinha um contorno, uma solidez, mas dentro dessa linha sólida de pele se viam nuvens cinzas, brancas e negras, jogando faíscas e retorcendo-se. O relâmpago cintilava em seus olhos outra vez, e esta vez se projetava para baixo por seu corpo, uma linha dentada de resplendor que enchia o mundo com o aroma metálico do ozônio. Mas não afetava a meu corpo como o teria feito um verdadeiro relâmpago. Em vez disso, só era um brilhante baile de luz.

Seus olhos brilhavam em sua cara, iluminada por chama atrás de chama de uma brilhante luz branca. Para o terceiro brilho, o relâmpago golpeou seu corpo e decorou sua pele. Seu cabelo se liberou do rabo-de-cavalo, e suas mechas cinzas dançavam ao som de seu poder, como uma suave manta cinza pendurada em uma corda de tender enquanto a tormenta trovejava cada vez mais perto.

Embora eu tinha feito o amor muitas vezes com guerreiros sidhe, e criaturas do mundo das fadas, a visão dele detrás de mim ainda me tirava o fôlego. Eu havia visto muitas maravilhas, mas nada como Mistral.

—Quanto você gosta da dor? —voltou a perguntar ele. Mas enquanto falava, o relâmpago cintilou e o resplendor encheu sua boca e saiu com suas palavras.

Disse-lhe a única coisa em que pude pensar:

—Termine.

Ele sorriu, e seus lábios continham um pouco desse brilho.

—Termine; Só termine?

Assenti com a cabeça.

—Sim.

—Desfrutará disso?

—Não sei.

Seu sorriso se alargou, e seus olhos brilharam, e essa linha de luz cintilou para baixo por seu corpo. O resplendor me cegou durante um momento. Ele começou a sair de mim.

—Assim seja —disse com essa voz profunda e retumbante. Os trovões ecoaram com o passar do teto, e durante um momento pareceu como se as mesmas paredes retumbassem com ele.

Ele se empurrou dentro de mim tão rápido e com tanta força como pôde, e era muito grande. Gritei, e esta vez não foi unicamente de prazer. Tentei não fazê-lo, mas comecei a me retorcer, não me aproximando, a não ser me afastando, retrocedendo lentamente longe dessa dor forte e aguda.

Ele agarrou fortemente meu cabelo, me sustentando no lugar enquanto se empurrava contra mim.

Gritei, e esta vez, havia palavras.

—Termina, Deusa, por favor acaba. Vamos, só vamos.

Ele me pôs sobre meus joelhos, usando meu cabelo como alavanca para pressionar nossos corpos o um contra o outro. Ainda estava sepultado em mim, mas a posição era mais cômoda. Aprofundava menos e não doía.

Com o outro braço me rodeou me mantendo aprisionada contra seu corpo. Apertou a mão em meu cabelo, extraíndo um som de mim que não era de dor.

Falou com a boca pressionada contra o flanco de meu rosto.

—Sei que te fiz mal antes, mas seu corpo já me perdoa. Tão logo, e já faz ruídos de prazer para mim —Atirou de minha cabeça para trás com seu punho enterrado em meu cabelo. Doía realmente, mas eu gostava de todos os modos. Tal como fez.

—Você gosta disto —sussurrou ele contra minha cara, e senti o vento contra meu rosto.

—Sim —disse.

—Mas não o outro —disse ele, e o vento nos golpeou, com força suficiente para fazer que nos balançássemos durante um momento. Olhei além dele e pude ver que o teto estava repleto de nuvens. Nuvens que poderiam ter sido gêmeas das que se moviam sob sua pele.

Ele atirou de meu cabelo outra vez, me aproximando de sua cara.

—Pensei que me ia correr muito logo, e agora me estou tomando muito tempo.

—Você não te correrá até que a tormenta o faça —Era a voz do Abeloe, e de uma vez de uma forma estranha não o era.

Mistral me soltou o cabelo, de modo que ambos pudéssemos olhar ao outro homem. O que vi foram uns olhos que resplandeciam com cores carmesins, verdes esmeralda e azul safira, como se estivessem cheios de jóias líquidas. Seu cabelo flamejava ao redor dele, mas não porque o vento o levantasse; parecia melhor a cauda de uma ave, ou uma capa sustentada com cuidado por umas mãos invisíveis. Os fios de cor brilhavam através desse cabelo, e se estendiam para a escuridão como cordas. Cordas de brilhantes cores que geravam formas escuras fora de nosso círculo de poder. Todos os homens nos jardins mortos estavam cobertos com essas linhas. Tratei de ver se estavam bem, mas os trovões rodavam através de nós, e era como se o mundo mesmo tremesse.

Mistral se estremeceu a meu redor e dentro de mim, me fazendo estremecer. Abraçou-me muito forte com ambos os braços. Não me fez mal durante um momento, ou tentou não fazê-lo.

—Se tomar por trás é muito, então o que fica? Tenho-te feito mal pela frente também.

Apoiei-me contra seu corpo, me relaxando contra ele completamente.

—Se for o bastante forte para te manter por cima e separado de meu corpo enquanto fodemos, não roçará minha parte frontal.

—Longe de seu corpo? —disse soando perplexo.

—Girarei-me, põe-te em cima, mas a única parte de ti que me tocará é aquilo que está dentro de mim agora.

—Se deitar plano, não serei capaz de entrar muito em ti.

—Elevarei-me até te encontrar. —Logo perguntei— O é?

—Sou o que? —perguntou ele, e o relâmpago em seus olhos me cegou durante um momento.

—Bastante forte —lhe respondi com minha visão cheia de brilhantes pontinhos brancos.

Ele riu, e me pareceu um estrondo de trovões não só a meus ouvidos, mas também ao longo de meu corpo, como se o som viajasse desde seus mesmos ossos para meus.

—Sim —disse—. Sim, sou o bastante forte.

—Me demonstre - disse, e minha voz foi um sussurro que quase se perdeu entre o som do vento e dos trovões.

Ele permitiu que me separasse e me ajudou a me recostar no que ficava de nossa manta. Se tivéssemos estado a ponto de fazer o amor na tradicional posição do missionário, então teria estado mais preocupada com a manta. Mas se fazíamos isto bem, muito pouco de mim tocava o chão.

Jazi contra o chão duro e seco durante um momento, com meus joelhos elevados. Mistral vacilou, ajoelhando-se entre elas. O relâmpago cintilou em seus olhos, dançando para baixo por seu corpo, de modo que por um momento pareceu como se o raio denteado saísse de seus olhos e suas pernas para penetrar na terra. Ouvi um rangido muito distante, e vi o primeiro baile de relâmpagos nas nuvens do teto. O aroma de ozônio era débil; o aroma de chuva próxima mais forte.

—Mistral —disse— agora, entra em mim agora.

—Roçarei a frente de seu corpo —disse ele—.Vai doer.

—Entra em mim, e te mostrarei.

Inclinou-se sobre mim, mantendo seus braços e seu corpo em cima do meu. Deslizou-se dentro de mim, e antes de que tivesse terminado, elevei-me até encontrá-lo.

Levantei meu corpo em uma espécie de abdominal. Eu não podia manter esta posição para sempre, mas poderia mantê-la muito tempo, se colocava minhas mãos a ambos os lados de minhas coxas e me sujeitava. Isso me mantinha na posição e me deixava amplamente aberta ao mesmo tempo.

Olhei como se empurrava dentro de mim, através da brilhante e branca luz de lua de minha própria pele, e do longínquo relâmpago que ele tinha liberado nas nuvens. Era quase como se agora o relâmpago estivesse lá em cima, e não dentro dele.

Começou a bombear seu corpo no meu. Só seu sexo entrava e saía de meu corpo, enquanto eu me mantinha como uma pequena bola apertada, e ele sustentava o resto de seu corpo por cima do meu.

—Adoro olhar seu corpo entrar e sair do meu —eu disse.

Ele baixou a cabeça até que seu cabelo se arrastou sobre mim, e pôde olhar seu próprio corpo entrar e sair do meu.

—Siiiiim—ofegou— siiiiim.

Começou a perder o ritmo e teve que apartar o olhar de nossos corpos unidos. Logo reatou uns golpes seguros e largos. Os trovões esmurravam o mundo, o relâmpago chispava e se rompia contra a terra. A tormenta estava chegando.

Ele começou a ir mais rápido, mais forte, golpeando-se contra mim. Mas nesta posição não me doía. Nesta posição se sentia maravilhoso. Já podia sentir o início de meu próprio prazer crescendo dentro de mim.

—Vou gozar logo —disse, e minha voz foi quase um grito sobre o som do vento e a tormenta.

—Não ainda —disse ele— não ainda. Não estava segura de se me estava falando , ou falava consigo mesmo, mas de repente pareceu como se outorgasse a permissão para foder-me com tanta força como queria. Conduziu-se dentro e fora de mim com uma força tal que balançou meu corpo, enterrando meu traseiro nas folhas, e me fez lançar um grito da mais pura alegria.

Os relâmpagos começaram a descer das nuvens. Um raio cadente atrás de outro como se as nuvens estivessem gritando, e fora o mais rápido que podiam lançar os relâmpagos sobre nós. A terra se estremeceu com o rufo dos relâmpagos e o retumbar dos trovões. Era como se o relâmpago golpeasse a terra tão freqüentemente como o corpo do Mistral golpeava o meu. Uma e outra e outra vez, afundou-se em mim, e uma e outra e outra vez, o relâmpago golpeou a terra. O mundo cheirava metálico com o ozônio, e cada cabelo se arrepiou devido à eletricidade estática do ambiente.

Ele me fez gritar, meus dedos se afundavam em minhas próprias coxas, sustentando minha posição, enquanto o orgasmo me sacudia, tomava, e meu corpo se convulsionava ao redor dele. Meus gritos se perdiam na violência da tormenta, mas escutei até o final o grito do Mistral em cima de mim, um segundo antes de que seu corpo entrasse no minha uma última vez. Ele gozou em meu interior, e o relâmpago golpeou a terra como uma enorme mão branca.

Fiquei cega pela luz branca. Enterrei minhas unhas em minhas coxas para me recordar onde estava, e o que fazia. Queria que sua liberação fosse tudo aquilo que ele desejava. Mas, finalmente, tive que me deixar cair sobre o chão, deixando que minhas pernas se estirassem. Jazi sobre a terra seca, ofegando, tratando de aprender de novo a respirar.

Ele caiu sobre mim, ainda dentro de meu corpo. Seu coração golpeava tão rápido que parecia como se se fora a sair de seu corpo e me tocar. A chuva começou a cair, brandamente.

Suas primeiras palavras foram ofegantes.

—Fiz-te mal?

Eu tratei de levantar meu braço para tocá-lo, mas ainda não podia me mover.

—Não me dói nada agora mesmo —disse.

Ele soltou seu fôlego em um comprido suspiro.

—Bem —Seu coração começou a reduzir a marcha quando a chuva caiu mais forte. Girei o rosto para um lado de modo que as gotas não me golpeassem totalmente.

Eu tinha pensado que o tempo na caverna se deteria com o orgasmo do Mistral. Mas embora a tormenta se terminou, havia ainda um céu em cima de nós. Um céu nublado, chuvoso. Não tinha chovido clandestinamente no sithen durante ao menos quatrocentos anos. Tínhamos um céu e chuva, e ainda estávamos clandestinamente. Era impossível, mas a chuva em meu rosto era morna. Uma chuva da primavera, algo suave, para lisonjear às flores.

Mistral se levantou o suficiente para sair de meu corpo e jazer a meu lado. Senti a umidade em seu rosto, e ao princípio pensei que era a chuva. Logo compreendi que eram lágrimas. Tinha vindo a chuva porque chorava, ou não tinha nada que ver uma coisa com a outra? Não sabia. Só sabia que ele chorava, e tomei entre meus braços.

Ele sepultou a cara contra meus peitos, e chorou.

CAPÍTULO 7

ABELOEC, MISTRAL, E EU NOS PUSEMOS DE PÉ SOB UMA SUAVE chuva primaveril. Levou-me um momento compreender que agora havia luz. Não o colorido brilho que tinha produzido a magia, a não ser uma luz débil, pálida, como se houvesse uma lua em algum lado perto do teto de pedra da caverna. Embora já não podia ver o teto. Estava escondido por uma bruma de amaciadas nuvens onde a pedra devia ter-se encontrado.

—Céu —sussurrou alguém—. Há um céu sobre nós.

Dei a volta para olhar aos outros homens que tinham permanecido fora do resplandecente círculo que a magia do Abeloec tinha criado. Procurava ao que tinha falado, mas no instante que vi outros, deixei de me preocupar por isso. Já não me preocupava se chovia, ou se havia céu, ou alguma lua fantasmal. O único em que podia pensar era que faltava gente. Muita gente.

Frost e Rhys eram sombras brancas na penumbra, e Doyle uma presença mais escura a seu lado.

— Doyle, onde estão os outros?

Foi Rhys quem respondeu.

—O jardim os levou.

—O que quer dizer? —Perguntei.

Dei um passo para eles, mas Mistral me conteve.

—Até que averigüemos o que ocorreu, não podemos te pôr em perigo, Princesa.

—Tem razão —disse Doyle.

Ele caminhou nu para nós, deslizando-se com elegância, mas havia algo no modo em que se movia que dizia que a luta não acabou. Movia-se como se esperasse que a própria terra se abrisse e atacasse. Só de olhá-lo me assustei. Algo horrível se abatia sobre nós.

—Fica com o Mistral e Abe. Frost vai com a Merry. Rhys, comigo.

Pensei que alguém ia discutir com ele, mas ninguém o fez. Obedeceram-lhe como o tinham feito durante mil anos. Notava meu pulso como um golpe surdo em minha garganta, e não entendia o que estava acontecendo, mas de uma coisa estive segura naquele momento: de que os homens nunca me obedeceriam como obedeciam a ele. E compreendi enquanto ele caminhava majestosamente sobre essa terra maltratada, com o Rhys como uma pequena e pálida sombra a seu lado. Por que minha tia Andais nunca tinha feito amor com o Doyle? Nunca lhe deu a oportunidade de encher seu ventre com um filho. Mas ela não compartilhava o poder, e Doyle era um homem ao que outros homens seguiam. Tinha madeira de rei. Eu sabia, mas o que não tinha estado segura até aquele momento era de se também os outros homens sabiam. Talvez suas mentes não compreendessem, mas em seus ossos, em seu interior, sabiam o que era ele, ou o que poderia chegar a ser.

Rhys e ele se moveram para uma borda de altas árvores, cujos ramos mortos se perfilavam no chuvoso e nublado crepúsculo. Doyle elevava o olhar para as árvores como se visse algo nos ramos vazios.

—O que é? —perguntou Mistral.

—Não vejo... — começou Abe; então ouvi como continha o fôlego.

—O quê, o que é? —Perguntei.

—Aisling, acredito... —sussurrou Frost.

Joguei uma olhada para o Frost. Eu recordava que alguns homens tinham estado tocando as árvores. Adair, por exemplo, subiu em uma. Recordava vê-lo entre os ramos quando estava no meio do sexo e da magia. Mas não recordava ter visto o Aisling depois que a magia nos golpeou.

—Vi o Adair subir a uma árvore, mas não recordo ao Aisling —disse.

—Ele desapareceu uma vez que entramos no jardim —informou Frost.

—Acreditava que tinha ficado na habitação com o Barinthus e outros —lhe respondi.

—Não, ele não ficou pra trás —foi Mistral quem disse isto.

—Não posso ver o que Doyle está olhando.

—Não desejaria vê-lo— disse Abe. —Sei que não.

—Não me trate como se fosse uma menina. O que vê? O que passou ao Aisling? —Separei-me do Mistral. Mas Abe e ele estavam ainda entre a franja de árvores e eu. —lhes mova a um lado —disse.

Eles se olharam de esguelha, mas não se moveram. Não me obedeciam como tinham obedecido ao Doyle.

—Sou a Princesa Meredith NicEssus, possuidora da Mão de carne e do sangue. São guardas reais, ou não são? Não deixem que o sexo entorpeça suas cabeças, movam-se senhores!

—Façam o que diz— disse Frost.

Trocaram olhadas, mas logo se separaram de forma que pudesse ver. Diferentemente do Frost, Doyle não teria me ajudado, porque agora eles não estavam me obedecendo. Obedeciam ao Frost. Mas isso era um problema a resolver outra noite. Esta noite, esta mesma noite, eu queria ver o que todos os outros tinham visto já.

Havia uma forma pálida penduranda do ramo mais alto da árvore mais alta. Ao princípio pensei que Aisling estava pendurando do ramo agarrando-o com suas mãos, pendurando-se de propósito; logo me dei conta de que suas mãos estavam a seus flancos. Pendurava do ramo, sim, mas suas mãos não se aferravam ao ramo. A chuva começou a cair mais forte.

—O ramo... —sussurrei—. Perfurou seu peito.

—Sim —disse Mistral.

Traguei com tanta força que me doeu. Não havia muitas coisas que pudessem matar a um nobre da Corte das Fadas. Havia histórias de sidhe imortais que se levantavam depois de ser decapitados, ainda vivos. Mas não havia nenhuma história sobre voltas à vida depois de que seu coração tivesse morrido.

Alguns guardas não tinham querido que Aisling dormisse na habitação conosco, acreditando que era muito perigoso. Contemplar seu rosto teria significado cair total e instantaneamente apaixonada por ele, sem nenhuma esperança. Inclusive deusas e alguns consortes tinham caído sob seu poder, uma e outra vez, conforme diziam as velhas histórias. Por isso, ele tinha mantido voluntariamente a maior parte

de suas roupas postas, incluindo o diáfano véu que tinha posto ao redor de seu rosto. Só lhe viam os olhos.

Aisling era um homem tão formoso que qualquer um que o olhasse, cairia apaixonado. Eu lhe tinha ordenado utilizar esse poder com um de nossos inimigos. Ela tinha tratado de matar ao Galen, e quase tinha tido êxito. Mas não tinha entendido o que lhe tinha pedido a ele, ou pior, a que tinha condenado ela. Ela nos tinha dado toda a informação, mas também cortou seus próprios olhos para não cair sob seu poder.

Inclusive tinha tido medo de tirar sua camisa diante de mim, por medo de que eu fosse muito mortal para olhar seu corpo, e isso sem mencionar sua cara. Eu não tinha caído sob seu feitiço, mas ao contemplar sua forma pálida, sem vida, perdida ente o crepúsculo e a chuva, recordei-o. Recordei sua pele dourada, coberta de ouro como se alguém tivesse sacudido ouro em pó por todo seu pálido e perfeito corpo. Ele cintilava sob a luz, não só com magia, mas também do modo em que uma jóia apanha a luz. Brilhava como a beleza que era. Agora pendurava sob a chuva, morto ou moribundo. E eu não tinha nem ideia do por que.

CAPÍTULO 8

A TERRA ERA BRANDA SOB NOSSOS PÉS ENQUANTO caminhávamos para onde estava o corpo do Aisling. A aguda e seca vegetação se abrandou sobre a terra árida. Se o aguaceiro continuasse tudo ia se converter em barro. Tive que proteger meus olhos com a mão para olhar fixamente para cima, ao corpo que pendia da árvore.

Um corpo, somente um corpo. Eu já estava me distanciando dele. Estava fazendo essa mudança mental que tinha me permitido trabalhar nos casos de homicídio em Los Angeles. Era o corpo, não ele, e sobre tudo não era Aisling. Isso estava pendurado ali, com um ramo negro mais grosso que meu braço lhe sobressaindo do peito. Tinha que haver no mínimo 60 cm de ramo se sobressaindo de seu corpo. Que força tinha sido necessária para conseguir perfurar o peito de um homem desta maneira, de um guerreiro da Corte Escura? Um ser quase imortal, uma vez adorado como um deus. Seres assim não morrem facilmente. Ele não tinha gritado até... ou... o tinha feito? Tinha gritado ele no momento de sua morte? E meus ouvidos... tinham estado surdos para ele? Meus gritos de prazer tinham afogado os seus de desespero?

Não, não, tinha que deixar de pensar desta maneira, ou se não começaria a gritar.

—Ele está... —começou a dizer Abe.

Nenhum dos homens lhe respondeu ou terminou a frase. Olhamos para cima, mudos, como se não dizendo-o, pudéssemos negar a realidade. Ele pendurava flácido, como uma marionete rota, mas maior e musculoso, e muito mais real que qualquer boneca. Estava completamente quieto e lasso dessa maneira pesada, que nem o sonho mais profundo podia chegar a imitar.

Falei nesse silêncio empapado pela chuva.

—... morto.

E essa única palavra soou muito mais forte do que em realidade era.

—Como? Por quê? —perguntou Abe.

—O como parece bastante evidente —disse Rhys. —O por que é um mistério.

Apartei o olhar do que pendurava da árvore para olhar para o final dos jardins. Não é que queria apartar o olhar do Aisling, mas é que estava procurando a outros. Tratei de ignorar a opressão em minha garganta, a aceleração de meu pulso. Tratei de ignorar a idéia que me tinha feito girar e procurar na penumbra. Havia ali outros homens mortos, ou moribundos, na escuridão? Alguém mais teria sido atravessado por uma árvore mágica?

Não havia nada que ver, exceto ramos mortos estirando-se nus para as nuvens. Nenhuma das outras árvores sustentava outro espantoso troféu. A opressão em meu peito se aliviou quando estive segura de que, salvo este, todas as outras árvores estavam vazias.

Mal conhecia o Aisling. Nunca tinha sido meu amante, e tinha sido um de meus guardas só durante um dia. Senti sua perda, mas havia outros dentre meus guardas pelos que me preocupava mais, e ainda estavam perdidos. Sentia-me feliz de que não decorassem essas árvores, mas isso não evitava que seguisse me perguntando o que poderia ter passado com eles. Onde estavam?

Doyle falou tão perto de mim que peguei um salto.

—Não vejo nenhum de outros nas árvores.

Neguei com a cabeça.

—Não, não.

Procurei o Frost. Ele estava perto, mas não o bastante para me abraçar. Queria ser consolada por um deles, mas sabia que era um desejo infantil. O desejo de um menino que necessita que lhe mintam na escuridão, que lhe digam que o monstro não está sob a cama. Mas eu tinha crescido em um mundo onde os monstros eram muito reais.

—Você sujeitava ao Galen, e Nicca estava contigo —lhe disse. —O que lhes ocorreu?

Frost retirou o cabelo empapado da cara, e seu cabelo prateado parecia cinza, tão cinza como se via o do Mistral sob uma luz mortíça.

—Ao Galen a terra o tragou. —Seus olhos mostraram dor. —Eu não pude lhe sujeitar. Foi como se uma grande força atirasse dele.

De repente me sentia gelada, e esta chuva morna não era suficiente para manter o frio a raia. Eu disse:

—Quando Amatheon fez o mesmo em minha visão, ele se foi por vontade própria. Só se foi afundando no barro. Não houve nenhuma força dilaceradora.

—Só posso te dizer o que aconteceu, Princesa.

Sua voz se tornou algo mal-humorada. Se pensava que eu o estava criticando, então que assim fosse; não tinha tempo para lhe agarrar da mão e lhe consolar.

—Era uma visão —disse Mistral. —Às vezes, neste lado do véu, a realidade não é tão suave.

—O que não é tão suave? —Perguntei.

—Ser consumido por seu poder —disse ele.

Sacudi a cabeça, limpando impacientemente a chuva de minha cara. Começava a me sentir irritada. O milagre de que chovesse nos jardins mortos não era bastante para acalmar o frio do medo.

—Desejaria que esta chuva deixasse de cair — eu disse sem pensar. Estava zangada e assustada, e me queixar da chuva era algo que podia fazer sem danificar nenhum sentimento.

A chuva cedeu. De ser um aguaceiro passou a uma ligeira garoa. Outra vez notava o pulso em minha garganta, mas não pela mesma razão. Era um milagre que chovesse aqui, e não era minha intenção fazê-la desaparecer.

Doyle tocou minha boca com a gema de um de seus calosos dedos.

—Silêncio, Meredith, não destrua a bênção desta chuva.

Assenti com a cabeça para lhe avisar de que lhe tinha entendido. Ele retirou seu dedo, devagar.

—Esqueci que o sithen escuta tudo o que digo. —Traguei tão forte que me doeu. —Não desejo que a chuva se detenha.

Ficamos aí de pé, juntos, esperando. Sim, Aisling estava morto, e muitos mais faltavam, mas os jardins mortos tinham sido uma vez o coração de nossa Colina das Fadas, e isso era mais importante que qualquer outra vida. Tinha sido o coração de

nosso poder. Quando este lugar morreu, nosso poder tinha começado a morrer com ele.

Vi com alívio que a morna garoa primaveril seguia caindo. Devagar, deixamos escapar o fôlego.

—Tome cuidado com o que diz, Princesa —sussurrou Mistral.

Só assenti com a cabeça.

—Nicca se levantou, contemplando suas mãos —disse Frost, como se eu lhe tivesse perguntado. —Tendeu uma mão para mim, mas antes que pudesse tocá-lo, desapareceu.

—Desapareceu... como? —perguntou Abe.

—Só desapareceu, como se se convertesse em ar.

—Ele foi absorvido por seu círculo de influência —disse Mistral.

—O que significa isso? —Perguntei.

—Ar, terra.

Agitei as mãos em sua direção, como se tentasse sacudir longe a neblina de confusão que havia entre nós.

—Não entendo.

—Hawthorne foi absorvido pelo tronco dessa árvore daí —disse Rhys, assinalando uma grande árvore cinzenta. —Não lutou contra ele. Foi sorrindo. Quase apostaria que se pudéssemos identificá-lo, seria uma árvore de espinheiro.

—Mas Galen e Nicca não se foram sorrindo —disse Frost.

—Eles nunca foram adorados como deuses —disse Doyle. —Por isso não sabem que terá que relaxar-se ante esse poder. Se lutas contra ele, se defenderá. Se lhe deixa tomar, então será mais suave.

—Sei que em tempos remotos, alguns sidhe podiam viajar através da terra, as árvores e o ar. Mas perdoem, meninos, isso foi milhares de anos antes que eu nascesse. Milhares de anos antes que Galen nascesse. Nicca é mais velho, mas sempre foi muito fraco para ser uma divindade.

—Isso pode ter mudado —disse Abe.

—Igual ao poder do Abe que retornou —disse Doyle.

Abe assentiu.

—Uma vez, faz já tanto tempo que não quero nem me lembrar, não só criei rainhas. Criei deusas.

—O que diz? —Perguntei.

Ele pôs o cálice frente a ele.

—Também os gregos acreditavam nisso, Princesa. Que a bebida dos deuses podia te fazer imortal; podia te converter em um Deus.

—Mas eles não a beberam.

—A bebida é... —ele pareceu procurar uma palavra mais apropriada—... só uma metáfora, às vezes. Era meu poder, e o do Medb, isso deu aos deuses e às deusas de nosso panteão suas marcas de poder. Esses desenhos, Princesa, que pintavam em sua pele.

Rhys olhou abaixo, a seu braço, onde antes tinha havido o impreciso contorno de um peixe. Agora havia dois, um que nadava para baixo, e o outro nadando para cima. Formavam um círculo, como uma versão em peixes do yin e o yang. As linhas azuis não eram tão fracas agora, eram brilhantes, de um azul claro, mais intenso que um céu do verão. Os cachos do Rhys estavam condensados pela chuva, e quando sua cara se girou para nós parecia assustado e desencaixado.

—Você agora leva ambos os sinais —disse Doyle.

Com seu cabelo penteado em uma apertada trança, ele se via como sempre. Permanecia de pé em meio de toda essa desordem como a rocha escura a que eu sempre podia me agarrar.

Rhys elevou a vista para ele.

—Não pode ser tão fácil.

—Tenta —disse ele.

—Tentar o quê? —Perguntei.

Os homens olhavam uns aos outros refletindo compreensão no olhar. Mas eu não entendi.

—Rhys era um deus da morte —disse Frost.

—Eu sei; ele era Cromm Cruach.

—Não recorda a história que te contou? —perguntou-me Doyle.

Naquele momento não a podia recordar. Tudo no que podia pensar era em que Galen e Nicca poderiam estar mortos, ou feridos, e que de alguma forma era minha culpa.

—Antes eu podia trazer algo mais que a morte, Merry —disse Rhys, ainda olhando fixamente sua nova marca em seu braço.

Finalmente, minha mente começou a funcionar.

—Segundo conta a lenda, as divindades celtas da morte também eram divindades curadoras... — eu disse.

—Segundo a lenda —disse Rhys, olhando fixamente para ao Aisling.

—Tenta —disse Doyle ao Rhys, outra vez.

Olhei ao Rhys.

—Está dizendo que pode fazê-lo retornar da morte?

—Quando eu tinha estes símbolos em meu braço, podia.

Ele me olhou, e havia tanta dor em seu rosto. Agora recordava o que tinha me contado. Em um tempo longínquo, seus fiéis lhe adoravam fazendo-se mal ou cortando-se, lhe oferecendo seu sangue ou sua dor, porque ele era capaz de curá-los. Mas logo, uma vez que Rhys perdeu sua faculdade para curá-los, seus seguidores pensaram que lhe tinham aborrecido. Pensaram que o que ele desejava era a morte de outros, e começaram a lhe oferecer sacrifícios. Ele teve que matar a todos para deter essas atrocidades. Matar parte de sua própria gente para salvar ao resto.

Ele nunca tinha perdido a capacidade de matar a pequenas criaturas com seu contato. Em Los Angeles, tinha recuperado a capacidade de matar a outros duendes com um toque ou uma palavra. Tinha matado a um trasgo desse modo, ao menos.

Rhys olhou fixamente a forma do Aisling.

—Tentarei.

Entregou suas armas ao Doyle e ao Frost e logo tocou à árvore. Pareceu esperar um momento pra ver o que fazia a árvore. Pela primeira vez compreendi que estava se perguntando se a árvore também mataria a ele, coisa que não me tinha ocorrido antes.

— É seguro para o Rhys fazer isto? —Perguntei.

Rhys olhou para trás em minha direção. Sorrindo abertamente.

—Vá, se fosse mais alto, não teria que subir.

—Digo a sério, Rhys. Não vou te trocar pelo Aisling. E na verdade tampouco quero que haja dois de vocês pendurados ali acima.

—Se realmente pensasse que me amava, não poderia me arriscar.

—Rhys...

—Está bem, Merry, sei qual é minha posição.

Então se girou para a árvore e começou a subir.

Doyle tocou meu ombro.

—Não pode amar a todos por igual. Não terá que envergonhar-se por isso.

Assenti com a cabeça, lhe acreditando, mas ainda assim tudo isto fazia que me doesse o coração.

Rhys parecia um fantasma branco contra a escuridão da árvore. Estava justamente debaixo de onde pendurava Aisling. Estava a ponto de alargar a mão para ele, quando a magia avançou lentamente através de minha pele, bloqueando o fôlego em minha garganta.

Doyle o sentiu, também, já que gritou...

—Espera! Não toque nele!

Rhys começou a descer da árvore, deslizando-se pela casca alisada pela chuva.

—Rhys! Anda depressa! —gritei-lhe.

O ar ao redor do corpo do Aisling brilhou como uma neblina de calor, logo estalou. Não em uma chuva de carne, sangue e osso, a não ser em uma nuvem de aves. Aves diminutas, muito pequenas, mais delicadas que os pardais. Dúzias de pássaros cantores voaram sobre nossas cabeças. Caímos ao chão, nos protegendo as cabeças. Frost colocou seu corpo sobre o meu, me resguardando da revoada, da multidão que gorjeava. As aves pareciam encantadoras, mas podia ser um engano.

Quando Frost se levantou o suficiente para que eu pudesse ver claramente outra vez, as aves tinham desaparecido entre a penumbra das árvores. Estirei-me para cima, tratando de ver.

—A parede da caverna está mais longe que antes? —Perguntei.

—Sim —me disse Doyle.

—Agora o bosque se estende ao longo de quilômetros... —disse Mistral, e em sua voz se ouvia temor.

—Eles o chamavam os jardins mortos, não o bosque morto —lhe disse.

—Era as duas coisas de uma vez —respondeu Doyle, brandamente.

Rhys explicou...

—Era um mundo em outro tempo, Merry, um mundo subterrâneo completo. Havia bosques e arroios, e lagos, e toda classe de maravilhas para contemplar. Mas foi desaparecendo gradualmente, quando nosso poder foi também desaparecendo lentamente. Até que, ao final, era só o que viu quando entramos, um árido terreno onde uma vez cresceu um jardim de flores rodeado por uma franja de árvores mortas. —Ele assinalou para as árvores que se estendiam. —A última vez que vi algo parecido a isto dentro de qualquer sithen foi há séculos.

Abe me abraçou por detrás. Assustei-me, me pondo esticada, por isso ele começou a separar seu braço de mim, mas o acariciei e lhe disse:

—Assustou-me, isso é tudo.

Ele vacilou, logo me abraçou para me ter mais perto.

—Criaste tudo isto, Princesa.

Dei a volta o suficiente para ver sua cara. Sorria.

—Pois acredito que você também me ajudou —lhe disse.

—E Mistral —acrescentou Doyle.

Sua profunda voz soou neutra ou quase, quase como se essas palavras lhe fizessem mal ao as pronunciar. Ele estava quase convencido de que o anel da rainha, que agora luzia em minha mão, tinha eleito ao Mistral como meu rei. Só mais tarde fui capaz de lhe convencer de que não tinha sido tanto Mistral, como o fato de que tinha sido a primeira vez que tinha tido sexo dentro da Corte levando o anel, o que tinha feito que este reagisse. Doyle tinha aceito, mas agora parecia que duvidava outra vez.

—Doyle... —lhe chamei.

Ele agitou sua cabeça para mim.

—Por milagres como este, o que importa a felicidade de uma pessoa, Princesa?

Quase o tinha convencido de que deixasse de me chamar princesa. Finalmente tinha chegado a ser para ele, Meredith, ou simplesmente Merry. Mas pelo visto, voltávamos para o começo. Toquei seu braço. Ele se apartou suave, mas firmemente.

—Rende-te muito facilmente, meu amigo —foi Frost quem disse isto.

—Há um céu em cima de nós, Frost —lhe respondeu Doyle, assinalando-o com seu braço estendido—. Há um bosque pelo qual caminhar —disse, elevando seu rosto e deixando que caísse a morna chuva sobre seus olhos fechados. —Chove dentro do sithen uma vez mais. —Doyle abriu os olhos e olhou ao Frost, agarrando seu braço, escuridão contra pálida luz. —Que mensagem mais clara necessita para entender, Frost? Parece que Mistral conseguiu.

—Não me renderei e entregarei minha esperança, Escuridão. Não a perderei, quando tão recentemente a ganhamos. E você não deveria, tampouco.

—Perdi algo —disse Rhys.

—Não perdeste nada —disse Doyle negando com a cabeça.

—Vá, isso está muito perto de ser uma mentira, e nós nunca mentimos —disse Rhys.

—Não discutirei sobre isso, estando ele aqui —disse Doyle, olhando por cima do Rhys para a alta figura do Mistral. Foi apenas um olhar de relance, mas suficiente para me dizer que estava ciumento.

—Contempla seu próprio poder, Escuridão —disse Abe.

—Já basta —disse Doyle. —Devemos explicar a rainha o que aconteceu.

—Olhe seu peito, Escuridão —disse Abe.

Doyle lhe olhou franzindo o cenho, logo olhou para baixo. Meu olhar lhe seguiu. Era difícil ver em sua pele negra, e com aquela luz incerta, mas...

—... há marcas em sua pele, linhas vermelhas. —Aproximei-me, tratando de decifrar que poder do Abe tinha marcado a pele do Doyle.

Comecei a alargar a mão para riscar as linhas em seu peito. Mas Doyle se apartou movendo-se fora de meu alcance.

—Não posso suportar muito mais, Princesa.

—Seu corpo leva impresso seu símbolo outra vez —disse Abe. —Não é só Mistral quem retornou.

—Mas foi ele, que devolveu a magia à Colina das Fadas —disse Doyle. —Eu estava preparado para seguir tentando, já que meu coração não ia me deixar perder esta luta. Mas isso foi antes que esta maravilha ocorresse, de que os jardins mortos voltassem para a vida, e de que meu sinal de poder retornasse. Servi a esta Corte século detrás de século, enquanto nós perdíamos tudo aquilo que fomos. Como poderia não servi-la quando começamos a reconquistar o que foi perdido? Ou meu juramento de obediência representa algo, ou não significa nada absolutamente. Ou faço isto pelo bem-estar de nossa gente, ou nunca teria sido a Escuridão da Rainha. Faço-o, ou não sou nada, não entende?

Abe foi para ele, tocando seu braço.

—Escuto-te, honorável Escuridão, mas te digo que este poder é generoso. A Deusa é uma deusa generosa. O Consorte é um deus generoso. Não dão com uma mão e tomam com a outra. Não são tão cruéis.

—Encontrei o serviço muito cruel.

—Não, você encontrou o serviço de Andais muito cruel —disse Abe, com voz suave.

Escutou-se o suave gorjeio de um ave na penumbra dos bosques enquanto se acomodava para passar a noite, sonolenta e indecisa.

Uma voz saiu dessa mesma penumbra...

—Pensava que era um parvo bêbado, Abeloec, mas agora comprovo que não é a bebida o que te faz assim. Simplesmente é seu estado natural.

Giramos para a voz. A rainha Andais caminhava pela parede mais longínqua, de onde ela tinha saído pouco antes. Tínhamos sido muito descuidados por não pensar que ela poderia retornar.

Abe caiu sobre um joelho no barro.

—Não quis te ofender, minha rainha.

—Sim, queira —disse enquanto caminhava um pequeno lance para nós, logo se deteve e fazendo uma careta, prosseguiu —me sinto muito feliz de ver a chuva e as nuvens, mas o barro, poderia ter passado dele.

—Sentimos que te desgoste, minha rainha —disse Mistral.

—A desculpa seria mais acreditável se estivesse de joelhos —disse ela.

Mistral caiu de joelhos no barro, ao lado de Abe. Seu cabelo era muito comprido, estava empapado e pesava; arrastava-o pelo barro. Eu não gostei de lhes ver assim. Me fez sentir medo por eles.

Ela caminhou pelo barro, que agora chegava aos tornozelos até que pôde tocá-los, mas passou de comprimento por diante deles. Em troca, avançou até que seus dedos puderam acariciar o peito do Doyle.

—Cachorrinhos —disse, sorrindo.

Doyle permaneceu imóvel, impassível sob a carícia de sua mão, embora Andais fizesse uma tortura com suas carícias. Ela jogaria e lhes atormentaria, para depois lhes negar a liberação. Tinha jogado a isto durante séculos.

Depois tocou o braço do Frost.

—Sua árvore é escura contra sua pele agora.

Moveu-se para o Rhys, tocando o desenho dos dois peixes. Logo se girou para mim, e lutei por não me apartar longe dela. Pôs sua mão sobre meu estômago onde se encontrava a impressão exata de uma borboleta, como uma das melhores tatuagens do mundo.

—Faz umas horas esta borboleta revoava, lutando por escapar de sua pele.

Baixei o olhar olhando onde tocava e esperando que não baixasse mais. Eu não gostava, mas ela poderia tocar minhas partes mais íntimas simplesmente porque sabia que eu a aborrecia. O sexo e o ódio sempre era uma mescla gratificante para minha tia.

—Meus guardas me disseram que se acabaria convertendo em uma tatuagem.

—Disseram-lhe o que era?

—Uma marca de poder.

Ela sacudiu a cabeça.

—Outros têm o contorno de uma criatura, ou uma imagem, mas sua borboleta parece real. É mais uma fotografia impressa em sua pele. Não é algo que a magia do Abeloec possa te dar. Isto... —disse, pressionando com força contra meu estômago— ...quer dizer que você pode marcar a outros. Significa que aqueles que você marca são poderes menores que se congregam ao calor de seu fogo. —Ela passou seu braço ao redor de minha cintura, e pressionou meu corpo contra seu vestido negro,

sussurrando contra meu ouvido... — Os homens não gostam disto, não, não gostam. Não gostam que eu te toque, nem um... —ela lambeu o bordo de meu ouvido — ...pouco... —voltou a lamber, descendo pela curva de meu pescoço—... nada —. Então me mordeu, forte e repentinamente, sem chegar a tirar sangue, mas fazendo que me sobressaltasse.

Ela apartou a cabeça e disse em voz baixa:

—Pensava que você gostava da dor, Meredith.

—Não, desta maneira não.

—Não é isso o que eu ouvi. —Deixou-me ir e caminhou a nosso redor. —Onde estão todos os homens que desapareceram do dormitório contigo?

—O jardim os tomou —disse Doyle.

—Tomou-os, como?

—Eles foram tomados pela árvore, a flor e a terra —disse ele, sem olhá-la aos olhos.

—Igual a Amatheon que ressurgiu da terra, eles voltarão? Ou, é sua morte o preço que temos que pagar por este milagre? —disse sussurrando, embora sua voz parecesse ecoar.

—Não sabemos —disse Doyle.

Uma ave começou a cantar outra vez. Um gorjeio agudo, como uma cascata de música caiu do céu, dançando sobre nós. E se o som pudesse ser como uma carícia, este nos rodeou como algo formoso, embora invisível. Pareceu um aviso de que a alvorada viria e a morte não seria para sempre. Era o som da esperança que chega com cada primavera para nos avisar de que o inverno não durará e a terra não está morta.

Não pude menos que sorrir. Mistral e Abe elevaram suas cabeças ao céu, como se agradecessem a chegada de um quente sol.

Quando a última e doce nota caiu do ar, Andais começou a retroceder, apoiando-se na parte de parede que ainda ficava sumido na escuridão, como se a volta da magia não tivesse que ver com ela.

—Fará da Corte Escura uma pálida imitação da Corte da Luz que governa seu tio, Meredith. Encherá a escuridão que é nossa vida com luz e música, e morreremos como povo.

—Uma vez houve muitas cortes —disse Abeloec—. Umas eram escuras, outras luminosas, mas todas estavam formadas por fadas e duendes. Não nos dividíamos em bons e maus como os cristãos fazem com sua religião. Fomos todos por igual, como o que somos.

Andais não se incomodou em responder. Em troca, simplesmente disse...

—Trouxeste a vida aos jardins mortos. Não tentarei burlar minha promessa. Vem ao Vestíbulo da Morte e salva às pessoas de Nerys se puder. Traz essa brilhante magia Luminosa ao outro coração da Corte Escura e vejamos se sobrevive.

E com isto, se foi.

Esperamos uns quantos pulsados de coração; então Mistral e Abe ficaram de pé, o barro lhes cobria as panturrilhas. Nenhuma escura voz lhes ordenou que se voltassem a ajoelhar. Deixei escapar o fôlego, o que me fez me dar conta de que o tinha estado retendo.

—O que quis dizer quando disse que nossa corte tem dois corações? — Perguntei.

Abe respondeu...

—Antes cada Colina das Fadas tinha um jardim ou bosque ou lago em seu coração ou centro. Mas cada Corte também tinha outro coração, outro núcleo de poder que reflete a classe de magia em que a corte se especializa.

—Você devolveu um coração à vida —disse Mistral—. Mas não estou seguro de se for sábio despertar de novo ao outro.

—O vestíbulo é uma câmara de tortura, onde quase nenhuma magia funciona. É um lugar neutro —disse.

—Mas antes, Meredith, foi algo mais.

Olhei aos homens.

—Mais... a que se referem?

—Tudo o que era mais antigo que as Fadas, mais antigo que nós, foi depositado ali. Os restos do poder dos povos que tínhamos derrotado.

—Não estou segura de entender, Mistral.

Ele olhou ao Doyle.

—Me ajude a explicar.

—Houve uma vez objetos no Vestíbulo da Morte que poderiam chegar a matar realmente a um sidhe. Foram confinados ali para serem utilizados como métodos de execução, ou tortura, ou simplesmente como ameaça. A rainha não lhes tinha muita avaliação porque, como você bem sabe, ela gosta de criar suas próprias torturas. Ver como algo nos rasgava membro a membro não era nem a metade de divertido que se o fazia ela mesma.

—E nos curávamos muito melhor se ela era a que nos atormentava —disse Rhys.

Doyle afirmou com a cabeça.

—Sim, ela podia nos torturar mais tempo e mais freqüentemente se não utilizava esses outros objetos.

—Que tipo de objetos? —Perguntei. Eu não gostava do sério que se puseram.

—Coisas terríveis. Um mortal enlouqueceria com apenas lhes jogar uma olhada —respondeu.

—Quando desapareceram essas coisas do sithen?

—Faz uns mil anos, talvez mais —disse Doyle.

—Não faz tanto tempo que desapareceram os bosques —disse.

—Não, não faz tanto tempo disso.

—Por que estão tão preocupados todos?

—Por que se você, ou o poder da Deusa através de ti, pode provocar isto —disse Abe, assinalando o bosque que se fazia maior —Então devemos nos preparar para o fato de que o segundo coração de nossa Corte possa voltar para a vida, também.

—Pode ser, possivelmente, que Merry seja muito Luminosa para poder conseguir que renasçam tais horrores? —perguntou Mistral, quase com esperança.

—Suas duas mãos de poder são a carne e o sangue—disse Doyle. —Não são poderes Luminosos.

—Procurei à princesa para que ajudasse à Casa de Nerys, mas agora não a poria em perigo, e menos por uma casa cheia de traidores —disse Mistral.

—Se os salvarmos, já não serão traidores —respondi.

—Mas ainda acreditam que sua mortalidade é contagiosa —disse Rhys—. Ainda pensam que se se sentar no trono, todos começaremos a envelhecer e a morrer.

—Acha que à Casa de Nerys ainda fica a suficiente honra para entender que estou tentando conseguir que o sacrifício de sua dirigente não fosse em vão? Nerys deu sua vida para que sua Casa não morresse, e acredito que isso quer dizer algo.

Os homens pareceram pensar sobre isto durante um momento. Finalmente Doyle disse...

—Eles têm honra, mas não sei se se sentirão agradecidos.

CAPÍTULO 9

—A MAGIA DA DEUSA NOS TROUXE ATÉ AQUI —DISSE Rhys, —mas como saímos? Não há nenhuma outra porta nos jardins mortos.

—Meredith —disse Frost.

Olhei-o.

—Pede ao sithen uma porta que nos conduza fora daqui.

—Pensa que será assim de fácil? —perguntou Rhys.

—Se o sithen desejar que Merry salve às pessoas de Nerys, sim —disse Frost.

—E se não desejar que sejam salvos, ou se não lhe importa?

Frost se encolheu de ombros.

—Se tiver uma sugestão melhor, escuto-te.

Rhys estendeu suas mãos como dizendo não.

Olhei para a parede escura e disse:

—Necessito uma porta que conduza fora daqui.

A escuridão diminuiu, e uma porta — uma grande porta dourada — apareceu na parede da cova. Quase estive a ponto de dizer Obrigado, mas a algumas das magias mais antigas não gostam que lhes agradeça, tomam como um insulto. Traguei, e sussurrei:

—É uma porta encantadora.

Apareceram talhas ao redor do marco da porta, videiras desenhadas sobre a madeira como se um dedo invisível as tivesse feito.

—Isto é novo —sussurrou Rhys.

—Passemos, antes que dita desaparecer —disse Frost.

Ele tinha razão. Com toda segurança. Mas estranhamente, nenhum de nós quis passar pela porta até que o dedo invisível teve terminado de desenhar as videiras. Só quando a madeira deixou de mover-se tocou Doyle o trinco de ouro, e o girou. Liderou o caminho até um vestíbulo que era quase tão negro como sua própria pele. Se ele ficava imóvel, se mesclaria com o entorno.

Rhys tocou a parede.

—Não tivemos um corredor tão negro como este no sithen durante anos.

—É feito da mesma rocha que a câmara da rainha —sussurrei. Eu tinha tido tantas más experiências na habitação de brilhante parede negra da rainha que ver o sithen voltar do mesmo negro que essa habitação me assustou.

Mistral foi o último em passar pela porta. Quando ele passou, a porta desapareceu, deixando uma negra parede Lisa, intacta e inflexível.

—O vestíbulo onde Mistral e Merry tiveram sexo é agora de mármore branco —disse Frost. —O que fez que este corredor trocasse a negro?

—Não sei —disse Doyle. Ele olhava por volta de um e outro lado do vestíbulo negro. —Isto trocou muito. Não sei em que zona do sithen estamos.

—Olhem isto —disse Frost. Ele olhava para cima na parede, a do lado oposto a nós.

Doyle se moveu para chegar até ele, contemplando o que me parecia uma parede em branco. Doyle deixou escapar um som que foi quase um vaio áspero...

—Meredith, bate na porta de volta.

—Por quê?

—Só faz isso. —Sua voz era tranqüila, mas vibrava com urgência, como se ele estivesse se controlando para falar em sussurros quando o que queria fazer era gritar.

Não discuti com aquele tom em sua voz. Falei outra vez:

—Eu gostaria de uma porta de volta aos jardins mortos.

A porta apareceu outra vez, toda de ouro e madeira clara, e videiras esculpidas. Doyle fez gestos ao Mistral para tomar a dianteira. Mistral alcançou o trinco de ouro, com a espada nua em sua outra mão. O que estava acontecendo? Por que estavam assustados? O que era o que estava perdendo?

Mistral passou através da porta com o Abe detrás dele, eu no meio, e Rhys e Doyle depois. Frost vinha ao final. Mas antes que eu cruzasse através da entrada, Abe se deteve, e a voz do Mistral se ouviu urgente desde dentro dos jardins mortos.

—Atrás, voltem!

—Não podemos ficar aqui no vestíbulo negro. —disse Doyle. Rhys empurrava contra minhas costas, e Abe pressionava contra minha frente. Estávamos congelados

entre os dois capitães dos guardas, cada um tratando de nos mover em direção contrária.

—Não podemos ter dois capitães, Mistral —disse Frost. —Sem um único líder estaremos indecisos e em perigo.

—O que acontece? —Perguntei.

Ouviu-se um som proveniente do fundo do vestíbulo, um pesado, deslizante som que congelou meu coração em meu peito. Tive medo quando o reconheci. Não, tinha que estar equivocada. Logo um segundo som chegou: um gorjeio alto que quase poderia ser confundido com aves, mas que não o eram.

—OH, Deusa —sussurrei.

—Se move, Mistral, agora, ou estamos perdidos —disse Doyle.

—Não é nosso jardim o que está além da porta —disse Mistral.

Os agudos sons parecidos com os pássaros se aproximavam, deixando atrás a pesada massa deslizante. Os sluaghs, o pesadelo da Corte Escura e um reino por direito próprio, moviam-se rápido mas as aves noturnas sempre se moviam mais rápido que o resto dos sluagh. Estávamos dentro da colina oca dos sluagh; de algum jeito tínhamos cruzado a seu sithen. Se eles nos encontravam aqui... possivelmente poderíamos sobreviver, ou não.

—Os Sluagh nos esperam ao outro lado da porta? —perguntou- Doyle ao Mistral urgentemente.

—Não —respondeu Mistral.

—Então avança, agora! —ordenou Doyle.

Abe deu um tropeção para diante como se Mistral se moveu repentinamente fora do caminho. Atravessamos a porta apressadamente com o Doyle empurrando de detrás. Ele era como algum tipo de força elementar a nossas costas. Terminamos em um montão sobre o chão. Eu não podia ver nada exceto carne branca, e sentia o peso musculoso de todos eles ao redor de mim.

—Onde estamos? —Perguntou Frost.

Rhys se moveu, me levantando com ele. Doyle, Mistral, e Frost estavam todos em alerta, com as armas a ponto, procurando algo contra o que lutar. A porta tinha desaparecido, nos abandonando na borda de um lago escuro.

Lago era possivelmente uma palavra muito forte para descrevê-lo. A fossa estava seca exceto por uma viscosa capa de água ao mesmo nível fundo. Havia ossos sujando o fundo do moribundo lago, e a borda onde estávamos. Os ossos brilhavam tenuemente sob a débil luz que caía do teto de pedra, como se a lua tivesse sido esfregada na rocha. A todo o comprimento da borda, as paredes de pedra da caverna se elevavam abruptamente na penumbra, rodeadas só por um suporte estreito que baixava escarpada até o leito do lago.

—Bate na porta outra vez, Meredith —disse Doyle, sua cara escura ainda rastreando a terra morta.

—Sim, e seja mais específica sobre nosso destino desta vez —disse Mistral.

Abe estava ainda no chão. Ouvi como continha agudamente o fôlego, e voltei a vista para ele. Sua mão era negra e brilhante sob a débil luz.

—O que são estes ossos que podem cortar a carne sidhe?

Doyle lhe respondeu...

—Estes são os ossos dos mais mágicos dos sluagh. Seres tão fantásticos que quando o poder dos sluagh começou a desvanecer-se, não havia suficiente magia para sustentar suas vidas.

Aferrei ao Rhys e lhe sussurrei:

—Estamos nos jardins mortos dos sluagh.

—Sim. Chama a porta, agora. —Doyle se girou para me olhar, olhando depois outra vez para a escura paisagem.

Rhys tinha um braço me rodeando e na outra mão sustentava sua pistola.

—Chama, Merry.

—Necessito uma porta ao sithen da Corte Escura.

No lado oposto do lago morto, a porta apareceu.

—Bem, isto é um inconveniente —sussurrou Rhys ironicamente, me apertando mais forte contra seu corpo.

—Há espaço para andar pelo bordo, se tomamos cuidado —disse Mistral. — Podemos caminhar entre as paredes da caverna e o lago, se escolhermos nosso caminho cuidadosamente ao redor dos ossos.

—Tenha muito cuidado —disse Abe. Agora estava de pé, mas sua mão e braço esquerdo estavam cobertos de sangue. Ainda sustentava o cálice em sua mão direita, e nada mais, pois tinha deixado todas suas armas no dormitório. Mistral tinha se vestido e rearmado. Frost levava tantas armas em cima como ao princípio da noite. Doyle tinha só o que tinha sido capaz de agarrar, não levar roupa limitava a quantidade que podia agarrar.

—Frost, coloque uma atadura na ferida do Abeloecc —disse Doyle. —Então começaremos a ir para a porta.

—Não é tão grave, Escuridão —disse Abe.

—Este é um lugar de poder para os sluagh, não para nós —disse Doyle. —Prefiro não ter que me deparar com a possibilidade de que morra sangrado por falta de uma atadura.

Frost não discutiu, mas sim foi para o outro homem com uma tira de tecido rasgado de sua própria camisa e começou a enfaixar a mão do Abe.

—Por que tudo dói mais estando sóbrio? —perguntou Abe.

—Também as coisas se sentem melhor estando sóbrio —disse Rhys.

Elevei a vista para ele e disse:

—Diz como se soubesse isso com certeza. Nunca te vi bêbado.

—Passei a maior parte dos mil e quinhentos tão bêbado como minha constituição me permitia estar. Se viu ao Abe tentá-lo a consciência, mas não permanecemos ébrios muito tempo. Mas o tentei, a Deusa sabe que o tentei.

—Por que então? Por que esse século?

—Por que não? —perguntou, fazendo uma brincadeira disso, pois isso era o que Rhys fazia quando estava escondendo algo. A arrogância do Frost, a inexpressividade do Doyle, o humor do Rhys: diferentes formas de esconder-se.

—Sua ferida necessitará um curador —disse Frost—, mas fiz o que pude.

—Muito bem —disse Doyle, e começou a avançar pelo caminho ao redor do bordo do lago, para o brilho suave, dourado da porta que tinha vindo porque eu a tinha chamado. Por que tinha aparecido no lado oposto nos fazendo cruzar o lago? Por que não ao nosso lado, como as duas vezes anteriores? E já que estávamos, por que

tinha aparecido? Por que estava o sithen dos sluagh obedecendo meus desejos, como o fazia o sithen da corte Escura?

A borda era tão estreita que Doyle teve que pegar suas costas contra a parede e avançar de lado a todo o comprimento do bordo, já que seus ombros eram muito largos. De fato eu cabia melhor que os homens no estreito caminho, mas inclusive eu tive que pressionar minhas costas nua contra a parede lisa da cova. As pedras não estavam frias como teriam que ter estado em uma cova comum, mas sim pareciam estranhamente cálidas. O bordo da borda pela que avançávamos pouco a pouco parecia para que coisas menores passassem, ou possivelmente nem sequer estava destinado para andar por aí absolutamente. Os esqueletos pulverizados pela borda pareciam ser de criaturas que nadavam ou rastejavam, não pareciam ser de nada que caminhasse erguido. Os ossos pareciam estar mesclados, aglomerados de qualquer maneira, recordando a peixes, serpentes e criaturas que normalmente, nos oceanos da terra mortal, não teriam tido esqueletos. Coisas que se pareciam com uma lula, exceto que as lulas não têm esqueleto interno.

Estávamos na metade do caminho daquela estreita borda balizada de ossos, quando o ar tremeu na margem mais longínqua à porta. Durante um momento o ar girou, e logo Sholto, Rei dos Sluagh, Senhor daquilo Que Transita No Meio, estava de pé ali.

CAPÍTULO 10

SHOLTO ERA ALTO, MUSCULOSO, ARRUMADO, E QUASE IDÊNTICO a um sidhe de nobre berço da Corte da Luz. Seu comprido cabelo era de um branco perfeito, como o resplendor do sol invernal sobre a neve. Levava um braço em tipóia, e quando girou sua cabeça para a luz, uma débil escuridão manchava um lado de sua perfeita cara, uma contusão. Kitto nos havia dito que a própria corte do Sholto lhe tinha atacado. Tinham medo de que se se deitasse comigo acabasse convertido em um sidhe puro, e já não seria o suficiente sluagh para ser seu rei.

Quatro figuras encapuzadas estavam de pé detrás dele. Estas se dispersaram, umas para a porta dourada, outras para onde estávamos nós.

Doyle disse:

—Rei Sholto, não estamos aqui por própria vontade. Pedimo-lhe perdão por entrar em seu reino sem ser convidados.

Eu teria caído sobre meus joelhos, se tivesse tido espaço, mas o precipício caía a pico a só uns centímetros de meus pés, e minhas costas estava encostada contra a dura parede de pedra. Não havia espaço para entreter-se neste atalho. E também havia pouco espaço para que os guardas lutassem. Se nos atacavam neste momento, perderíamos.

Uma folha brilhou tenuemente através do bordo da capa de um dos guardas mais baixos, quando este falou.

—Estão nus e quase desarmados: Só o desespero lhes traria para um lugar como este, e ainda por cima carregando a princesa.

—É o começo de sua invasão - veio de uma voz feminina, um dos guardas mais altos. Na verdade, eu conhecia essa voz. Era Agnes a Negra, a guarda-costas principal do Sholto, e a cabeça entre suas amantes nesta corte. Já tinha tentado me matar uma vez, por ciúmes.

Sholto se girou o suficiente para olhá-la. E esse movimento revelou umas amplas ataduras brancas que cobriam a totalidade de seu torso e abdômen. O que quer que tampassem devia ser uma ferida bastante séria.

—Basta, Agnes, basta! —disse Sholto fazendo-a calar, o eco de sua voz retumbando por toda a caverna.

A figura de Agnes coberta com um capuz negro apareceu por cima dele para me jogar uma olhada. Por um momento pude ver o brilho de seus olhos na escura fealdade de sua cara. As arpias noturnas eram feias; era parte do que eram.

Um dos guardas encapuzados mais baixos, inclinou-se sobre o Sholto, como se lhe sussurrasse algo, mas o eco que nos chegou ricocheteando ao longo das paredes da cova não era de uma linguagem humana. O agudo gorjeio de um ave noturna vinha de uma figura de tamanho humano, embora não podia ser um ave noturna já que andava erguida.

Sholto se voltou para nós.

—Dizem que a rainha lhes enviou aqui?

—Não —disse Doyle.

—Princesa Meredith —chamou Sholto. —Estamos em nosso direito se matarmos a seus guardas e lhe retemos aqui até que a rainha pague um resgate. A Escuridão sabe, igual ao Assassino Frost. Por outro lado, ao Mistral, seu tempestuoso caráter lhe poderia ter levado por mau caminho, e Abeloec poderia aparecer em qualquer lado quando se perde na bebida, não te parece, Segna?

A figura com capuz amarelo pálido falou com voz áspera.

—Sim, e ele é tão infeliz depois de limpar-se da bebedeira, não, Portador da taça? —Tinha ouvido chamar o Abe por esse mote zombador antes, mas nunca o tinha entendido até esta noite. Era um aviso do que ele tinha sido uma vez; uma forma de lhe jogar em cara o que ele tinha perdido.

—Vocês me ensinaram a ser mais cuidadoso em escolher onde cair desacordado, senhoras —disse Abe, e sua voz soou com seu habitual tom informal, divertido e também amargo.

As duas arpías riram. Os outros guardas participaram de um coro sibilante, agudo, que me fez saber que independentemente do que fossem, pertenciam à mesma raça de criatura.

Sholto falou...

—Não se preocupe, Escuridão, as arpías não ajudaram ao Abe a romper seu voto de celibato, já que isto significava pena de morte para todos. Mas rasgar a branca carne sidhe lhes diverte quase tanto como o sexo.

A aguda e gorjeante voz se deixou ouvir fracamente de novo. Sholto assentiu estando de acordo com o dito pela criatura.

—Ivar tocou na essência da questão. Estão empapados e até acima de barro, e isso não ocorreu aqui em nosso jardim.

Ele assinalou com sua mão ilesa a terra condensada, sedenta e a água a metros abaixo de nós, claramente inacessível.

—Dá-nos permissão para tirar a princesa desta cornija? —perguntou Doyle.

—Não —lhe espetou Sholto—. Está bastante segura ali. Responde a minha pergunta, Escuridão... ou Princesa... ou qualquer. Como lhes molharam e encheram de barro? Sei que neva na superfície, não o podem usar como desculpa para mentir.

—Os sidhe nunca mentem.

Foi Mistral quem disse isto.

Sholto e seus guardas riram de uma vez. A risada aguda e o gorjeio se mesclou com o retumbante baixo/contralto da risada das arpías e a risada sincera, alegre do Sholto.

—Os sidhe nunca mentem: Podemos nos economizar isto, a maior mentira de todas —disse Sholto.

—Não nos permitem mentir —disse Doyle.

—Não, mas a versão sidhe da verdade esta tão cheia de buracos que é inclusive pior que uma mentira. Os sluagh prefeririam uma mentira honesta às meias verdades da corte a que se supõe que pertencemos e que nos alimenta. Passamos fome com uma dieta de meias mentiras. Assim nos diga a verdade, se puder, como chegaram a parar aqui, molhados e enlodados?

—Choveu nos jardins mortos, em nosso sithen —disse Doyle.

—Mais mentiras —disse Agnes.

Tive uma idéia.

—Juro por minha honra... —comecei e uma das arpías riu disso, mas prossegui—... e pela escuridão que tudo devora que chovia nos jardins da Corte Escura quando os abandonamos.

Eu tinha feito não só um juramento que nenhum sidhe romperia com facilidade devido à maldição que implicava se se rompia, a não ser o mesmo juramento que eu lhe tinha exigido semanas atrás ao Sholto quando buscou em Califórnia. Ele tinha prometido mediante este mesmo juramento que não me faria nenhum dano, e eu lhe tinha acreditado.

A severidade do juramento fez calar até às arpías noturnas.

—Tome cuidado com o que diz, Princesa —disse Sholto. —Algumas criaturas mágicas ainda vivem.

—Sei o que jurei, e sei o que significa, Rei Sholto, Senhor daquilo que Transita no Meio. Estou molhada pela primeira chuva que tem caído sobre os jardins mortos em séculos. Minha pele está decorada com a terra renascida, e já não árida.

—Como pode ser possível? —Exigiu Sholto.

—Isso não é possível —disse Agnes. Ela apontou com seu escuro e musculoso braço à porta. —Isto é magia Luminosa, não Escura. Estão confabulados para nos destruir. Disse-lhe isso, a Corte da Luz nunca teria se atrevido se eles não tivessem o pleno apoio da Rainha do Ar e a Escuridão. —Ela assinalou dramaticamente para a brilhante porta. —Isso o demonstra.

—Meredith —disse Doyle brandamente—, faz com que a porta desapareça.

—Cochichar não te fará meu amigo, Escuridão —disse Sholto.

—Disse-lhe à princesa que fizesse que a porta desapareça, para que entenda que isto não é uma jogada dos Luminosos.

Agnes se deu a volta tão repentinamente que seu capuz caiu, para revelar a seca palha negra de seu cabelo, sua arruinada cútis, coberta de golpes e chagas. Que as arpías escondessem sua fealdade era uma raridade entre os sluaghs. A maioria deles viam cada singularidade como um sinal de beleza, ou poder. As arpías a escondiam, embora também o faziam os outros dois guardas mais baixos.

Agnes me apontou com sua larga mão de negras garras.

—Ela não pôde conjurar esta porta. É mortal, e uma mão mortal nunca poderia criar esta entrada.

—Princesa, faça-o —disse Doyle em voz baixa mas o suficientemente claro como para que não o pudessem acusar de estar sussurrando.

Então, falei em voz alta, para que eles me ouvissem, e a cova apanhasse o eco de minha voz, de modo que se estendesse ao longo das paredes.

—Desejo que a porta desapareça agora, por favor.

Houve um momento de vacilação, como se a porta queria me dar um segundo para reconsiderá-lo; então, como não o fiz, a porta desapareceu. Os guardas do Sholto se removeram inquietos, e Agnes se sobressaltou como se algo a houvesse tocado.

—Um mortal não pode controlar o sithen. Qualquer sithen.

—Eu teria estado de acordo contigo, até faz umas horas —lhe disse.

—E como chegou a parar aqui? —perguntou-me Sholto.

—Pedi uma porta para os jardins mortos. Nunca me ocorreu que a porta que eu pudesse conjurar me trouxesse para sua casa, Sholto.

—Rei Sholto —me corrigiu Agnes.

—Rei Sholto —disse obedientemente.

—Por que te traria essa petição a nosso jardim, Princesa Meredith? —perguntou Sholto.

—Doyle me disse que voltássemos para os jardins mortos. Só disse: Faz aparecer uma porta que leve aos jardins mortos. Mas não especifiquei a que jardim, e já conhece o resto.

Sholto me contemplou. O triplo círculo dourado de sua íris, da cor do ouro fundido, do dourado avermelhado das folhas de outono e o dourado pálido da luz do sol, faziam sua cara formosa, mas não menos intenso seu olhar. Ele me olhou como se pudesse me medir com um olhar.

—Não pode ser verdade —disse Agnes.

—Se fosse mentira teriam algo muito melhor que isso —disse Sholto.

—Ainda crê em tudo o que um pedaço de branca carne sidhe te diz, Rei Sholto? Não aprendeste nada do que eles lhe fizeram? —perguntou Agnes.

Eu não estava segura do que ela quis dizer, mas adivinhei que tinha algo que ver com as ataduras que ele levava.

—Silêncio —disse Sholto, mas havia algo em sua cara, no modo em que se deu a volta, que falava de vergonha. A última vez que eu tinha visto o Sholto, ele se tinha escondido detrás de uma máscara de arrogância, como as que punha Frost. Independentemente da máscara que tinha construído para esconder-se atrás dela na corte, esta parecia haver-se feito migalhas, de modo que agora não tinha nada depois do qual esconder suas emoções.

—Podemos nos aproximar de ti, Rei Sholto? —Perguntei, e minha voz soou clara, mas mais suave que antes.

O homem alto, elegante, arrogante, que eu me tinha encontrado em Los Angeles, não era o mesmo homem que estava de pé diante de mim agora, com os ombros ligeiramente encurvados.

—Não, não pode —disse Agnes com sua voz estranhamente sonora. A maioria das arpías noturnas, cacarejavam mais que falavam, como se tivessem tragado cascalho.

Sholto se voltou para ela, e o movimento custou-lhe, já que quase tropeçou. Isso pareceu alimentar ainda mais sua cólera.

—Sou eu o rei aqui, Agnes, não você. Eu! —disse, golpeando o peito. —Eu, Agnes, não você, eu! E ainda sigo sendo o rei aqui!

Ele se girou para nós. A parte dianteira de suas ataduras estava manchada de sangue fresco, como se lhe tivessem aberto alguns pontos. Sholto era metade nobre sidhe e metade sluagh, e os sluagh eram ainda mais difíceis de danificar que os sidhe. O que poderia lhe haver ferido tão gravemente?

—Traz-a sobre terra firme, Escuridão —disse Sholto.

Doyle me guiou para frente, cuidadosamente. A mão de Rhys nunca deixou meu outro braço. Entre os dois me deixaram na borda mais larga. Outros nos seguiram, pouco a pouco até chegar a um chão firme.

Doyle tomou minha mão e me conduziu para frente, muito formalmente, onde me esperavam os sluagh. Tivemos que avançar devagar, devido aos ossos. Tínhamos visto o que tinham feito ao Abe, e íamos descalços. E já tínhamos sofrido suficientes feridas por uma noite.

—Como te odeio, Princesa —disse Agnes.

Sholto falou sem girar-se para olhá-la.

—Estou muito perto de perder a paciência contigo, Agnes. E não desejaria isso.

—Eles se movem como luzes e sombras, tão elegantes, pela jazida de ossos que é nosso jardim —disse Agnes— e a olha como se ela fosse alimento e bebida, e você estivesse esfomeado.

Esse comentário me fez elevar o olhar, apartando a dos perigosos ossos.

—Não o faça, Agnes —disse ele, mas sua cara mostrava sua necessidade ao nu.

Ela tinha razão se observasse seu rosto. Era mais que simples luxúria, embora tampouco era amor. Havia dor em seu olhar, como um homem que olha algo que sabe que não pode ter, e que desejasse mais que qualquer coisa no mundo. O que tinha deixado Sholto nu aos olhos do mundo? O que o tinha desmascarado desta maneira?

Doyle se deteve em um espaço de terra em sua maior parte livre de ossos, também fora de alcance dos sluagh, ou o mais longe de seu alcance como pudéssemos estar aqui. Os outros homens tinham seguido nossos passos mantendo-se a nossas costas, como se Doyle lhes tivesse feito algum sinal que eu não tivesse visto, assim desta maneira não nos apertaríamos contra Sholto e seus guardas. Estávamos equivocados. Tínhamos invadido sua terra, não à inversa, por isso tínhamos que ser mais corteses. Eu entendia isso, mas olhando o rosto do Sholto, pareceu-me que tínhamos nos metido no meio de algo que não tinha nada a ver conosco.

Comecei a me ajoelhar e puxei Doyle comigo, para baixo. Prostrei minha cabeça, não só para mostrar respeito, mas também porque não podia sustentar o olhar na cara do Sholto por mais tempo. Não merecia esse olhar. Estava empapada e salpicada de barro. Deveria estar parecendo um gato arrastado na tempestade, mas

ainda assim ele me contemplava com um desejo que era doloroso de ver. Tinha aceitado ter sexo com ele, já que era membro do guarda real da rainha, assim como rei por direito próprio. Teria-me, então, por que me olhava do mesmo modo que Tantalus deve olhar no Hades?

—É a princesa da Corte Escura, herdeira da rainha. Por que te prostra ante mim?

A voz do Sholto tentou ser neutra, e quase o conseguiu.

Falei, olhando fixamente para o chão, com minha mão ainda descansando na do Doyle.

—Chegamos a suas terras involuntariamente, e sem sermos convidados. Somos nós os que incorremos em falta. E os que devemos uma desculpa. É o rei dos sluagh, e embora forme parte da Corte Escura, também tem um reino por direito próprio. Eu só sou uma princesa real, possivelmente herdeira de um trono que governa sobre suas terras; mas você, Sholto, já é rei. O rei da própria hoste escura. Você e seu povo são o último grande exército, os últimos caçadores selvagens. A gente que te chama rei é maravilhosa e temível. Eles e você, merecem em suas próprias terras todo o respeito de alguém que é menos que outro governante real.

Ouvi como alguém se removia incômodo detrás de mim, como se algum dos guardas protestasse por algo que falei, mas a mão do Doyle ainda na minha me tranqüilizou. Ele sabia que ainda estávamos em perigo; além disso, o que disse era verdade. Houve um tempo em que os sidhe deviam respeito a todos os reinos sob sua tutela e não só aos que se transmitiram por linhas de sangue.

—Levante-se, levante-se, e não zombe mim!

Inexplicavelmente, as palavras do Sholto estavam carregadas de raiva.

Levantei meus olhos para encontrar seu rosto bonito parecendo consumido por uma cólera que lhe carcomia.

—Não o entendo... —comecei, mas ele não me deixou terminar a frase. Avançou com largas pernadas, agarrou minha mão, e me puxou até me pôr em pé. Doyle veio comigo, apertando sua mão em minha outra mão.

Os dedos do Sholto se cravaram em meu antebraço quando puxou-me para me aproximar mais e bramou sua raiva a uns centímetros de minha cara.

—Não acreditava na Agnes. Não acreditei que Andais permitisse este ultraje, mas agora sim o faço. Agora acredito!

Ele me sacudiu com força suficiente para me fazer perder o equilíbrio. Só a mão do Doyle impediu que me caísse.

Lutei por manter minha voz neutra quando lhe disse:

—Não sei do que me fala.

—Não! Está certa? —disse, me soltando tão de repente que me enviou tropeçando contra Doyle e então Sholto cavou com sua mão ilesa as ataduras que cobriam seu peito e estômago, rasgando-as.

Doyle girou seu corpo de forma que eu ficasse atrás dele, de forma que seu corpo se interporia entre algo que estivesse a ponto de ocorrer e eu. A verdade, não ia discutir com ele. Um Sholto mal-humorado não era algo que eu tivesse visto antes.

—Vieram ver o que eles me fizeram? Quer vê-lo? —disse já gritando, enchendo a cova de ecos, como se as mesmas paredes também gritassem em resposta.

Podia ver o que havia sob as ataduras agora. A mãe do Sholto tinha sido uma nobre da Corte Escura, mas seu pai tinha sido um ave noturna. A última vez que eu tinha visto o abdômen nu do Sholto, sem o poder da magia que o fazia parecer liso e musculoso, e totalmente sêdhe, havia nele uma linha de tentáculos que começavam a uns centímetros de seu peito até chegar acima de sua virilha. Tinha um jogo de tentáculos que as aves noturnas utilizavam como braços e pernas, assim como uns tentáculos diminutos que sugavam e eram órgãos sexuais secundários. Tinham sido estes pequenos “extras” os que me tinham feito evitar tomá-lo em minha cama, e que a Deusa me perdoasse, tinha-os visto como uma deformidade. Mas agora não existia esse problema. Agora a pele onde os tentáculos tinham estado, estava em carne viva, vermelha e nua. Quem quer que tivesse feito isto, não só se encarregou de cortar os tentáculos, os tinham cortado junto com a maior parte de sua pele.

CAPÍTULO 11

ESSE OLHAR EM SUA CARA, MEREDITH. VOCÊ NÃO SABIA. Realmente não sabia. Sua voz soou mais calma, meio aliviada, meio ferida, como se ele não o tivesse esperado.

Eu me obriguei a apartar o olhar da ferida, e fixá-la em seu rosto. Os olhos estavam muito abertos, a boca aberta como se ofegasse. Parecia estar em estado de choque. Encontrei minha voz, mas era um sussurro rouco.

Eu não sabia. Lambi-me os lábios e tratei de me dominar. Era a Princesa Meredith NicEssus, esgrimidora de duas mãos de poder, com possibilidade de ser rainha; tinha que fazer melhor que isto. Estava amontoada contra Doyle, mas me apartei. Se Sholto podia sobreviver a semelhante ferida, então o mínimo que eu podia fazer era não me encolher ante isso.

De novo, a voz aguda veio de um dos guardas mais baixos, e Sholto falou em resposta.

Ivar tem razão. A expressão em seus rostos o deixa claro. Ninguém sabia. Por uma parte, sinto-me menos traído; por outra, dou-me conta de que temos um complô político em marcha e isso me diz que é muito perigoso para nossa corte, para nossas duas cortes.

Fui para ele, lentamente, da maneira em que me aproximaria de um animal ferido. Devagar, para não assustá-lo mais.

- Quem te fez isto? Perguntei-lhe.

- A corte dourada.

- Quer dizer os Luminosos?

Ele assentiu levemente.

- Só mesmo Taranis poderia ser capaz de te separar de seus sluagh. Nenhum outro nobre de seu corte é poderoso o bastante para te prender assim - disse Doyle.

Sholto olhou Doyle, um longo, pensativo olhar.

- Isso é um grande elogio vindo da Escuridão da Rainha.

- É a verdade. A princesa o disse melhor: os sluagh são os últimos da matilha selvagem. Os últimos dentro do mundo das fadas. Você e sua gente sozinhos ainda a magia selvagem correndo por suas veias. Não é um poder pequeno, Rei Sholto.

- Deveríamos ter ouvido a batalha inclusive dentro de nosso próprio sithen - disse Frost, e havia uma pergunta em sua voz.

Os olhos do Sholto saltaram para ele e logo se apartaram, como se se desse conta de repente de que não queria encontrar-se com o olhar de ninguém.

A voz da Segna a Dourada se ouviu queixosa do seu sujo capuz amarelo.

- O que não pode ser tomado com a força das armas, pode ser facilmente ganho com carne suave.

Sholto não lhe disse que se calasse. Deixou cair a cabeça, de modo que uma cortina de pálido cabelo ocultasse seu rosto. Não entendi o que havia dito Segna, mas estava claro que lhe tinha acertado de pleno.

- Eu não te perguntaria isto - disse Doyle - , mas se a gente do Taranis te feriu, então é um desafio direto à autoridade de nossa rainha. Ou ele acredita que nós não vamos responder, ou acredita que não somos o bastante fortes para responder.

Então Sholto elevou o olhar.

- Agora entende por que pensei que a Rainha Andais tinha que sabê-lo?

Doyle assentiu.

- Porque se ela não tivesse dado sua permissão, então este ataque teria ainda menos sentido.

- Há guerras que começaram por menos - disse Mistral.

O comentário ganhou um olhar do Sholto.

- A última vez que te vi, sentava-se na cadeira do consorte, aos pés da Princesa Meredith.

Mistral se inclinou.

- Foi uma honra.

- Eu me sentei nessa cadeira, e foi uma honra vazia. Encontrei-o você assim?

Mistral vacilou, e então disse...

- Eu encontrei tudo o que esperava encontrar, e mais.

Lutei para não me girar e olhá-lo. Sua voz era tão cuidadosa, soube que tinha visto algo no rei que estava ante nós que eu não tinha visto até agora. Sholto estava desesperado por conhecer o toque de outro sidhe; queria outro resplendor de alta magia para combinar com o seu. Não tinha me ocorrido que Sholto tinha estado aqui em seu próprio reino depositando suas esperanças em que eu mantivesse minha promessa e lhe oferecesse meu corpo. Intentos de assassinato, crimes e mais maquinações políticas das que eu podia recordar me tinham impedido de cumpri-lo. Mas eu não tinha pensado ignorar ao Sholto.

- Eu não pensei que fosse uma honra vazia, Rei Sholto - disse. -Penso cumprir a promessa que te fiz.

- Agora te deitará com ele. - A voz da Segna outra vez, soando como um áspero ganido.- Isso foi o que a rameira luminosa disse, que uma vez que ele se curasse, ela se deitaria com ele.

Levantei a vista para olhá-lo.

- Você permitiu que alguém te fizesse isto?

Ele sacudiu a cabeça.

- Nunca.

Ouviu-se a voz do Agnes, mais refinada, mais humana que a voz de sua irmã arpía.

- Sholto, você tem sonhado ser sidhe, completamente sidhe, desde pequeno. Não minta a alguém que ajudou a te criar.

- Também quis que as asas de um ave noturna saíssem de minhas costas quando era pequeno. Recorda?

Ela assentiu, com aquela cabeça que parecia ser muito grande para os estreitos ombros.

- Chorou quando te deu conta de que nunca teria asas.

- Queremos muitas coisas quando somos meninos. Admito que às vezes eu lamentei não sê-lo. - Fez um movimento como se tocasse o que já não estava ali, da mesma forma em que uma pessoa com uma extremidade amputada tratava de arranhar o membro fantasma. A mão caiu antes de tocar a ruína em carne viva que era seu estômago.

- Como lhe apanharam, e por que lhe fizeram isto? - Perguntou Doyle.

- Sou rei por direito próprio, não só um nobre do guarda da rainha. Se os luminosos não me vissem como uma coisa impura, eu poderia ter me deitado com uma de suas mulheres sidhe faz muito tempo. Mas sou considerado um crime pior que um mero sidhe escuro. A rainha Andais me chama sua Criatura Perversa, e os Luminosos acreditam sinceramente. Sou para eles uma criatura, uma coisa, uma abominação.

- Sholto... - sussurrei.

- Não, Princesa. Também vi como você estremecia, afastando-se de mim.

Movi-me para ele.

- No princípio, sim. Mas após te vi resplandecendo com seu poder, com todo um jogo de cores que fazia que esses apêndices extras brilhassem como jóias ao sol. Senti seu corpo vibrar com a magia e o poder, sua nudez dentro de meu corpo. - Toquei-lhe o braço.

Ele não se afastou.

- Você não o fodeu - disse Segna.

- Não, mas o tive em minha boca, e se não me tivesse interrompido essa noite, nós possivelmente teríamos feito mais. - Eu não tinha gostado dos apêndices extras de Sholto, mas uma vez que ele tinha começado a resplandecer com o poder, sua magia respondendo a meu toque, eu o tinha visto claramente durante um resplandecente momento. Tinha-lhe encontrado atraente e tinha visto esse ninho de tentáculos não como uma deformidade mas sim como outra parte dele. Duvidava de ter podido dormir na mesma cama com ele, mas quanto ao sexo... o sexo me tinha parecido uma boa idéia nesse momento. Agora tratei de deixá-lo ver em meu rosto, mas possivelmente já se refletia, porque ele se afastou e começou a explicar a história do engano.

- Deveria ter sabido que era uma mentira - disse ele. - Lady Clarisse se ofereceu a encontrar-se comigo. Ela me mandou uma nota em que dizia que me tinha visto fugazmente sem camisa, e não tinha podido deixar de fantasiar sobre isso. Saltei ante a oportunidade, não me parando a perguntar. Queria tanto estar com outro sidhe, mesmo que só por uma noite.

Eu não me sentia culpada muito freqüentemente, poucas fadas o fazem, mas nesse momento soube que se lhe tivesse tomado em minha cama, ele não teria sido vulnerável à artimanha da luminosa. Ou possivelmente teria sido mais vulnerável, nunca saberíamos.

Tentei abraçá-lo sem lhe fazer dano, mas Segna me alcançou e me afastou.

- Não volte a tocá-la - espetou Sholto a Segna, e sua voz estava repleta de uma ira sufocante.

- Agora ela te abraçará? - choramingou Segna; - agora te tocará, porque essas coisas repulsivas já não estão. Agora ela te quer, como a outra rameira sidhe.

- Ela haveria me tocado aquela noite em Los Angeles se você nos tivesse deixado sozinhos - disse ele.

Agnes alcançou à outra arpia e a empurrou para trás.

- Ele tem razão, Segna. Também temos parte de culpa nesta atrocidade.

Uma lágrima caiu do olho amarelo doentio de Agnes. Ela virou-se para que eu não a visse. A maior parte das fadas choram quando outras fadas choram, e demonstramos qualquer emoção abertamente. Era só quando estávamos perto de um trono que aprendíamos a esconder o que sentíamos. E nós acreditávamos que fôssemos um povo mais livre que eles.

- Lady Clarisse - continuou Sholto, - levou-me para dentro do sithen da luz. Levou-me às escondidas por caminhos afastados até seu quarto. Então me disse que embora os tentáculos a fascinassem, também os temia. Disse-me que não poderia suportar que os tentáculos a tocassem enquanto fazíamos amor. Sinceramente, nesse momento fui um tolo porque permiti que me atasse de modo que eu não a roçasse acidentalmente com as partes que ela tanto temia, e que também desejava como ela disse. - De novo, não olhou a ninguém aos olhos. Vi como avermelhava inclusive através dos fios de seu branco cabelo. Ardia pela vergonha. - Quando estive indefeso, outros sidhes se deslizaram sigilosamente na habitação. Eles me fizeram o que vê.

- Estava seu rei com eles? - Perguntou Doyle.

Sholto negou com a cabeça.

- Ele não é um rei que faça seu próprio trabalho sujo. Você sabe, Escuridão.

- O rei sabia? - Perguntou Doyle.

- Eles não teriam feito isto sem seu conhecimento - disse. - Temem-lhe muito.

- Mas não estando presente, deixou-se margem para negá-lo - disse Sholto. - Se pudesse ver o que ele esperava ganhar com isto, eu acreditaria dele. Mas que espera obter com isso?

- Alguns entre sua gente acreditaram que a Rainha Andais te fez isto ou permitiu que lhe fizessem isso. Possivelmente esta atrocidade foi cometida com essa intenção. Você é seu aliado mais poderoso, Rei Sholto. Se você deixasse seu bando, o que passaria então? - Perguntou Doyle.

- A única razão que pode ter o rei para querer a nossa rainha separada de seus aliados é se pensa em declarar a guerra. E se qualquer sithen entrar em guerra com outro, nosso tratado com a América será violado. Todos seremos expulsos do último país que nos acolheria. Se Taranis provocar isso, o resto de fadas se elevaria contra ele, e seria destruído.

Nós já sabíamos que Taranis fizera algo quase tão mau ou mais que isso no início do ano. Liberou o Inominável, um ser sem forma. Este ser foi criado a partir do poder descartado ao que todos os sidhes tinham sido forçados a renunciar a fim de que lhes permitisse ficar na América, uma das restrições que nos impôs o Presidente Jefferson quando nos permitiu ficar. Tínhamos levado a cabo dois esvaziados mágicos de poder na Europa, tentando nos controlar o suficiente para conviver pacificamente com os humanos, mas tínhamos feito outro aqui. Não acredito que qualquer dos outros sidhe entendesse ao que renunciávamos. Nasci muito tempo depois do feitiço, de modo que conheço nosso glorioso passado através de histórias, lendas e rumores.

Taranis tinha liberado toda essa magia reunida, e tratou de utilizá-la para matar Maeve Reed. Reed foi a deusa dourada de Hollywood, e durante um tempo, também a deusa do cinema. Ela conhecia seu segredo, que ele era estéril, e que a larga sucessão de algemas que ele seguia substituindo não tinham a culpa de não lhe dar filhos. Dele era o problema, e ele o tinha suspeitado durante cem anos, quando expulsou Maeve Rede do sithen por recusar compartilhar sua cama. Ela o rechaçou porque a última esposa que ele tinha deixado de lado ficou grávida de outra pessoa. Maeve disse ao Taranis, à cara, que acreditava que ele fosse estéril, e muitos anos mais tarde, ele tinha tratado de vingar-se.

Uma das coisas que incitou à Rainha Andais a me chamar do exílio tinha sido descobrir, graças aos médicos humanos, que ela era estéril. O governante da Terra das Fadas é a mesma terra, e se não for fértil e saudável, as pessoas e a terra morrem. É uma magia muito velha, e é certo. Se Taranis tinha sabido a respeito de sua esterilidade durante cem anos sem revelá-lo, então tinha condenado sabendo a sua gente à morte. No Mundo das Fadas se matava aos governantes por tais delitos.

- Todos vós estão muito tranquilos - nos disse Sholto. - Você sabe algo. Algo que preciso saber.

- Não somos livres de discuti-lo, não em público ao menos - disse Doyle.

- Não te será permitido estar a sós com ele - disse Agnes. - Não somos tão tolas quanto a isso.

- Eu não posso discutir com a Agnes por isso - disse Sholto. Outra vez fez o gesto de acariciar os membros perdidos. - Já me pus a mercê dos sidhe muito freqüentemente ultimamente.

- Nós não podemos contar esta historia sem a permissão de nossa rainha - disse Doyle. - Ganharia, no mínimo, uma viagem ao Vestíbulo da Morte.

- E eu não demandaria isso de ninguém - disse Sholto. - Agachou a cabeça, e um som lhe escapou. Foi quase um soluço. Quis abraçá-lo, mas eu não queria zangar mais a suas arpías. Além disso, elas tinham parte de razão, agora eu poderia tocá-lo sem estremecer. De todos os modos, eu o via como o que era, alguém a quem cruelmente lhe tinham praticado uma amputação. Eu havia sentido esses musculosos tentáculos em meu corpo, apenas um toque, mas tinham sido reais, e tinham tido uma utilidade que agora ele tinha perdido.

Sholto falou com voz fraca...

- Os Luminosos disseram que me faziam um favor. Se me curasse sem que a deformidade retornasse, a dama em questão cumpriria sua palavra e se deitaria comigo uma noite.

Compassivamente, iniciei uma carícia ali onde os tentáculos tinham estado, e então parei porque as feridas estavam abertas e sangravam, e se lhe tocasse lhe doeria.

- Mas os tentáculos formam parte de ti. É como te cortar um braço, ou pior.

- Sabe com que freqüência eu sonhei me parecendo com eles? - Disse-me assinalando para os homens que estavam a minhas costas. - Agnes tem razão. Sonhei parecendo completamente sidhe durante muito tempo, e agora é como você diz, perdi partes de mim mesmo. perdi braços, e mais que isso.

- A rainha não sabe disto - disse Doyle.

- Está certo disso, Escuridão? além de qualquer dúvida?

Doyle começou a dizer simplesmente sim, e então parou.

- Não, não estou seguro, mas ela não nos diria outra coisa; nem rumores do contrário tocaram nossa corte.

- Houve guerras que começaram por menos que isto, Escuridão. Guerras entre cortes das fadas.

Doyle assentiu.

- Sei.

- Agnes diz que Andais deve ter dado ao Taranis sua aprovação, embora fora tácita, ou Taranis não se teria arriscado. Pensa que minha arpía tem razão? Pensa que a rainha permitiu que isto acontecesse?

- Os sluagh são muito importantes para a rainha, Rei Sholto. Eu não posso imaginar um conjunto de circunstâncias nas quais Andais se arriscaria a danificar de tal forma os votos de aliança dos sluagh a sua corte. Eu penso que o motivo mais provável para que se tenha feito isto, ao menos em parte, é para tentar despojar a nossa rainha de sua força. Por que não chamou à rainha, a corte?

- Acreditei que ela deveria sabê-lo. Que ela tinha que ter dado a permissão. Estava de acordo com as arpías, não pensava que Taranis ousasse fazer isto sem o conhecimento do Andais.

- Não posso discutir seu argumento, mas não acredito que ela saiba - disse Doyle.

- Por que não me chamou, Sholto? - Perguntei. - Uma vez me disse que só nós dois entendíamos o que quer dizer ser quase sidhe. Quase o suficiente alto, quase o suficiente esbelto, quase, mas não o bastante puro para ser aceito.

Ele quase sorriu, quase.

- Podemos ter tido isto em comum, mas como te disse em Los Angeles, nenhum homem se queixou jamais a respeito de seu corpo; só mulheres invejosas.

Sorri-lhe.

- A respeito de meus peitos, tinha razão. - Isso ganhou um sorriso em troca, que, dada essa ferida atroz, fez-me respirar mais facilmente. - Mas sou muito baixa, e pareço muito humana para que a maior parte dos sidhe, sejam homens ou mulheres me permitam esquecê-lo.

- Eu lhe disse isso então: Eram tolos - disse Sholto. Tomou minha mão na sua e a levantou para beijá-la, mas quando tratou de inclinar-se, a dor o parou no meio do gesto.

Pressionei sua mão contra minha bochecha.

- Sholto, OH, Sholto.

- Tinha esperado ouvir ternura em sua voz, mas não por esta razão. Não se compadeça, Meredith, não poderia suportá-lo.

Eu não soube como responder. Só lhe sustentei a mão contra meu rosto, e tratei de pensar em algo que pudesse dizer que não lhe fizesse sentir-se pior. Como poderia não lhe compadecer?

- Quando passou isto, Rei Sholto? - Perguntou Doyle.

Sholto olhou além de mim ao outro homem.

- Faz dois dias, justo antes de sua segunda rodada de imprensa.

- Essa durante a qual se cometeram dois assassinatos? - disse Rhys.

Sholto o olhou.

- Você agarrou a seu assassino embora a polícia humana não saiba ainda. Ouvi que tenta deixar que se cure de sua tortura antes de mostrá-lo à polícia humana.

- Nossa rainha o deixou feito um desastre - disse Rhys.

- Ele é culpado? - Perguntou Sholto.

- Isso acreditam - disse Doyle.

- Mas não está seguro?

- O mesmo que se fez com seu estômago, a rainha Andais o fez com cada centímetro de Lorde Gwennin.

Sholto fez uma careta de dor e assentiu.

- A gente faria qualquer coisa para que tal dor cessasse.
- Inclusive confessar algo que não fez ? - disse Doyle.

Olhei ao Doyle então.

- Pensa que Gwennin é inocente?

- Não. Nem tampouco acredito que atuasse completamente sozinho. Andais estava usando seus próprios intestinos como correia para sujeitá-lo, Meredith. Ele teria sido um tolo se não tivesse confessado.

Sholto pressionou minha mão contra sua cara. Segna tratou de intervir, mas Agnes a deteve e os outros dois guardas se moveram entre o Sholto e as arpias. Vislumbrei o rosto de um dos guardas. Os olhos rasgados mas de uma só cor, a boca fina sem lábios, e uma cara que era uma combinação estranha de humanoide e ave noturna. Eles eram como Sholto, mas ninguém os confundiria jamais com um sidhe. Os olhos, eram olhos de trasgo. O guarda me olhou fixamente com uma cara que parecia só meio formada, as fossas nasais eram meras aberturas. Eu não apartei o olhar. Olhei-o fixamente, memorizei sua cara, já que eu nunca tinha visto outro exatamente assim.

- Não me acha feio. - A voz do guarda tinha esse fio de gorjeio, quase parecido a um pássaro, mas mais profundo.

- Não - disse.

- Sabe o que sou?

- Os olhos são de sangue trasgo, mas a cara é de ave noturna. Não estou segura sobre o resto - lhe disse.

- Sou meio trasgo e meio ave noturna.

- Ivar e Fyfe são meus tios por lado de meu pai - disse Sholto.

O segundo guarda falou pela primeira vez. Sua voz era mais profunda, mais "humana". Me ofereceu uma vista completa de sua cara. Seus olhos eram igualmente oblongos, a cor de um profundo e rico azul, mas ele tinha mais nariz, mais mandíbula inferior. Se tivesse sido mais alto possivelmente teria passado por um trasgo. Mas a pele não tinha exatamente a textura correta.

- Sou Fyfe, o irmão do Ivar - disse, jogando às arpias um olhar hostil. - Nosso rei sentiu a necessidade de ter alguns guardas masculinos, que não entrassem em conflito com suas necessidades físicas. Nós o protegemos, e isso é tudo.

- Este insulto não foi por nossa falta de habilidade para protegê-lo - disse Agnes. - Você, também, verá-se impotente quando ele perseguir seu próximo pedacinho de carne sidhe. Ele não quererá ter audiência, e irá com ela sozinho.

- Basta, Agnes. Basta, todos vós. - Sholto pressionou mais minha mão contra seu rosto. Por que não lhe disse isso, Princesa? Como poderia admitir que os Luminosos me fizeram isto? Que eu não fui o suficiente guerreiro para me salvar? Que caí em sua armadilha, porque eles me ofereceram o que você me tinha prometido? Agnes tem razão em uma coisa: Estou tão cego por meu desejo de estar com outro sidhe, tão cego que permiti a uma mulher da corte da luz me atar. Tão cego que acreditei na sua mentira de que estava fascinada com meus tentáculos, mas atemorizada com eles, também. - Ele sacudiu a cabeça? Sou o Rei dos Sluagh, e inclusive atado deveria ter tido a suficiente magia para me salvar disto. - Sholto me soltou e retrocedi.

- Os luminosos têm uma magia que nós não temos - disse Frost.

- Os sluagh têm uma magia que os luminosos nunca possuirão, disse. Toquei o braço do Sholto. Ele se estremeceu, mas não se apartou. Apertei seu braço, querendo desesperadamente sustentá-lo, tratar de afugentar essa dor. Descansei a cabeça contra seu braço nu. Minha garganta se fechou, e de repente me afogaram as lágrimas. Comecei a chorar agarrada a seu braço. Não podia parar.

Sholto me separou dele o bastante para poder ver minha cara.

- Está desperdiçando suas lágrimas comigo, por que?

Tive que lutar para falar.

- Você é formoso, Sholto, não deve lhes permitir que lhe façam acreditar outra coisa.

- Formoso agora que têm feito um açougue com ele ?disse Segna, aparecendo sobre nós, abrindo caminho por diante dos tios.

Sacudi a cabeça.

- Você nos interrompeu em Los Angeles. Viu o que fazia com ele. Por que eu estaria fazendo essas coisas se ele não fosse formoso para mim?

- Tudo o que lembro dessa noite, carne branca, é que matou a minha irmã.

Fiz-o, mas por acaso. Aquela noite, temendo por minha vida, eu tinha arremetido com uma magia que não sabia que tinha. Foi a primeira noite que minha mão de carne se manifestou. Era um terrível poder, essa habilidade de voltar os seres vivos ao reverso, sem que morressem. Viviam, impossivelmente seguiam vivendo, com suas bocas perdidas dentro de uma bola de carne, e ainda assim chiavam. Finalmente tinha tido que cortá-la a pedacinhos com uma arma mágica para terminar com sua angústia.

Eu não sei que sombras se deixaram ver em minha cara, mas Sholto se aproximou para mim. Foi para mim para me sustentar, para me dar consolo, e isso foi muito para a Segna. Empurrou longe aos outros dois guardas como se fossem palhas sob um vento tempestuoso e me golpeou gritando de raiva.

De repente houve movimento detrás e diante de mim. Todos os guardas se moveram imediatamente, mas Sholto estava mais perto. Ele utilizou seu próprio corpo para me proteger, de modo que as garras afiadas como navalhas da Segna lhe cortaram sua própria pele branca. Recebeu a pior parte do golpe que me estava destinado, mas inclusive o resto me fez cambalear para trás, intumescendo me o braço do ombro até o cotovelo ao receber o golpe. Não me doía porque não podia senti-lo.

Sholto empurrou aos braços do Doyle, e se girou, tudo no mesmo movimento. O movimento foi tão rápido que surpreendeu a Segna, fazendo-a tropeçar aproximando-se da borda do lago. O braço de Sholto foi uma pálida mancha imprecisa quando se estrelou contra ela. O golpe a mandou sobre a borda. Por um momento pareceu pendurar ali no ar, seu corpo quase nu revelado pelas asas de sua capa. Então caiu.

CAPÍTULO 12

ELA JAZIA JUSTO POR CIMA DA ÁGUA BAIXA, EMPALADA em vários ossos bicudos que sobressaíam dela da garganta ao estômago. Pendurava ali, apanhada, sangrando, como um peixe enganchado em um terrível anzol.

Acredito que os guardas do Sholto esperavam que ela simplesmente se desencravasse do bicudo espinhaço do esqueleto da criatura. Agnes, sobretudo, parecia estar esperando, paciente, despreocupada.

—Venha, Segna, te levante. —Sua voz soou já impaciente.

Segna continuava estendida ali e sangrando, as pernas agitando-se, expondo suas mais íntimas partes enquanto se debatia. As arpías levavam um cinturão de couro em que penduravam uma espada e uma bolsa, mas isso, e sua capa, era tudo. Seu corpo era maior que o de um humano e mais enrugado, como se fosse um gigante encolhido.

Vi os olhos exagerados, o medo em seu rosto. Ela não ia levantar-se. Às vezes, sendo eu mortal, reconhecia um verdadeiro dano mais rapidamente, porque a um nível visceral, eu sabia que era uma possibilidade. As criaturas que são imortais, ou quase, não compreendem os desastres que lhes podem acontecer.

—Ivar, Fyfe, vão por ela.

—Com o devido respeito, Rei Sholto —disse Fyfe—, eu preferiria ficar aqui, e enviar a Agnes abaixo.

Sholto começou a discutir, mas Ivar se uniu à discussão.

—Não nos atrevemos a te deixar sozinho com a Agnes aqui em cima. A princesa terá a seus guardas, mas você estará desprotegido.

—Agnes não me faria mal, —disse Sholto, mas ele estava olhando fixamente a Segna como se finalmente se desse conta de quão mau chegava a estar.

—Somos seus guardas, e seus tios. Não faríamos honra aos deveres que ambos os títulos suportam se agora lhe deixássemos sozinho com a Agnes —disse Ivar com sua voz parecida com a de um pássaro. As pessoas sempre esperavam que as aves noturnas tivessem umas vozes feias e siseantes, mas Ivar soava como um

pássaro cantor ou como possivelmente soaria um pássaro cantor se pudesse falar como os humanos. A maior parte das aves noturnas soavam assim.

—Segna é uma arpía noturna —disse Agnes—. Um simples osso não a derrubará.

—Eu tropecei com um osso como esse entrando em seu jardim —disse Abe, e levantou o braço envolto em tecido para ela. O sangue tinha empapado a maior parte do tecido.

—Há uma velha magia nesses ossos —disse Doyle—. Alguns deles são de coisas que caçavam aos sidhe e a outros sluagh antes de que fossem domados por seus primeiros reis.

—Não me lecione sobre minha própria gente —disse Agnes.

—Eu lembro de um tempo quando Agnes a Negra não era parte dos sluagh —disse Rhys, brandamente.

Ela o fulminou com o olhar.

—E eu recordo um tempo quando tinha outros nomes, Cavaleiro branco —disse ela cuspindo em sua direção—. Caímos ambos longe do que uma vez fomos.

—Vá com o Ivar, Agnes. Vá ver sua irmã —disse Sholto.

—Não confia em mim? —ela lhe perguntou, jogando-lhe um olhar terrível.

—Uma vez confiei em vocês três mais que em qualquer outro, mas vocês me feriram antes de que os Luminosos me apanhassem. Vocês me feriram primeiro.

—Porque quis nos trair com certa zorra de carne branca.

—Sou o rei aqui, ou não o sou, Agnes. Ou me obedece, ou não. Baixará com o Ivar para ajudar a Segna, ou o verei como um desafio direto a minha autoridade.

—Está gravemente ferido, Sholto —disse a arpía—. Não pode ganhar de mim estando tão fraco.

—Não se trata de ganhar, Agnes. Trata-se de ser rei. Sou seu rei, ou não o sou. Se for seu rei, então fará o que digo.

—Não faça isto, Sholto —sussurrou ela.

—Você me criou para ser o rei, Agnes. Disse-me que se os sluagh não temessem a minha vingança, então não seria rei durante muito tempo.

—Não quis dizer...

—Vai com o Ivar, agora, ou é o fim entre nós.

Ela alargou uma mão para ele como se fosse tocar seu cabelo.

Sholto girou para trás e lhe gritou...

—Agora, Agnes, vai agora, ou isto acabará mal entre nós.

Fyfe jogou para trás sua capa, revelando suas armas, e cada uma de suas mãos tocava o punho de uma espada, preparando-se para uma luta furiosa.

Agnes jogou ao Sholto um último olhar que era mais de desespero que de ira. Logo seguiu ao Ivar para baixo pela costa escarpada do lago, cravando suas garras no chão para não escorregar entre os ossos que perfuravam a terra.

Ivar já estava caminhando dentro da água quieta. Esta lhe chegava por cima da cintura, o que significava que a água era mais profunda do que parecia. Teve que obrigar-se a colocar uma mão sobre o coração da Segna entre o peso pendente de seus peitos. Sua cara inacabada sem lábios se voltou para olhar ao Sholto, e seu olhar não comunicava boas novas.

Agnes era mais alta que Ivar, e o teve um tempo mais fácil na água que só chegava às coxas. Vadeou a água até a outra arpia, e quando a alcançou deixou escapar um gemido de desespero.

Sholto se desabou de joelhos na borda do lago.

—Segna —disse, e havia verdadeira pena em sua voz.

Eu ajoelhei a seu lado e lhe toquei o braço. Ele se separou de um puxão.

—Cada vez que estou contigo, alguém a quem quero morre, Meredith.

Ivar chamou...

—Não estou seguro de que se esteja morrendo. Está gravemente ferida, mas ainda pode viver.

Agnes acariciava a cara de sua irmã. Mas podia ver a boca aberta, a respiração dificultosa. O sangue borbulhava na ferida de seu peito quando ela respirava e também caía de sua boca. Teria significado a morte para a maioria.

—Pode sobreviver a isto? —Perguntei, brandamente.

—Não sei —disse Sholto—. Houve um tempo em que se não tivesse sido um golpe mortal, mas se perdeu muito do que fomos.

—A ferida que se fez Abeloec com os ossos ainda sangra —disse Doyle.

A cabeça do Sholto se inclinou, escondendo sua cara sob uma cortina de cabelo branco. Estava o bastante perto para ouvir que estava chorando, embora tão quietamente que duvidei de que qualquer outro lhe ouvisse. Fingi não adverti-lo, como amostra de respeito para o rei.

Segna tendeu uma mão para ele, falando com uma voz rouca e fervendo com seu próprio sangue...

—Meu senhor, piedade.

Sholto elevou o rosto, mas manteve seu cabelo como escudo entre ambos, de forma que só eu, ajoelhada a seu lado, podia ver os vestígios de lágrimas em sua cara. Sua voz chegou clara e impassível; a gente nunca poderia ter adivinhado a dor em seus olhos ouvindo só essa voz.

—Pede a cura, ou a morte, Segna?

—A cura —conseguiu dizer ela.

Ele sacudiu a cabeça.

—Tirem-na dos ossos. —Ele olhou ao Fyfe—. Vá ajudá-los.

Fyfe vacilou por um momento e então se deslizou, com cuidado, para baixo pela costa para unir-se a seu irmão na imóvel e espessa água. Entre os três conseguiram liberar a Segna da maior parte dos ossos. Um deles parecia estar travado com as próprias costelas da Segna, e Agnes o quebrou para que eles pudessem tomá-la em seus braços. Segna se retorcia de dor e tossia sangue.

Agnes levantou uma cara manchada de lágrimas.

—Não somos a gente que uma vez fomos, Rei Sholto. Ela morre.

Segna tendeu uma tremente mão para ele.

—Piedade.

—Não podemos te salvar, Segna. Sinto-o —disse Sholto, já que agora parecia estar claro que isto era assim.

—Piedade —disse ela outra vez.

Agnes disse...

—Há mais de uma classe de piedade, Sholto. Abandonaria-a a uma morte lenta? —Sua voz conseguiu soar de uma vez, tanto estrangulada pelas lágrimas como ardente pelo ódio. Tais palavras deviam queimar ao sair.

Sholto moveu a cabeça.

—Esta morte é tua, Sholto —disse a voz aguda do Ivar.

—Sua morte, rei e princesa, —disse Agnes, me olhando com tal veneno que lutei para não me estremecer. Se um olhar pudesse matar, eu teria morrido por esse olhar em seus olhos. Ela cuspiu na água.

—Ela não a golpeou, fui eu —disse Sholto enquanto se levantava. Ele tropeçou realmente, e eu o sujeitei lhe ajudando a ficar em pé. Sholto não se apartou, o que me permitiu saber que estava muito ferido. Podia ver a ferida sangrenta que Segna lhe tinha feito, mas não acreditei que fora essa ferida que o fez tropeçar. Nem era a amputação o que o debilitava agora. Há feridas que nunca mostram no corpo que estão mais profundas e mais danosas do que algo que sangra.

—Minhas desculpas, Sholto, mas a arpía tem razão —disse relutantemente a aguda voz do Ivar—, Segna feriu os dois. Se a princesa não fosse um guerreiro, então ficaria livre disto, mas ela é um sidhe da Corte Escura, e todos os que reclamam sê-lo são guerreiros.

—A princesa matou mais de uma vez no desafio —disse Fyfe.

—Se ela não ajudar a dar fim a Segna, então nunca será reconhecida como rainha dos sluagh —disse Agnes, acariciando a cara da Segna em um gesto surpreendentemente gentil tendo em conta suas garras afiadas como adagas.

Ouvi o suspiro do Doyle. Ele se aproximou o suficiente para poder me sussurrar...

—Se não ajudar a levar a cabo esta matança, Agnes pulverizará o rumor de que não é um guerreira.

—E isto o que significaria? —Sussurrei em resposta.

—Poderia significar que quando se sentar no trono da Corte Escura, os sluagh não irão a sua chamada, já que eles são um povo guerreiro. Não serão dirigidos por alguém que não se manchou de sangue na batalha.

—Eu me manchei —disse. O intumescimento desaparecia, e agora a dor era aguda e dilaceradora. A ferida sangrava livremente. O que precisava era obter atenção médica, não chapinhar em água lamacenta—. Necessitarei uma dose de antibióticos depois disto.

—O que? —perguntaram de uma vez Doyle e Sholto.

—Sou mortal. A diferença do resto de vocês, pode me infectar a ferida, é como um envenenamento do sangue. Assim depois de que nos arrastemos por essa água, necessitarei antibióticos.

—Realmente pode pegar tudo isso? —perguntou Sholto.

—Tive a gripe, e meu pai se assegurou de que tinha todas minhas vacinas ao dia, não estava certo de quanto poderia resistir ou do que me poderia curar.

Sholto me olhou fixamente, estudando minha cara.

É frágil.

Assenti.

—Sim, sou-o, segundo os padrões das fadas. —Elevei o olhar para o Doyle. — Sabe, às vezes não estou segura de querer governar aqui.

—Realmente quer dizer isso?

—Se houvesse uma alternativa melhor que meu primo, sim, isso quero dizer. Estou cansada, Doyle, cansada. Tanto que quis retornar ao sithen, e agora começo a sentir falta de Los Angeles da mesma forma. Para pôr alguma distância entre toda esta matança e eu.

—Disse-lhe isso uma vez, Meredith, se pudesse suportar dar a corte ao Cel, eu partiria contigo.

—Escuridão —disse Mistral—, não pode querer dizer isso.

—Você não esteve no exterior do sithen exceto durante pequenas viagens. Não viu que existem maravilhas fora de nossas colinas. —Ele tocou meu rosto—. Há algumas maravilhas que não se desvanecerão quando sairmos daqui.

Doyle havia me dito que renunciaria tudo e me seguiria ao exílio. Frost e ele, os dois. Em um primeiro momento, quando pensaram que o anel da rainha, uma relíquia do poder, tinha escolhido ao Mistral como meu rei, Doyle tinha se desmoronado e disse que não ia aguentar me assistir com outro. Logo, refez-se e recordou seu dever, como eu tinha recordado o meu. Os aspirantes a reis e rainhas não escapavam e se escondiam, e cediam seus países a tiranos loucos como meu primo Cel. Ele estava mais louco que sua mãe, Andais.

Elevei a vista para olhar fixamente ao rosto do Doyle, e lhe quis. Queria escapar com ele. Frost chegou até nós. Olhei a meus dois homens. Quis envolvê-los a meu redor como uma manta. Não queria descer a esse buraco pestilento e caminhar sobre ossos afiados como navalhas e água suja para matar alguém a quem nem sequer tinha pensado fazer mal.

—Não quero esta morte.

—Deve escolher —disse Doyle brandamente.

Rhys se uniu a nós.

—Se estamos falando de nossa fuga definitiva a Los Angeles, posso vir também?

Ri-me dele, acariciando seu rosto.

—Sim, você vem também.

—Bem, porque uma vez Cel esteja no trono, a Corte da Escuridão não será segura para ninguém.

Fechei os olhos, descansando a frente durante um minuto contra o peito nu do Doyle. Pressionei a bochecha contra ele, forte, de forma que pudesse escutar o lento e estável pulsar de seu coração.

Abeloec, que tinha estado calado, falou junto a meu rosto:

—Você bebeste profundamente da taça, de ambas as taças, Meredith. Em qualquer lugar que vá os sidhe lhe seguirão.

Eu o olhei, tratando de perceber todos os duplos significados no que havia dito.

—Eu não quero esta matança.

—Deve escolher —disse Abeloec.

Segui obstinada ao Doyle por um momento mais, logo me afastei. Obriguei-me a estar de pé, erguida, os ombros para trás, embora o ombro que Segna tinha ferido me doía e ardia. Se meu corpo não se curasse por si mesmo, ia necessitar pontos. Se alguma vez pudéssemos voltar para a Corte Escura, havia curadores que poderiam me curar. Mas era como se algo, ou alguém, não me quisesse de volta ali. Não pensava que fossem nossos respectivos inimigos políticos, mas sim começava a sentir a mão da deidade empurrar firmemente em minhas costas.

Tinha querido que a Deusa e o Consorte se movessem entre nós outra vez, todos nós tínhamos querido isso. Mas começava a me dar conta de que quando os deuses se movem, ou você sai do caminho ou é varrido para fora. Não estava segura de que me tirar do meio fosse uma opção para mim.

Captava um débil aroma a flores de macieira, um pequeno... o que? Aviso? Advertência? O fato de que eu não estivesse segura de que fosse uma advertência de perigo ou um consolo espiritual resumia mais ou menos meus sentimentos a respeito de ser o instrumento da Deusa: Tome cuidado com o que desejas.

Olhei Sholto, com sua ferida que gotejava sangue sob suas ataduras. Os dois, ele e eu, tínhamos querido pertencer, pertencer sinceramente aos sidhe. Ser honrados e aceitos por eles. E olhe o que tínhamos conseguido.

Ofereci-lhe a mão, e ele tomou. Tomou, e a apertou com força. Inclusive em meio de todo esse horror e morte, eu senti naquele toque quanto significava para ele me tocar embora fosse dessa maneira. De algum modo, o fato de que ele ainda me quisesse tanto o fazia tudo pior.

—Tratei de compartilhar a vida contigo, Meredith, mas sou Rei dos Sluagh, e a morte é tudo o que tenho para oferecer.

Apertei sua mão.

—Ambos somos sidhe, Sholto, e isso é uma coisa da vida. Somos sidhes escuros, e é uma coisa da morte, mas Rhys me recordou o que tinha esquecido.

—O que tinha esquecido?

—Que as divindades que entre nós, antigamente traziam a morte, também levavam a vida. Não estávamos destinados a ser divididos assim. Não somos luz e escuridão, bons e maus; somos ambos e nada. Esquecemos todo aquilo que somos.

—O que sou neste momento —disse Sholto—, é um homem que está a ponto de matar a uma mulher que foi minha amante, e minha amiga. Não posso pensar em nada mais deste momento como se quando ela morrer pelas minhas mãos, eu fosse morrer com ela.

Neguei com a cabeça.

—Não morrerá, mas pode lamentar não havê-lo feito, durante um momento.

—Só durante um momento? —perguntou Sholto.

—A vida é uma coisa egoísta —lhe disse—. Se superar a pena e deixar para trás o horror, começará a querer a viver outra vez. Estará contente de não ter morrido.

Ele trouxe com força suficiente para que eu o ouvisse.

—Não quero passar por isso.

—Ajudarei-te.

Sholto quase sorriu, e pareceu como se uma sombra passasse sobre seu rosto.

—Acredito que já ajudaste o bastante. —Com isto soltou minha mão e começou a descer para a borda, utilizando a mão sã como ajuda para não escorregar sobre os ossos.

Eu não me girei para olhar a ninguém. Só comecei a descer para a borda. Olhar para trás não me faria me sentir melhor. Olhar para trás simplesmente faria com que desejasse pedir ajuda. E algumas coisas tem que as fazer você mesma. Às vezes governar só quer dizer que não pode pedir ajuda.

Dava-me conta de que os ossos não eram cortantes em toda sua longitude, em sua maior parte era só nas pontas onde estavam afiados de uma forma atroz. Agarrei-me brandamente aos que pareciam mais arredondados utilizando-os como cabos. Tive que jogar mão de toda minha concentração para baixar até a água sem escorregar ou me cortar a mão.

A água estava surpreendentemente morna, como a água do banho. O chão sob a água estava brando, viscoso, mas parecia mais ser de limo do que de barro. Manter o equilíbrio era complicado, e outra vez tive que me concentrar no que estava fazendo. Centrei-me em manter o equilíbrio, evitando algo que parecia um osso. Não queria pensar no que estava a ponto de fazer.

Segna já tinha tentado me matar duas vezes, mas eu não podia odiá-la. Tudo teria sido muito mais fácil se pudesse tê-la odiado.

CAPÍTULO 13

SE NÃO TIVESSE amedrontada DE me CRAVAR OS OSSOS, teria nadado até onde Sholto e Agnes ainda sustentavam a Segna. Os outros dois guardas, Ivar e Fyfe, ainda estavam na água, mantendo-se perto, mas sem sustentar a mulher caída. A água chegava aos ombros, e me ardia nas marcas que as garras da Segna tinham me feito, e era o suficientemente profunda para poder nadar nela, se aqueles ossos não estivessem ocultos sob a superfície. Meu sangue se deslizava na água negra, perdendo-se.

Sholto sustentava a cabeça e a parte superior do corpo da Segna tão bem como seu único braço o permitia. Agnes ainda estava a seu lado, ajudando-o a sustentar a sua irmã sobre a água. Tropecei no fundo brando e me afundei. Saí cuspiendo.

A voz do Agnes me chegou claramente quando disse ao Sholto...

—Como pode desejar a essa débil coisa? Como pode ser isso o que desejas?

Escutei a terra deslizar-se, a água mover-se. Girei-me para encontrar ao Doyle e ao Frost na água, caminhando para mim.

—Esta é sua matança ou nunca será rainha —disse Agnes.

—Não devemos matar por ela —disse Doyle.

—Viemos para protegê-la, igual ao guarda de seu rei lhe protege —disse Frost, e sua cara era uma máscara arrogante. Seu muito caro e claro traje estava empapado de água suja. Seu comprido cabelo prateado se arrastava pela água atrás dele. De alguma forma, parecia como se a água o sujasse mais que aos outros, como se a água danificasse sua branca e chapeada beleza mais severamente.

A escuridão do Doyle parecia fundir-se com a água. O fato de que sua larga trança se arrastasse por ela não parecia incomodá-lo. A única coisa que lhe preocupava era manter limpa sua arma. As armas modernas disparam muito bem mesmo que estivessem molhadas, mas ele tinha começado a usar armas de fogo

quando a pólvora seca significava a diferença entre a vida e a morte, e os velhos hábitos são difíceis de eliminar.

Esperei que chegassem até mim, porque necessitava o consolo de suas presenças enquanto fazia isto. O que realmente queria fazer era me lançar em seus braços e começar a gritar. Não queria assassinar mais, queria a vida para minha gente. Queria trazer o retorno da vida às fadas, não a morte. Não a morte.

Esperei, e deixei que suas mãos me oferecessem consolo. Deixei que me levantassem do brando e traiçoeiro fundo e me guiassem pela água. Não me desabei sobre eles, mas me permiti obter coragem da força de suas mãos.

Um osso roçou minha perna.

—Um osso —disse.

—Um espinhaço, assim parece —disse Doyle.

—Está esperando que Segna morra antes de que consiga chegar até aqui? — Perguntou Agnes com voz zombadora. As lágrimas que brilhavam em seu rosto fizeram que não lhe tivesse em conta seu tom. Estava perdendo a alguém com quem tinha vivido, tinha lutado, tinha amado durante séculos. Ela já me odiava antes disto; agora me odiaria muito mais. Não a queria como minha inimiga, mas parecia que fizesse o que fizesse, não poderia evitá-lo.

—Estou tentando não compartilhar seu destino —disse.

—Espero que o faça —me respondeu Agnes.

Sholto, com lágrimas em seu rosto, olhou-a.

—Se alguma vez levantar uma mão contra Meredith outra vez, você e eu teremos terminado.

Agnes lhe contemplou, procurando em seu rosto, enquanto sustentava o corpo da Segna. Olhou fixamente o rosto do homem que amava e o que ali viu lhe fez inclinar a cabeça.

—Farei o que meu rei deseja.

As palavras eram amargas; pareceu que minha garganta se encolhia só das ouvir. Deviam ter queimado na garganta do Agnes.

—Jura-o —disse Sholto.

—Que juramento me pediria? —perguntou Agnes, com a cabeça ainda inclinada.

—O juramento que Meredith fez e o que fará.

Ela tremeu, e não foi devido ao frio.

—Juro pela escuridão que devora todas as coisas que não machucarei à princesa aqui e agora.

—Não —disse Sholto—, jura que nunca a danificará.

Ela se inclinou mais, arrastando seu seco e negro cabelo pela água.

—Não posso fazer esse juramento, meu rei.

—Por que não pode fazê-lo?

—Porque pretendo lhe fazer dano.

—Não jurará não lhe fazer dano alguma vez? —Sholto parecia surpreso.

—Não o farei; não posso.

Ivar, o da voz de pássaro, disse...

—Posso sugerir, Alteza, que ela faça o juramento de não machucar à princesa agora, para que todos possamos sair daqui de uma vez. Podemos tratar com sua traição mais tarde, uma vez que nos tenhamos ocupado da urgência que temos neste momento.

Sholto sustentava a Segna contra ele, e as amareladas mãos dela com suas garras rotas lhe aferravam.

—Tem razão —disse, olhando ao Agnes, que ainda estava inclinada sobre o corpo da Segna e a água. —Faz o juramento que foste fazer, Agnes.

Ela se endireitou e a água se escorreu de seu cabelo.

—Juro pela escuridão que devora todas as coisas que não machucarei à princesa neste momento.

—Posso sugerir algo, Rei Sholto? —perguntou Doyle.

—Sim —respondeu Sholto, embora seus olhos permanecessem fixos na mulher que agonizava em seus braços.

—Agnes a Negra deveria acrescentar a seu juramento que não machucará à princesa enquanto estejamos aqui em seu jardim.

Sholto só assentiu e sussurrou...

—Faz-o como ele diz, Agnes.

—Os guardas sidhe dão ordens a nosso rei agora? —disse ela.

—Faz-o, Agnes! —gritou-lhe ele, e seu grito terminou em um soluço. Sholto inclinou seu corpo sobre a Segna e chorou abertamente.

Ela me fulminou com o olhar enquanto falava, a mim, não ao Doyle, e cada palavra pareceu sair dela quase à força.

—Juro pela escuridão que devora todas as coisas que não machucarei à princesa enquanto estejamos nos jardins mortos.

—Acredito que isso é o melhor que obteremos dela —disse Frost, em voz baixa.

—Sim —Assentiu Doyle.

Ambos me olharam, como se soubessem que isso era uma má idéia. Respondi a seu olhar falando em voz alta...

—Não há forma alguma de evitar isto, teremos que confrontá-lo. Temos que sobreviver a este momento para passar ao seguinte.

—Segna não sobreviverá a este momento —disse Sholto, levantando seu rosto durante um momento.

Ele não tinha estado tão transtornado em Los Angeles quando eu tinha feito algo muito mais horrível a Nerys a Cinza, sua outra arpía. Não o assinalei, mas não pude deixar de notá-lo. Ambas tinham sido suass amantes, mas de novo, eu sabia melhor que a maioria, que não se sente o mesmo por todos seus amantes. Segna significava algo para ele, e Nerys não. Simples e doloroso, mas verdadeiro.

Olhei além da arpía agonizante para Agnes a Negra, que observava ao Sholto atentamente. Compreendi nesse momento que ela não só chorava pela morte da Segna, mas também recordava que ele não tinha chorado pela Nerys. Perguntava-se se ele choraria por ela? Ou já sabia que ele tinha amado mais a Segna? Não estava segura, mas diria que era um pensamento cru e doloroso o que se refletia em seus rasgos. Ela contemplou ao choroso rei, e a idéia de sua perda pareceu gravar-se em seu rosto. Não ia ser só o duelo pela perda da Segna o que ela obteria do trabalho de esta noite.

Agnes pareceu notar o peso de meu olhar, porque se girou. Olhou-me e a pena em seu rosto se transformou em um ódio afiado, ardente. Pude ver minha morte em seus olhos. Agnes me mataria, se pudesse.

A mão do Doyle se esticou em meu braço. Frost passou por cima dos ossos escondidos sob a água até situar-se diante de nós, e interpôs seus amplos ombros no caminho do olhar do Agnes, como se sozinho seu olhar pudesse me fazer dano de algum jeito. Aquele momento passou. Mas haveria mais noites, e mais oportunidades para me converter em uma princesa mortal assassinada.

—Ela fez seu juramento —disse Sholto com voz afogada. —É tudo o que podemos fazer esta noite. —Este último era quase uma admissão de que ele também tinha visto o mesmo no rosto do Agnes. Eu teria gostado de poder acreditar que ele poderia manter sujeitas as rédeas que controlavam a arpía, mas o olhar do Agnes me disse que não havia rédea, de honra ou amor, mais forte que seu ódio.

Não queria matar a Segna, não queria acabar com sua vida enquanto Sholto chorava por ela. E agora soube também que deveria matar ao Agnes ou ela me veria morta. Não poderia fazê-lo eu mesma, e possivelmente não seria hoje, mas teria que ordenar sua morte. Era muito perigosa, muito bem colocada entre os sluagh para permitir que vivesse.

Quando deixei que o pensamento afluísse do fundo de minha mente, não soube se rir ou chorar. Eu não queria matar a uma arpía, e tinha odiado ter que matar à primeira, e ainda assim planejava já a morte da terceira.

Frost e Doyle me levantaram sobre o rosário escondido de ossos. Levaram-me quase flutuando até o Sholto, onde ele chorava pela arpía. Tentaram me soltar, mas me afundei até o queixo quando me deixaram. Sujeitaram-me ao mesmo tempo, os dois me elevando sobre a água negra.

—Ela deve manter-se sobre seus próprios pés para levar a cabo esta matança —disse Agnes e sua voz continha algo do calor mortal de seu olhar.

—Não sei se sou suficientemente alta —disse.

—Tenho que estar de acordo com a arpía —disse Fyfe. —A princesa deve manter-se de pé só para poder reclamar a matança como dela.

Frost e Doyle intercambiaram um olhar, ainda me sustentando entre os dois.

—Me baixem devagar —eu disse. —Acredito que posso tocar fundo.

Fizeram o que lhes pedi. Inclusive mantendo o queixo elevado, logo que podia manter a boca por cima da água suja.

—Não levamos nenhuma arma conosco que possa matar a um imortal —disse Doyle.

—Nem nós —disse Ivar.

Sholto me olhou, seu rosto alagado pela pena, e lutei por fazer frente a esse olhar. Ele se moveu, e uma onda diminuta golpeou meu rosto. Comecei a espernear na água, assim poderia manter minha cabeça por cima da superfície. Quando o fiz, minha perna roçou algo, e pensei que era um osso, mas se moveu. Era o braço da Segna, flutuando como morto na água. Minha perna o roçou outra vez, e o braço se convulsionou.

—Os ossos podem ser uma arma —disse.

Então Segna disse com uma voz rota e rouca que nunca deveria sair da garganta de alguém vivo...

—Me beije uma... última... vez.

Sholto se inclinou com um soluço.

Ivar moveu a todos para trás para lhes dar espaço. Conseguiu que também Agnes retrocedesse, obtendo que o corpo da Segna começasse a afundar-se sob a água. Avancei, tentando ajudar para sujeitá-la, enquanto lutava com a água. Consegui pôr uma mão em seu corpo, sentir o peso de sua capa ao redor de minhas pernas. Senti que se esticava um batimento do coração antes de que seu braço, que agora estava detrás de mim, avançasse. Tive tempo para me girar e pôr ambas as mãos em seu braço, tentando manter suas garras afastadas de mim.

—Merry!—gritou Doyle.

Pude ver o outro braço deslizando-se detrás de mim. Soltei o braço que sujeitava e tentei afastar de mim o outro braço. O corpo da Segna rodou sob a água, e me levou com ela.

CAPÍTULO 14

TIVE TEMPO PARA TOMAR AR, LOGO NOS INUNDAMOS. O rosto da Segna apareceu sob a água suja. Sua boca se abriu, me gritando, o sangue brotava de sua boca. Minhas mãos arranharam desesperadamente seus braços, muito pequenas para rodeá-los, enquanto os forçava a afastar-se de mim, e ela me arrastava mais profundamente sob a água.

Muito tarde compreendi que além de suas garras havia outras maneiras de me assassinar, e que ela tentava me empalar em um osso submerso. Dava uma patada com meus pés para me manter por cima do osso, para não deixar que me cravasse nele. A ponta do osso já me roçava e empurrei e esperneeiei para impedir que perfurasse minha pele. Segna empurrava e lutava contra mim. A força de seu corpo e de seus braços quase podia comigo. Estava ferida, morrendo, e isso era tudo o que eu podia fazer para impedir que me matasse.

Meus pulmões estavam paralisados; precisava respirar. As garras, os ossos, e até mesmo a água podiam matar. Se não pudesse afastá-la de mim, tudo o que ela tinha que fazer era simplesmente me manter sob a água.

—Deusa, me ajude! —Rezei.

Uma mão pálida se destacou sobre a água, e Segna foi arremessada para trás, me arrastando com ela porque estava agarrada a seus braços. Saímos à superfície juntas, ambas ofegando em busca de ar. Seu fôlego terminou em uma tosse congestionada que cobriu minha cara com seu sangue. Durante um momento não pude ver quem a tinha afastado. Tive que limpar seu sangue de meus olhos para ver que Sholto a rodeava pelo torso com seu braço. Estava-a sujeitando e gritou...

—Fora, Meredith, sai!

Fiz o que me dizia: deixei-a ir e me impulsionei para trás, confiando em que não houvesse ossos justo detrás de mim.

Segna não tratou de me agarrar e usou suas mãos recém liberadas para arranhar profundamente o braço do Sholto, fazendo uma ruína carmesim de sua carne branca.

Eu flutuava na água, olhando ao redor procurando o Doyle, ao Frost, e a outros. Não havia ninguém. Nadava em um lago profundo e frio, não como a lacuna de água estancada e pouco profunda pela qual tínhamos estado vadeando até agora. Perto, havia uma pequena ilha, mas a borda estava longe, e não era uma borda que me fora conhecida.

—Doyle! —Gritei, mas não houve nenhuma resposta. Em realidade, não tinha esperado nenhuma, já que pelo que podia ver estávamos em uma visão, ou em algum outro lugar do sithen. Não sabia qual, e não sabia onde.

Sholto lançou um grito detrás de mim. Girei-me a tempo para ver como se afundava sob uma esteira vermelha. Segna apunhalou a água onde ele tinha desaparecido com a adaga de seu cinturão. Dava-se conta que era a ele a quem ela atacava agora, ou ainda pensava que me matava?

—Segna! —Gritei, e o som pareceu alcançá-la porque vacilou. Voltou-se na água e piscou para mim.

Impulsionei-me o suficientemente alto na água para que ela pudesse me ver. Sholto não tinha emergido ainda.

Segna gritou para mim, o som terminou em uma tosse úmida. O sangue escorregou por seu queixo, e ainda assim ela começou a mover-se para mim.

—Sholto!—gritei, esperando que Segna compreendesse o que tinha feito e voltasse atrás para resgatá-lo. Mas ela seguiu nadando fracamente para mim.

—Agora ele é só carne branca —grunhiu ela, com aquela voz tão rouca, tão gutural. —Só é sidhe, não sluagh.

Se essa era toda a ajuda que Sholto ia obter dela, era óbvio que me tocava resgatá-lo. Tomei um profundo fôlego e me mergulhei. Aqui a água era mais clara, e vi o Sholto como uma sombra pálida que se afundava para o fundo, seu sangue flutuando para cima em uma nuvem.

Gritei seu nome, e o som ecoou através da água. Seu corpo se sacudiu, e nesse momento algo me agarrou por cabelo e atirou de mim para cima.

Segna me arrastou através da água. Dava-me conta de que se dirigia a ilha deserta. As rochas golpearam minhas costas nuas, me arranhando, enquanto ela lutava contra a água. Puxou-me até que nós duas estivéssemos fora da água. Ofegava sobre a rocha, sua mão ainda enredada em meu cabelo. Tratei de me afastar daquela mão, mas esta se esticou mais forte, como se pensasse arrancá-lo pela raiz. Segna começou a me arrastar para me aproximar mais até onde ela estava.

Lutei para me pôr de gatinhas para evitar que ela rasgasse ainda mais minha pele sobre a rocha nua. Mas para poder fazê-lo, tive que apartar meu olhar durante um instante. E isso foi um engano. Ela me tombou com aquela força que poderia ter esmigalhado a um cavalo, me derrubando sobre meu estômago. Mantive um braço sob meu corpo para me proteger das rochas.

Então vi que ainda sustentava a adaga. Pressionou-a contra minha bochecha. Olhei-a fixamente por cima do fio da folha. Estava caindo, recostando-se contra as rochas.

—Marcarei-te —disse. —Arruinarei essa bonita cara.

—Sholto está se afogando...

—Os Sluagh não podem morrer pela água. Se ele for o bastante sidhe para afogar-se, deixe-o.

—Ele te ama —eu disse.

Ela deixou escapar um som áspero que salpicou seu queixo de mais sangue.

—Não tanto como ama a idéia de ter carne sidhe em sua cama.

Eu não podia discutir isso.

A ponta de sua folha vacilou sobre minha bochecha.

—Quão sidhe é? Como bem pode te curar?

Pensei que era uma pergunta retórica, assim não respondi. Morreria por causa de suas feridas antes de me fazer dano, ou se curaria?

Segna tossiu sangue sobre as pedras, e deu a sensação de que ela se perguntava o mesmo. Aproveitou que me tinha agarrada pelo cabelo para me pôr de costas, arrastando-me mais perto quando o fez. Eu não podia detê-la, não podia lutar contra uma força assim. Arrastou-se sobre mim e pôs sua folha contra minha

garganta. Agarrei sua mão, rodeando-a com as minhas, e inclusive usando as duas tremia pelo esforço de afastá-la de mim.

—Tão fraca... —ofegou sobre mim. —por que seguimos aos sidhe? Se eu não estivesse morrendo, não poderia me reter.

Minha voz saiu afogada pela tensão quando disse...

—Sou sidhe só em parte.

—Mas é o bastante sidhe para que ele te deseje —grunhiu ela. —Brilha para mim, sidhe! Me mostre a preciosa magia da Corte. Me mostre a magia que nos faz seguir aos sidhe.

Suas palavras foram fatídicas. Ela tinha razão. Eu tinha magia. Uma magia que ninguém mais tinha. Chamei a minha mão de sangue. Quando a convoquei, tratei de não pensar em que podia havê-la convocado antes, antes que fizesse mal ao Sholto.

Manejei a mão de sangue. Eu poderia havê-la feito sangrar a partir de só um corte diminuto, e esses cortes não eram diminutos. Comecei a brilhar sob a presa de seu corpo. Meu corpo brilhava através do sangue que gotejava sobre mim. Sussurrei...

—Não magia luminosa, Segna, magia da corte escura. Sangra para mim.

Ela não o entendeu ao princípio. Seguia tratando de afundar a adaga em minha garganta, e eu continuava mantendo-a afastada de mim. Afundou sua mão em meu cabelo de forma que suas garras arranharam meu couro cabeludo, me fazendo sangrar. Chamei o sangue, e suas feridas se transbordaram.

O sangue fluiu sobre mim, quente, mais quente que minha própria pele. Girei minha cabeça longe para proteger meus olhos dela. Minhas mãos escorregavam em seu sangue, e temia que sua faca ultrapassasse minhas defesas antes de que pudesse sangrá-la. Tanto sangue; este fluiu e fluiu e fluiu. Podia uma arpia noturna morrer pelo sangue? Podiam chegar a ser assassinadas desta maneira? Não sabia, eu não sabia.

A ponta de sua faca perfurou minha pele com uma mordida aguda. Meus braços tremiam pelo esforço de mantê-la afastada de mim.

—Sangra para mim! —Gritei, cuspendo seu sangue de minha boca, e ainda assim sua faca se deslizou outra fração de milímetro em minha garganta. Apenas, quase sob a pele, ainda não estava ferida, mas o estaria logo.

Então sua mão vacilou, afastando-se. Pisquei para ela através de uma máscara de seu próprio sangue. Seus olhos se viam muito abertos e assustados. Uma lança branca me sobressaía de sua garganta.

Sholto estava de pé sobre ela, sem ataduras, com sua ferida ao descoberto, e com ambas as mãos agarrava a lança. Tirou-a com um movimento dilacerador. Uma fonte de sangue se derramou de seu pescoço.

—Sangra —Sussurrei e ela se desabou em um mar carmesim, ainda sustentando a faca em sua mão.

Sholto, ainda de pé sobre ela, cravou-lhe a lança branca nas costas. Ela convulsionou abaixo dele, abrindo e fechando a boca, os pés e as mãos arranhando a rocha nua.

Só quando ela deixou de mover-se completamente Sholto retirou a lança. Ele estava cambaleando, mas usou a ponta da lança para enviar sua adaga ao lago. Então se desabou de joelhos a seu lado, apoiando-se na lança como se fora uma muleta.

Quando me cambaleei para ele, não brilhava. Estava cansada, ferida, e coberta com o sangue de meu inimigo. Caí de joelhos a seu lado na rocha ensangüentada, e toquei seu ombro, como se não estivesse segura de que fora real.

—Vi como te afogava —eu disse.

Ele parecia ter problemas para concentrar-se em mim, mas disse...

—Sou sidhe e sluagh. Não podemos morrer afogados. —Tossiu com tanta força que se dobrou, lançando água sobre a rocha enquanto se agarrava ao cabo branco da lança. —Mas dói como se estivesse morrendo.

Abracei-o, e ele estremeceu, coberto de novas e velhas feridas. Sustentei-o com mais cuidado, me agarrando a ele, cobrindo seu torso com sangue da Segna.

Sua voz chegou rouca pelas tosses.

—Sustento a lança de osso. Houve um tempo em que este era um dos signos da monarquia para minha gente.

—De onde veio? —Perguntei.

—Estava no fundo do lago, me esperando.

—Onde estamos? —Perguntei de novo.

—Na Ilha dos Ossos. Estava acostumado a estar no centro de nosso jardim, mas chegou a ser objeto de lenda.

Toquei o que eu tinha acreditado que era rocha, e me dava conta de que tinha razão. Era rocha, mas rocha que uma vez tinha sido osso. A ilha era feita de fósseis.

—Parece horrivelmente sólida para ser uma lenda —disse.

Ele as arrumou para sorrir.

—Em nome do Danu, Meredith... o que está passando?

Cheirei a rosas, um aroma denso e doce.

Sholto elevou a cabeça, olhando a seu redor.

—Cheiro a erva.

—A rosas —disse brandamente.

Ele me olhou.

—O que acontece, Meredith? Como chegamos aqui?

—Rezei.

Ele me olhou franzindo o cenho.

—Não o entendo.

O aroma de rosas se fez mais denso, como se estivéssemos em uma pradaria no verão. Um cálice apareceu em minha mão, em que se apoiava nas costas nua do Sholto.

Sholto se afastou de seu contato como se lhe tivesse queimado. Tentou girar-se muito rápido, o que fez que a ferida aberta em seu estômago lhe doesse, já que se estremeceu aspirando bruscamente. Ele retrocedeu para o lado, a lança ainda agarrada em uma mão.

Sustentei o cálice de ouro e prata de forma que refletisse a luz. Foi realmente então quando me precavi de que havia luz ali. Era a luz do sol que cintilava na taça e esquentava minha pele.

Nem ao custo da minha vida podia recordar se havia luz um momento atrás. Poderia ter perguntado ao Sholto, mas ele estava concentrado no que havia em minha mão.

—Não pode ser o que acredito que é —sussurrou.

—Este é o cálice.

Ele sacudiu um pouco a cabeça.

—Como?

—Sonhei com ele, como sonhei com a taça de chifre do Abeloec, e quando despertei estava ao meu lado.

Sholto se apoiou pesadamente sobre a lança, e alargou uma mão para o resplandecente cálice. Ofereci-o, mas seus dedos se detiveram justo antes de roçá-lo, como se temesse tocá-lo.

Sua reticência me recordou o que podia passar se tocava a um dos homens com o cálice. Mas não estávamos em uma visão? E por ser assim, converteria-se em realidade? Olhei o corpo da Segna, sentia como seu sangue se secava sobre minha pele. Era uma visão, ou era real?

—E não são as visões reais? —disse a voz de uma mulher.

—Quem disse isso? —perguntou Sholto.

Uma figura apareceu. Estava completamente coberta por um manto cinza com capuz. Ela estava de pé sob a clara luz do sol, mas dava a sensação de ser uma sombra, uma sombra sem nada para lhe dar a forma.

—Não tema o toque da Deusa —disse a figura.

—Quem é? —sussurrou Sholto.

—Quem crê que sou? —disse a voz. No passado, ela sempre parecia ser mais sólida ou era só uma voz, um aroma no vento.

Sholto se lambeu os lábios e sussurrou...

—Deusa...

Minha mão se elevou por própria vontade. Ofereci-lhe o cálice, mas era como se alguém mais movesse minha mão.

—Toque o cálice —sussurrei.

Ele continuou apoiando-se na lança, inclinando-se sobre ela, quando alargou a outra mão.

—O que passará quando o tocar?

—Não sei —disse.

—Então por que quer que o faça?

—Ela quer que o faça —disse.

Ele vacilou outra vez com seus dedos justo em cima da brilhante superfície. A voz da Deusa nos envolveu deixando a nosso redor um aroma de rosas do verão:

—Escolhe.

Sholto tomou ar em um fôlego profundo e o deixou escapar como se estivesse a ponto de pôr-se a correr, logo tocou o ouro da taça. Cheirei a ervas, como se me tivesse rogado contra um canteiro de tomilho e lavanda que rodeasse minhas rosas. Uma figura negra encapotada apareceu ao lado da cinza. Mais alto, mais largo de ombros, e embora coberto pelo manto, mais masculino. Assim como a capa não podia esconder a feminilidade da Deusa, tampouco o manto podia ocultar a masculinidade do Consorte.

A mão do Sholto rodeou o cálice, cobrindo minha mão com a sua, de modo que ambos sustentássemos a taça.

A voz chegou profunda, e rica, e ainda assim cambiante. Eu conhecia a voz do Consorte, sempre masculina, mas nunca a mesma.

—Derramaram seu sangue, arriscaram suas vidas, assassinado nesta terra — entoou ele. Aquele capuz escuro se girou para o Sholto, e durante um momento pensei que via um queixo, lábios, mas mudavam inclusive enquanto os estava olhando. Era enjoativo. —O que daria para devolver a vida a sua gente, Sholto?

—Qualquer coisa —sussurrou ele.

—Tome cuidado com o que oferece —disse a Deusa, e sua voz, também, era a de todas as mulheres de uma vez e a de nenhuma em particular.

—Eu daria minha vida para salvar a minha gente —disse Sholto.

—Não desejo tomá-la —respondi, porque a Deusa já me tinha devotado uma opção similar uma vez. Amatheon tinha exposto seu pescoço a uma espada, de modo que a vida pudesse voltar para a terra das fadas. Eu tinha me negado, porque havia outros modos de dar a vida à terra. Descendia de deidades da fertilidade, e sabia bem que o sangue não era a única coisa que fazia crescer a erva.

—Esta não é sua eleição —disse ela. Havia uma nota de pesar em sua voz?

Uma adaga apareceu no ar diante do Sholto. Seu punho e folha eram brancos, e brilhava de uma maneira estranha à luz. A mão do Sholto deixou o cálice e agarrou a faca, quase por reflexo.

—O punho é de osso. É a companheira da lança —disse Sholto, e se ouvia uma suave maravilha em sua voz quando olhou fixamente a adaga.

—Recorda para que era usada a adaga? —disse o Consorte.

—Foi usada para matar ao velho rei. Para derramar seu sangue nesta ilha — respondeu Sholto obedientemente.

—Por quê? —perguntou o Consorte.

—Esta adaga é o coração dos sluagh, ou foi uma vez.

—O que necessita um coração?

—Sangue, e vidas —respondeu Sholto como se estivesse respondendo em um exame.

—Você derramou sangue e vida nesta ilha, mas não está viva.

Sholto negou com a cabeça.

—Segna não era um sacrifício adequado para este lugar. Necessita o sangue de um rei. —Ele ofereceu a faca à figura encapuzada do Deus. —Derrama meu sangue, toma minha vida, e devolve o coração dos sluagh à vida.

—Você é o rei, Sholto. Se você morrer, quem tomará a lança, e devolverá o poder a sua gente?

Ajoelhei-me, o sangue cada vez mais pegajoso sobre minha pele. Sustentei o cálice em minhas mãos, e tive o mau pressentimento de que sabia aonde se dirigia esta conversação.

Sholto baixou a faca e perguntou:

—O que quer de mim, Senhor?

A figura me assinalou.

—Há sangue real para derramar-se. Faz-o, e o coração dos sluagh viverá uma vez mais.

Sholto me olhou, o choque refletido em seu rosto. Perguntei-me se minha cara era igual quando fora minha escolha.

—Quer que eu mate a Meredith?

—Ela é de sangue real, um sacrifício adequado para este lugar.

—Não —disse Sholto.

—Disse que faria qualquer coisa —disse a Deusa.

—Posso oferecer minha vida, mas não a dela —disse Sholto. —Não é minha para dá-la. —Sua mão estava arroxeadada pela força com que sujeitava o punho da faca.

—Você é rei —disse o Consorte.

—Um rei cuida de sua gente, não os mata.

—Condenaria a sua gente a uma morte lenta pela vida de uma mulher?

As emoções se aconteceram no rosto do Sholto, mas finalmente deixou cair a faca sobre a rocha. Soou como se fosse do metal mais duro em vez de osso.

—Não posso, não machucarei a Meredith.

—Por que não?

—Ela não é sluagh. Não deveria morrer para nos devolver a vida. Este não é seu lugar.

—Se ela deseja ser a rainha de todas as fadas, então será sluagh.

—Então deixa-a ser rainha. Se morrer aqui, não será rainha, e então só ficará Cel. Eu devolveria a vida aos sluagh e destruiria a todas as fadas de um golpe. Ela sustenta o cálice. O cálice, meu Senhor. Depois de todos esses anos o cálice tornou. Não entendo como podem me pedir que destrua a única esperança que temos.

—É ela sua esperança, Sholto? —perguntou o Consorte.

—Sim —sussurrou Sholto e havia tanta emoção naquela única palavra.

A figura escura olhou à cinza. A Deusa falou...

—Não há nenhum medo em ti, Meredith. Por quê?

Tratei de expressá-lo com palavras.

—Sholto tem razão, minha Senhora. O cálice voltou, e a magia retornou às fadas. Você usa meu corpo como seu instrumento. Não acredito que desperdice tudo isto em um sacrifício sangrento. —Joguei um olhar ao Sholto. —E tenho sentido sua mão na minha. Tenho sentido seu desejo por mim. Acredito que se destruiria algo nele se me assassinasse. Não acredito em minha Deusa e seu Consorte tão desumanos para fazer isso.

—Então ele te ama, Meredith?

—Não sei, mas ele ama a idéia de me sustentar em seus braços. Isso sei.

—Ama a esta mulher, Sholto? —perguntou o Consorte.

Sholto abriu a boca, fechou-a, logo disse...

—Este não é lugar para que um cavalheiro responda a tais questões diante de uma dama.

—Este é um lugar para a verdade, Sholto.

—Está bem, Sholto —lhe disse. —Responde com a verdade. Não lhe terei isso em conta.

—Isso é o que me temo —disse ele brandamente.

O olhar em seu rosto me fez rir. A risada ressoou no ar como o canto dos pássaros.

—A alegria bastará para devolver a vida a este lugar —disse a Deusa.

—Se a alegria devolver a vida a este lugar, então o mesmo coração dos sluagh se modificará. Entende-o, Sholto? —perguntou o Consorte.

—Não exatamente.

—O coração dos sluagh está apoiado na morte, no sangue, no combate, e no terror. A risada, a alegria, e a vida forjarão um coração diferente para os sluagh.

—Sinto muito, meu Senhor, mas não o entendo.

—Meredith, explique-o —disse a Deusa, enquanto começava a desvanecer-se, como os sonhos quando a luz do amanhecer se filtra pela janela.

—Não o entendo —disse Sholto.

—É um sluagh e um sidhe da corte escura —disse o Consorte; —É uma criatura de terror e escuridão. É o que é, mas não tudo o que é. —Com estas palavras, a forma escura começou a desvanecer-se, também.

Sholto tendeu a mão para ele.

—Espera, não o entendo.

O Deus e a Deusa desapareceram, como se nunca tivessem estado, e a luz do sol se atenuou com sua marcha. Deixaram-nos sumidos na penumbra que nesses dias era o anoitecer no país subterrâneo das fadas, e não a aberração daquela luz solar metafísica que nos tinha banhado momentos antes.

Sholto gritou:

—Meu Deus, espera!

—Sholto —lhe disse. Tive que repeti-lo outras duas vezes antes que me olhasse.

Parecia estar desconsolado.

—Não sei o que eles querem de mim. O que devo fazer? Como devolvo o coração a minha gente com a alegria?

Ri-me dele, e a máscara de sangue que tinha pega a minha pele se esquartejou por isso. Tinha que limpar todo esse desastre.

—Ah, Sholto, conseguiu seu desejo.

—Meu desejo? Que desejo?

—Deixe-me limpar um pouco deste sangue antes.

—Antes do quê?

Toquei seu braço.

—Sexo, Sholto, eles quiseram dizer sexo.

—O quê? —O olhar em seu rosto, tão surpreso, fez que me voltasse a rir. O som ressonou através do lago, e outra vez pensei que escutava o canto dos pássaros.

—OuvIU isso?

—Ouvi sua risada, como música.

—Este lugar está preparado para voltar para a vida, Sholto, mas se usarmos a risada, a alegria e o sexo para fazê-la voltar, então será um lugar diferente do que era antes. Entende isso?

—Não estou seguro. Vamos ter sexo aqui, agora?

—Sim. Deixa que me lave um pouco tudo este sangue, e então sim. —Não estava segura de que tivesse escutado algo mais do que havia dito. —Viu o novo jardim à saída das portas do salão do trono no sithen da corte escura?

Pareceu como se tivesse que lutar para concentrar-se, mas finalmente assentiu com a cabeça.

—Agora é um prado com um riacho, não o campo de tortura que a rainha tinha feito dele.

—Exatamente —disse. —Era um lugar de dor e agora é um prado com mariposas e coelhinhos. Sou parte da corte da luz, Sholto, entende o que digo? Essa parte de mim afetará à magia que faremos aqui e agora.

—Que magia realizaremos aqui e agora? —perguntou ele, sorrindo. Ainda se apoiava pesadamente sobre a lança, a ferida aberta que os luminosos havia lhe infligido estava descoberta e ao ar. Eu própria tinha sofrido muitas feridas para saber que a ferida lhe doeria com apenas um toque de ar que lhe roçasse. A faca de osso estava atirado junto aos joelhos do Sholto. Sinceramente, pensei que ia desaparecer quando o Consorte e a Deusa se foram, já que ele tinha rechaçado usá-lo para seu verdadeiro objetivo. Entretanto, Sholto ainda estava rodeado das principais relíquias dos sluagh. Ele tinha sido tocado pela deidade. Ajoelhávamo-nos em um lugar de lenda, tínhamos a possibilidade de trazer para sua gente um renascimento de seus poderes. E tudo no que ele parecia ser capaz de pensar era no fato de que podíamos ter sexo.

Olhei-o. Tratei de ver além da antecipação quase tímida que se refletia em seu rosto. Ele parecia ter medo de ser muito impaciente. Era um bom rei, mas ainda assim, a promessa de sexo com outro sidhe tinha afastado todas as precauções de sua mente. Entretanto, eu não podia permitir que se precipitasse, até estar segura de que entendia o que poderia lhe passar a sua gente. Ele tinha que entendê-lo... ou não?

—Sholto —disse. Ele estendeu a mão para mim. Tomei sua mão para impedir que tocasse meu rosto. —Necessito que me escute, Sholto, que me escute realmente.

—Escutarei tudo o que diga.

Ele estava preparado para seguir minha liderança. Eu tinha notado isso sobre ele em Los Angeles, que o dominante e aterrador rei dos sluagh se voltava submisso em situações íntimas. O tinha ensinado Agnes a Negra, ou Segna? Ou já era assim em princípio?

Acaricieei sua mão, de forma mais amistosa que sexual.

—Minha magia sexual traz prados e mariposas. Alguns corredores no sithen da corte escura se voltaram de mármore branco com nervuras douradas.

Sua expressão se voltou um pouco mais séria, menos divertida.

—Sim, a rainha ficou muito desgostosa —disse ele. —Acusou-te de refazer seu sithen à imagem da Corte da Luz.

—Exatamente —lhe disse.

Seus olhos se alargaram.

—Não o fiz a propósito —lhe disse. —Não controlo o que a energia faz ao sithen. A magia sexual não é como outras magias; é mais selvagem, e tem uma vontade própria.

—A magia dos sluagh também é selvagem, Meredith.

—Sim, mas a magia selvagem dos sluagh e a magia selvagem dos luminosos não são a mesma coisa.

Ele girou minha palma.

—Maneja a Mão da carne e o sangue. Estes não são poderes da corte luminosa.

—Não. Em combate pareço pertencer totalmente a Corte Escura, mas na magia sexual é meu sangue da Corte da Luz que prevalece. Entende o que isto poderia significar para seus sluagh?

Toda a luz pareceu desaparecer de seu rosto, tão sombrio parecia agora.

—Se tivermos sexo, e os sluagh são devolvidos à vida, você poderia fazer aos sluagh a sua semelhança.

—Sim —disse.

Ele contemplou minha mão como se nunca a tivesse visto antes.

—Se eu tivesse tomado sua vida, então os sluagh teriam permanecido como são agora: uma escuridão terrível para arrasar tudo o que lhe põe por diante. Se usarmos o sexo para devolver a vida a minha gente, então eles podem chegar a ser mais parecidos com os sidhe, inclusive como os sidhe luminosos.

—Sim —lhe disse—, sim—. Estava aliviada de que ele finalmente o entendesse.

—Seria tão terrível se fôssemos mais sidhe? —Quase o sussurrou, como se falasse para si mesmo.

—Você é seu rei, Sholto. Só você pode fazer esta eleição por sua gente.

—Eles poderiam me odiar por fazer esta eleição —disse, me olhando. —Mas que outra opção há? Não derramarei sua vida, nem sequer para devolver a vida a todo meu reino. —Fechou os olhos e soltou minha mão. Começou a brilhar, suave, e branco como se a lua se elevasse por sua pele. Abriu os olhos, e o ouro triplo de sua íris brilhou. Riscou uma gema brilhante através da palma de minha mão, e desenhou

uma linha de frio fogo branco através de minha pele. Estremeci-me por aquele pequeno roçar.

Ele sorriu.

—Sou sidhe, Meredith. Agora o entendo. Sou sluagh também, mas também sou sidhe. Quero ser sidhe, Meredith. Quero ser totalmente sidhe. Quero saber o que se sente ao ser quem sou.

Retirei minha mão, assim poderia pensar sem a pressão de seu poder contra minha pele.

—Você é o rei aqui. Deve escolher. —Minha voz era um pouco rouca.

—Não há eleição —disse. —Você morrer, e perdermos todos, ou te ter em meus braços? Essa não é nenhuma eleição. —Ele riu então, e sua risada, também, ecoou através do lago. Ouvi repiques de sinos, ou aves, ou ambos. —Além disso, a Escuridão e Frost me matariam se te tomasse como sacrifício.

—Eles não matariam ao rei dos sluagh e trariam a guerra aos sidhes —disse.

—Se realmente crê que sua lealdade ainda pertence mais a Corte Escura que só a ti, então não vê seus olhos quando eles lhe olham. Sua vingança seria terrível, Meredith. O fato de que existam tentativas de assassinato contra ti só demonstra que alguns sidhe não entendem ainda quão escasso é o poder que ainda exerce a rainha sobre a Escuridão e Frost. Sobre tudo com a Escuridão —disse ele em voz baixa. Seu rosto parecia obcecado. Ele afastou esse pensamento e me olhou de novo. —Vi a caça da Escuridão. Se os Sabujos do Inferno, os Sabujos do Yeth, ainda existissem entre nós, pertenceriam aos sluagh, à matilha selvagem, e o sangue daquela matilha selvagem ainda corre pelas veias do Doyle, Meredith.

—Então não me matará por medo de Doyle e Frost?

Ele me olhou, e durante um momento deixou cair um pouco o véu desses olhos resplandecentes. Deixou-me ver sua necessidade, uma necessidade tal que parecia como se tivesse sido esculpida com palavras escritas no ar.

—Não é o medo o que me obriga a preservar sua vida —sussurrou.

Brindei-lhe um sorriso, e o cálice ainda sujeito em minha mão pulsou uma vez contra minha pele. O cálice seria parte do que faríamos.

—Me deixe me limpar um pouco este sangue. Então porei meu brilho contra o teu.

Seu próprio brilho começou a desvanecer-se um pouco, seus ardentes olhos se esfriaram até quase voltar-se tão normais como podiam chegar a ser. Embora inclusive sob os padrões sidhe era difícil descrever sua íris de um triplo matiz dourado como normais.

—Estou ferido, Meredith. Teria querido que nossa primeira vez juntos tivesse sido perfeita. Não estou seguro de como bem vou resultar para ti esta noite.

—Eu também estou ferida —lhe disse, —mas ambos faremos todo o possível. —Levantei-me e notei meu corpo rígido por quantas feridas tinha sofrido sem me haver dado conta e que deveria ter recebido na luta.

—Não serei capaz de fazer o amor da forma em que você o deseja — me disse ele.

—Como sabe o que eu desejo? —Perguntei enquanto caminhava lentamente através da áspera rocha.

—Tinha muita audiência quando trouxe de volta ao Mistral contigo. Os rumores cresceram, mas embora só uma parte disso fora verdade, não serei capaz de te dominar como o fez ele.

Deslizei-me na água. Esta encontrou cada pequeno corte e raspadura. A água era fresca e calmante, mas ao mesmo tempo fez que me ardessem as feridas.

—Agora mesmo não quero ser dominada, Sholto. Faça amor comigo, deixa que seja gentil entre nós, se for o que queremos.

Ele riu outra vez, e ouvi sinos.

—Acredito que ser gentil é tudo do que sou capaz esta noite.

—Nem sempre eu gosto da rudeza, Sholto. Meus gostos são mais variados que isso. —Agora estava afundada até os ombros na água, tratando de me limpar o sangue, que começava a dissolver-se na água, desaparecendo mais facilmente do que eu tinha pensado.

—São muito variados seus gostos? —perguntou.

Ri-me dele.

—Muito—. Me afundei sob a água em um intento de tirar o sangue de minha cara, de meu cabelo. Subi ofegando, esclarecendo rios de água rosácea de minha cara. Inundei-me duas vezes mais até que a água correu clara.

Sholto estava na borda da ilha quando emergi por última vez. Estava de pé, usando a lança como uma muleta. A faca branca estava metida com cuidado no tecido de suas calças, da mesma forma em que se prenderia um alfinete à roupa: dentro, e logo fora, de modo que a ponta ficava exposta ao ar. Ofereceu-me sua mão. Tomei, embora poderia ter saído sozinha da água, e sabia que lhe devia doer ao inclinar-se.

Sholto me levantou da água, mas seus olhos nunca se fixaram em meu rosto. Seu olhar ficou fixo em meu corpo, em meus peitos, enquanto a água corria por eles. Há mulheres que o teriam tomado como uma ofensa, mas eu não era uma delas. Naquele momento ele não era um rei, era um homem, e isso estava muito bem para mim.

CAPÍTULO 15

SHOLTO JAZIA NU FRENTE A MIM. EU NUNCA LHE TINHA visto assim, jazendo nu, e esperando, sabendo que não tínhamos que nos deter.

A primeira e única vez que eu o tinha visto completamente nu ele ainda tinha tentáculos. Mas tinha usado sua própria magia pessoal para fazer que seu estômago parecesse uma perfeita tabela de desenvolvidos abdominais. Inclusive tocando-o, eu não tinha sido capaz de sentir o que sabia que havia ali. Ele era muito bom com o encanto, dado que tinha passado anos escondendo aquela deformidade.

Agora jazia de costas, usando suas próprias calças como uma pequena almofada contra a pedra. Os sidhe da Corte da Luz lhe tinham esfolado toda a pele do estômago, das costelas à virilha. Eu tinha visto a ferida, mas agora parecia maior. A dor deveria ter sido horrível.

Ele tinha posto a lança branca e a faca de osso a um de seus lados. Eu tinha posto o cálice ao outro. Faríamos amor entre o cálice, símbolo da Deusa, e os outros dois símbolos que eram... OH, tão masculinos.

O ar em cima de seu corpo tremeu, como vacilava o ar quente sobre a estrada, e ao momento seguinte já não havia nenhuma ferida. Ele estava de volta, criando a ilusão de uns abdominais perfeitos. De todos meus amantes, só os do Rhys eram reais.

—Não tem que te esconder, Sholto —lhe disse.

—O olhar em sua cara não é o olhar que quero ver a primeira vez que façamos amor, Meredith.

—Tire o encanto , Sholto, deixe-me vê-lo realmente.

—Não é mais bonito que o que estava acostumado estar ali —sua voz foi triste. Toquei a pele lisa de seu ombro.

—Foi bonito. É bonito.

Ele me dirigiu um sorriso tão triste como seu tom.

—Meredith, não me minta, por favor.

Estudei seu rosto. Era tão belo de rosto como Frost, que era um dos homens mais perfeitos que eu tinha visto alguma vez. Disse-lhe em voz alta...

—A rainha uma vez te chamou o corpo sidhe mais perfeito que tinha visto alguma vez. Foi ferido, curará-te; isso não mudou sua perfeição.

—O que a rainha disse foi que era uma lástima que um dos corpos sidhe mais perfeitos que tinha visto alguma vez estivesse arruinado por tal deformidade.

Bem, talvez mencionar o que havia dito a rainha não tinha sido uma boa idéia. Tentei-o outra vez. Aproximei-me lentamente para sua cara e me inclinei para tocar seus lábios com meus. Mas foi um beijo frio, e ele logo que respondeu. Retrocedi.

—O que está mau?

—Em Los Angeles, inclusive vê-la vestida endurecia meu corpo. Esta noite estou débil.

Baixei o olhar ao longo de seu corpo para encontrar que ele ainda não tinha uma ereção. Ele era um desses homens naturalmente dotados, ainda em repouso; um tipo dos que se entregam, não dos que crescem.

Eu possuía a magia que poderia trazer para um homem à vida, se fosse necessário, mas era magia luminosa. Eu queria usar o menos possível a magia da Corte da Luz nesta união. Embora Sholto tinha tomado a decisão de aceitar o risco, temia pelos sluagh. Temia que perdessem sua identidade como povo.

É obvio, havia outros modos de excitar a um homem além da magia.

Avancei lentamente, com cuidado, sobre as rochas nuas, até que me ajoelhei junto a seu quadril.

—Não é débil, Sholto, está ferido. Não há nenhuma vergonha nisso.

—Vê-la nua e não reagir é vergonhoso.

—Acredito que podemos arrumar isso —lhe disse, sorrindo.

—Magia? —disse ele, apartando a vista desde seu corpo ao meu.

Sacudi a cabeça.

—Nada de magia, Sholto, só isto —Remontei minha mão sobre suas coxas, me deleitando na pele lisa. Os sidhe não tinham muito cabelo no corpo, mas acredito que era porque ele fosse em parte ave noturna, uma criatura que de fato não tem cabelo, que o fazia ser completamente imberbe. Liso como uma mulher e tão suave, embora

terrivelmente masculino do fundo dos seus pés ao topo da cabeça. Acaricieei ao longo o interior de suas coxas e ele os estendeu para mim, de modo que eu pudesse lhe acariciar para cima e tocar a pele de seda entre suas pernas. Ele não estava ainda excitado quando fiz rodar suas delicadas bolas em minha mão.

O toque lhe fez arquear a coluna, jogar a cabeça para trás com os olhos fechados. Mas com o prazer chegou um gemido de dor. O movimento tinha machucado a zona esfolada no centro de seu corpo. O progresso que tinha obtido se murchou ante tal dor.

Ele se cobriu os olhos com o antebraço e deixou escapar um som entre soluço e grito.

—Serei inútil para ti esta noite, Meredith. Serei inútil para minha gente. Não nos trarei de volta à vida com a morte, e não posso fazê-lo com a vida.

—Eu esperaria até que estivesse curado, Sholto, se pudesse. Mas esta noite é para restaurar a vida com a magia. Te console, teremos outras noites, ou dias. Outras ocasiões, depois de que esteja curado, para fazer o que quisermos fazer. Esta noite, faremos o que devemos fazer.

Ele descobriu seus olhos e me olhou fixamente. Sua cara continha tanto desespero.

—Não posso pensar em nenhuma posição sexual que não te faça mal, e você não gosta da dor —lhe disse.

—Não disse que eu não gosto de dor, mas não tão aguda como esta. Reservei isto para futuras ocasiões.

—Sei. Há limites para a maior parte de nós além dos quais a dor é só dor.

—Sinto muito, Meredith, mas temo que eu já alcancei esse ponto com estas feridas.

—Veremos —eu disse. Inclinei-me sobre seu corpo até que pude beijar seu sexo. Introduzi-o, brandamente, em minha boca. A única outra vez que eu o tinha tido em minha boca ele tinha estado excitado e duro, e impaciente. Esta noite seu corpo estava tranqüilo, flácido e imóvel.

Ao princípio, eu estava quase impaciente, mas me controlei. Não era momento para ser impaciente ou colocar pressas. Esta era a primeira vez do Sholto com outro

sidhe. Era um de seus sonhos mais entesourados, e estava ferido e não em seu melhor momento. Provavelmente devia ter fantasiado com este momento, e agora nenhuma de suas fantasias se realizava. A realidade era uma amante mais áspera que a imaginação.

Deixei partir a impaciência. Deixei de me perguntar o que Doyle, Frost e outros deviam estar pensando. Deixei ir o pensamento de que meus poderes cresciam e não tinha nem idéia do que fariam depois. Deixei que todas as preocupações se fossem e me dediquei a este momento. Dediquei-me à sensação dele em minha boca.

Tinha-me sido negada a possibilidade do sexo oral pela maioria de meus amantes. Eles não queriam arriscar-se a derramar sua semente em nenhum outro lugar que não fosse entre minhas pernas, perdendo uma possibilidade de engendrar ao seguinte herdeiro ao trono, e com isso a possibilidade de fazer-se a si mesmos rei e a mim rainha. Não os culpava, mas eu gostava do sexo oral, e tinha sentido saudades de fazê-lo. As poucas vezes que tinha sido capaz de persuadir a alguém, ele já tinha estado excitado, grande e duro, o que era um prazer em si mesmo, mas eu gostava da sensação de um homem quando não estava ereto. Era muito mais fácil tomá-lo tudo em minha boca. Nada de estiramentos, nada de brigar contra toda essa longitude ou largura.

Fiz-o rodar em minha boca, chupando brandamente, ao princípio. Mas queria desfrutar de toda a sensação enquanto ele permanecesse flácido, então aumentei a intensidade. Eu podia senti-lo movendo-se em minha boca, o deslizamento de pele, sua carne tão fácil de trabalhar. Suguei rápido e mais rápido, até que ele lançou um grito...

—Basta, basta.

Movi brandamente suas bolas, lambendo ao longo da pele, deslizando toda essa sedosidade entre meus lábios e língua. Observei como se endurecia quando brinquei com suas bolas. Fiz rodar um testículo, com cuidado, em minha boca antes de brincar com os dois. Ele era muito grande para eu tentar agarrar ambos ao mesmo tempo; seria muito fácil prejudicar essas partes sensíveis. A última coisa que queria fazer era lhe causar qualquer nova dor.

Seu olhar era selvagem quando descendeu por seu corpo para chegar até mim. O triplo dourado de seus olhos começou a brilhar, ouro fundido no centro, logo âmbar pintalgado pelo sol, e por último um dourado amarelo pálido como as folhas do olmo em outono. Em um momento seus olhos resplandeciam e ao outro, essa luz explorou por seu corpo, como se a luz branca fosse líquido correndo sob sua pele. Sua pele brilhou até debaixo da vermelha ferida, como se estivesse esculpido em rubis sobre marfim, com o sol brilhando através do branco e vermelho de seu corpo.

Movi-me sobre seu corpo, não com ele dentro, a não ser com um joelho a cada lado de seus quadris. Olhei-o fixamente, querendo recordar sua beleza a primeira vez. O brilho se estendeu às pontas de seu cabelo, como se cada fio estivesse banhado na luz da lua. Ele era todo luz e magia, mas quando usei minha mão para lhe ajudar a deslizar-se dentro de mim, era todo pele de seda e músculo.

Deslizei seu sexo dentro de mim, e me precavi de que eu estava muito fechada. Tinha-lhe preparado com toda uma série de jogos prévios, mas eu não tinha recebido nenhum. Estava molhada pelo prazer, mas apertada, muito apertada.

Ele conseguiu dizer com voz entrecortada...

—Não está o suficiente aberta.

—Faz-te mal? —Minha própria voz parecia um sussurro.

—Não —sussurrou ele.

—Então quero sentir que forças seu caminho dentro de mim. Quero sentir cada centímetro empurrar dentro de mim enquanto estou assim apertada —Movi meus quadris um pouco mais abaixo, lutando por cada delicioso centímetro. Eu estava tão apertada que ele roçava cada milímetro de mim, deslizando-se pesada e lentamente sobre esse ponto sensível em meu interior.

Esperava tê-lo dentro de mim tão profundamente como pudesse antes de minha liberação, mas meu corpo tinha outras idéias. Era como se meu corpo ao estar tão apertado ao redor do dele, fizesse que seu corpo pressionasse justo, exata e diretamente contra esse ponto. Em um momento eu tratava de ir com muito cuidado, aliviando-o dentro de mim, e ao seguinte gritava meu orgasmo, meu corpo pulsando ao redor do dele, o movimento me forçando mais abaixo sobre seu sexo e mais rápido do que poderia ter dirigido sem a liberação. E enquanto podia seguir empurrando-o

dentro de mim, o orgasmo continuava crescendo. Seguiu quando me pressionei contra ele, e em algum momento, antes que o último centímetro dele estivesse dentro, Sholto começou a ajudar a empurrar.

Sentei-me em cima dele com nossos corpos unidos tão perto como um homem e uma mulher poderiam está-lo, o orgasmo me fazendo dançar em cima dele. Eu era vagamente consciente de que minha pele estava brilhando com um brilho lunar que se equiparava ao dele. O vento de meu próprio poder fez voar meu cabelo ao redor de minha cara como granadas cintilando no fogo. Meus olhos brilhavam tão intensamente que eu podia ver os coloridos matizes de verde e ouro de meus próprios olhos dançando nas bordas de minha visão. Gritei e me retorci em cima de onda atrás de onda de prazer. Não tinha sido planejado, ou conseguido com habilidade, mas mais com sorte; uma chave deslizando-se em uma fechadura no momento exato. Nossos corpos tomaram esse momento e o aproveitaram.

Ouvi que ele gritava meu nome, senti seu corpo empurrar sob o meu, senti-o conduzir-se a casa com força e tão rápido como podia. Golpeou no mais fundo de mim e isso me fez chegar ao orgasmo outra vez. Joguei minha cabeça para trás e gritei seu nome ao céu.

Sholto estava ainda debaixo de mim, mas eu não podia enfocar meus olhos para lhe ver, não de tudo. Ainda via rajadas de cores. Desabei-me para diante, e esqueci. Esqueci que ele ainda estava ferido. Esqueci que eu tinha posto o anel da rainha em minha mão direita; um anel que tinha pertencido uma vez a uma verdadeira deusa da fertilidade.

Tive um segundo para compreender que a pele de seu estômago sob minhas mãos já não estava rasgada, mas sim a notava lisa e perfeita. Pisquei, lutando através da sensação de bem-estar do prazer para vê-lo. Seu estômago estava tão plano e perfeito como quando sua ilusão tinha estado ali, mas isto não era nenhuma ilusão. Seus tentáculos tinham retornado, mas como uma tatuagem tão brilhante e real que em uma primeira olhada pareciam verdadeiros. Eram um quadro, desenhado sobre sua pele.

Vi tudo isso em apenas três piscadas, mas já não houve mais nenhuma piscada porque de repente o anel cobrou vida. Foi como ser submerso em água

tocada por uma corrente elétrica. Não era bastante para matar, mas suficiente para que doesse.

Sholto gritou abaixo de mim, e não de prazer.

Tratei de afastar o anel de seu corpo, mas minha mão parecia colada a sua pele recém decorada. O poder soprou fora de nós, como se a magia se derramasse longe por cima da rocha nua. Eu podia respirar outra vez.

Sholto ofegou...

—O que foi isso?

—O anel.

Ele baixou o olhar, olhando fixamente minha mão pressionada contra seu abdômen. Seus dedos tocaram a tatuagem, um olhar de maravilha em sua cara, e de perda. Era como se lhe tivessem outorgado seu desejo mais querido, e no mesmo momento experimentasse uma perda que o acompanharia para sempre.

Ouvi algo metálico deslizando-se por cima da rocha. O som fez com que me voltasse. O cálice rodava para nós embora a terra fosse completamente plaina. Olhei para o outro lado e vi a lança de osso rodando pelo outro lado. Iam nos tocar ao mesmo tempo.

—Espera —lhe disse.

—O quê?

—Por mim.

Ele agarrou meus braços, e minha mão se viu liberada de seu estômago. Agarrei seus braços sem pensá-lo, pondo o anel contra sua pele nua, outra vez. Às vezes a Deusa nos estende a mão em nosso caminho, e outras vezes fica atrás de nós e nos empurra pelo bordo do escarpado.

Estávamos a ponto de ser lançados.

CAPÍTULO 16

MADEIRA, METAL, CARNE; TUDO SE PRECIPITOU SOBRE NÓS. Deixou-nos abraçados no centro de uma rajada de poder que levantou o lago sobre a ilha. Afundamo-nos durante um momento, e então literalmente o mundo se moveu. Pareceu como se a ilha se elevasse e caísse outra vez.

A água se assentou, a terra deixou de mover-se, e o cálice e a lança se foram. Ficamos molhados e ofegantes, nus e agarrados um contra o outro. Temia ter que nos separar, como se nossos braços rodeando ao outro e nossos corpos ainda unidos, fossem tudo o que nos impedia de cair de cara a terra.

As vozes chegaram, gritos, alaridos. Reconheci a voz do Doyle, a do Frost, e a áspera chamada de Agnes. As vozes fizeram que nos girássemos, com a água escorregando por nossos olhos. Na borda, que estava muito mais longe do que tinha estado antes, estavam todos nossos guardas. Tínhamos voltado para os jardins mortos dos sluagh, mas agora o lago estava cheio de água, e a Ilha dos Ossos estava em seu centro.

Doyle mergulhou na água, seu corpo escuro cortando a superfície. Frost o seguiu. Os outros guardas fizeram o mesmo. Os tios do Sholto tiraram suas capas e se lançaram à água atrás de meus guardas. Só a Negra Agnes ficou na borda.

Olhei ao Sholto, que ainda estava debaixo de mim.

—Estamos a ponto de ser resgatados.

Ele me sorriu.

—Necessitamos que nos resgatem?

—Não estou segura —lhe disse.

Sholto riu então, e o som ecoou contra a pedra nua da caverna. Abraçou-me com força, e pôs um beijo suave em minha bochecha.

—Obrigado, Meredith —me disse, pronunciando as palavras contra minha pele.

Pressionei minha bochecha contra a sua e sussurrei em resposta:

—É mais que bem-vindo, Sholto.

Ele afundou sua mão em meu cabelo molhado e disse, brandamente:

—Desejei muito tempo que sussurrasse meu nome assim.

—Assim como? —perguntei, meu rosto ainda pressionado contra o seu.

—Como uma amante.

Ouvi movimento detrás de nós, e Sholto liberou meu cabelo de seu agarre. Beije-o nos lábios, antes de levantar meu corpo para ver quem tinha chegado primeiro a ilha.

Doyle, é obvio, caminhava para nós. Resplandecia negro e brilhante, a água gotejando ao longo de seu corpo nu. A luz apanhava brilhos azuis e purpúreos em sua pele enquanto avançava para nós. A luz parecia dançar sobre sua pele e sobre a água, refletindo seu brilho. Minha pele estava morna devido à luz. Luz solar, era a luz do sol outra vez. Como o meio-dia chegando a este escuro lugar.

Havia uma neblina verde sobre a rocha nua onde Sholto e eu jazíamos. Essa neblina tomou a forma de caules diminutos, estendendo-se sobre a rocha, enraizando enquanto Doyle se aproximava e se detinha junto a nós.

Seu rosto lutava por compor uma expressão, e finalmente se decidiu por essa expressão severa que tanto me tinha assustado sendo uma menina e ele se encontrava de pé junto a minha tia. De alguma forma, a expressão não era nem de perto tão espantosa estando ele nu, sobretudo tendo em conta meu atual e íntimo conhecimento dele. A Escuridão da Rainha era meu amante, e eu nunca poderia vê-lo outra vez como essa figura ameaçadora, o assassino da rainha, seu cão negro adestrado para a caça e a morte.

Elevei a vista para olhá-lo, ainda firmemente rodeada pelos braços do Sholto. Sentei-me, e seus braços se afastaram de mim, a contra gosto. Dado que ainda montava seu corpo, não era como se tivesse deixado de me tocar. Suas mãos se deslizaram para baixo por meus braços, mantendo o contato. Joguei uma olhada à cara do Sholto para ver que não me olhava a não ser ao Doyle.

A expressão do Sholto era desafiante, quase triunfante. Não entendi o olhar. Joguei uma olhada ao Doyle, e vi detrás desse rosto severo um brilho de cólera. Pela primeira vez em semanas recordei como ambos tinham me encontrado em Los Angeles. Tinham lutado, os dois tratando de me convencer de que a rainha tinha enviado ao outro a me matar.

Mas havia algo pessoal naquela luta. Não podia recordar o que eles haviam dito que me fazia pensar que tinham uma espécie de má história detrás, mas havia sentido. Olhadas que se lançavam agora confirmavam que estava perdendo algo. Havia algum desacordo, ou desafio, ou inclusive alguma inveja entre estes dois homens. Nada bom.

Rhys subiu à rocha, gotejando como marfim molhado. Deteve-se a curta distância de nós, como se ele também sentisse, ou visse, a tensão.

O que se faz quando se está nua com um amante, e outro amante está também aí mesmo? Sholto não era meu rei, ou meu marido. Apartei minha mão dele e a ofereci ao Doyle. Vacilou um momento, seu olhar fixo em seu rival e não em mim. Então esses olhos negros se moveram para mim. Sua expressão nunca trocou realmente, mas algo desse halo de dureza o abandonou. Ou possivelmente um pouco de suavidade voltou para ele.

Houve movimento detrás dele, e Frost e Mistral subiram a costa. Estavam vestidos, e as armas avultavam por toda parte. Frost sujeitou ao Mistral pelo braço quando o outro homem escorregou. A roupa e as armas os tinham feito mais lentos.

Agora estavam aí parados, a mão do Frost no braço do Mistral, que estava quase de joelhos devido a seu escorregão, mas ambos se congelaram, nos contemplando. Deviam captar um indício de tensão. Sua reação dizia claramente que havia desentendimento entre o Sholto e Doyle.

Doyle tomou minha mão na sua. No momento em que me tocou, a opressão em meu peito, da que eu não tinha sido consciente, afrouxou-se.

Levantou-me, me separando do outro homem. As mãos do Sholto, todo seu corpo, deixaram-me ir relutantemente. A sensação dele saindo do mais profundo de meu corpo me fez estremecer. Só a sujeição do Doyle impediu que meus joelhos se dobrassem.

Sholto levantou as mãos, as pondo em minhas coxas para ajudar a me sustentar. Doyle atirou de mim contra seu corpo, me levantando pela metade sobre o corpo do Sholto. Ele me deixou ir; se não tivesse feito isso teria parecido uma briga entre dois homens que atiravam de uma corda, não era o comportamento correto para um rei.

Fiquei de pé ali, abrigada nos braços do Doyle, olhando seu rosto, tratando de decifrar o que estava pensando. A meu redor, os diminutos brotos desdobraram umas diminutas folhas, e o mundo de repente cheirou a tomilho, esse doce aroma de ervas verdes que Sholto havia dito sentir quando eu cheirava a rosas.

As delicadas ervas faziam cócegas em meus pés, como me recordando que havia algumas coisas mais importantes que o amor. Elevando a vista, para olhar ao Doyle, não estava segura de que isso fosse correto. Nesse momento queria que fosse feliz. Queria que ele soubesse que eu o queria feliz. Queria lhe explicar que Sholto tinha sido encantador, e o poder tinha sido imenso, mas que ao final, Sholto não significava nada para mim, não quando tinha os braços do Doyle me rodeando.

Mas não podia dizer isso em voz alta, não com o outro homem que estava detrás de nós. Era como fazer jogos de malabarismos com muitos corações, incluindo o meu.

As ervas me roçaram outra vez, envolvendo-se ao redor de meu tornozelo. Joguei uma olhada à vegetação, e pensei em minhas variedades preferidas de tomilho. Minha avó as tinha cultivado no jardim de ervas detrás da casa onde meu pai me tinha educado, tantas classes de tomilho. Tomilho de limão, tomilho prateado, tomilho dourado. A esse pensamento, de repente, osovelos ao redor de meu tornozelo se viram tintos de amarelo. Algumas folhas em outrosovelos se voltaram chapeadas, outras se voltaram de um amarelo pálido, e algumas de um brilhante e luminoso amarelo. Havia um débil aroma de limão no ar, como se tivesse esmagado uma das folhas amarela pálido entre as gemas de meus dedos.

—O que fez? —sussurrou Doyle, sua profunda voz vibrando ao longo de minha coluna, de modo que tremi contra ele.

Minha voz foi suave, como se não quisesse dizê-lo em voz muito alta.

—Só pensei que havia mais de uma classe de tomilho.

—E osovelos trocaram —disse ele.

Assenti com a cabeça, as contemplando.

—Não disse em voz alta, Doyle. Só pensei.

Ele me abraçou.

—Eu sei.

Mistral e Frost estavam junto ao Rhys agora. Não se aproximaram de nós, e outra vez não estava segura do por que. Esperavam, como se necessitassem permissão para aproximar-se, da mesma forma em que teriam esperado para aproximar-se da Rainha Andais.

Pensei que era para mim a quem esperavam, mas eu deveria ter sabido melhor. Sholto disse desde detrás de mim:

—Os sidhe pelo geral não andam com cerimônias, mas se necessitarem permissão, então o dou. Se aproximem.

—Se pudesse ver a ti mesmo, Rei Sholto, não perguntaria por que andamos com cerimônias.

O comentário me fez olhar ao Sholto. Ele estava sentado, mas onde antes tinha estado deitado havia um contorno de ervas. Reconheci a hortelã, o manjerição, cheirava seus perfumes. Mas as ervas que se pulverizavam por onde ele tinha estado, onde tínhamos jazido, não eram o que fazia deter-se os homens. Sholto levava posta uma coroa; uma coroa de ervas. Inclusive enquanto olhávamos, os delicados novelos se entreteciam como dedos vivos através de seu cabelo, criando uma coroa de tomilho e hortelã. Só os mais delicados dos novelos, entrelaçando-se enquanto observávamos.

Ele levantou uma mão, e os móveis novelos roçaram seus dedos tal como haviam tocado meu tornozelo. Eu levava posto uma tornozeleria feita de tomilho vivo, vertada com folhas douradas, cheirando a vida verde e limões. O ramo se enroscou ao redor de seus dedos como um feliz animal doméstico. Sholto baixou a mão e a contemplou. A planta se teceu formando um anel enquanto a olhávamos, um anel que parecia florescer em sua mão em um delicado conjunto de flores brancas mais preciosas que qualquer jóia. Então de sua coroa nasceram flores, de matizes brancos, azuis e de cor lavanda. Finalmente, as flores se propagaram através da ilha, de modo que a terra ficou quase coberta de diminutas e etéreas flores, movendo-se não devido à brisa —já que não havia nenhuma— a não ser movendo suas pétalas como se as flores falassem entre elas.

—Uma coroa de flores não é uma coroa para o rei dos sluagh! —gritou Agnes, asperamente, da borda. Ela estava engatinhando sobre suas mãos e joelhos, oculta

completamente sob sua capa negra. Vi o brilho de seus olhos, como se houvesse um brilho neles; então baixou a cabeça, escondendo a luz. Ela era uma arpia noturna. Não saíam ao meio dia.

Ivar falou, mas eu não podia vê-lo.

—Sholto, Rei, não podemos nos aproximar de ti debaixo desta luz ardente.

Seus tios eram metade trasgos, e dependendo do tipo de trasgo, a luz do sol podia ser um problema. Mas também eram metade aves noturnas, mas como, definitivamente, fazia que a luz do sol fosse um problema.

—Queria que pudessem chegar até mim, Tios —disse Sholto.

Os braços do Doyle se apertaram ao redor de mim, em advertência.

—Tome cuidado com o que diz, Sholto; não entende o poder das palavras de alguém que a própria magia coroou.

—Não necessito seu conselho, Escuridão —disse Sholto, e outra vez houve amargura em sua voz.

A luz do sol desceu de intensidade, e um suave crepúsculo começou a desdobrar-se. Houve um som de salpicaduras, e logo Ivar e Fyfe subiram à ilha. Estavam nus exceto pela roupa necessária para sustentar suas armas. Caíram sobre um joelho ante ele, as cabeças inclinadas.

—Rei Sholto —disse Ivar—, agradecemos o que tenha feito partir à luz.

Sholto disse:

—Eu não fiz...

—Foste coroado pela magia —disse Doyle outra vez—. Suas palavras, possivelmente até seus pensamentos, transformarão o que acontecerá esta noite.

—Pensei, só pensei, que havia mais de uma variedade de tomilho, e isso trocou as ervas. O que pensei se voltou real, Sholto —lhe disse.

Agnes chamou da borda.

—Livraste-nos da luz, Rei Sholto. Nos devolveu o Lago Perdido e a Ilha dos Ossos. Você vai parar aqui, ou nos devolverá nosso poder? Fará renascer aos sluagh enquanto a magia da criação ainda arde através de ti, ou vacilará e deixará perder esta possibilidade para nos devolver ao que fomos?

—A arpia tem razão, Alteza —disse Fyfe—. Nos devolveu a magia do renascimento, a magia selvagem, a magia da criação. A usará para nós?

Sob a agonizante luz observei como Sholto se lambia os lábios.

—O que obteriam de mim? —perguntou ele cuidadosamente. Ouvi em sua voz o que começava a haver em minha mente, um pouco de medo. A gente pode vigiar suas palavras, mas vigiar seus próprios pensamentos, era mais difícil, muito mais difícil.

—Chama à magia selvagem —disse Ivar.

—Está aqui já —disse Doyle—, Não pode senti-la? —Seu coração se acelerou sob minha bochecha. Eu não estava segura de entender exatamente o que acontecia, mas Doyle parecia assustado e excitado de uma vez. Inclusive seu corpo começava a reagir, pressionando-se contra a parte frontal do meu.

As duas figuras ajoelhadas olharam ao Doyle.

—Não olhem à Escuridão —disse Sholto—. Eu sou o rei aqui.

Eles voltaram seu olhar para ele, e se inclinaram outra vez.

—É nosso rei —disse Ivar—. Mas há lugares onde não podemos te seguir. Se a magia selvagem for real outra vez, então tem duas opções, nosso rei: pode nos converter em um grupo com coroas de flores e sol de meio-dia, ou pode chamar à antiga magia, e nos devolver ao que uma vez fomos.

—A Escuridão tem razão —disse Fyfe—. Posso senti-la como um peso crescente dentro de mim. Pode nos transformar no que ela quer que sejamos —disse me assinalando— ou pode nos devolver o que perdemos.

Então Sholto perguntou algo que me fez pensar ainda melhor dele do que já o fazia.

—O que fariam vocês em meu lugar, Tios, o que me fariam fazer?

Eles lhe olharam, primeiro a ele, logo trocaram um olhar entre eles para depois voltar a olhar cuidadosamente para baixo, ao chão outra vez.

—Queremos ser como uma vez fomos. Queremos caçar como o fizemos uma vez. Nos devolva o que foi perdido, Sholto. —disse Ivar alargando sua mão para seu rei.

—Não transforme a imagem da cadela sidhe —gritou Agnes da borda. Isso foi um engano.

Sholto lhe gritou em resposta:

—Eu sou o rei aqui. Governo aqui. Acreditei que uma vez me amou. Mas agora sei que só me impulsionou a tomar o trono porque desejava te sentar nele. Não pode governar, mas pensou que poderia governar através de mim. Você e suas irmãs cretinas me converteram em sua marionete —Ele ficou de pé e lhe gritou—. Não sou a marionete de ninguém. Sou o Rei Sholto dos Sluagh, sou o Senhor Daquilo que Transita No Meio, Senhor das Sombras. Faz muito tempo que estive sozinho entre minha própria gente. Muito tempo desejando que alguém observasse o que fazia —Ele golpeou uma mão contra o peito, fazendo um som forte, carnudo—. Agora me diz que tenho o poder de fazer exatamente isso. Invejaste aos sidhe sua pele lisa, sua beleza que fazia voltar minha cabeça. Então, terá aquilo que invejas.

Um gemido veio de Agnes, mas estava muito escuro para ver o que estava acontecendo na borda. Ela gritou, um som horrível, um som de perda, e de dor, como se fosse o que fosse o que estava acontecendo, isso a ferisse.

Ouvi que Sholto dizia, brandamente:

—Agnes... —O som dessa única palavra me permitiu saber que ele não estava muito seguro do que queria, ou do que tinha feito.

O que tinha feito?

Seus tios prostraram, seus rostos pressionados contra a erva.

—Por favor, Rei Sholto, pedimos isso, não nos converta em sidhe. Não faça de nós versões inferiores dos sidhe da Corte Escura. Somos sluagh, e é uma coisa da qual estar orgulhoso. Despojaria-nos de tudo o que preservamos durante anos?

—Não —disse Sholto, e agora não havia nenhuma cólera em sua voz. Os gritos da borda levaram sua cólera. Agora entendia quão perigoso era neste momento—. Quero que os sluagh sejam poderosos outra vez. Quero que sejamos uma força para ser considerada, com a qual negociar. Quero que sejamos uma coisa temível.

Falei antes de poder pensar.

—Não só temível, certamente.

—Quero que tenhamos uma beleza terrível então —disse ele, e foi como se o mundo contivesse o fôlego, como se toda a magia tivesse estado esperando a que dissesse essas palavras. Senti-o no oco de meu estômago como o repique de um grande sino. Era um som formoso, mas tão grande, tão pesado, que poderia esmagar com a música de sua voz.

—O que fez? —perguntou Doyle, e não estava segura de a quem tinha perguntado.

—O que tinha que fazer —lhe respondeu Sholto. Ele estava aí de pé, erguido e pálido na crescente escuridão. A tatuagem de seus tentáculos brilhou como se tivesse sido perfilado com pintura fosforescente. As flores de sua coroa pareciam fantasmalmente pálidas, e pensei que teriam atraído abelhas, se não tivesse estado escuro. As abelhas não são criaturas noturnas.

A escuridão começou a clarear.

—No que pensou exatamente? —perguntou Doyle.

—Em que se a luz do sol tivesse permanecido, teria havido abelhas para alimentar-se das flores.

—Não, haverá noite aqui —disse Sholto, e a escuridão começou a espessar-se outra vez.

Tentei um pensamento mais neutro. O que poderia ser atraído por suas flores na escuridão? Pequenas traças apareceram entre as flores, fazendo jogo com a traça em meu estômago. Pequenos brilhos de luz cintilaram em cima da ilha, como se tivessem sido lançadas jóias do ar. Vagalumes, dúzias deles, de forma que realmente brilhavam o suficiente para afastar um pouco a escuridão.

—Você os chamou? —disse Sholto.

—Sim —lhe disse.

—Despertam a magia selvagem juntos —disse Ivar.

—Ela não é sluagh —disse Fyfe.

—Mas ela é a rainha para seu rei esta noite; a magia é sua também —disse Ivar.

—Lutará contra mim pelo coração de minha gente, Meredith? —disse Sholto.

—Tentarei não fazê-lo —disse brandamente.

—Eu governo aqui, Meredith, não você.

—Não quero tomar seu trono, Sholto. Mas não posso ser menos do que sou.

—O que é?

—Sou sidhe.

—Então se for sidhe e não sluagh, corre.

—O quê? —Perguntei, tratando de me afastar um pouco do Doyle e me aproximar mais ao Sholto. Mas Doyle me manteve sujeita e não me deixou fazê-lo.

—Corre —disse Sholto outra vez.

—Por quê? —Perguntei.

—Porque vou chamar à matilha selvagem, Meredith. Se não for sluagh, então será a presa.

—Não, Sholto! nos deixe levar a princesa primeiro a segurança, lhe rogo — disse isso Doyle com urgência.

—A Escuridão pelo geral não roga. Sinto-me adulado, mas se ela pode chamar o sol para afugentar a noite, devo chamar à caça agora. Ela deve ser a presa. Sabe disso.

Assustei-me. Este era o mesmo homem que tinha rechaçado me sacrificar só momentos antes? Que tinha me tocado com tal ternura? A magia em efeito trabalhava poderosamente nele, para obter esta mudança.

A voz do Rhys se ouviu, cautelosa...

—Leva posta uma coroa de flores, Rei Sholto. Tão seguro está de que a matilha selvagem te reconhecerá como sluagh?

—Sou seu rei.

—Agora mesmo parece o bastante sidhe para ser bem-vindo na cama da rainha —disse Rhys.

Sholto tocou seu plano estômago com sua carne curada e a tatuagem. Vacilou, logo sacudiu a cabeça.

—Chamarei à magia selvagem. Chamarei à caça. Se eles me virem como a presa e não como sluagh, então que assim seja. — Ele sorriu, e inclusive sob a incerta luz não parecia particularmente feliz. Riu, e a noite ecoou disso. Ouviu-se a chamada de uma ave expressa em uma suave e sonolenta voz, da borda distante.

Sholto falou outra vez.

—Esta é uma larga tradição entre nós, Lorde Rhys, matar a nossos reis para devolver a vida à terra. Se por minha vida, ou minha morte, posso devolver a minha gente seu poder, farei isso.

—Sholto —disse—, não o faça. Não diga isso.

—Parece que vou fazer—disse ele.

Doyle começou a nos empurrar para o outro lado da ilha.

—Salvo assassinando-o, não podemos detê-lo – disse —. Vocês dois levam a mais antiga das magias. Não estou seguro de que ele possa ser assassinado agora mesmo.

—Então temos que partir —disse Rhys.

Abeloec finalmente alcançou a borda. Ainda levava sua taça na mão, e parecia como se seu peso lhe tivesse impedido de chegar mais logo.

—Não me digam que tenho que retornar ao lago —disse—. Se ela foi tocada com a magia da criação, lhe permitam criar uma ponte.

Não esperei.

—Quero uma ponte até a outra margem — eu disse. Uma elegante ponte branca apareceu, de qualquer jeito.

—Estupendo —disse Rhys—. Vamos.

Sholto falou com voz ressonante.

—Chamo à matilha selvagem, pelo Herne e o caçador, pelo corno e o sabujo, pelo vento e a tormenta, e pela destruição do inverno, chamo-lhes a casa.

A escuridão próxima ao teto da fenda da caverna se abriu como se alguém a tivesse talhado com uma faca. Dividiu-se e algo saltou dela.

Doyle girou meu rosto para o outro lado e disse:

—Não olhe para trás —começou a correr, me arrastando com ele. Começamos a correr. Só Sholto e seus tios ficaram na ilha quando a própria noite se rasgou e verteu seus pesadelos detrás de nós.

CAPÍTULO 17

ALCANÇAMOS A BORDA LONGÍNQUA, MAS EU TROPECEI COM UM esqueleto sepultado no chão. Doyle me levantou e seguiu correndo. Os disparos retumbaram, e vi o Frost lutando com a Agnes enquanto ela se lançava sobre ele. Pude vislumbrar seu rosto; algo estava mal nela, como se seus ossos se movessem sob a pele.

—Frost —Gritei, quando um brilho de metal apareceu em sua mão. Soaram mais disparos. Mistral estava junto ao Frost, as espadas cintilavam.

—Doyle, para! —Gritei.

Ele não me fez conta, e seguiu correndo comigo em seus braços. Abe e Rhys estavam com ele.

—Não podemos deixar o Frost! —Disse-lhe.

—Não podemos te arriscar por ninguém. —Respondeu-me Doyle.

—Faz que apareça uma porta —disse Abe.

Doyle jogou uma olhada detrás de nós, mas não para onde Mistral e Frost lutavam com a harpia noturna. Olhava mais acima. Isso me fez elevar a vista, também.

Ao princípio meus olhos perceberam nuvens, nuvens negras e cinzas em movimento, ou fumaça, mas isso era só minha mente que tratava de lhe dar um sentido. Pensei que tinha visto tudo o que os sluagh tinham que oferecer, mas tinha me equivocado. O que se vertia para a ilha onde Sholto estava de pé não era nada que minha mente pudesse aceitar. Quando trabalhava para a agência... algumas vezes na cena de um crime, se este era o bastante ruim, sua mente rechaçava fazer uma imagem do que estava vendo. Convertia-se em algo confuso. Sua mente te dá um momento para não ver coisas horríveis. Se tiver a possibilidade de fechar os olhos e não olhar uma segunda vez, pode te salvar. O horror não entrará em sua mente e manchará sua alma. Na maioria das cenas de crime não tinha a opção de não ver.

Mas aqui... de momento afastei o olhar. Se não conseguíamos escapar, então teria que olhar.

Tínhamos que escapar.

Doyle gritou...

—Não olhe. Chama uma porta.

Fiz o que me pediu.

—Necessito uma porta a Corte Escura. —A porta apareceu, pendurando em meio a nenhuma parte, igual à vez anterior.

—Que não haja porta —gritou Sholto detrás de nós.

A porta desapareceu.

Rhys blasfemou.

Frost e Mistral estavam conosco agora. Havia sangue em suas espadas. Joguei uma olhada atrás à borda, e vi Agnes, a Escura, ainda jazendo sobre o chão.

Doyle começou a correr outra vez, e outros se uniram a nós.

—Chama a algo mais —disse Abe, perto de perder o fôlego por tentar manter-se à altura do passo do Doyle. —E faz silenciosamente, assim Sholto não pode ouvir o que faz.

—O quê? —Perguntei.

—Tem o poder da criação —ofegou ele. —Usa-o.

—Como? —Meu cérebro não trabalhava bem baixo esta pressão.

—Conjura algo —disse ele, e tropeçou, caindo. Reincorporou-se e nos alcançou, o sangue emanava de seu peito pelo novo corte.

—Deixa que a terra tenha erva suave sob nossos pés. —A erva fluiu sob nossos pés como água verde. Erva que não se estendeu sobre todo o terreno como as ervas na ilha. Apareceu pelo caminho por onde corríamos, e em nenhuma outra parte.

—Tenta algo mais —disse Rhys ao outro lado de nós. Ele era mais baixo que o resto, e sua voz mostrou a tensão de manter-se ao passo de outros que tinham as pernas mais longas.

O que podia chamar da terra, da erva, que pudesse nos salvar? Eu pensei e encontrei a resposta; uma das plantas mais mágicas.

—Me dê um campo de trevos de quatro folhas. —A erva se desenvolveu ante nós extensa e lisa, o trevo branco começou a crescer entre a erva, até que estivemos de pé no centro de um campo repleto deles. Casulos brancos de flores perfumadas emergiram como estrelas através de todo esse verde.

Doyle reduziu a marcha, e outros a reduziram com ele. Rhys disse em voz alta:

—Não está mau, nada mal absolutamente. Pensa bem em uma crise.

—A matilha selvagem tem má intenção —disse Frost. —Devem ficar detidos no bordo do campo.

Doyle me sentou entre o trevo alto que chegava aos tornozelos. As plantas se roçavam contra mim como se fossem pequenas mãos.

—O trevo de quatro folhas é a planta de amparo mais poderosa das fadas —disse.

—Sim —disse Abe—, mas parte do que nos persegue não tem que caminhar, Princesa.

—Nos faça um teto, Meredith —disse Doyle.

—Um teto do quê?

—De serbal, espinheiro e fresno —disse Frost.

—É obvio —disse. Qualquer lugar onde as três árvores crescerem juntos era um lugar mágico, um lugar de amparo e um lugar onde a realidade entre os mundos se desvanecia. Tal lugar te salvaria da magia, ou atrairia à magia; como tantas coisas relacionadas conosco, nunca era um sim, ou um não, a não ser um sim, um não, e um às vezes, tudo ao mesmo tempo.

A terra abaixo de nós tremeu como se começasse um terremoto; então as árvores emergiram do chão, lançando rocha, terra e trevos sobre nós. As árvores se elevaram para o céu, parecia como se a madeira gritasse, fazendo o ruído de uma tormenta ou de um trem, arrasando tudo a seu passo. Não se parecia com nada que tivesse escutado antes. Enquanto as árvores se entrelaçavam juntas em cima de nossas cabeças, olhei para trás. Não pude evitar.

Sholto estava coberto pelos pesadelos que ele mesmo tinha convocado. Os tentáculos se retorciam; partes e pedaços que não tinha nenhuma palavra para

descrever ou catalogar. Havia dentes por toda parte, como se o vento pudesse ser feito de presas sólidas feitas para rasgar e destruir. Os tios do Sholto atacaram às criaturas com espadas e músculo, mas estavam perdendo. Perdendo, mas lutando com a força suficiente para nos dar tempo para acabar de construir nosso santuário.

Frost se moveu de forma que seu amplo peito bloqueasse minha visão.

—Não faz bem olhá-los fixamente durante muito tempo. —Havia um sulco sangrento que descia por um flanco de seu rosto, como se Agnes tivesse tratado de lhe arrancar os olhos. Fiz o intento de tocar a ferida, e ele me afastou, tomando minha mão na sua. —Curarei-me.

Não queria que me preocupasse excessivamente por ele diante do Mistral. Se isso tivesse passado estando diante só Doyle e Rhys, ele poderia ter me permitido isso. Mas não deixaria que Mistral o visse débil. Não estava segura de como se sentia a respeito do Abe, mas sabia que ele via o Mistral como uma ameaça. Os homens não gostam de parecer fracos diante de seus rivais. Independentemente do que eu pensasse do Mistral, assim era como Frost e Doyle o viam.

Tomei a mão do Frost e tratei de não parecer preocupada com suas feridas.

—Sholto chamou à matilha. Por que estão atacando a ele? —Perguntei.

—Adverti-lhe de que parecia muito sidhe —disse Rhys. —Não o dizia só para convencê-lo de que não fizesse algo perigoso para nós.

Algo quente gotejou sobre minha mão. Olhei para baixo para encontrar o sangue do Frost escorregando sobre minha pele. Lutei contra o pânico e perguntei tranqüilamente:

—Está muito ferido? —O sangue seguia brotando, e isso não era bom.

—Curarei-me —repetiu Frost com voz rouca.

As árvores se fecharam sobre nós com o som das ondas do oceano precipitando-se sobre a borda. As folhas se desprenderam e choveram sobre nós quando os ramos teceram um escudo de folhas, espinhos, e brilhantes bagos vermelhos por cima de nós. A sombra que criou a abóbada de folhas fez que a pele do Frost perecesse cinza durante um momento, e isso me assustou.

—Cura-te de feridas de bala embora a bala te atravesse de lado a lado. Cura-te de feridas de espada se estas não forem mágicas. Mas Agnes a Negra era uma

harpia da noite e também foi uma deusa uma vez. Sua ferida é de espada ou de garra?

Frost tratou de retirar a mão, mas não ia deixar fazê-lo. A menos que ele queria parecer pouco digno, não podia liberar-se. Nossas mãos estavam cobertas de seu sangue, pegajoso e quente.

Doyle estava ao lado do Frost.

—Quão graves são suas feridas?

—Não temos tempo que perder com minhas feridas —disse Frost, sem olhar ao Doyle, nem a nenhum de nós. Compôs em sua cara aquela máscara arrogante que o fazia parecer impossivelmente bonito, e tão frio como seu nome. Mas as terríveis feridas no lado direito de seu rosto arruinavam sua máscara. Era como uma greta em sua armadura e ele não podia esconder-se detrás dela.

—Tampouco temos tempo para perder, meu forte braço direito, — disse Doyle—, não, se houver um tempo limite para te salvar.

Frost lhe olhou, com a surpresa mostrando-se através de sua máscara. Perguntei-me se Doyle havia alguma vez, em todos estes longos anos, chamado ao Frost de o forte braço direito da Escuridão. O olhar em seu rosto sugeria que não. E talvez isto era o mais perto que Doyle ia estar de lhe dar uma desculpa por abandoná-lo em sua luta com a Agnes a fim de poder me salvar. Pensaria Frost que Doyle lhe tinha deixado pra trás de propósito?

Todo um mundo de emoção pareceu passar entre os dois homens. Se fossem humanos poderiam ter trocado alguma blasfêmia ou alguma metáfora esportiva, que é o que parece passar entre amigos humanos quando existe um profundo afeto entre eles. Mas eles eram quem eram, e Doyle disse, simplesmente:

—Tire as armas suficientes para que possamos ver a ferida. —Ele sorriu quando disse isto, devido a que de todos os guardas, Frost era o que maior número de armas carregava, com o Mistral em um segundo lugar embora a bastante distância.

—O que seja que vão fazer, façam rápido —disse Rhys.

Todos lhe olhamos, e logo olhamos além dele. O ar fervia de cor negra, cinza, branco, e horrível. A matilha vinha para nós como uma avalanche de pesadelos.

Custou-me um momento localizar ao Sholto na ilha. Era uma pequena, pálida figura correndo, correndo a toda velocidade que podia desenvolver um sidhe. Mas embora fosse rápido, não se movia com a suficiente velocidade; e o que lhe perseguia se movia com a rapidez das aves, do vento, da água. Era como tratar de superar ao vento; simplesmente não podia fazê-lo.

Doyle se voltou para o Frost.

—Tire a jaqueta. Taparei a ferida. Não teremos tempo para mais.

Joguei uma olhada para a ilha. Os guardas do Sholto, seus tios, tratavam de comprar tempo. Ofereciam-se como um sacrifício para atrasar a marcha da matilha. Funcionou, durante um momento. Alguns dos integrantes daquele horrível composto de formas reduziram a marcha e lhes atacaram. Acredito que ouvi um deles gritar por cima dos agudos chiados das criaturas. Mas a maior parte da matilha selvagem foi atrás de seu objetivo. E aquele objetivo era Sholto.

Ele cruzou a ponte e seguiu correndo.

—Deusa nos ajude —disse Rhys, — vem para aqui.

—Finalmente entende o que chamou à vida —disse Mistral. —Agora corre aterrorizado. Corre para o único santuário que pode ver.

—Estamos rodeados por trevos de quatro folhas, serbales, fresnos e espinheiros. A matilha selvagem não pode nos tocar aqui —disse, mas minha voz foi tênue e não transmitia a segurança que eu desejava que tivesse.

Doyle tinha rasgado a camisa e a jaqueta do Frost em pedaços o bastante pequenos para ser usados como compressas.

—É muito grave? —Perguntei.

Doyle sacudiu a cabeça, pressionando o tecido em uma área que parecia ir da axila do Frost até seu ombro.

—Nos tire daqui, Meredith. Atenderei ao Frost. Mas só você pode nos tirar.

—A matilha selvagem passará sobre nós —disse. —Estamos de pé em meio de coisas pelas quais eles não podem passar.

—Se não fôssemos sua presa, então estaria de acordo —disse Doyle, enquanto tratava de conseguir que Frost se deitasse sobre o trevo, mas o outro homem resistia. Doyle pressionou mais forte sobre a ferida, o que fez ao Frost conter o fôlego. Doyle

continuou... —Mas Sholto nos disse que se formos sidhe, corrêsemos. Ele os conjurou para nos caçar.

Comecei a me girar, mas não podia apartar completamente meus olhos do Frost. Uma vez ele tinha sido o Assassino Frost: frio, temível, arrogante, intocado, e intocável. Agora ele era Frost, e não era temível, ou frio, e eu conhecia o roce de seu corpo de quase cada possível maneira. Queria ir com ele, sustentar sua mão enquanto Doyle atendia sua ferida.

—Merry —disse Doyle, —se não conseguir nos tirar daqui, Frost não será o único ferido.

Encontrei o fixo olhar do Frost. Vi dor ali, mas também algo esperançoso, ou bom. Acredito que gostava que estivesse tão preocupada com ele.

—Nos tire, Merry —disse Frost, entre seus dentes apertados. —Estou bem.

Não lhe chamei de mentiroso, mas me girei para assim não ter que lhe olhar. Isso me teria distraído muito, e eu não tinha tempo para ser débil.

—Necessito uma porta a Corte Escura —disse claramente, mas não aconteceu nada.

—Tenta outra vez —disse Rhys.

Tentei outra vez, e outra vez nada aconteceu.

—Sholto disse nenhuma porta —disse Mistral. —Pelo visto sua palavra prevalece.

Os pés do Sholto tinham tocado o bordo do campo que eu tinha criado. Ele estava a só uns metros de onde começava o trevo. O ar em cima dele estava cheio de tentáculos, bocas e garras. Apartei o olhar de tudo aquilo, porque não podia pensar enquanto o olhava fixamente.

—Chama a algo mais —disse Abe.

—O quê? —Perguntei.

Foi Rhys quem disse...

—Onde o serbal, o fresno e o espinheiro crescem juntos, o véu entre os mundos é muito tênue.

Elevei a vista ao círculo de árvores que tinha chamado à vida. Seus ramos tinham formado um teto abobadado por cima de nós. Murmuravam e se moviam

sobre nós da mesma forma que as rosas na Corte da Escuridão, como se estivessem mais vivos que uma árvore comum.

Comecei a caminhar para o interior do círculo de árvores, procurando não com minhas mãos, a não ser com aquela parte de mim que sentia a magia. A maioria dos médiums humanos têm que fazer algo para conseguir entrar em um transe adequado para fazer magia, mas eu tinha que me proteger constantemente para não ser afligida por ela. Sobretudo na terra das fadas. Ali havia tanta que fazia um ruído parecido ao motor de algum grande navio; ao momento deixava de ouvi-lo, mas sempre tremia sobre sua pele, fazendo seus ossos vibrar a seu ritmo.

Desprendi-me de meus escudos e procurei um lugar entre as árvores que parecesse mais... tênue. Não podia procurar simplesmente magia; havia muita ao meu redor. Muito poder fluindo para nós. Tinha que apanhar algo mais específico.

—Os trevos fizeram que reduzissem a marcha —disse Mistral.

Isso me fez jogar uma olhada atrás, longe das árvores. A nuvem de pesadelos rodava por cima dos trevos como uma matilha de sabujos que tivesse perdido o rastro.

Sholto seguia correndo, seu cabelo voando atrás dele; era formoso ver sua nua beleza em movimento, como observar a um cavalo correndo através de um campo. Era uma beleza que não tinha nada que ver com o sexo; simplesmente beleza em estado puro.

—Te concentre, Merry —disse Rhys. —Ajudarei-te a procurar uma porta.

Assenti e voltei a centrar meu olhar nas árvores. Tremiam com um poder intrinsecamente mágico, e estavam dotados de um poder adicional porque tinham sido criados por uma das magias mais antigas.

Rhys chamou desde mais à frente da clareira.

—Aqui!

Corri para ele, os trevos golpeando minhas pernas e pés como se me acariciassem suaves mãos verdes. Passei ao Frost recostado no chão, junto ao Doyle que sentado a seu lado exercia pressão sobre sua ferida. Frost estava ferido, muito ferido, mas não tinha tempo para ajudar. Doyle teria que cuidar dele. Eu tinha que cuidar de todos nós.

Rhys estava junto a um grupo de três árvores que realmente não pareciam ser diferentes das outras. Mas quando alarguei minha mão para elas, foi como se a realidade aqui tivesse sido estirada até ser muito fina, como uma moeda da boa sorte muito polida em seu bolso.

—Sente? —perguntou Rhys.

Assenti.

—Como a abrimos?

—Atravessando-a —disse Rhys. Ele olhou atrás para outros. —Todos, nos rodeiem. Temos que caminhar juntos.

—Por quê? —Perguntei.

Ele sorriu abertamente para mim.

—Porque as entradas que aparecem de forma natural como esta, nem sempre conduzem ao mesmo lugar cada vez. Seria uma má coisa que ficássemos separados.

—Mau é uma maneira suave de dizê-lo —disse.

Doyle teve que ajudar o Frost a levantar-se. Inclusive assim, tropeçou. Abe veio e ofereceu seu ombro para que se apoiasse, ainda sustentando o cálice de chifre em uma mão, como se esta fosse a coisa mais importante no mundo. Me ocorreu então que o cálice da Deusa tinha voltado para em qualquer lugar que se ia quando não estava me chateando. Nunca me tinha agarrado a ele do modo em que Abe o fazia, mas então, eu tinha tido medo de seu poder. Abe não tinha medo do poder de seu cálice; tinha medo de perdê-lo outra vez.

Mistral se girou para nós.

—Esperamos ao Senhor das Sombras ou o abandonamos a seu destino?

Custou-me um segundo compreender que ele se referia ao Sholto. Olhei para o lago. Sholto estava quase aqui, quase à altura das árvores. O céu detrás dele estava totalmente negro, como se a mãe de todas as tormentas estivesse a ponto de estalar, salvo que em vez de relâmpagos haveria tentáculos e bocas que chiavam.

—Ele pode escapar pelo mesmo caminho —disse Rhys. —A porta não se fechará detrás de nós.

Olhei-o.

—Não queremos que o faça?

—Não sei se podemos fechá-la, mas se o fazemos, Merry, ele estará preso. —
Havia um olhar muito sério em seu único olho. Era o olhar que eu começava a temer de todos meus homens. Um olhar que dizia: a decisão é tua.

Podia deixar morrer ao Sholto? Ele tinha chamado à matilha selvagem. Ofereceu-me como presa. Tinha nos apanhado aqui sem nenhuma porta. Devia?

Olhei o que o perseguia.

—Não poderia abandonar ninguém a isso.

—Assim seja —disse Doyle a meu lado.

—Mas podemos passar antes que ele —disse Mistral. —Não temos que esperá-lo.

—Está seguro de que sentirá a porta? —Perguntei.

Todos responderam ao mesmo tempo...

—Sim —disse Mistral.

—Provavelmente —disse Rhys.

—Não sei —disseram Doyle e Frost.

Abe só se encolheu de ombros.

Sacudi a cabeça e sussurrei...

—Deusa me assista, mas não posso abandoná-lo. Ainda posso saborear sua pele em minha boca. —Caminhei diante dos homens, mais perto de onde acabavam as árvores. —Sholto, estamos indo embora, ande depressa, te apresse! —Gritei.

Sholto tropeçou, caiu sobre os trevos, e rodou ficando em pé, com tal rapidez que parecia estar impreciso. Mergulhou-se entre as árvores, e pensei que o tinha obtido, mas algo comprido e branco se enredou ao redor de seu tornozelo justo antes que alcançasse o círculo mágico. Isso o agarrou no instante em que seu corpo estava saltando no ar, já não tocava os trevos, mas ainda não chegava às árvores. O tentáculo tratou de levantá-lo para o céu, mas suas mãos alcançaram desesperadamente as árvores. Agarrou-se a um ramo com suas mãos, e ficou suspenso por cima do chão.

Eu corri para ele antes sequer de havê-lo pensado. Não sabia o que ia fazer quando chegasse ali, mas não tinha do que me preocupar, porque um impreciso

movimento se precipitou por diante de mim. Mistral e Doyle estavam ali antes de mim.

Doyle levava a espada do Frost em suas mãos. Saltou no ar em um arco impossivelmente elegante, e cortou o tentáculo em dois. Cheirei a ozônio um segundo antes que o relâmpago estalasse da mão do Mistral. O relâmpago golpeou a nuvem e pareceu saltar de uma criatura a outra, iluminando-os. Era muita luz. Gritei e me cobri os olhos, mas era como se as imagens tivessem ficado gravadas em minhas retinas.

Umas mãos fortes tomaram as minhas, separando-as de meus olhos. Mantive os olhos fechados, e ouvi a voz profunda do Doyle que me dizia:

—Fechar os olhos não ajudará, Meredith. Agora está dentro de ti. Não pode deixar de vê-lo.

Abri a boca e gritei. Gritei e gritei e gritei. Doyle me recolheu em seus braços e começou a correr para os outros. Eu sabia que Mistral e Sholto estavam detrás de nós. Meus gritos se converteram em gemidos. Não tinha nenhuma palavra para descrever o que tinha visto. Ali havia coisas que não deveriam ter estado. Coisas que não podiam ter estado vivas, mas se moviam. Eu as tinha visto.

Se tivesse estado sozinha, teria me atirado ao chão e teria chiado até que a matilha selvagem me alcançasse. Em troca me aferrei ao Doyle e afundei meu nariz e a boca contra a curva de seu pescoço, mantendo meus olhos fixos nos trevos, as árvores, e em meus homens. Queria substituir as imagens que estavam gravadas a fogo dentro de mim; era como se tivesse que limpar meus olhos da visão da matilha. Aspirei o aroma do pescoço do Doyle, de seu cabelo, e isso me ajudou a me acalmar. Ele era real, e sólido, e eu estava segura em seus braços.

Rhys se moveu para ajudar o Abe com o Frost. Doyle ainda tinha a espada do Frost desembainhada e ensangüentada na mão, sustentando-a longe de mim. O sangue cheirava da maneira em que todo sangue cheira: vermelho, ligeiramente metálico, doce. Se essas criaturas derramavam sangue de verdade, então não podiam ser o que eu tinha visto; esses não eram pesadelos. O que eu tinha visto naquele momento beijado pelo relâmpago não era algo que vertesse alguma vez sangue de verdade.

Doyle disse ao Mistral que entrasse primeiro, porque não sabíamos aonde nos conduzia a entrada. O Senhor das Tormentas não discutiu, só fez o que lhe disseram. Todos, incluindo Sholto, seguimos suas largas costas entre as árvores. Em um momento estávamos no círculo de trevos; ao seguinte estávamos sob a luz da lua, no extremo de um estacionamento coberto de neve.

CAPÍTULO 18

HAVIA UM CARRO DE POLÍCIA E VÁRIOS CARROS SEM IDENTIFICAÇÃO ali estacionados. Dentro dos carros, agentes da polícia e do FBI nos olhavam fixamente, com os olhos abertos como pratos. Tínhamos aparecido simplesmente do ar; imagino que isso merecia uma ou duas olhadas.

—Como vamos explicar isto? —perguntou Rhys em voz baixa.

As portas dos carros começaram a abrir-se. Policiais para todos os gostos saíram ao frio. Nesse momento notamos um vento a nossas costas... um vento quente, e um som como de pássaros, se os pássaros pudessem ser muito grandes, e muito aterradores para descrevê-los com palavras.

—OH, Deus —disse Rhys, —já chegam.

—Mistral, Sholto, mantenham o passo fechado se puderem. Nos dêem tempo —disse Doyle.

Mistral e Sholto se giraram para fazer frente a esse quente e estremeceador vento. Doyle correu para os carros; eu estava ainda em seus braços. Outros lhe seguiram, embora Frost foi mais lento devido a suas feridas.

Os policiais nos gritavam...

—O que acontece? A princesa está ferida?

—Permaneçam em seus carros e estarão seguros —lhes gritou Doyle.

O carro mais próximo levava a dois homens de traje escuro. Um agente era jovem e moreno, o outro mais velho e quase calvo.

—Charles, FBI —disse o mais jovem. —Você não pode nos dar ordens.

—Se a princesa estiver em perigo, posso fazê-lo, segundo suas próprias leis —disse Doyle.

—Agente Especial Bancroft, O que está acontecendo? Não são gansos o que ouço —disse o mais velho.

Um agente das forças especiais da cidade do St. Louis, um oficial da polícia estatal de Illinois, e um policial local se aproximaram de nós. Pelo visto, quando os

outros policiais partiram depois de chegar a um acordo conosco, deixaram de guarda a um agente de cada corporação. Parecia que ninguém queria ser excluído.

—Se todos ficarem em seus carros, estarão a salvo —repetiu Doyle.

Um dos agentes mais jovens disse:

—Somos policiais. Não nos pagam para estar a salvo.

—Dito por alguém que está a anos luz de cobrar sua pensão —disse outro oficial, com bastante mais volume ao redor de sua cintura.

—Jesus... —disse um deles. Não tive que jogar uma olhada para trás para saber que, de momento, Frost já nos tinha alcançado. Tinha estado sangrando abundantemente sobre o Rhys, de modo que agora Rhys parecia estar mais gravemente ferido. Abe ainda sangrava devido a sua queda sobre os ossos.

Um dos agentes agarrou seu Walkie-Talkie e começou a solicitar uma ambulância. Doyle gritou por cima do som crescente do vento e dos pássaros...

—Não há tempo. Estarão sobre nós em um momento.

—Quem? —perguntou Bancroft.

Doyle sacudiu a cabeça e esquivou ao agente. Deixou-me no assento de passageiros do carro, logo abriu a porta traseira, dizendo...

—Ponha ao Frost dentro, Rhys.

—Não te abandonarei —disse Frost. Os homens o colocaram no assento enquanto ele ainda protestava.

Doyle lhe agarrou pelo ombro e lhe disse:

—Frost, se eu morrer, se todos nós morrermos, se outros forem à terra para sempre, então deve sobreviver. Deve levá-la de volta a Los Angeles e não voltar.

Então comecei a sair do carro, dizendo:

—Não te abandonarei...

Doyle me empurrou para o assento. Ajoelhou-se e me olhou fixamente com todo o peso de seu escuro olhar.

—Meredith, Merry, não podemos ganhar esta luta. A menos que chegue ajuda, morreremos todos. Nunca viu à matilha selvagem, mas eu sim. Daremo-lhes sidhes para que cacem e então ignorarão este carro. Você e Frost estarão seguros.

Me aferrei a seus braços, tão lisos, tão musculosos, tão sólidos.

—Não te deixarei...

—Nem eu —disse Frost, lutando por sentar-se no assento traseiro.

—Frost! —Quase lhe gritou Doyle, —não confio em ninguém, que não seja você ou eu para mantê-la a salvo. Se não pode ser eu, então deve ser você.

—Entre e conduza, Charlie —disse Bancroft.

O agente mais jovem não discutiu desta vez; ficou atrás do volante. Eu ainda me aferrava ao Doyle, negando com a cabeça repetidas vezes. Outro dos policiais tinha conseguido um estojo de primeiro socorros. Bancroft tomou e subiu ao assento posterior com o Frost.

—Não —disse ao Doyle. —Eu sou a princesa aqui, não você.

—Seu dever é viver —disse Doyle.

Sacudi a cabeça.

—Se você morrer, não estou segura de querer viver.

Doyle me beijou então, intensa e ferozmente. Tratei de me perder naquele beijo, mas ele se afastou bruscamente e me fechou de repente a porta na cara.

As travas se ativaram. Joguei uma olhada ao agente, que disse...

—Temos que mantê-la segura, Princesa.

—Abra a porta —lhe exigi.

Ele não me fez caso e ligou o motor, lhe dando gás. Nesse momento o vento se precipitou de repente sobre o carro, com tal força que o empurrou para um lado. Charlie lutou por manter o carro no estacionamento e afastado das árvores.

—Dirija! —Gritou Bancroft —Dirija como um filho de puta!

Então olhei, porque tinha que fazê-lo. A matilha selvagem tinha aberto caminho, e foi igual na caverna, quando a escuridão se dividiu e os pesadelos começaram a surgir. Mas agora os pesadelos eram mais sólidos. Ou talvez era, que agora que os tinha visto, não podia deixar de vê-los.

Um casaco voou sobre minha cara, e fiquei apanhada nele.

—Não olhe, Merry —disse Frost com voz afogada, —não olhe.

—Fique o casaco, Princesa —disse Bancroft. —Levaremos-la a hospital.

Sustentei o casaco em meus braços, mas me girei para olhar atrás.

A polícia estava disparando à matilha. Mistral iluminou o céu com relâmpagos, e um dos policiais se derrubou no chão. Estava gritando? O horror se transbordou sobre o Sholto que desapareceu. Doyle saltou para os tentáculos e dentes, sua espada brilhando à luz da lua. Gritei seu nome, mas a última coisa que vi antes de nos perder na escuridão foi ao Doyle cair sob o peso dos pesadelos.

CAPÍTULO 19

A MÃO DO FROST ME SEGUROU PELO OMBRO, me pressionando contra o assento.

—Por favor, Merry, não faça que o sacrifício do Doyle seja em vão.

Tomei sua mão, pressionando-a contra mim, e nela havia mais sangue.

—Como posso permitir que nos conduza à segurança e não me opor?

—Deve fazê-lo. Estou demasiado ferido para ajudar, e você é muito frágil. Eu morreria com muito gosto por eles, mas você não deve morrer.

O agente Charlie nos levava por um caminho estreito, conduzindo muito rápido para a pouca visibilidade que havia e a neve que tinha caído. Topou com uma placa de gelo e o carro patinou.

—Reduz a velocidade ou nos meteremos em uma sarjeta —disse Bancroft. —E você, Frost, fique bem, apóie-se no assento e me deixe seguir fazendo pressão sobre a ferida. Se morre sangrando, não poderá proteger à princesa.

—Viu isso? —Disse Charlie enquanto reduzia a velocidade. —Viu isso?

—Vi. —disse Bancroft com voz tensa. Ficou quase em cima de Frost. —me deixe me encarregar da ferida como me pediu seu capitão.

Frost me soltou, devagar, deixando cair sua mão. Comecei a me tampar com o casaco, não sabia de quem era, mas estava gelada. Mas gelada de uma maneira em que o casaco não poderia me ajudar, ainda assim era tudo o que tinha.

O agente Charlie reduziu a velocidade ao tomar uma curva fechada, e pude ver algo entre as árvores. Não era a matilha selvagem, e tampouco eram nossos homens.

—Pare—lhe disse.

Ele reduziu a velocidade, até quase deter-se.

—O quê? O que é isso?

Vi-os entre as árvores: trasgos. Trasgos que caminhavam em fila indian, protegidos contra o frio, levando suas armas sob a fria luz da lua. Afastavam-se da luta, embora alguns deles seguiam jogando olhadas para trás. Isso me bastou para

saber que eles sabiam o que estava passando e abandonavam aos meus homens para morrer.

—Dirija —ordenou Bancroft.

—Pare—lhe voltei a pedir.

O agente Charlie não me fez nenhum caso, fazendo que o carro acelerasse.

—Detenha-se —repeti. —Há trasgos aí fora. Poderíamos equilibrar a balança com eles. Podem salvar a meus homens.

—Fazemos o que seu guarda nos exigiu —disse Bancroft. —Iremos a um hospital.

Tinha que deter o carro. Tinha que falar com esses trasgos, eles eram meus aliados. Estavam obrigados a nos ajudar se eu o requeria ou se converteriam em mentirosos e traidores se não o faziam.

Elevei-me, tocando a cara do agente, e pensei em sexo. Nunca tinha feito isto com um humano antes, nunca tinha usado essa parte de minha herança desta maneira. Não estava bem, eu não lhe conhecia, nem lhe queria, mas fiz que me desejasse.

O agente pisou de repente nos freios, me lançando para frente, e lançando aos homens sobre o chão do carro.

Bancroft gritou:

—Que demônios está fazendo?

O agente Charlie lançou o carro dentro do parque, enrolando tudo o que encontrava em seu caminho. Logo se desabotoou o cinto de segurança, atirou de mim para ele, e tratou de me beijar, com suas mãos percorrendo todo meu corpo. Não me importava, enquanto o carro se detivesse.

Bancroft se incorporou sobre o assento.

—Charlie, Por Deus, Charlie. Pare!

Aproveitei esta luta para alcançar o outro lado e abrir a porta, enquanto os homens lutavam quase em cima de mim. Abri a porta e caí de costas sobre o chão. Charlie tratou de engatinhar detrás de mim. Bancroft se deslizou sobre o assento e terminou em cima de seu companheiro.

Fiquei de pé no caminho congelado, me agasalhando tudo o que podia dentro do casaco.

Os trasgos estavam ali na escuridão, justo fora do alcance dos faróis do carro. Duas caras me olharam, duas caras quase idênticas: Ash e Holly. O vento fez voar o cabelo dourado fora de seus capuzes. Não podia diferenciar que gêmeo era cada qual com esta luz incerta, e a única diferença que havia entre os dois era a cor de seus olhos.

—Saudações, trasgos —lhes chamei.

Um deles tocou ao outro e assinalou com a cabeça para a escuridão. Começavam a dar a volta para partir. Gritei-lhes...

—Chamo-lhes como aliados. Se lhes negam será traição. A matilha selvagem está aí fora e os mentirosos são carne doce para eles.

Os gêmeos se giraram para nós, outros trasgos só eram formas escuras esfumadas na penumbra.

—Nós não fizemos esse juramento —disse um deles.

—Kurag, o Rei dos Trasgos, fez, e vocês são seu povo. Está chamando a seu rei de mentiroso? Ou... é que é você agora o Rei dos Trasgos, Holly?

Não tinha que ter me arriscado tanto, sem estar segura de que irmão era, mas o tinha adivinhado me apoiando no fato de que Holly seria o que estava pior predisposto dos dois. Ele inclinou a cabeça pelo reconhecimento.

—A princesa vê muito bem na escuridão.

—Não, simplesmente tem bons ouvidos —disse seu irmão. —Você te queixa mais que eu.

Holly começou a avançar pela margem do caminho, sem fazer caso de minha súplica, e alguns de outros lhe seguiram. A maioria ficou nas sombras no bordo do caminho. Eram uns vinte. O suficiente para que se notasse uma diferença, o suficiente, talvez, para não perder... a meus homens.

Ouvi que uma porta do carro se abria detrás de mim. Frost avançava lentamente, quase desabando-se sobre a neve e o gelo do caminho. Fui para ele, mas segui mantendo o olhar sobre os trasgos.

—Esta não é nossa luta —dizia Holly.

—Necessito sua ajuda como meu aliado; e isto o converte em sua luta —disse.
—Ou é que os trasgos perderam o gosto pela batalha?

—Ninguém luta contra a matilha selvagem, princesa. Foge dela, alia-te com ela, ou te esconde dela. Mas não luta —disse Holly.

Podia ver seus olhos verdes agora. Seu capuz emoldurava uma cara tão formosa como a dos que formavam parte da Corte da Luz, os de dourado cabelo; só o mais puro verde de suas pupilas, e um corpo mais volumoso e compacto sob sua capa deixavam transparecer sua herança mista.

—Descumprirás o juramento? —Perguntei.

Agarrei-me à mão do Frost na neve.

—Não —disse Ash. Mas não parecia muito feliz por isso.

—Saímos para ver o que era o que ocorria —disse um dos outros trasgos—, não para ser assassinados por uma panda de sidhes.—O trasgo era quase duas vezes maior que qualquer sidhe. Girou seu rosto à luz, revelando uma face cheia de duros quistos arredondados. —Pode me jogar uma olhada, Princesa —disse, tornando-se para trás o capuz para que pudesse lhe ver. Seus braços estavam, como sua cara, cobertos de protuberâncias, que eram sinais de beleza entre os trasgos. Mas estas marcas eram de cores bolo: rosados, lavandas, verde hortelã, não eram tons de pele pelos que os trasgos pudessem alardear muito.

—Assim é, sou meio sidhe —disse ele. —Igual a eles, mas não sou tão belo, não é?

—Sob os padrões trasgos é o mais formoso —lhe disse.

Ele piscou com seus olhos ligeiramente inchados.

—Mas você não nos julga segundo os padrões trasgo, ou... sim o faz, Princesa?

—Requeiro sua ajuda como aliado. Requeiro sua aliança pelo juramento de sangue feito com seu rei para me ajudar. Chama o Kurag e convoca a mais trasgos.

—Por que não convoca aos sidhe? —perguntou o trasgo desfigurado.

A verdade era que eu não estava segura de que alguns deles se arriscassem nesta grande caça contra minha pessoa. Tampouco estava segura de se a rainha o permitiria. Ela não tinha estado muito contente comigo a última vez que nos encontramos.

—Está me dizendo que um trasgo é menos guerreiro que um sidhe? — Perguntei, evitando a pergunta.

—Ninguém é melhor guerreiro que os trasgos —disse ele.

Ash disse...

—O que sabe é que nenhum sidhe viria.

Tinha chegado o momento de não dar tantos rodeios.

—Não, não sei —confessei. —me ajude, Ash, me ajude, como meu aliado, nos ajude.

—Rogue – nos disse isso Holly. —Roga pedindo nossa ajuda.

—Os trasgos tratam de perder tempo —disse Frost com voz rouca. —Seguirão assim até que a luta tenha concluído. Covardes!

Olhei fixamente aos três altos trasgos, e a outros que estavam esperando entre as sombras. Fiz a única coisa em que pude pensar. Registrei ao Frost até encontrar uma pistola. Tirei-a da pistolera e me pus de pé.

Bancroft finalmente tinha conseguido algemar a seu companheiro ao volante, embora o Agente Charlie ainda tratava de escapar e aproximar-se de mim, e se uniu a nós na neve.

—O que vai fazer, Princesa?

—Vou voltar e a lutar.

Esperei que ante minha determinação, os trasgos não pudessem fazer outra coisa que me seguir.

—Não —disse Bancroft, e começou a rodear ao Frost para chegar até mim.

Apontei-lhe com a arma e tirei a trava.

—Não desejo brigar com você, Agente Bancroft.

Ele permaneceu calado durante um momento.

—Alegra-me ouvi-lo. Agora me dê a arma.

Comecei a retroceder ante ele.

—Vou retornar para ajudar a meus homens.

—Só está alardeando —disse o trasgo cheio de verrugas.

—Não —respondeu Frost—, não o faz. —Lutou por ficar em pé, logo voltou a cair sobre a neve. —Merry!

—Bancroft, leve-o a hospital.

Elevei a pistola apontando ao céu e pus-se a correr por onde tínhamos vindo. Tratei de pensar no calor do verão. Tentava levar a sensação de calidez como um escudo, mas tudo o que eu podia sentir era o gelo sob meus pés. Se era o bastante humana para me congelar, logo perderia o conhecimento.

Ash e Holly avançaram para chegar até mim, um a cada lado. Correram a largas pernadas enquanto eu tentava ir mais rápido. Poderiam ter me deixado atrás e chegado a luta muito antes, mas eles só cumpririam estritamente com sua parte do pacto. Se eu lutava e pedia sua ajuda, então tinham que me ajudar, mas não tinham que unir-se à batalha um segundo antes que eu o fizesse.

Nesse momento rezei.

—Deusa, ajude a mim e a meus aliados a chegar a tempo para salvar a meus homens.

Senti alguém correndo detrás de nós, mas não joguei uma olhada para trás, segura de que era um dos trasgos maiores.

Então vi umas mãos, chapeadas pela luz da lua. E antes de me dar conta, fui elevada sobre um peito que era tão largo como eu de alta. Jonty, um Boina Vermelha, de 3 metros de puro músculo trasgo. Ele me jogou um olhar, com olhos que com uma boa iluminação seriam ovalóides vermelhos como se olhasse o mundo através de uma cortina de sangue fresco. Seus olhos eram dignos rivais dos do Holly. Isto me tinha feito me perguntar se o trasgo gêmeo era meio Boina Vermelha. O sangue que gotejava continuamente da boina em sua cabeça brilhou com a luz. Pequenas gotas saíam despedidas para trás enquanto tomava velocidade e corria para a luta. Os Boinas Vermelhos tinham ganho seu nome porque banhavam suas boinas no sangue de seus inimigos. Uma vez, um de seus caudilhos teve que possuir a suficiente magia para fazer que seu sangue gotejasse indefinidamente. Jonty era o único Boina Vermelha que eu tinha encontrado alguma vez que podia fazer esse truque, embora ele não era um líder, porque os Boinas Vermelhos já não formavam um reino por eles mesmos.

Isto fez que Ash e Holly se vissem forçados a manter um ritmo mais rápido que o homem maior; Jonty era como um pequeno gigante entre eles. Os gêmeos

tinham se feito responsáveis por esta expedição, porque eram os trasgos mais resistentes. Se deixavam que Jonty ulcerasse à primeira batalha, eles ficariam como a parte mais débil, mais lentos, e então não poderiam ser responsáveis pelo resultado final desta noite. E na sociedade trasgo a sobrevivência é dos mais fortes.

Apartei a arma com cuidado, mantendo-a longe do Jonty. Ninguém nos adiantou, ninguém tinha umas pernas tão largas, e outros só lutaram por manter o ritmo. Para ser uma criatura tão grande, corria com a graça e a velocidade de alguém ágil e formoso.

Perguntei-lhe...

—Por que me ajuda?

Com sua voz profunda e áspera, respondeu-me...

—Fiz um juramento pessoal para te proteger. Não faltarei a minha palavra. — Ele se inclinou, a fim de que uma gota do sangue mágico caísse sobre minha cara. Logo sussurrou... —A Deusa e o Deus ainda me falam.

Sussurrei olhando para trás.

—Ouviu meu rogo.

Ele assentiu levemente. Toquei sua cara, e minha mão se separou coberta de sangue, de sangue quente. Abracei-me mais perto de seu calor. Ele levantou seu olhar uma vez mais, e logo correu mais depressa.

CAPÍTULO 20

O CÉU FERVIA COM NUVENS DE TORMENTA SOBRE OS pequenos bosques que confinavam com o estacionamento. A matilha selvagem já não era um pesadelo cheia de tentáculos. Parecia mais uma tormenta, se é que as tormentas podiam abater-se sobre as cúpulas das árvores e as cobrir com um pouco parecido a seda negra gotejando entre os troncos.

Um relâmpago cintilou até o chão de entre as nuvens. Mistral ainda estava lutado e resistia. Quem mais? Uma chama verde titilou através das árvores, e algo duro e tirante se aliviou em meu peito. Essa era a chama da mão de poder do Doyle. Ele também estava vivo. Naquele momento, nada mais me importou. Nem a coroa, nem o reino, nem sequer os elfos em si mesmos; nada me importou salvo que Doyle estava vivo, e não gravemente ferido já que ainda seguia lutando.

Ash e Holly aumentaram a velocidade para chegar a frente de Jonty e de mim quando alcançássemos a clareira mais próxima às árvores. Não havia suficientes lugares para proteger-se em campo aberto, até das sombras mais tênues os trasgos apareciam. Não se materializaram, surgiam desde seu esconderijo como franco-atiradores em um campo de batalha, salvo que a única camuflagem que tinham os trasgos era sua própria pele e roupa.

Ash tinha chamado ao Kurag, o Rei dos Trasgo, enquanto corríamos a este lugar. Para fazê-lo, havia desembainhado sua espada e tinha posto uma mão sobre meu ombro para que o sangue corresse pela folha. Sangue e metal afiado: a velha magia que se utilizava muito antes que os telefones fossem sequer um sonho na mente dos seres humanos. Pessoalmente eu não teria querido levar uma folha nua enquanto corria por um terreno gelado. Mas Ash não era humano, e ele fez que tudo parecesse mais fácil.

Ash e seu irmão corriam por diante do Jonty. Quem quer que chegasse em primeiro lugar lideraria aos trasgos sem discussão. Mas eu não me preocupei por isso;

enquanto salvássemos a meus homens, não me importava quem o adjudicasse. Teria seguido a qualquer um naquele momento só para salvá-los.

Um dos irmãos começou a falar com as forças que estavam esperando. Mas até que o outro irmão não se aproximou o suficiente para ver cintilar seus olhos carmesins não soube que era Holly o que havia tornado junto ao Jonty e a mim. Holly lutava por respirar com normalidade. Superar a alguém cujas pernas eram quase tão altas como uma pessoa, comportava bastante esforço, inclusive para um guerreiro tão formidável como era ele. Sua voz mostrava só um indício deste sufoco que fazia que seus ombros e peito subissem e baixassem rapidamente.

—Os arqueiros estarão preparados em breves momentos. Necessitamos à princesa.

—Eu não sou um grande arqueiro —disse, ainda embalada pelo calor do corpo do Jonty, e o sangue. O sangue que fluía de sua boina deslizando-se por meu corpo era quente. Igual de quente que a que emanava de uma ferida aberta.

Holly me dirigiu um olhar que pareceu irritado inclusive sob o indulgente brilho da luz da lua.

—É a portadora da mão de sangue —disse ele, deixando que essa cólera que sempre subjazia em seu interior se ouvisse em sua voz.

Quase perguntei o que tinham que ver os arqueiros com isso. Mas um momento antes que dissesse algo, soube.

—Ah... — eu disse.

—A menos que Kitto exagerasse com o que fez em Los Angeles ao Inominável —acrescentou Holly.

Neguei com a cabeça, o sangue quente se deslizava por meu pescoço, entre minha pele e o casaco que tinha tomado emprestado. O sangue deveria ter sido ruim, mas não o era, mas bem parecia uma manta quente durante uma fria noite: era consolador.

—Não, Kitto não exagerou —lhe disse.

Eu não gostei que Kitto contasse nossos assuntos aos trasgos, mas me tinha visto obrigada a aceitar que ele era metade deles, e ainda tinha que responder ante

seu rei. Provavelmente não teria tido muitas opções para escolher o que podia lhes dizer.

—Uma completa mão de sangue —disse Holly, e sua voz não soou tão zangada como cética. —Custa acreditar que recaia em uma criatura tão frágil.

—Olhe minha boina, se dúvida de seu poder —bramou Jonty.

Holly olhou fixamente para cima, mas seus olhos não ficaram olhando a boina muito tempo. Seu olhar baixou para deslizar-se sobre mim, e algo naquele olhar era tanto de caráter sexual como predador. Eu podia sentir o sangue condensando meu cabelo nas costas, em meus ombros e braços; devia parecer a vítima de um acidente. A maioria dos homens o teriam encontrado repulsivo, mas Holly me olhou como se estivesse só coberta de perfume e lingerie. O pesadelo de um homem, era a fantasia de outro.

Ele elevou uma mão, hesitante, como se pensasse que Jonty ou eu protestaríamos. Quando não o fizemos, tocou meu ombro. Acredito que só tinha intenção de tomar um pouco de sangue em seus dedos, mas no momento em que seus dedos me roçaram, um olhar de pura maravilha encheu sua cara. Ele se inclinou para mim, o assombro desaparecendo de seu rosto para ser substituído por algo que era em parte desejo e em parte violência.

—O que nos está fazendo, Princesa, para te sentir desta maneira?

—Não sei o que está sentindo, por isso não sei o que te responder.

Minha voz soou tênue. De todos os homens com os que tinha prometido ter sexo, Holly e seu irmão eram os que me tinham dado mais tempo para levá-lo a cabo.

Os braços do Jonty se apertaram a meu redor, quase possessivamente. Isso era bom e mau de uma vez. Se tudo no Jonty era proporcional, então não poderia satisfazê-lo e viver para contá-lo. Mas era difícil saber com um Boina Vermelha; sua possessividade poderia não ter nada que ver com o sexo, e sim muito com a magia do sangue.

Holly retirou sua mão de meu ombro e começou a lamber o sangue de sua mão como um gato que colocasse a pata em uma tigela de leite. Pestanejou com os olhos quase fechados, enquanto se lambia.

—Ela convoca o sangue —disse ele, em voz baixa, mais apropriada para o dormitório que para um campo de batalha.

—Sim —disse Jonty, e apenas essa palavra tinha o mesmo tom, muito íntimo.

Eu estava perdendo algo, mas não quis confessar que não entendia o que ocorria, ou por que eles estavam tão fascinados pelo fato de que meu toque fizesse que um Boina Vermelha sangrasse mais. Perdida, troquei de tema.

—Se desejas que chame o sangue de nossos inimigos, temos que nos aproximar mais aos arqueiros.

Lutei por manter minha voz neutra, como se soubesse exatamente o que acontecia não me preocupasse e deixasse essa discussão por resolvida.

—Quem te sustentará enquanto convoca o sangue? Para que assim esses pés tão delicados não toquem a terra gelada — disse Holly.

—Manterei-me de pé eu mesma.

—Eu te sustentarei —disse Jonty.

—É um trasgo, Jonty. Os trasgos lutam entre si só como esporte, o que quer dizer que é muito provável que tenha algum corte em alguma parte de seu corpo. Se tiver uma ferida, embora seja uma muito pequena, quando chamar o sangue, também você sangrará.

—Não sou nenhum Boina Vermelha para brigar só por diversão. Economizo minha carne para outras coisas —disse Holly, lambendo a última gota de sangue de sua mão com um movimento pausado que deveria ter sido sensual, mas que ao final só foi um gesto inquietante.

—Manterei-me de pé eu mesma —repeti.

—Seu irmão está fazendo gestos para chamar nossa atenção — disse então Jonty ao Holly, e deu um passo para diante.

Holly vacilou, como se quisesse deter nosso avanço, mas logo se fez a um lado, falando quando Jonty lhe adiantou.

—Sobrevive a esta noite, Princesa, pois tenho a intenção de te ter.

—Lembro muito bem do nosso trato, Holly —lhe disse.

O trasgo menor avançou a toda pressa para equiparar as pernas mais largas do Jonty. Recordou a um menino perseguindo um adulto, embora Holly não tivesse me agradecido por esta comparação.

—Escuto certa relutância em sua voz, Princesa, e o sexo será por isso mais doce.

—Não a atormente antes da batalha, Holly —disse Jonty.

Holly não discutiu; só abandonou o tema no momento.

—Os arqueiros os ferirão para ti, mas tem que debilitá-lo o suficiente para poder derrubá-los disse ele.

—Sei o que quer que faça.

—É que não parece muito segura.

Não expressei minhas dúvidas, porque isto era a matilha selvagem. A verdadeira matilha selvagem, o que queria dizer que era a essência dos elfos. Estas criaturas podiam sangrar? Porque se não... como se mata algo que está formado de pura magia? Da antiga magia, caótica, primitiva e horripilante. Como poderia alguém matar algo assim? Inclusive se os sangrasse o bastante para fazê-los cair a terra, realmente poderíamos matá-los com espadas e tochas? A verdade, eu nunca tinha ouvido que alguém enfrentou a eles e tivesse conseguido tal façanha.

É obvio, eu nunca tinha ouvido que a matilha espectral sangrasse se a ferisse. Sholto os tinha chamado à vida, usando a magia que ele e eu tínhamos criado em nossa união. Tinha sido meu sangue mortal o que tinha feito que a matilha fosse vulnerável ao derramamento de sangue? Minha mortalidade era realmente contagiosa como alguns de meus inimigos reclamavam?

Depois de pensar com lógica, se isso era verdade e eu me sentava no trono de nossa Corte, estaria condenando a todos os sidhe a envelhecer e a morrer. Mas neste momento, se minha carne mortal era a que tinha feito que meu inimigo fosse também mortal, estava agradecida por isso. Significava que eles podiam sangrar e morrer, e eu os necessitava mortos. Tínhamos que ganhar esta batalha. Eu não propagaria minha mortalidade entre todas as fadas, mas tê-la compartilhado com estas criaturas, isso sim que seria uma bênção.

CAPÍTULO 21

AS FLECHAS CORTARAM O CÉU NOTURNO COMO FERIDAS negras através das estrelas, desaparecendo entre a seda negra das nuvens. Esperamos para ouvir, nessa noite invernal, gritos que nos deixassem saber que os disparos tinham encontrado seu destino, mas não houve outra coisa que silêncio.

Estava de pé no chão, rodeada pelo casaco que tinha tomado emprestado. Estava sobre a capa do Holly, que ele tinha colocado sobre o chão para proteger meus pés descalços do chão áspero e gelado.

—A capa me impede de dirigir bem a tocha —me disse, como se tivesse medo de que eu pudesse pensar que ele estava sendo galante. Logo avançou até alcançar a seu irmão e a outros guerreiros.

Só Jonty e outro Boina Vermelha ficaram atrás comigo, embora cada um dos Boina Vermelha que tinham saído de noite, mais ou menos uma dúzia, haviam me tocado antes de situar-se em seu lugar nas filas. Tinham posto suas bocas contra meu ombro como em uma estranha classe de beijo, ali onde o casaco estava empapado pelo sangue que caía da boina do Jonty. Um deles apanhou o casaco entre seus dentes bicudos e o rasgou antes que Jonty lhe empurrasse lhe mandando longe. Outros que chegaram logo tinham alargado o buraco até que os últimos lábios que me beijaram tocaram meu ombro nu onde o sangue já tinha começado a secar-se sobre minha pele. Eu não tinha concedido tal confiança aos Boinas Vermelhas, nem me tinha solicitado; Jonty os chamou e lhes tinha falado em um gaélico tão arcaico que eu não pude entender.

Fosse o que fosse o que Jonty lhes disse, fez que seus rostos se girassem a me olhar, e nesses olhos vi a mesma intensa mescla de sexo, fome, e impaciência que tinha visto na cara do Holly. Não tinha entendido o significado desse olhar e não tinha tempo para perguntar, mas embora eu não gostei que pressionassem seus lábios contra meu ombro, permiti. Imediatamente notei que cada um dos Boinas Vermelhas

que havia me tocado começava a sangrar de novo depois de tocar o sangue do Jonty em meu corpo.

Eu lutava contra o impulso de gritar pela impaciência, mas os Boinas Vermelhas não eram os que nos estavam atrasando; eram os outros trasgos os que brigavam discutindo por seu lugar nas filas. Se Kurag, Rei dos Trasgos, tivesse vindo, não teria havido discussão alguma, mas Ash e Holly, embora eram guerreiros temidos, não eram reis, e qualquer outra fila de mando entre os trasgos estaria sempre sujeito a um constante estado de luta pela liderança. A sociedade trasgo representava o exemplo mais extremo da Teoria da Evolução de Darwin: só os mais fortes sobrevivem, e só o mais forte os lidera.

Se eu realmente tivesse sido o bastante rainha para liderá-los, fariam o que lhes ordenasse, mas ainda não tinha ganho seu respeito, assim sabia que o melhor seria tentar dirigi-los daqui. Isso também teria desprestigiado ao Ash e ao Holly, e eu não teria ganho nada com isso. Além disso, a tática no campo de batalha não era meu forte, e eu sabia. Meu pai tinha me treinado a uma idade tenra para conhecer meus pontos fortes e minhas debilidades. E também, disse-me, para encontrar aliados que me complementassem. A verdadeira amizade era uma classe amor, e em todo amor há poder.

Jonty se inclinou e me disse:

—Chama a sua mão de poder, Princesa.

—Como sabe que já estão feridos?

—Somos trasgos —me disse, como se isso explicasse tudo.

Outra rajada de chamas verdes cintilou entre as árvores, e estava o bastante perto para ver como os brincos negros retrocediam ante ela. Não voltei a discutir e chamei a minha mão de sangue.

Concentrei-me em minha mão esquerda, que não emitiu nenhum raio de luz, ou um algo parecido ao que alguém vê nos filmes; era algo tão simples como a marca, ou chave, que a mão de sangue punha na palma de minha mão esquerda. Ou possivelmente, a palavra que o definiria melhor seria portal. Abri a marca na palma daquela mão, e embora não houvesse nada que ver simples vista, havia um mundo de sensações.

Era como se o sangue de minhas veias se convertesse de repente em metal fundido. Meu sangue parecia ferver com seu poder. Gritei, e assinalei com minha mão para a nuvem. Projetei esse ardor, esse poder dilacerador para fora. Compreendi naquele momento que não eram só os arqueiros os que disparavam às cegas, eu nunca antes tinha tentado usar a mão de sangue com um objetivo ao que não pudesse ver.

Em um batimento de coração o poder voltou para mim, e cada pequena ferida que me tinha feito nestas últimas vinte e quatro horas, sangrou. Cada diminuta ferida sangrou como uma fonte, e lutei contra meu corpo, lutei contra minha própria magia para impedir que me destruísse.

Um relâmpago golpeou a nuvem, e a iluminou, igual ao fez no sithen dos sluaghs. Mas desta vez não me horrorizei, sentia-me feliz; uma alegria feroz pelo triunfo. Se eu podia vê-los, podia fazê-los sangrar.

Tive só um momento para divisar meus objetivos. Um só fôlego para ver que a massa de tentáculos era branca, chapeada e dourada, não negra, cinza e branca como tinha sido anteriormente. Tive só um instante para notar que a matilha era de uma terrível beleza antes que eu projetasse meu poder sobre aquela massa brilhante e gritasse...

—Sangra!

Uma chama verde subiu de entre as árvores e um relâmpago estalou detrás, de forma que ambos os poderes se encontraram com o meu alcançando os três a nuvem ao mesmo tempo. A nuvem cintilou em diferentes tons de verde. "Sangra", ordenei e grandes fornecedores de jorros negros explodiram em meio de uma labareda verde amarelada.

A luz morreu, deixando uma noite mais escura que antes. Minha visão noturna se arruinou ao olhar fixamente para a luz. Algo salpicou o flanco esquerdo de meu rosto, algo úmido, mas não senti nenhuma diferença de temperatura. Só podiam ser duas coisas: água à temperatura do corpo ou sangue muito fresco. Se tivesse sido um guerreiro, me teria girado rapidamente com as armas preparadas, mas dei a volta lentamente, igual ao protagonista de um filme de terror quando realmente não quer ver o que lhe vem em cima.

Tudo o que encontraram meus olhos foi ao menor de meus guardas Boina Vermelha, Bithek. Alguém lhe tinha cortado limpamente o couro cabeludo e o sangue se derramava como uma máscara sanguinolenta por sua cara, de forma que nem sequer lhe viam os olhos, perdidos em meio dessa escura cortina de fluxo. Então sacudiu a cabeça como um cão molhado, me salpicando de gotas quentes. Fechei os olhos, elevando uma mão para me proteger.

Jonty repreendeu ao Bithek.

—Está esbanjando o sangue.

—É muito, não posso mantê-lo fora de meus olhos. Tinha me esquecido de como era isto —grunhiu Bithek.

Olhei detrás de mim ao Jonty, e o encontrei tão empapado em sangue como o outro guarda. Isso fez que olhasse a meu redor, para todos eles. Todos estavam cobertos de sangue, e inclusive a débil luz da lua e das estrelas, agora podia ver que o sangue gotejava das boinas de suas cabeças.

—Sua magia atrai nosso sangue, Princesa —disse Jonty.

—Não te entendo...

—Os faz sangrar para nós —disse este último Boina Vermelha.

Olhei-o.

—Não posso recordar seu nome —lhe disse.

—Por sentir esta magia, eu te seguiria sem discussão, ainda sem ter nome, princesa Meredith. Sangra a nossos inimigos, e nos cubra com seu sangue.

Dei a volta, me afastando dos Boinas Vermelhas. Não os entendia de tudo, mas esperaria. Um mistério por resolver, mais tarde tentaria esclarecê-lo.

Inclusive me afastando dos Boinas Vermelhas, ainda podia senti-los. Era como se seu poder se complementasse com o meu, alimentasse-o. Não; nossos poderes se alimentavam mutuamente; sentia-os como uma cálida fonte de energia a minhas costas, reconfortante e a pleno rendimento.

Lancei esse calor, essa carga de poder contra nossos inimigos. Chamei a seu sangue para me unir ao relâmpago e ao brilho da chama verde e dourada. Chamei a seu sangue e soube que os Boinas Vermelhas a minhas costas sangravam com eles. Podia senti-lo. Outros que esperavam por diante de nós sangraram também.

Um trasgo veio correndo para nós a toda velocidade, de maneira que envergonharia inclusive ao sidhe mais orgulhoso. Não era mais alto que eu, mas tinha quatro braços como eu dois, e uma cara sem nariz que parecia, por isso, estranhamente inacabada. Caiu de joelhos, mas não procurou meus olhos. Em realidade pôs dois de seus braços sobre o chão, prostrando-se bruscamente, e na sociedade trasgo, quanto mais se rebaixa uma pessoa, mais respeito sente para a pessoa a que se dirige. Por norma geral eu não consentiria essa forma de saudação de ninguém. Mas ele disse...

—Trago-te uma mensagem do Ash e Holly: —“Aponta sua magia melhor, Princesa, antes que sangre a todos nós até morrer.”

Agora entendi por que estava se humilhando dessa maneira, tinha medo de que tomasse a mensagem de má maneira.

—Lhes diga que apontarei melhor —lhe disse ironicamente.

Ele inclinou a cabeça, dando um golpe no chão com a testa, logo se incorporou de um salto e saiu zumbindo da mesma forma em que tinha vindo. Retirei minha magia, controlando a mão de sangue. A dor foi instantânea, ardente e aguda, como cristal quebrado fluindo por minhas veias. Gritei de dor, silenciosamente, mas ainda assim controlei a magia mantendo-a em meu interior.

Lutei por visualizar às criaturas que havia dentro da nuvem. Tentáculos, prolongações chapeadas e douradas, branca e poderosa magia. Caí de joelhos ante a dor. Jonty tentou me sujeitar.

—Não, não me toque —Vaiei. —A magia quer fazer sangrar a alguém, a qualquer um, e se me toca será seu branco.

Então, fechei os olhos e mentalmente projetei a imagem que necessitava. Quando pude vê-la, brilhante e retorcendo-se em minha visão interior, elevei minha mão esquerda outra vez, e lancei a dor sobre essa imagem tão clara como o cristal. Minha dor se intensificou durante um esplendoroso momento, me deixando sem fôlego; durante um segundo só houve dor, muitíssima dor. Logo esta se aliviou, e quase pude respirar... e soube que a mão de sangue estava ocupado em outro objetivo.

Mantive os olhos fechados para que nada mais pudesse ocupar minha visão. Temia que se olhasse aos guerreiros trasgos outra vez, voltaria a fazê-los sangrar sem querer. Sabia o que queria fazer sangrar, e isso estava sobre nossas cabeças, no céu. Pensei em todas as coisas formosas que poderiam estar voando em cima de nós. Tinham que ser tão espantosos? Havia tal beleza em nosso mundo das fadas, por que tinham que ser como um pesadelo?

Ouvi o som de asas batendo no alto, e abri os olhos. Estava no chão sobre a capa do Holly, embora não recordava ter caído. Sobre nós, tão perto que as grandes asas brancas quase roçavam a cabeça do Jonty, voavam cisnes. Cisnes de um branco resplandecente sob a luz da lua: Haveria pelo menos mais de vinte, e... tinha visto o que pensei que havia em seus pescoços e ombros? Cadeias e colares de ouro? Isso não podia ser, era só matéria de lenda.

Mas foi o anônimo Boina Vermelha quem expressou o que eu pensava:

—Levam cadeias em seus pescoços.

Depois ouvi o grasnido selvagem dos gansos. Voavam sobre nós seguindo a direção que os cisnes tinham tomado. Pus-me de pé, tropeçando com o casaco que tinha tomado emprestado. Jonty me sujeitou, mas isso não pareceu nos danificar, nem a ele, nem a mim. Sentia-me ligeira e etérea, como se a mão de sangue tivesse feito algo mais. O que tinha estado pensando justo antes que os cisnes voassem sobre nós? Que a beleza nas fadas freqüentemente parecia ser um pesadelo?

Então voaram groux: a ave de meu pai, um de seus símbolos. As groux voavam baixo e pareceram inclinar suas asas para nós, quase em uma espécie de saudação.

—Estão caindo! —gritou Bithek.

Olhei para onde ele assinalava. A nuvem negar tinha desaparecido, e com ela a maioria das criaturas. Tinha sido tantas, uma massa convulsa, mas agora só havia umas poucas, talvez menos de dez, e uma delas se estrelou contra as árvores. Outra caiu sobre o chão, e escutei o agudo ruído das árvores ao quebrar-se como se tivessem caído sob o impacto de um raio. Os homens estavam dispersos, muito longe de mim para saber quem era quem. Estaria Doyle a salvo? E Mistral? A magia tinha chegado a tempo?

Muito dentro de mim, finalmente admiti, que era ao Doyle a quem necessitava para poder sobreviver. Amava ao Rhys, mas não como amava ao Doyle. Permiti-me admitir a verdade. Permiti-me conhecê-la, ao menos dentro de minha própria mente, e a verdade era que se Doyle morria, uma parte de mim morreria também. Tinha acontecido nesse momento no carro, quando ele nos tinha empurrado ao Frost e a mim dentro, e me tinha cedido ao Frost.

—Se não for eu, deve ser você —Havia dito ao Frost. Também amava ao Frost, mas por fim tinha compreendido. Se eu pudesse ter escolhido ao meu rei nesse momento, sabia quem seria.

Uma lástima que não era eu quem tinha que fazer a escolha.

Umas figuras começaram a avançar para nós, e os trasgos se separaram para formar um corredor para meus guardas. Quando finalmente reconheci à alta e escura figura algo em meu peito se aliviou, e repentinamente comecei a chorar. Então, comecei a andar para ele. Não notei a erva congelada sob meus pés nus. Não notei os restolhos me cortando. Só corri, com os Boinas Vermelhas correndo a meu lado. Recolhi os borde do casaco que tinha tomado emprestado como se fosse um vestido de ornamento, mantendo-os fora de meu caminho para poder correr para ele.

Doyle não estava sozinho; havia cães, enormes cães negros que formavam redemoinhos entre suas pernas. De repente recordei uma visão que eu tinha tido onde estava ele com cães como estes, e a terra tremeu sob meus pés, sonho e realidade mesclados diante de meus próprios olhos. Os cães me alcançaram primeiro, pressionando sua quente pelagem contra mim quando ajoelhei a seu lado; notei seu fôlego ofegante e quente em meu rosto quando alarguei minhas mãos para acariciá-los. Sua pele negra se estremeceu com um formigamento de magia.

Os corpos se retorceram sob minha mão, a pele se fez menos grossa e mais lisa, os corpos se fizeram menores. Elevei a vista para olhar a um dos cães que corriam, era branco e lustroso, com orelhas de um vermelho brilhante. A cara do outro cão era metade vermelha e metade branca, como se alguma mão lhe tivesse desenhado uma linha de cima abaixo pelo centro. Eu nunca tinha visto nada tão formoso como aquela cara.

Então Doyle parou diante de mim e eu me lancei para seus braços. Ele me levantou do chão e me abraçou com tanta força que quase me fez mal. Mas queria que me abraçasse forte. Queria sentir seu corpo contra o meu. Queria saber que ainda seguia vivo. Tinha que tocá-lo para saber que era real. Necessitava que me tocasse, e precisava saber que ele ainda era minha Escuridão, e o que era mais importante, meu Doyle.

Ele sussurrou sobre meu cabelo.

—Merry, Merry, Merry.

Eu só agarrei a ele, muda, e chorei.

CAPÍTULO 22

TODOS SOBREVIVERAM, INCLUSIVE OS POLICIAIS HUMANOS, embora alguns deles se tornaram loucos pelo que tinham visto. Abeloec lhes deu de beber no cálice de chifre, e caíram em um sonho mágico, destinados a despertar sem a lembrança dos horrores que tinham visto. Vêem, a magia não é sempre algo mau.

Os cães negros eram um milagre: transformavam-se dependendo de quem os tocassem. Ante o toque do Abe passaram de ser grandes cães negros a converter-se em cães mulherengos ideais para repousar ante um fogo acolhedor, de cor branca com manchas vermelhas, cães fadas. Ante o roce do Mistral se transformaram em enormes cães lobos irlandeses, não como os pálidos e esbeltos exemplares de hoje em dia, mas sim como os gigantescos animais que tanto tinham sido temidos pelos romanos por ser capazes de romper a espinha dorsal de um cavalo com sua dentada. Ante o toque de alguém mais, um se converteu em um cão coberto pela verde pelagem dos Q Sith que tinham habitado a Corte da Luz. O que pensaria seu rei, Taranis, de sua volta? Seguro que tentaria adjudicar o mérito de sua volta, reclamando-o como uma prova de seu poder.

No meio da volta de tantas coisas perdidas e agora reencontradas, outras coisas muito mais apreciadas me foram devolvidas. A voz do Galen gritando meu nome me fez dar a volta nos braços do Doyle. Ele avançava por um campo nevado e uma esteira de flores crescia por onde ele caminhava, fazendo retornar a primavera. Todos os que tinham desaparecido nos jardins mortos estavam com ele. Nicca apareceu com um semiduende alado. Amatheon estava ali com a tatuagem de um arado de um resplandecente vermelho sangue gravado em seu peito. Vi o Hawthorne, com seu cabelo escuro misturado com flores vivas. O cabelo do Adair ardia ao seu redor como um halo de fogo, tão brilhante que obscurecia sua cara quando ele se movia. Aisling caminhava rodeado por uma nuvem de pássaros cantores. Ia nu, exceto por uma parte de gaze negra que tinha colocado ao redor de sua cara para tampá-la.

Onilwyn foi o único que não retornou. Pensei que o jardim o tinha ficado, até que ouvi outra voz gritar meu nome na lonjura. Então ouvi o grito frenético do Onilwyn:

—Não, meu Senhor, não!

—Não pode ser —sussurrei, elevando a vista para o Doyle, vendo o medo que também cruzava sua cara.

—É ele —disse Nicca.

Galen me abraçou como se eu fosse a última coisa sólida que houvesse no mundo. Doyle se moveu para poder me abraçar também.

—É por minha culpa —sussurrou Galen—. Não queria fazê-lo.

Aisling falou, e a multidão de aves cantoras que lhe rodeavam se agitaram de alegria ante o som de sua voz.

—Reaparecemos no Vestíbulo da Morte.

—A grande magia não funciona aqui; por isso estamos indefesos e não podemos impedir o afastamento da tortura —disse Rhys.

—Surgimos das paredes e do chão, e as árvores, as flores e o brilhante mármore chegaram conosco —disse Aisling. —O vestíbulo trocou para sempre.

Galen começou a tremer, e eu o sustentei tão forte como pude.

—Fui sepultado vivo —me disse. —Não podia respirar, não tinha o que respirar, mas meu corpo seguia tratando de fazê-lo. Surgi do chão gritando.

Caiu de joelhos enquanto eu lutava por sustentá-lo.

—A rainha emparedou vivos aos membros da Casa do Nerys —disse Amatheon. —Galen não tomou muito bem depois de passar um tempo clandestinamente.

Galen se estremeceu como se tivesse um ataque, como se cada um de seus músculos lutasse contra si mesmo, como se estivesse gelado, mas ao mesmo tempo febril. Muito poder e muito medo para suportá-lo.

O brilho do Adair se atenuou o suficiente para que eu pudesse ver seus olhos.

—Galen só disse... “Nenhum detento, nenhuma parede” e as paredes se desvaneceram, e as flores apareceram no que antes eram as celas. Ele não entende quanto poder adquiriu.

Outro grito nos chegou da distância.

—Prima!

—Galen liberou ao Cel ao dizer “Nenhum detento....” —disse Doyle.

—Sinto-o tanto —disse Galen começando a chorar.

—Onilwyn e a própria rainha, e uns quantos mais de seus guardas, estão lutando agora mesmo para controlar ao Cel —disse Hawthorne—, ou ele já estaria aqui tratando de ferir a princesa.

—Está completamente louco —disse Aisling— e totalmente obcecado em machucar a todos nós. Mas sobretudo a ti, Princesa.

—A rainha nos disse que devemos retornar rapidamente às Terras do Ocidente. Espera que ele se tranqüilize com o tempo —informou Hawthorne. Inclusive à luz das estrelas, ele pareceu duvidoso.

—A rainha confessou diante de quão nobres que não pode garantir sua segurança —disse Aisling.

—Deveríamos fugir, se é que vamos fazer isso —disse Hawthorne.

Compreendi o que ele queria dizer. Se Cel me atacava agora, aqui, neste momento, estaríamos em nosso direito de matá-lo, se podíamos. Meus guardas tinham jurado me proteger, e Cel não era nenhum adversário para a força e a magia que agora obrava em meu poder. Ao menos, ele sozinho, não o era.

—Se pensasse que a rainha permitiria que sua morte ficasse impune, então diria, fiquemos e lutemos —disse Doyle.

Um dos grandes mastins negros deu um cabaçada ao Galen. Ele tratou de tocá-lo, e quase automaticamente o cão trocou diante de meus próprios olhos. Transformou-se em um lustroso cão branco com uma de suas orelhas de cor vermelha. Lambia as lágrimas na cara do Galen, e ele o contemplava maravilhado, como se não tivesse visto um cão em sua vida.

Logo nos chegou outra vez a voz do Cel, rota, quase irreconhecível.

—Merry!

Seus gritos cessaram abruptamente. O silêncio foi quase mais espantoso que seus gritos, e de repente meu coração palpitou com mais força em meu peito.

—O que aconteceu? —inquiri.

Andais subia a costa da última colina, seguindo o rastro das flores do Galen. Ia sozinha, só acompanhada por seu consorte, Eamon. Eram quase da mesma altura, seu comprido corto negro se agitava a suas costas movida por um vento chegado de nenhuma parte. Andais ia vestida como se fora a uma festa do Halloween, e se supunha que devia temer tal beleza. A roupa do Eamon era mais sóbria, mas também era negra. O fato de que só ele acompanhasse ao Andais, indicava que a rainha não queria ter mais testemunhas dos imprescindíveis. Eamon era o único que conhecia cada um de seus segredos.

—Cel dormirá durante um tempo —nos disse ela, como respondendo a uma pergunta que nós não lhe tínhamos feito.

Galen lutava por permanecer de pé enquanto eu o sujeitava. Doyle avançou um pouco para me cobrir. Alguns dos outros também o fizeram. O resto olhou para trás na noite, como se suspeitassem que sua rainha os trairia. Eamon poderia estar do meu lado há algum tempo, inclusive poderia odiar ao Cel, mas nunca iria contra sua rainha.

Andais e Eamon se detiveram o bastante longe para ficar fora do alcance das armas. Os trasgos os olhavam, a eles e a nós, deixando ver sua indecisão, como se eles não estivessem seguros de por quem tinham que tomar partido. Não os culpava, já que eu voltaria para Los Angeles e eles ficariam aqui. Poderia forçar ao Kurag, seu rei, a que cedesse a seus guerreiros, mas não podia esperar que seus homens me seguissem no exílio.

—Saudações, Meredith, minha sobrinha, filha de meu irmão Essus.

Ela tinha eleito uma saudação no que reconhecia que eu formava parte de sua linha de sangue. Tratava de me tranquilizar; não o fazia mal de tudo.

Avancei até que pudesse ser vista, mas sem sair do círculo protetor de meus homens.

—Saudações, Rainha Andais, minha tia, irmã de meu pai Essus.

—Deve retornar às Terras do Ocidente esta mesma noite, Meredith —disse Andais.

—Sim —lhe respondi.

Andais olhou aos cães que ainda vagavam entre os homens. Rhys finalmente se permitiu tocá-los, e então se converteram em terriers de uma raça há muito tempo esquecida, alguns brancos e vermelhos, outros de um puro negro e bronze.

A rainha tentou atrair a um dos cães para ela. Os grandes mastins eram desses aos que os humanos chamavam Sabujos do Inferno, embora não tivessem nada que ver com o diabo cristão. Os grandes cães negros teriam feito jogo com o vestido da rainha, mas a ignoraram. Pelo visto, os cães mágicos não desejavam ir ao chamado da Rainha do Ar e a Escuridão.

Se eu tivesse sido ela, teria me ajoelhado sobre a neve e os teria enrolado, mas Andais não se ajoelhava ante ninguém, ou ante nada. Permanecia erguida e formosa, e mais fria que a neve que rodeava seus pés.

Outros dois cães se aproximaram de minhas mãos, e agora empurravam suas cabeças contra meus flancos, me reclamando carícias. Fiz as carícias, porque as fadas tocam a aqueles que nos pedem isso. Ao momento de acariciar aquela pele sedosa, senti-me melhor: mais valente, mais confiante, e um pouco menos temerosa do que pudesse acontecer.

—Cães, Meredith? Não poderia ter devolvido a nossos cavalos, ou a nosso gado, em troca?

—Havia porcos em minha visão —disse.

—Mas não, cães —disse ela, sua voz era neutra, como se nada especial tivesse passado.

—Vi os cães em uma visão diferente, quando ainda estava nas Terras Ocidentais.

—Uma visão verdadeira, então —disse ela, sua voz ainda era suave e ligeiramente condescendente.

—Pelo visto, sim —disse, fazendo cócegas nas orelhas dos cães maiores.

—Agora devem partir, Meredith, e levar esta magia selvagem contigo.

—A magia selvagem não é tão fácil de controlar, Tia Andais —lhe disse. — Tomarei comigo o que queira vir, mas algo dela está voando livremente, inclusive enquanto falamos.

—Vi os cisnes —disse Andais—, mas nenhum corvo. É tão terrivelmente Luminosa.

—Os Luminosos diriam outra coisa —lhe respondi.

—Vai, volta por onde veio. Toma a seus guardas e sua magia, e me deixe com a ruína de meu filho.

Era o mesmo que admitir que se Cel lutava contra mim esta noite, ele morreria.

—Irei só se posso levar a todos os guardas que queiram vir comigo —Disse com toda a firmeza e valentia da que era capaz.

—Não pode ter ao Mistral —respondeu ela.

Lutei para não buscá-lo a minhas costas, lutei para não recordar como suas grandes mãos tinham acariciado antes aos enormes cães.

—Sim —disse. —Recordo o que me disse nos jardins mortos: que eu não podia ficar com ele.

—Não vais discutir comigo? —perguntou ela.

—Serviria de algo?

Um muito pequeno indício de cólera se deixou ouvir em minha voz. Os cães se apertaram mais contra minhas pernas, apoiando-se contra mim com todo seu peso, como me tentando recordar que não devia perder o controle.

—A única coisa que apartará ao Mistral de meu lado, para ir contigo às Terras Ocidentais é que esteja grávida dele. Se levar um menino, teria que deixar partir ao que poderia ser o pai.

—Se ficar grávida, direi-lhe isso —lhe disse, e lutei para manter minha voz neutra. Mistral ia sofrer por ter estado comigo, podia vê-lo em sua cara, senti-lo em sua voz.

—Não sei que mais pode desejar, Meredith. Sua magia invade meu sithen, transformando-o em um lugar brilhante e alegre. Inclusive há um campo de flores em minha câmara de tortura.

—O que quer dizer, Tia Andais?

—Que a magia das fadas renascesse, mas você não é o bastante a filha de meu irmão. Nos converterá em outra Corte da Luz, para dançar e ser notícia de

primeira página na imprensa humana. Fará-nos belos, mas destruirá aquilo que nos faz diferentes.

—Eu discreparia humildemente ante isso —disse uma voz de entre todos meus homens.

Sholto avançou. Sua tatuagem se converteu em uns tentáculos autênticos outra vez, resplandecentes e pálidos, e estranhamente formosos, como os de alguma criatura submarina, alguma anêmona ou medusa. Era a primeira vez que eu lhe via mostrando seus órgãos adicionais com orgulho. Ele permanecia de pé, erguido, com a lança e a faca de osso em suas mãos; ao seu lado havia um enorme cão branco com manchas vermelhas em cada uma de suas três cabeças. Sholto usava o dorso da mão que levava a faca para acariciar uma das enormes cabeças.

Sholto falou outra vez.

—Merry nos faz formosos, sim, minha rainha. Mas de uma beleza tão estranha que a Corte da Luz não a permitiria dentro de suas portas.

Andais olhou fixamente ao Sholto, e durante um momento me pareceu ver pesar em seus olhos. A magia guiava ao Sholto, e o poder emanava dele esta noite.

—O teve —me disse ela, simplesmente.

—Sim —lhe respondi.

—Como foi?

—Nossa culminação levantou a matilha selvagem.

Ela se estremeceu e seu rosto refletiu uma fome que me assustou.

—Assombroso. Possivelmente o tentarei com ele alguma noite.

Sholto falou de novo.

—Houve um tempo, minha rainha, em que pensar na possibilidade de ir a sua cama teria me enchido de alegria. Mas agora sei que sou Sholto, Rei dos Sluaghs, Senhor daquilo que Transita no Meio, Senhor das Sombras. E não tomarei as migalhas da mesa de qualquer sidhe.

Andais deixou escapar um som agudo, quase um vaio.

—Deve ser assombrosa fodendo, Meredith. Você fode e ao momento me dão as costas.

Ante isto, não tinha uma resposta o suficiente segura, por isso não disse nada. Estava de pé em meio de meus homens, sentindo o forte roce dos cães que se formavam redemoinhos a nosso redor. Teria sido Andais mais agressiva se os cães, a maioria dos quais lhe tinham deixado clara sua aversão, não tivessem estado aqui? Teria medo da magia, ou melhor, medo das formas sólidas nas que a magia se converteu?

Um dos pequenos terriers grunhiu, e isso pareceu um sinal para outros. A noite de repente se encheu de grunhidos, de um tom baixo que vibrou ao longo de minha coluna me fazendo estremecer. Acaricie as cabeças daqueles que estavam ao meu alcance, silenciando-os. A Deusa me tinha enviado eles como guardiães, agora o entendia. E o agradei.

—As guardas do Cel que não lhe emprestaram juramento, prometeu-me que poderiam vir comigo —lhe disse.

—Não lhe despojarei de todo meu favor —respondeu ela, e sua cólera pareceu chispar no frio ar.

—Deu sua palavra —insisti.

Os cães emitiram outro coro de graves grunhidos. Os terriers começaram a latir, como só os terriers podem fazê-lo. Compreendi naquele momento que a matilha selvagem não se foi, só tinha trocado de forma. Estes eram os cães da matilha selvagem. Estes eram os cães da lenda que davam caça aos traidores até os bosques de inverno.

—Não te atreva a me ameaçar! —disse Andais.

Eamon tocou seu braço. Mas ela o sacudiu, apartando-o, embora logo pareceu arrependê-lo. A matilha selvagem tinha sido um bom nivelador de poder. Uma vez que te convertia em sua presa, a caça não terminava até que a presa estivesse morta.

—Não acredito que você seja o caçador que os guia — ela disse.

—Seria uma noite terrível, Rainha Andais, para converter-se em perjuro.

A profunda e sedosa voz do Doyle pareceu pender na noite, como se suas palavras tivessem mais peso no calmo ar invernal de que deviam ter.

—É você o caçador, Escuridão? Castigaria-me por quebrar a palavra dada?

—É a magia selvagem, Sua Majestade; às vezes te deixa poucas opções quando te domina. Converte-te em um instrumento da magia e te usa para seus próprios fins.

—A magia é um instrumento para ser esgrimido, não um poder ao que possa permitir te vencer.

—Como queira, Rainha Andais, mas eu te rogaria que não tentasse desafiar aos cães esta noite.

De algum jeito pareceu que Doyle não falava só dos cães.

—Honrarei minha palavra —disse ela com uma voz que deixou bem claro que o fazia só porque não tinha outra opção. Nunca tinha sido uma boa perdedora, por nada, nem grande nem pequeno. —Mas deve partir agora, Meredith, agora mesmo.

—Necessitamos tempo para chamar os outros guardas —disse.

—Trarei todos aqueles que desejem vir, Meredith —disse Sholto.

Dei a volta, e havia tanta segurança nele, uma força que não tinha estado ali antes. Ele estava de pé ali, mostrando suas “deformidades”. Mas agora pareciam ser somente outra parte dele; uma parte, entretanto, que tivesse posto a faltar como uma perna ou um braço, se a tivesse perdido. Lhe haver despojado de seus órgãos adicionais fez que ele compreendesse quanto os valorava? Talvez. Foi sua revelação, não a minha.

—Põe-te de seu lado —disse Andais.

—Sou o Rei dos Sluagh; certificarei-me de que um juramento dado e aceito seja honrado. Recorda, Rainha Andais, que os sluagh eram a única matilha selvagem que subsistia no mundo das fadas até esta noite. E eu sou o caçador que guia aos sluagh.

Andais deu um passo para ele, ameaçador, mas Eamon a fez retroceder. Ele sussurrou urgentemente algo contra sua bochecha. Não pude ouvir o que lhe dizia, mas a tensão de seu corpo pareceu abandoná-la, inclusive permitindo-se a si mesma apoiar-se contra ele. Deixou que a sustentasse; ante aqueles que já não eram seus amigos, Andais permitiu que os braços do Eamon a rodeassem.

—Vai, Meredith, toma tudo o que é teu, e vai.

Sua voz foi quase neutra, quase livre dessa raiva que sempre parecia borbulhar sob sua pele.

—Sua Majestade —disse Rhys—, não podemos ir ao aeroporto como estamos agora.

Seu gesto fez notar aos guardas que estavam nus e ensangüentados. Os terriers aos seus pés ladraram alegremente como se isso lhes parecesse bem.

Sholto falou uma vez mais.

—Levarei-lhes até a costa do Mar Ocidental, tal como levei aos sluaghs quando foram dar caça a Meredith em Los Angeles.

Olhei-o e sacudi minha cabeça, perplexa.

—Pensei que tinham chegado de avião.

Ele riu, e foi um som alegre.

—Imagina à corte escura dos sluaghs em um avião humano, tomando taças de vinho e comendo com os olhos às aeromoças?

Ri com ele.

—Não tinha pensado nisso muito atentamente. Você é um sluagh e eu não me questionei como chegou até mim.

—Caminharei até o final do campo onde limita com o bosque. É um lugar intermediário, nem campo, nem bosque. Caminharei e todos vocês me seguirão, e chegaremos à costa do mar Ocidental, até a borda. Sou o Senhor daquilo que Transita no Meio, Meredith.

—Não acreditei que algum dos membros da realeza pudessem ainda viajar dessa forma e tão longe —disse Rhys.

—Sou o Rei dos Sluagh, Cromm Cruach, Senhor da última matilha selvagem das fadas. Tenho certos talentos.

—Em efeito —disse a rainha, secamente—. Agora, usa esses talentos, Shadowspawn, e te leve a esta chusma de minha vista.

Ela o tinha chamado pelo apelido que os sidhe usavam a suas costas, mas até este momento nunca antes lhe tinha chamado assim à cara.

—Seu desdém não pode me tocar esta noite, porque vi milagres. —Ele elevou as armas de osso em alto, como se ela as tivesse perdido antes. —Sustento os ossos de minha gente. Conheço meu valor.

Se lhe tivesse tido perto lhe teria abraçado. Mas menos mal que não o estava, porque poderia ter arruinado o poder do momento, mas me prometi lhe dar um abraço no momento que tivéssemos um pouco de intimidade. Adorava ver que ele se valorava por fim.

Ouvi um som parecido ao gelo rachando-se.

—Frost —disse—. Não podemos deixá-lo.

—Não lhe levou o FBI ao hospital? —perguntou Doyle.

Neguei com a cabeça.

—Não acredito.

Olhei ao longe através da neve. Não podia ver quase nada, mas... comecei a me mover e os cães se mantiveram ao meu lado. Comecei a correr sobre a neve e senti a primeira dor aguda em meus pés cortados. Ignorei-os e corri mais rápido. O tempo e a distância se cortavam como nunca antes tinha ocorrido no exterior do sithen. Em um minuto eu estava com outros, e ao seguinte estava a quilômetros de distância, nos campos ao lado da estrada. Meus cães gêmeos permaneciam comigo, e outra meia dúzia de negros mastins estavam ali, também.

Frost jazia sobre a neve, imóvel, como se não pudesse sentir aos cães lhe farejando ou minhas mãos lhe dando a volta. Ao movê-lo me dava conta de que estava empapado de sangue e de que seus olhos seguiam fechados. Sua cara estava muito gelada. Baixei meus lábios até os seus e sussurrei seu nome.

—Frost, por favor, por favor, não me deixe.

Seu corpo se convulsionou, e seu fôlego se agitou em seu peito. A morte pareceu retroceder. Seus olhos piscaram até abrir-se, e tratou de me alcançar, mas sua mão caiu sobre a neve, muito fraco. Levantei sua mão até minha cara e a mantive ali. Sustentei sua mão ali enquanto se esquentava contra minha pele.

Chorei, e ele por fim encontrou sua voz, embora rouca. Ao sussurrar...

—O frio não pode me matar.

—OH, Frost.

Ele levantou sua outra mão e tocou as lágrimas de minha cara.

—Não chore por mim, Merry. Ama-me, ouvi. Partia-me, mas escutei sua voz, e já não pude partir, não se você me ama.

Embalei sua cabeça em meu colo e chorei. Sua outra mão, a que eu não tinha tocado, acariciou a pele de um dos enormes cães. O cão se estirou, fazendo-se mais alto e de cor branca, até que um cervo de um branco resplandecente se sobressaiu por cima de nós. Levava um colar de acebo, e parecia como uma postal do Yule que tivesse cobrado vida. Fez umas cambalhotas na neve e logo correu convertido em um borrão branco através da neve até que lhe perdemos de vista.

—Que magia se liberou esta noite? —sussurrou Frost.

—A magia que te levará a casa —nos disse Doyle, caindo de joelhos na neve ao lado do Frost e tomando sua mão—. E a próxima vez que te mande ao hospital, me fará conta.

Frost lhe dedicou um sorriso lânguido.

—Não podia abandoná-la.

Doyle inclinou a cabeça como se o entendesse perfeitamente.

—Não acredito que a magia dure até manhã —disse Rhys.

Todos eles estavam ali, ao nosso redor, todos menos Mistral. Supunha que devia estar com a rainha. E não tinha conseguido lhe dizer adeus.

—Mas esta noite —disse Rhys—, sou Cromm Cruach, e posso ajudar.

Ajoelhou-se ao outro lado do Frost e alargou a mão ficando a em cima, ali onde sua roupa estava enegrecida pelo sangue.

De repente, Rhys ficou rodeado por uma luz branca, não só suas mãos, todo ele pareceu resplandecer. Seu cabelo se moveu ao vento de sua própria magia. O corpo do Frost se arqueou, separando-se de meu colo e nossas mãos. Logo caiu outra vez contra nós e disse com uma voz que era quase a sua...

—Isso doeu.

—Vá, lamento —disse Rhys—, mas em realidade não sou um curador. Há muita morte em meu poder para fazê-lo indolor.

Frost separou suas mãos das minha e do Doyle, e se mediu o ombro e o peito.

—Se não é um curador, então por que me sinto curado?

—Magia antiga —disse Rhys—. À luz da manhã a magia terá desaparecido.

—Como pode estar tão seguro? —perguntou Doyle.

—A voz do Consorte em minha cabeça me disse isso.

Ninguém perguntou depois disso. Só o aceitamos como algo verdadeiro.

Sholto nos conduziu até o limite entre o campo e o bosque. Os cães se moviam ao nosso redor, uns escolhendo aos seus amos, outros deixando claro que não pertenciam a ninguém dos que havia aqui. Os que escolheram permanecer entre nós seguiram ao Sholto em seu caminhar, mas os outros cães negros começaram a retroceder e a desaparecer na noite, como se tivessem sido produto de nossa imaginação. O cão que estava a meu lado, deu-me um golpe na mão carinhosamente, como me recordando que ele era de verdade.

Não estava segura de se os cães ficariam, mas eles pareciam nos proporcionar magicamente a cada um de nós o que necessitávamos esta noite. Galen caminhava rodeado de cães, um grupo de lustrosos galgos e um trio de cachorrinhos que dançavam ao redor de seus pés. Faziam-lhe sorrir, e lhe ajudaram a mitigar as sombras que havia em sua cara. Doyle se movia dentro de um círculo de cães negros que lhe faziam bajulações e saltavam sobre ele como se fossem cachorrinhos. Os terriers seguiam ao Rhys como um pequeno exército peludo. Frost sustentava minha mão sobre o lombo do menor dos galgos. Não levava nenhum cão a seu lado, unicamente tinha necessitado ao cervo branco que entrou na noite. Mas parecia estar perfeitamente contente tendo sua mão na minha.

O ar se fez mais quente. E deixei de olhar o rosto do Frost para olhar ao Sholto, me precavendo de que ele caminhava sobre areia. Um momento antes estávamos caminhando sobre campos cobertos de neve ao bordo de um bosque, e ao seguinte, a areia se afundava sob meus pés. A água formava redemoinhos entre os dedos de meus pés descalços, e a mordida do sal me fez saber que ainda sangrava.

Devo ter feito algum pequeno ruído, porque Frost me elevou em braços. Protestei, mas não me fez nem caso. Os galgos ficaram a seu lado, dançando a nosso redor, um pouco assustados pelas ondas do oceano, e aparentemente preocupados ao não poder estar em contato comigo.

Sholto nos conduziu até terra firme. O cão de três cabeças e as armas de osso tinham desaparecido, mas por alguma razão não pensei que estivessem mais desaparecidas que meu cálice. A verdadeira magia não pode perder-se ou roubar-se; só pode ser dada de presente.

Estávamos de pé na escuridão, a umas poucas horas antes da alvorada. Podia ouvir o ruído dos carros em uma estrada próxima. Por agora os escarpados nos ocultavam, mas isso trocaria ao amanhecer. Logo os surfistas e os pescadores entrariam no mar, e para então teríamos que ter ido.

—Utilizem o encanto para esconder seu aspecto —disse Sholto—. chamei aos táxis. Chegarão muito em breve.

—Que classe de magia é essa —perguntei—, que te permite encontrar táxis livres em Los Angeles no momento?

—Sou o Senhor daquilo que Transita no Meio, Merry, e os táxis sempre passam entre um lugar e outro.

Isso tinha sentido, e me fez sorrir apesar de tudo. Estirei-me para o Sholto, e Frost lhe permitiu me agarrar, mas não só por seus braços. Seus grossos tentáculos musculosos rodearam meu corpo, os menores brincavam em minhas coxas, de algum jeito se abriram passo no casaco que tinha posto.

—A próxima vez que esteja em minha cama, não serei meio homem.

Beijei-o, e sussurrei contra seus lábios.

—Se isso era ser meio homem, Rei Sholto, então quase não posso esperar a te ter em toda sua glória.

Ele riu, com o alegre som que havia trazido o canto das aves ao jardim morto dos sluagh. Pensei que não haveria nenhuma resposta aqui, mas de repente sobre o murmúrio das ondas, chegou o canto, um pássaro cantor se uniu a outro, unindo-se a alegre celebração na escuridão. Eram sinsontes cantando à risada do Sholto.

Permanecemos um momento à borda do Mar Ocidental escutando a canção que flutuava sobre nós, como se a felicidade pudesse ser escutada.

Sholto me beijou, profunda e conscientemente, me deixando sem fôlego. Logo me devolveu, não ao Frost, a não ser ao Doyle.

—Voltarei quando puder trazer comigo ao resto dos guardas que desejem ir ao exílio contigo.

Doyle me abraçou contra seu corpo e disse...

—Tome cuidado com a rainha.

Sholto assistiu com a cabeça.

—Tomarei cuidado.

Começou a caminhar, voltando por onde tínhamos vindo. Em algum lugar antes que se esfumasse de nossa vista, vi um cão de um branco puro a seu lado.

—Suponho que todos recordam que o encanto deveria esconder o fato de que estamos nus e ensangüentados —disse Rhys—. Se alguém não tiver o suficiente encanto para levá-lo a cabo, que fique ao lado de alguém que sim o tenha.

—Sim, profe —lhe disse.

Ele me sorriu abertamente.

—Posso causar a morte com um roce e uma palavra; posso curar com minhas mãos esta noite. Mas maldita seja... conjurar um punhado de táxis de um nada, isso sim que é impressionante.

Aproximamo-nos da parada de táxis, rindo. Todos os condutores pareciam um pouco perplexos de encontrar-se em meio de nenhuma parte, esperando em uma praia vazia, mas nos deixaram subir.

Demos aos táxis a direção da mansão que Maeve Reed tinha no Holmby Hills, e até ali nos conduziram. E nem sequer se queixaram dos cães.

Bom, assim é a magia.

FIM!!!

Créditos

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics?cmm=25399156>]

Revisão: Pris Coutinho

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=6527944174643517276>]

Revisão : Karina Angélica

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=12295852523678768516>]

Skoob

[<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/perfil:on>]

Twitter

[<http://twitter.com/tdlivros>]

Blog

[<http://traducoesdelivros.blogspot.com>]